

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

FRENTE 1 – GRAMÁTICA

MÓDULO 1

SUJEITO E PREDICADO

Sujeito é o termo com o qual o verbo concorda.

Predicado é tudo o que resta na oração, tirando-se o sujeito.

Exemplos:

A testemunha, muito à vontade, confirmou a inocência
 sujeito predicado
do réu.

Com certeza, prezado ouvinte, originou as investiga-
 predicado predicado
ções uma grave suspeita.
 sujeito

(O termo “prezado ouvinte”, um chamamento (vocativo), não faz parte do predicado, pois não foi empregado para se afirmar coisa alguma sobre o sujeito.)

SUJEITOS DETERMINADOS

NÚCLEO DO SUJEITO

Quando o sujeito é constituído por uma expressão de mais de uma palavra, o núcleo do sujeito é sua palavra principal, não subordinada a nenhuma outra e que encerra a essência de sua significação.

No interior das frases, os termos mantêm relação, concordam entre si: um verbo no plural afirma ou nega algo sobre um termo no plural, um adjetivo feminino refere-se a um substantivo também feminino... Em um texto, uma frase relaciona-se com outra, conferindo-lhe um significado contextual.

Simples: tem um só núcleo.

Exemplo:

“Soaram no silêncio, nítidos, os primeiros passos do burro.”
 (Osman Lins)

Sujeito: os primeiros passos do burro

Núcleo do sujeito: passos

Composto: tem mais de um núcleo.

Exemplo:

“Pai jovem, mãe jovem não deixam menino solto.” (G. Amado)

Sujeito (composto): Pai jovem, mãe jovem

Núcleos do sujeito: pai, mãe

Elíptico (ou Oculto): não expresso, sendo indicado pela desinência verbal e podendo, em muitos casos, ser identificado pelo contexto.

Exemplos:

Vivemos sempre nesta cidade.

Sujeito elíptico: *nós* (indicado pela desinência verbal)

Ela concordava conosco. Ganhava, aos poucos, a nossa simpatia.

Sujeito do verbo *ganhar*, elíptico: *ela* (identificado pelo contexto)

1. Complete as frases com as palavras que estão abaixo do texto, de maneira que a narrativa tenha sentido.

Sinha Vitória _____ *vestiria uma saia larga de ramagens.* _____ **A cara murcha de Sinha Vitória**
 _____ *remocaria,* _____ **as nádegas bambas de Sinha Vitória** _____ *engrossariam,* _____ **a roupa encarnada de Sinha Vitória**
 _____ *provocaria a inveja de outras caboclas... — e* _____ **ele** _____ *, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria o dono daquele mundo...*
 _____ **Os meninos** _____ *se espojariam na terra fofa do chiqueiro das cabras.* _____ **Chocalhos** _____ *tilintariam pelos*
 _____ *arredores,* _____ **a caatinga** _____ *ficaria verde.*

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

- a) Chocalhos b) ele c) Sinha Vitória d) Os meninos
 e) A cara murcha de Sinha Vitória f) a caatinga g) as nádegas bambas de sinha Vitória h) a roupa encarnada de Sinha Vitória

Observe que todos os termos que preencheram as lacunas respondem à pergunta quem ou que + o verbo (que afirma ou nega algo sobre esses termos).

Exemplos:

A testemunha, muito à vontade, confirmou a inocência do réu.

Quem confirmou?

A testemunha.

Com certeza, prezado ouvinte, originou as investigações uma grave suspeita.

Que originou?

Uma grave suspeita.

As respostas às perguntas acima permitem descobrir o sujeito dos verbos sublinhados.

Tendo descoberto o sujeito, fica fácil descobrir o predicado.

Sujeito e Predicado: são os termos essenciais da oração.

Sujeito é o termo da oração do qual se afirma ou se nega alguma coisa. Na quase totalidade dos casos, sujeito é o termo com que o verbo concorda.

Predicado é tudo o que se afirma (ou se nega) do sujeito.

Exemplos:

A testemunha, muito à vontade, confirmou a inocência do réu.

sujeito

predicado

Com certeza, prezado ouvinte, originou as investigações uma grave suspeita.

predicado

predicado

sujeito

(O termo “prezado ouvinte”, um chamamento, não faz parte do predicado, pois não foi empregado para se afirmar coisa alguma sobre o sujeito.)

2. (FIAP) – O sujeito, quando se refere à terceira pessoa, é sempre substituível pelos pronomes pessoais retos **ele, ela, eles, elas**. Assinale a alternativa em que tal substituição, na frase II, está errada.

- a) I. "Valem as reticências e as intenções."
II. **Elas** valem.
- b) I. "Na casa-grande do engenho do capitão Tomaz, a tristeza e o desânimo haviam tomado conta até de D. Amélia."
II. "Na casa-grande do engenho, **ele**, a tristeza e o desânimo haviam tomado conta até de D. Amélia."
- c) I. "Terá realmente piado a coruja?"
II. **Ela** terá realmente piado?
- d) I. "Até quando irá durar esta guerra?"
II. Até quando **ela** irá durar?
- e) I. "O café estava fechado, na praça deserta as luzes cochilavam."
II. O café estava fechado, na praça deserta **elas** cochilavam.

RESOLUÇÃO:

O sujeito composto “a tristeza e o desânimo” deveria ser substituído por **elas**.

Resposta: B

3. Circule o sujeito dos verbos destacados. Classifique o sujeito de cada verbo.

- a) Quando **vier** a Primavera
Se eu já **estiver** morto,
As flores **florirão** da mesma maneira
E as árvores não **serão** menos verdes que na primavera passada.
A realidade não **precisa** de mim.

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

São todos sujeitos simples: a Primavera, eu, as flores, as árvores, a realidade.

- b) **Está** em jogo o colapso de um mito e o naufrágio de uma esperança. E agora, quando o mito se **desfaz** e a esperança **soçobra**?

(Hélio Jaguaribe)

RESOLUÇÃO:

Sujeito composto: o colapso de um mito e o naufrágio de uma esperança (observar que o verbo está no singular porque o sujeito composto está posposto ao verbo); sujeito simples: o mito, a esperança.

ORAÇÃO SEM SUJEITO

4. No poema abaixo, há sujeitos simples (com um núcleo e expressos) e sujeitos ocultos ou elípticos (indicados pela desinência verbal ou identificados pelo contexto).

Grife os verbos com sujeito oculto.

*Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos, passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.*

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

Sujeito oculto: foi-se (a diligência); tiramos (nós), pomos (nós), passamos (nós) e esquecemos (nós).

5. Grife os verbos e classifique os sujeitos.

a) *Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.*

Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.

(Alberto Caeiro)

RESOLUÇÃO:

Verbos: podem rezar, quiserem, quiserem, podem dançar, (podem) cantar. Todos os sujeitos são indeterminados.

Enterro de pobre sempre tem cachaça. É para ajudar a velar pelo falecido. Sabem como é; pobre só tem amigo pobre e, portanto, é preciso haver um incentivo qualquer para a turma subnutrida poder aguentar a noite inteira com o ar compungido que o extinto merece.

(Stanislaw Ponte Preta)

b) A quem o narrador faz referência ao empregar o verbo *saber* na 3.^a pessoa do plural?

RESOLUÇÃO:

O narrador, por meio da expressão coloquial “sabem como é”, refere-se aos leitores hipotéticos, incluindo-os como interlocutores.

Sujeito indeterminado é aquele que **existe**, mas **não podemos ou não queremos identificar** com precisão.

Ocorre em dois casos:

- com **verbo na 3.^a pessoa do plural**, sem referência a nenhum substantivo ou pronome anteriormente expresso;
- com **verbo intransitivo, transitivo indireto ou de ligação acompanhado da partícula *se***, chamada *índice de indeterminação do sujeito*.

Por enquanto, você irá deter-se no estudo do sujeito indeterminado com verbo na 3.^a pessoa do plural. Mais tarde, após estudar outros conceitos, você verá mais detidamente a outra maneira de indeterminar o sujeito.

1. Classifique o sujeito dos verbos grifados.

a) *No fundo de cada alma, há tesouros escondidos que somente o amor permite descobrir.*

(E. Rod)

RESOLUÇÃO:

**Sujeito inexistente para o verbo *haver*.
o amor: sujeito simples para a locução “permite descobrir”.**

b) *É a hora em que o sino toca,
mas aqui não há sinos;
há somente buzinas.*

(Carlos D. de Andrade)

RESOLUÇÃO:

Nos três casos, sujeito inexistente.

c) *Fazia um tempão que não dava sinal de vida.*

(José Américo de Almeida)

RESOLUÇÃO:

Sujeito inexistente.

d) *Chove nos Campos de Cachoeira
e Dalcídio Jurandir já morreu.*

.....

*Sobre todos os mortos cai a chuva
com esse jeito cinzento de cair*

*Chover a semana inteira é nunca ter havido sol
nem azul nem carmesim nem esperança*

(Carlos D. de Andrade)

RESOLUÇÃO:

**Sujeito inexistente para os verbos *chove*, *chover*, *ter havido*.
Sujeito simples: a chuva para o verbo *cair*.**

As **ORAÇÕES SEM SUJEITO** (orações com *sujeito inexistente*) ocorrem com os seguintes **verbos impessoais**:

- os que indicam **fenômenos da natureza**;
- **fazer** ou **estar** na indicação de **tempo** ou **clima**;
- **ser** indicando **tempo** ou **espaço**;
- **haver** significando “**existir**”, “**ocorrer**” ou expressando **tempo decorrido**.

Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos...

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*)

2. Na frase acima,

- a) substitua o verbo *haver* por *fazer*;

RESOLUÇÃO:

Um dia, faz bastantes anos, ...

Sujeito inexistente.

- b) acrescente o verbo *dever* como auxiliar de *fazer*.

RESOLUÇÃO:

Um dia, deve fazer bastantes anos, ...

Sujeito inexistente.

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

(Carlos Drummond de Andrade)

3. Na frase acima,

- a) substitua o verbo *haver* por *existir*;

RESOLUÇÃO:

Sob a pele das palavras existem cifras e códigos.

- b) reescreva a frase usando o verbo *poder* como auxiliar de *haver* e *existir*;

RESOLUÇÃO:

Sob a pele das palavras pode haver cifras e códigos.

Sob a pele das palavras podem existir cifras e códigos.

- c) identifique a função sintática da expressão “cifras e códigos”: para o verbo *haver* e para o verbo *existir*.

RESOLUÇÃO:

Para o verbo *haver*: objeto direto.

Para o verbo *existir*: sujeito composto.

4. (ALFENAS) – “Agora, se houvesse um organismo de fiscalização, as coisas talvez fossem diferentes.”

Em todas as sentenças abaixo, aparece também empregado o verbo haver. Assinale a alternativa em que o emprego desse verbo contraria a norma culta da língua.

- Hão de existir projetos a estudar, na estruturação da novela.
- Há inúmeros casos sem solução na justiça.
- No futuro, haverá robôs para realizar projetos artísticos, acredita o ator.
- Se houvesse resultados previsíveis, a pesquisa do IBOPE seria outra.
- Deveriam haver mais programas científicos na televisão.

RESOLUÇÃO: O verbo *haver* é impessoal e passa a impessoalidade para o auxiliar; o correto é “deveria haver”. Resposta: E

5. (ENEM) – A figura a seguir trata da “taxa de desocupação” no Brasil, ou seja, a proporção de pessoas desocupadas em relação à população economicamente ativa de uma determinada região em um recorte de tempo.



(Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.)

Acesso em: abril de 2009, adaptado.)

A norma padrão da língua portuguesa está respeitada, na interpretação do gráfico, em:

- Durante o ano de 2008, foi em geral decrescente a taxa de desocupação no Brasil.
- Nos primeiros meses de 2009, houveram acréscimos na taxa de desocupação.
- Em 12/2008, por ocasião das festas, a taxa de desempregados foram reduzidos.
- A taxa de pessoas desempregadas em 04/08 e 02/09, é estatisticamente igual: 8,5.
- Em março de 2009 as taxas tenderam à piorar: 9 entre 100 pessoas desempregadas.

RESOLUÇÃO: O gráfico e as referências ao que ele representa são totalmente inúteis, pois sob esse aspecto todas são corretas, basta simplesmente apontar a frase que respeita a norma culta da língua. Em b, *houveram* está por *houve*; em c, o verbo no plural (*foram reduzidos*) não concorda com o sujeito singular (*a taxa*); em d, a vírgula separa o predicado do sujeito; em e, o sinal grave indicativo de crase é indevido.

Resposta: A

6. (FUVEST) – Em: “**Há em nosso país duas constantes** que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo”, reescreva o segmento destacado, substituindo o verbo **haver** por **existir**.

RESOLUÇÃO:

Existem em nosso país duas constantes que nos induzem a sustentar que o Brasil é o único país brasileiro de todo o mundo.



Aplicações

1. (PUC-SP – adaptada) – Indique a alternativa em que **não** há erro de concordância.

- a) Devem haver poetas que pensam no desastre aéreo.
- b) Deve existir poetas que pensam no desastre aéreo.
- c) Pode existir poetas que pensam no desastre aéreo.
- d) Pode haver poetas que pensam no desastre aéreo.
- e) Podem haver poetas que pensam no desastre aéreo.

Resposta: D

2. (CÁSPER LÍBERO)

- I. Devem haver soluções mais viáveis para os problemas apresentados.
- II. O relator afirmou que já fazem dois meses que o processo está tramitando...
- III. Para que não haja dúvidas, é preciso ler as instruções.
- IV. No verão faz dias quentes, mas os turistas adoram.

Sobre as frases acima, pode-se afirmar que

- a) I e III estão corretas.
- b) II e IV estão incorretas.
- c) III e IV estão incorretas.
- d) III e IV estão corretas.
- e) Todas estão incorretas.

Resposta: D

Texto para a questão 3.

*Em Pasárgada tem tudo
 (...)
 Tem telefone automático
 Tem alcaloide à vontade
 Tem prostitutas bonitas*

3. (FATEC) – O emprego de *ter*, nos contextos acima, é característico da língua popular.

Assinale a alternativa em que a substituição desse verbo se faz de acordo com a língua culta.

- a) Deve haver telefone automático. / Existe prostitutas bonitas.
- b) Há alcaloide à vontade. / Há prostitutas bonitas.
- c) Existe telefone automático. / Deve existir prostitutas bonitas.
- d) Deve haver tudo. / Devem haver prostitutas bonitas.
- e) Existe alcaloide à vontade. / Existe prostitutas bonitas.

Resposta: B

4. (UNIP) – Assinale a alternativa em que o verbo concorda com o termo destacado.

- a) “Há **uma língua** supostamente dravídica, isolada, no norte da Índia, o brauí, em meio a línguas indo-europeias.” (Antônio Houaiss)
- b) “Já então namorava o **piano de nossa velha casa**...” (Machado de Assis)
- c) “Surgiram **outros nomes**.” (Rubem Braga)
- d) “Tinha visto **Marina** poucas vezes, sempre em companhia do marido, na rua.” (Rubem Braga)
- e) “**De todos os lados** apareceram os mais bondosos homens...” (Rubem Braga)

Resposta: C

MÓDULO 3

TIPOS DE PREDICADO E PREDICATIVO

Examine os verbos destacados no seguinte poema:

*Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

 É feia. Mas é realmente uma flor.*

(Carlos Drummond de Andrade)

1. No poema, há verbos que indicam uma ação do sujeito, são chamados *verbos nocionais*, ou seja, verbos que indicam atividade ou ocorrência. Transcreva-os.

RESOLUÇÃO: nasceu, passem, ilude, rompe, façam, paralisem, garanto, nasceu.

2. Quando o predicado indica ação, seu núcleo é um *verbo nocional*, como os verbos da resposta anterior. Como se chama o predicado que contém esses verbos?

RESOLUÇÃO: Chama-se predicado verbal.

3. No poema, verifique se há um ou mais verbos que apenas indicam estado, isto é, que apenas unem ao sujeito uma qualidade, situação ou característica. Se houver, transcreva-os.

RESOLUÇÃO: É o verbo *ser* nas duas ocorrências: é (feia), é (uma flor).

4. Quando o predicado indica uma propriedade (qualidade, estado) do sujeito, seu núcleo é um *nome* (substantivo ou adjetivo) e nesse caso os verbos são de ligação, como o verbo *ser*. Como se chama o predicado que contém esses verbos?

RESOLUÇÃO: Chama-se predicado nominal.

Predicado é o que se diz do sujeito. Portanto, o predicado contém a indicação de uma ação ou propriedade (qualidade, estado) referentes ao sujeito.

Quando o predicado indica ação, sua palavra principal, ou seja, seu *núcleo*, é um *verbo nocional*.

Exemplo:

Eles o receberam calorosamente.
 (O núcleo do predicado é *receberam*.)

Quando o predicado indica uma propriedade (qualidade, estado), sua palavra principal, ou seja, seu núcleo, é um *nome* (substantivo ou adjetivo). Nesse caso, usamos os verbos que indicam estado, chamados verbos de ligação: *ser, estar, ficar, permanecer, parecer, continuar, tornar-se, viver* (no sentido de “estar sempre”) e *andar* (no sentido de “estar”).

Exemplos:

Este caso é um *enigma*.

(O núcleo do predicado é o substantivo *enigma*.)

Você *pareceu desolado*.

(O núcleo do predicado é o adjetivo *desolado*.)

Observe que a classificação de determinado verbo como verbo de ligação ou verbo nocional depende do sentido que ele tem na frase em que aparece.

Exemplos

Nós *permanecemos isolados*.

(O núcleo do predicado é o adjetivo *isolados*.)

Nós *permanecemos* no esconderijo.

(Aqui, o verbo *permanecer* não foi empregado como verbo de ligação, pois não une ao sujeito uma qualidade, estado ou propriedade. O núcleo do predicado é o verbo *permanecemos*, empregado como verbo nocional, pois indica uma ação ou atitude do sujeito.)

Predicado verbal é aquele que apresenta como núcleo um **verbo**, que pode ser transitivo ou intransitivo.

- Verbo Transitivo

{	Direto
	Indireto
	Direto e Indireto

“As cantigas *lavam* a roupa das lavadeiras.” (Jorge de Lima)
VTD

“As coisas *obedecem* ao seu tempo regular.” (Raquel de Queirós)
VTI

“*Ensinamos* técnicas agrícolas aos camponeses.”
VTDI (Érico Veríssimo)

- Verbo Intransitivo
“Três contos *bastavam*, *insistiu* ele.” (Machado de Assis)
VI VI

Predicado nominal é aquele que apresenta como núcleo um **nome** (substantivo, adjetivo ou palavra com valor de substantivo ou adjetivo).

No predicado nominal, os **verbos de ligação** unem ao sujeito uma noção de estado, qualidade ou condição que pode ser:

- estado permanente.

Exemplo: *O sol é uma estrela.*

- estado transitório.

Exemplo: *Marina anda triste.*

- continuidade de estado.

Exemplo: *Marina continua triste.*

- mudança de estado.

Exemplo: *Marina ficou triste.*

- aparência.

Exemplo: *Esse professor parece exigente.*

Frequentemente são usados como verbos de ligação: *ser, estar, ficar, permanecer, parecer, continuar, tornar-se, viver* (no sentido de “estar sempre”) e *andar* (no sentido de “estar”)

Observe que esses verbos só são empregados como verbos de ligação quando

- não têm significação própria;
- não indicam nenhuma ação;
- não indicam a posição do sujeito num lugar;
- ligam o sujeito a um nome.

O verbo de ligação une ao **sujeito** uma característica denominada **PREDICATIVO DO SUJEITO**.

Exemplo:

O silêncio estava pesado.

Pesado é predicativo do sujeito, pois está unido ao sujeito “o silêncio” pelo verbo de ligação “estava”.

2. Grife e classifique o predicado e indique o predicativo.

a) *Os olhos dela estavam secos.*

(Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: secos.

Predicado Nominal.

b) *Não apenas a leitura mas simples passatempos (...) são atividades estimuladoras do cérebro.*

(Dráuzio Varella)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: atividades estimuladoras do cérebro.

Predicado Nominal.

c) *Só o poeta idealista permanecera impassível, na sua majestade obesa.*

(Eça de Queirós)

RESOLUÇÃO:

Predicativo do sujeito: impassível.

Predicado Nominal.

d) *E depois daquele desastre viviam todos calados...*

(Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO:

Sujeito simples: todos/predicativo do sujeito: calados/Predicado Nominal.



Aplicações

3. As frases abaixo foram extraídas de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Assinale a alternativa em que há predicado verbal.

- a) *O mestre de reza era tão acatado e venerado naquele tempo como o próprio mestre de escola... os mestres de reza eram sempre velhos e cegos.*
- b) *... o compadre caiu gravemente enfermo. A princípio a moléstia pareceu coisa de pouca monta...*
- c) *Leonardo ... conservou-se calado.*
- d) *Naqueles tempos uma noite de luar era muito aproveitada, ninguém ficava em casa.*
- e) *A comadre ... andava desconfiada do mestre de reza.*

RESOLUÇÃO:

Na segunda oração (*ninguém ficava em casa*) o verbo *ficar* é intransitivo. Não é de ligação, pois não une o sujeito *ninguém* a um predicativo.

Resposta: D

4. (UNICAMP) – *Além de ter o seu número de celular, você vai ter o celular que é o seu número.* Esse enunciado faz parte de uma propaganda de telefone móvel, em que há um produtivo jogo com a palavra *número*.

- a) Aponte dois sentidos, produzidos no enunciado, para *número* na relação com o pronome de tratamento *você*.

RESOLUÇÃO:

(1) *Número* como sequência de algarismos que identifica o telefone de alguém genérico, referido e circunscrito pela palavra *você*; (2) *número* como tipo ou modelo de aparelho de telefone ideal para uma pessoa (como em “número de roupa” ou “número de calçado”), referida e especificada pela palavra *você*.

- b) Explícite as construções sintáticas que permitem o trabalho semântico com *número*.

RESOLUÇÃO:

Em “*ter o seu número de celular*”, *número* é objeto, isto é, complemento verbal; em “*o celular que é o seu número*”, *número* é predicativo do sujeito, uma qualidade intrínseca ao indivíduo referido por *você*.

1. (FGV) – *Não, nós não somos vagabundos.*

Assinale a alternativa em que a função sintática de *vagabundo* coincide com a do(s) termo(s) em destaque.

- a) A ociosidade ensina muitas coisas **perniciosas**.
- b) Cabeça vazia é **oficina do Diabo**.
- c) Tem como personagens Frank e Ernest, **os desleixados e oportunistas representantes do homem comum**.
- d) Paul Lafargue, **um franco-cubano casado com Laura**, foi pouco compreendido.
- e) Escreveu “Direito à Preguiça”, uma desnorteante e – **só na aparência** – paradoxal análise da alienação.

RESOLUÇÃO

A palavra *vagabundos* exerce a função sintática de predicativo do sujeito (*nós*), a mesma função de “oficina do diabo” em relação ao sujeito “cabeça vazia”.

Resposta: B

2. (FGV) – Assinale a alternativa em que um verbo, tomando outro sentido, tem alterada a sua predicação.

- a) O alfaiate virou e desvirou o terno, à procura de um defeito. / Francisco virou a cabeça para o lado, indiferente.
- b) Clotilde anda rápido como um raio. / Clotilde anda adoentada ultimamente.
- c) A mim não me negam lugar na fila. / Neguei o acesso ao prédio, como me cabia fazer.
- d) Não assiste ao prefeito o direito de julgar essa questão. / Não assisti ao filme que você mencionou.
- e) Visei o alvo e atirei. / As autoridades portuárias visaram o passaporte.

RESOLUÇÃO

A mudança de predicação ocorre com o verbo *andar*. Na primeira oração da alternativa *b*, o verbo indica ação, significa *caminhar* e é *intransitivo*; na segunda, é verbo de ligação, expressa o estado do sujeito e tem o sentido de *estar*.

Resposta: B

3. (FUVEST) – No texto: *Acho-me tranquilo – sem desejos, sem esperanças. Não me preocupa o futuro*, os termos destacados são, respectivamente

- a) predicativo, objeto direto, sujeito.
- b) predicativo, sujeito, objeto direto.
- c) adjunto adnominal, objeto direto, objeto indireto.
- d) predicativo, objeto direto, objeto indireto.
- e) adjunto adnominal, objeto indireto, objeto direto.

Resposta: A

4. Grife os predicados e, com base no conceito de verbos de ação e de estado, classifique os predicados como verbais ou nominais.

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.*

*Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.*

(Cecília Meireles)

RESOLUÇÃO

Predicado verbal: “canto”, “existe”.

Predicado nominal: “está completa”, “não sou alegre, nem sou triste: / sou poeta”.

MÓDULO 4

PREDICADO VERBAL

Texto para as questões 1 e 2.

ANTIEVASÃO

*Pedirei
Suplicarei
Chorarei
Não vou para Pasárgada*

*Atirar-me-ei ao chão
e prenderei nas mãos convulsas
ervas e pedras de sangue
Não vou para Pasárgada*

*Gritarei
Berrarei
Matarei
Não vou para Pasárgada*

1. (METODISTA) – O texto do poeta de Cabo Verde, Ovídio de Sousa Martins, revela

- temática de abrangência regional, sem que haja transcendência política e geográfica.
- poética evasiva de relativa resistência em seu intratexto, de questionamento universal.
- tema de alcance universal, em que o eu lírico estabelece um diálogo interdiscursivo com um poeta modernista brasileiro.
- preocupação de contorno universal em que, de maneira inédita, questiona a existência de um lugar idealizado para a solução dos problemas humanos.
- diálogo com um poeta simbolista brasileiro em que, através de um contraponto, expõe também o seu desejo de evasão, embora o título desmintesse esse anseio.

Resposta: C

2. Classifique os verbos da primeira e da última estrofe do poema.

RESOLUÇÃO:

São verbos intransitivos porque não têm complemento verbal, que seriam o objeto direto e o objeto indireto.

Concluindo: os verbos _____ não têm complemento verbal, mas podem vir seguidos de expressões que indicam lugar, tempo, modo etc. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: intransitivos, predicado verbal.

3. Além dos verbos intransitivos, há verbos no poema aos quais você pode perguntar o **quê** ou **quem**? Se houver resposta, o verbo se classifica como transitivo direto e as expressões que o acompanham são objetos diretos. Isso ocorre?

RESOLUÇÃO:

Sim, os verbos atirar e prender são transitivos diretos e têm como objeto direto, respectivamente, me e ervas e pedras de sangue.

Concluindo: os verbos _____ têm complemento verbal não preposicionado, que são os objetos diretos. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos diretos, predicado verbal.

Texto para a questão 4.

Minha alma, ó Deus, a outros céus aspira.

(Antero de Quental)

4. Observe que nesse caso não cabe a pergunta **o quê?** ou **quem?** feita após o verbo, mas cabe **a quê?** ou **a quem?** A pergunta é antecedida da preposição *a*, como poderia ser antecedida de qualquer outra preposição que consta do quadro desta página. Nesse caso, como se classificam o verbo e o complemento verbal?

RESOLUÇÃO:

O verbo é transitivo indireto (porque entre ele e seu complemento há uma preposição) e o complemento verbal é o objeto indireto “a outros céus”.

Concluindo: os verbos _____ têm complemento verbal preposicionado, que são os objetos indiretos. Esses verbos são núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos indiretos, predicado verbal.

Preposição: palavra invariável que serve de conectivo de subordinação entre palavras e orações.

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Texto para a questão 5.

A mulher servira um prato de mingau ao marido.

(Dyonélio Machado)

5. a) Transcreva o objeto direto e o indireto.

RESOLUÇÃO:

Objeto direto: um prato de mingau.

Objeto indireto: ao marido.

b) Quanto à predicação, como você classifica o verbo *servir*.

RESOLUÇÃO: Trata-se de verbo transitivo direto e indireto.

Concluindo: os verbos _____ têm dois complementos, um objeto direto (sem preposição) e um objeto indireto (com preposição). Esse verbo é núcleo do _____.

RESOLUÇÃO: transitivos diretos e indiretos, predicado verbal.

6. Analise as orações e indique a predicação dos verbos destacados.
VTD – para verbo transitivo direto que rege complemento **sem preposição**.
VTI – para verbo transitivo indireto que rege complemento **com preposição**.
VTDI – para verbo transitivo direto e indireto que rege um complemento **sem preposição** e outro **com preposição**.
VI – para verbo intransitivo que não rege complemento, mas pode vir seguido de adjunto adverbial.

- a) “Lá **vem** o acendedor de lampiões da rua.” (Jorge de Lima)
 (**VI**)
- b) “Já **comparei** o meu estilo ao andar dos ébrios.” (Machado de Assis)
 (**VTDI**)
- c) “No ano seguinte, ela não **apareceu** no baile.” (Luis Fernando Verissimo)
 (**VI**)
- d) “Não **conte** comigo, ...” (Rubem Fonseca)
 (**VTI**)
- e) “Nós, por exemplo, **vemos** na borboleta o emblema da inconstância;
 os japoneses **veem** nela o emblema da fidelidade.” (Machado de Assis)
 (**VTD**)

Concluindo: o **predicado verbal** contém verbos nocionais (VI, VTD, VTI, VTD e I), ou seja, verbos que indicam ação ou ocorrência e podem necessitar ou não de complemento verbal. Os **complementos verbais** são o **objeto direto**, que não precisa de preposição, e o **objeto indireto**, sempre preposicionado.

SUBSTITUIÇÕES

- O **OBJETO DIRETO** pode ser substituído pelos pronomes oblíquos **o(s), a(s)**.
 Depois de verbos terminados em **R, S** ou **Z**, os verbos perdem essas letras e os pronomes passam a **lo(s), la(s)**.
 Depois de verbos terminados em **som nasal**, os pronomes passam a **no(s), na(s)**.
- O **OBJETO INDIRETO** pode ser substituído pelos pronomes oblíquos **lhe, lhes**.

7. (VUNESP) – Assinale a alternativa em que a palavra ou expressão destacada foi corretamente substituída por um pronome pessoal, de acordo com a norma culta.
- a) A seleção natural favoreceu *peessoas preocupadas*. / A seleção natural favoreceu-lhes.
- b) Se simplesmente tratarmos *a febre*. / Se simplesmente a tratarmos...
- c) Os tipos de ansiedade atrapalham *as coisas boas da vida*. / Os tipos de ansiedade atrapalham-as.
- d) As cidades americanas instituíram *o Dia do Pânico*. / As cidades americanas lhe instituíram.
- e) Não podemos ignorar *a causa real* de nossa preocupação. / Não podemos ignorar-la.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, favoreceu-as; em *c*, atrapalham-nas; em *d*, instituíram-no; em *e*, ignorá-la.

Resposta: B

Concluindo: a) Os pronomes oblíquos **o, a, os, as (no, na, nos, nas e lo, la, los, las)** exercem função sintática de **objeto direto**; b) os pronomes oblíquos **lhe, lhes** exercem a função sintática de **objeto indireto**; c) os pronomes oblíquos **me, te, se, nos, vos** exercem a função sintática de **objeto direto** ou **objeto indireto**, dependendo do verbo que rege esses pronomes.

CONTRAÇÕES

lhe + o = lho
 lhe + os = lhos

lhe + a = lha
 lhe + as = lhas

8. Classifique sintaticamente os pronomes em negrito.

- a) “Tu sabes, ou fica sabendo, que **te** admiro.” (Machado de Assis)
RESOLUÇÃO: objeto direto

- b) “Apenas **vos** falta um ser, e tudo está despovoado.” (Alphonse de Lamartine)
RESOLUÇÃO: objeto indireto

- c) “Na volta, os que se lembravam dela queriam notícias, e eu dava-lhas, como se acabasse de viver com ela...” (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:
lhas = objeto direto e indireto: *lhes* (a eles, representado pelo pronome demonstrativo *os* = aqueles) + *as* (notícias).

- d) “Marcelo ofereceu-me polidamente o refresco.” (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO: me = o. indireto

Concluindo:

Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos		
<i>eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas</i>	<i>o, a, os, as</i>	<i>lhe, lhes</i>	<i>me, te, se, nos, vos</i>
funcionam como sujeito	funcionam como objeto direto	funcionam como objeto indireto	funcionam como objeto direto ou objeto indireto



Aplicação

- I. “E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia **a delícia íntima das sensações supremas** (...)” (M. A.)
- II. “(...) Fortunato cortou a terceira pata de rato, e fez pela terceira vez **o mesmo movimento** até a chama.” (M. A.)
- III. “Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu mais rapidez **ao gesto** (...)” (M. A.)
- IV. “Faltava cortar **a última pata** (...)” (M. A.)
- V. “(...) para salvar, se pudesse, **alguns farrapos de vida**.” (M. A.)

Assinale a alternativa que apresenta **erro** na substituição do trecho destacado pelo pronome correspondente:

- a) alguma coisa que as traduzia. b) e fê-lo pela terceira vez.
 c) deu-lhe mais rapidez. d) Faltava cortá-la.
 e) para salvá-los, se pudesse.

RESOLUÇÃO

Resposta: A (que a traduzia)

MÓDULO 5

PREDICADO VERBO-NOMINAL

Observe os predicados das orações seguintes.

Ele saiu. Ele estava apressado.

Ele saiu. (predicado verbal)

Ele estava apressado. (predicado nominal)

Observe, agora, a transformação dessas duas orações em uma única oração, com predicado verbo-nominal.

Ele saiu apressado.

VI Predicativo do sujeito

1. Transforme os pares de orações seguintes, que apresentam predicado verbal e predicado nominal, em uma única oração com predicado verbo-nominal. Grife e classifique o predicativo.

a) A anfitriã recebeu os convidados. A anfitriã estava envergonhada.

RESOLUÇÃO:

A anfitriã recebeu os convidados envergonhada.

Predicativo do sujeito

b) Os promotores julgaram a lei. Ela era inconstitucional.

RESOLUÇÃO:

Os promotores julgaram a lei inconstitucional.

Predicativo do objeto direto

c) O candidato fez a entrevista. Ele estava nervoso.

RESOLUÇÃO:

O candidato fez a entrevista nervoso.

Predicativo do sujeito

d) O cidadão reclamou do barulho. Ele estava irritado.

RESOLUÇÃO:

O cidadão reclamou do barulho irritado.

Predicativo do sujeito

e) O guarda-florestal encontrou os adolescentes. Os adolescentes estavam desorientados.

RESOLUÇÃO:

O guarda-florestal encontrou os adolescentes desorientados.

Predicativo do objeto direto

PREDICADO VERBO-NOMINAL é aquele que apresenta como núcleos um **verbo nocional** e um **nome**.

O predicado verbo-nominal pode apresentar

PREDICATIVO DO SUJEITO: quando o nome atribui uma característica ao **sujeito**.

PREDICATIVO DO OBJETO: quando o nome atribui uma característica ao **objeto direto** ou, com menos frequência, ao **objeto indireto**.

2. As frases a seguir têm verbo transitivo direto e predicativo. Para localizar o predicativo, substitua o objeto direto por um pronome oblíquo e observe que o adjetivo que sobra funciona sintaticamente como predicativo do sujeito ou do objeto.

a) O resultado da prova deixou o rapaz decepcionado.

RESOLUÇÃO:

O resultado da prova deixou-o decepcionado.

(predicativo do objeto)

b) Considerou injusta a reclamação do vizinho.

RESOLUÇÃO:

Considerou-a injusta.

(predicativo do objeto)

c) Julgava a promoção impossível.

RESOLUÇÃO:

Julgava-a impossível.

(predicativo do objeto)

d) O motorista atropelou os transeuntes bêbado.

RESOLUÇÃO:

O motorista atropelou-os bêbado.

(predicativo do sujeito)

e) Os especialistas consideraram baixos os juros do último mês.

RESOLUÇÃO:

Os especialistas consideraram-nos baixos.

(predicativo do objeto)

f) Os torcedores deixaram o estádio decepcionados.

RESOLUÇÃO:

Os torcedores deixaram-no decepcionados.

(predicativo do sujeito)

3. (UNESP) – *O esporte é bom pra gente, fortalece o corpo e emburrece A MENTE. – Antes que o primeiro corredor indignado atire UM TÊNIS em minha direção (...) – Quando estamos correndo, não há PREVISÃO DE PAGAMENTO.*

Os termos grafados com letras maiúsculas nas passagens acima, extraídas do texto apresentado, identificam-se pelo fato de exercerem a mesma função sintática nas orações de que fazem parte.

Indique essa função:

- a) Sujeito.
- b) Predicativo do sujeito.
- c) Predicativo do objeto.
- d) Objeto direto.
- e) Complemento nominal.

RESOLUÇÃO:

A função sintática dos termos destacados é de objeto direto, pois completam os verbos *emburrecer*, *atirar* e *haver*, transitivos diretos.

Resposta: D

4. Sublinhe os predicativos e coloque:

PS – para predicativo do sujeito; PO – para predicativo do objeto.

- a) (PS) “Em noite de roça, tudo é canto e recanto.” (G. Rosa)
- b) (PS) “Tocou de leve os cabelos dela, inibido.” (Garcia de Paiva)
- c) (PS) “Volto do trabalho fatigado de mentiras.” (Ferreira Gullar)
- d) (PO) “Câmbio deixa inseguro os empresários.” (Folha de S. Paulo)
- e) (PO) “Achava o céu sempre lindo.” (Casimiro de Abreu)
- f) (PS) “O rapaz, completamente desatinado, fugiu na carreira.” (Mário de Andrade)
- g) (PO) “Sentia ainda muito abertos os ferimentos.” (Lima Barreto)
- h) (PO) “As mulheres o achavam um homem fascinante.” (Rubem Fonseca)
- i) (PS) “Os roncões de Fabiano eram insuportáveis.” (G. Ramos)
- j) (PS) “Entrei apressado.” (Machado de Assis)
- l) (PO) “Ao menino de 1918 chamavam anarquista.” (Carlos D. de Andrade)

OBSERVAÇÃO COMPLEMENTAR

A localização do predicativo em uma oração pode lhe conferir clareza ou ambiguidade. Examine o seguinte exemplo:

Maria observou Joana absorta.

Quem estava absorta? Maria ou Joana? Ou seja: *absorta* é predicativo do sujeito *Maria* ou predicativo do objeto direto *Joana*?

Para conferir clareza, podemos reescrever a oração alterando a ordem dos termos.

Supondo que Maria é que estava absorta, poderíamos adotar as seguintes estruturas:

Absorta, Maria observou Joana.

Maria, absorta, observou Joana.

Supondo que Joana é que estava absorta, podemos conservar o predicado verbo-nominal reescrevendo a oração na seguinte ordem:

Joana, absorta, Maria observou.

Trata-se, porém, de uma ordem estranha à língua corrente, muito arcaica, só aceitável em contextos literários. Podemos, ainda, transformar a oração única em duas: uma com predicado verbal e outra com predicado nominal:

Maria observou Joana e esta estava absorta.

Maria observou Joana, que estava absorta.

Maria observou que Joana estava absorta.

5. A comissão ouvia a depoente atônita.

a) O predicativo, na frase dada, é do sujeito ou do objeto?

RESOLUÇÃO:

Não é possível classificar o predicativo porque a frase é ambígua.

b) Reescreva a frase desfazendo o problema apontado na questão anterior.

RESOLUÇÃO:

Há várias maneiras de desfazer o duplo sentido:

***A comissão, atônita, ouvia a depoente.**

Atônita, a comissão ouvia a depoente.

A comissão ouvia atônita a depoente.

***A comissão ouvia a depoente, que estava atônita.**

A depoente, atônita, era ouvida pela comissão.

3. Grife os adjuntos adverbiais do texto seguinte, indicando a circunstância que eles expressam, segundo o código:

- | | | |
|---------------|----------------|------------|
| a) tempo | b) modo | c) negação |
| d) dúvida | e) intensidade | f) lugar |
| g) comparação | h) instrumento | i) causa |

Fabiano, encaiporado [infeliz, aborrecido, chateado], fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma

(f)

infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do

(c)

patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero,

(b)

enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a

(g)

criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o

(a)

soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão. (...) Se não fosse tão

(h) (c) (e)

fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um

(f) (a)

tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença,

(f)

mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando

(f)

no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado

(i)

o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse

(h) (b) (d)

preso e respeitado, um homem respeitado, um homem.

(Graciliano Ramos, *Vidas Secas*)

Texto para as questões 4 e 5.

Leia esta notícia científica:

Há 1,5 milhão de anos, ancestrais do homem moderno deixaram pegadas quando atravessaram um campo lamacento nas proximidades do Ileret, no norte do Quênia. Uma equipe internacional de pesquisadores descobriu essas marcas recentemente e mostrou que elas são muito parecidas com as do “Homo sapiens”: o arco do pé é alongado, os dedos são curtos, arqueados e alinhados. Também, o tamanho, a profundidade das pegadas e o espaçamento entre elas refletem a altura, o peso e o modo de caminhar atual. Anteriormente, houve outras descobertas arqueológicas, como, por exemplo, as feitas na Tanzânia, em 1978, que revelaram pegadas de 3,7 milhões de anos, mas com uma anatomia semelhante à de macacos. Os pesquisadores acreditam que as marcas recém-descobertas pertenceram ao “Homo erectus”.

(Revista FAPESP, n.º 157, março de 2009. Adaptado.)

4. (FUVEST) – No texto, a sequência temporal é estabelecida principalmente pelas expressões:

- “Há 1,5 milhão de anos”; “recentemente”; “anteriormente”.
- “ancestrais”; “moderno”; “proximidades”.
- “quando atravessaram”; “norte do Quênia”; “houve outras descobertas”.
- “marcas recém-descobertas”; “em 1978”; “descobertas arqueológicas”.
- “descobriu”; “mostrou”; “acreditam”.

RESOLUÇÃO:

A única alternativa que contém expressões de sentido temporal é a a; as demais incluem indicações de lugar (“proximidades”, “norte do Quênia”) ou de ocorrências não determinadas temporalmente (“houve outras descobertas”, “descobertas arqueológicas”, “descobriu”, “mostrou”, “acreditou”).

Resposta: A

5. (FUVEST) – No trecho “semelhante à de macacos”, fica subentendida uma palavra já empregada na mesma frase. Um recurso linguístico desse tipo também está presente no trecho assinalado em:

- A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo às futuras gerações.
- Recorrer à exploração da miséria humana, infelizmente, está longe de ser um novo ingrediente no cardápio da tevé aberta à moda brasileira.
- Ainda há quem julgue que os recursos que a natureza oferece à humanidade são, de certo modo, inesgotáveis.
- A prática do patrimonialismo acaba nos levando à cultura da tolerância à corrupção.
- Já está provado que a concentração de poluentes em área para não fumantes é muito superior à recomendada pela OMS.

RESOLUÇÃO:

Na frase da alternativa e subentende-se “concentração de poluentes” em seguida a “muito superior à”.

Resposta: E

6. (FEI) – Substitua a expressão destacada por um advérbio de significação equivalente:

- Recebeu a repreensão **sem dizer palavras**.

RESOLUÇÃO: caladamente; mudamente.

- Falava sempre **no mesmo tom**.

RESOLUÇÃO: monotonamente.

- Aceitou tudo **sem se revoltar**.

RESOLUÇÃO: submissamente; resignadamente.

- Trataram-me **como irmão**.

RESOLUÇÃO: fraternalmente.

- Eliminar **pela raiz**.

RESOLUÇÃO: radicalmente.

MÓDULO 7

ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

ADJUNTO ADNOMINAL é um termo acessório que vem junto ao nome, modificando ou restringindo o seu significado.

O adjunto adnominal se reduz a um adjetivo ou a uma palavra adjetivante.

São adjuntos adnominais:

- os artigos;
- os numerais;
- os adjetivos (associados diretamente ao nome, sem a intermediação de um verbo);
- as locuções adjetivas;
- os pronomes.

Você já sabe que, na oração, um adjetivo pode funcionar como adjunto adnominal, se estiver diretamente associado ao nome, atribuindo-lhe uma característica inerente, e como predicativo, se estiver referindo-se ao nome por meio de um verbo, atribuindo-lhe uma característica transitória, circunstancial.

Exemplos

- *Angélica adorava rosas amarelas.*

amarelas: adjunto adnominal, pois liga-se ao substantivo *rosas* diretamente.

- *As rosas de Angélica eram amarelas.*

amarelas: predicativo do sujeito, pois liga-se ao sujeito *rosas* por meio de um verbo de ligação explícito (predicado nominal).

- *O tempo fez as brancas rosas amarelas.*

brancas: adjunto adnominal, pois liga-se ao substantivo *rosas* diretamente.

amarelas: predicativo do objeto, pois liga-se ao objeto direto *rosas* por meio de um verbo de ligação implícito (o predicado é verbo-nominal).

1. Os adjuntos adnominais são artigos, numerais, adjetivos, locuções adjetivas e pronomes ligados diretamente a um substantivo (ou palavra substantivada), sem que entre eles (substantivos e adjuntos adnominais) se interponha um verbo. Exemplos:

O rapaz **insensato** foi punido. (adjunto adnominal, ligado a um substantivo)

O rapaz foi **insensato**. (predicativo do sujeito, intermediado por um verbo)

Observe outro exemplo em que os adjuntos adnominais estão destacados: **Os meus dois grandes** amigos **da escola** deram-me **um belo** livro **de Guimarães Rosa**.

Com base nas explicações, grife os adjuntos adnominais das frases abaixo, todas de Machado de Assis.

- “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida.”
- “Não há bota velha que não encontre um pé cambaio.”
- “Só a beleza intelectual é independente e superior. A beleza física é irmã da paisagem.”

2. (FUNEC) – As palavras destacadas nas frases abaixo são adjetivos. Sintaticamente, podem funcionar como predicativo, expressando um estado provisório. Em qual das alternativas isso não ocorre?

- “Asma Jahangir, **chocada**, retornou à sede da ONU...”

b) “José Dirceu, também **indignado**, mas com as mortes...”

c) “...os jornalistas tiveram acesso a **estarrecedoras** gravações...”

d) “...deixará o leitor profundamente **indignado**.”

RESOLUÇÃO:

Resposta: C (Adjunto Adnominal)

3. Nas frases abaixo, extraídas de obras de Machado de Assis, os pronomes destacados indicam posse e exercem a função sintática de adjunto adnominal, **exceto** em

- O beijo de Capitu fechava-me os lábios.
- Enfim acabei as duas tranças. Onde estava a fita para atar-lhes as pontas?
- Pedi-lhe que levantasse a cabeça.
- Morreu-lhe o pai.
- As horas batiam de século a século, (...) cuja pêndula (...) feria-me a alma interior.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C (OI)

O fragmento abaixo, extraído do conto *Conversão de um Avaro*, de Machado de Assis, é a base para a questão 3.

“Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali lhe entrava pela sala. Pois quê! Onde, quando, de que modo, em que circunstâncias Gil Gomes calçara nunca luvas? Trazia um par de luvas, — é verdade que de lã grossa, — mas enfim luvas, que na opinião dele eram inutilidades. Foi a única despesa séria que fez; mas fê-la.”

(ASSIS, Machado de. “Contos fluminenses II”. In *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1957, p. 293.)

4. (FGV) – a) Classifique morfologicamente o termo destacado em negrito na passagem “que na opinião **dele** eram inutilidades.” e aponte a quem ele se refere. Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Dele é a contração da preposição *de* com o pronome pessoal *ele*. O pronome refere-se a Gil Gomes, nome que aparece no período anterior. Portanto, o termo em questão significa “de Gil Gomes”.

- b) Tendo em vista o termo em negrito do trecho “Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali **lhe** entrava pela sala.”, explique seu uso e seu efeito de sentido.

RESOLUÇÃO:

O pronome pessoal oblíquo *lhe* refere-se a José Borges e é, no caso, empregado com o sentido de pronome possessivo com função de adjunto adnominal, referindo-se ao termo sala (“sua sala”).

COMPLEMENTO NOMINAL é um termo integrante da oração.

É um termo que

- completa o sentido de substantivos, adjetivos e advérbios com sentido incompleto;
- liga-se ao nome por **preposição**;
- quando completa o sentido de um **substantivo**, indica o **alvo da ação nominal**.

5. Sublinhe os complementos nominais.

- a) Felizmente para mim, todos viajaram.
- b) O cidadão foi contrário ao aumento dos impostos.
- c) O conferente estava atento ao serviço.
- d) A leitura é proveitosa a todos.
- e) Os cidadãos têm necessidade de segurança.

É comum confundir o complemento nominal de um substantivo com a locução adjetiva que funciona como adjunto adnominal.

Para distinguir entre os dois termos, observe que

- o **complemento nominal** completa o sentido de um **substantivo abstrato**;
- o **adjunto adnominal** pode referir-se tanto a um substantivo concreto como a um substantivo abstrato;
- o **complemento nominal** indica o **alvo da ação** expressa por um nome que, muitas vezes, pode ser substituído por um verbo cognato.

Exemplo

O apelo à família foi inútil.

(Apelou à família inutilmente. Aqui, *família* é objeto indireto do verbo *apelou*.)

(A *família* é o **alvo** do apelo: ela que **recebe** o apelo.)

- o **adjunto adnominal** indica o **agente da ação** nominal e, muitas vezes, pode ser substituído por um adjetivo.

Exemplo

O apelo da família foi inútil.

(A família apelou inutilmente. Aqui, *família* é sujeito do verbo *apelou*.)

(A *família* é o **agente** do apelo: ela é que **faz** o apelo.)

(A locução adjetiva *da família* pode ser substituída pelo adjetivo *familiar*.)

6. Escreva:

- CN para complemento nominal;
- AA para adjunto adnominal.

- a) “Só se vê bem com o coração. O Essencial é invisível aos olhos.” (Exupéry) (CN)

- b) “Um coração feliz é o resultado inevitável de um coração ardente

de amor.” (Madre Teresa)

(CN)

7. (FUVEST) – “A matança dos marginais escandalizou a população.” Explique os dois sentidos que podem ser atribuídos a essa frase.

RESOLUÇÃO:

“Matança dos marginais” pode significar que os marginais foram mortos (no caso, “dos marginais” é alvo da ação, portanto, **complemento nominal**) ou que os marginais mataram outras pessoas (aqui, “dos marginais” é agente da ação, portanto, **adjunto adnominal**).

8. (CESGRANRIO)

Para aliviar **de Cristo** os sofrimentos.

Para aliviar-**lhe** os sofrimentos.

O pronome *lhe* substitui a expressão destacada acima e apresenta valor possessivo. Indique a opção cujo pronome **não** apresenta esse valor.

- a) Concederam o perdão ao romeiro – Concederam-**lhe** o perdão.
- b) Ajeitaram a roupa da santa – Ajeitaram-**lhe** a roupa.
- c) O vento acariciava o rosto do padre – O vento acariciava-**lhe** o rosto.
- d) Não pude ver o seu rosto – Não **lhe** pude ver o rosto.
- e) Afirmando que não puxaram o braço do religioso – Afirmando que não **lhe** puxaram o braço.

RESOLUÇÃO: Objeto Indireto

Resposta: A

9. (FGV-SP) – Em cada uma das alternativas abaixo, está destacado um termo iniciado por preposição. Assinale a alternativa em que esse termo **não é objeto indireto**.

- a) O rapaz aludiu **às histórias passadas**, quando nossa bela Eugênia ainda era praticamente uma criança.
- b) Quando voltei da Romênia, o Brasil todo assistia **à novela da Globo**, todos os dias.
- c) Quem disse **a Joaquina** que as batatas deveriam cozer-se devagar?
- d) Com a aterrissagem, o avião logo transmitiu **ao público** a melhor das impressões.
- e) Foi fiel **à lei** durante todos os anos que passou nos Açores.

RESOLUÇÃO:

O termo *à lei*, apesar de apresentar preposição, não é objeto indireto; é complemento nominal do adjetivo *fiel*. Nas outras alternativas, os termos grifados são objetos indiretos dos verbos *aludiu*, *assistia*, *disse* e *transmitiu*.

Resposta: E

MÓDULO 8

APOSTO E VOCATIVO

APOSTO é um termo acessório da oração que explica, especifica, enumera ou resume outro termo da oração, podendo substituí-lo.



1. Com base na definição de aposto, identifique o termo da tirinha que pode ser classificado como tal.

RESOLUÇÃO:

“O Terrível” é aposto que explica o termo Hagar.

2. Você deve ter observado que os apostos substituem um outro termo da oração. Nas frases abaixo, há um aposto para cada termo destacado. Grife o aposto e classifique-o de acordo com o código:

- 1) Aposto explicativo 2) Aposto especificativo
3) Aposto resumidor 4) Aposto enumerativo

a) (4) “Para navegar contra a corrente são necessárias **condições raras**: espírito de aventura, coragem, perseverança e paixão.”

(Nice da Silveira)

b) (1) “Não sabia **ela**, Ernestinha, que **o pai dessa lastimável rapariga**, Pedro Torresmo, jurara invadir a casa.” (Jorge Amado)

c) (3) “**Vida digna, cidadania plena, igualdade de oportunidades**, tudo isso está na base de um país melhor.” (Ulisses Infante)

d) (2) Poema tirado de uma notícia de jornal

“João Gostoso era carregador de feira livre e morava no **morro**
[da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no **bar** Vinte de Novembro.

Bebeu
Cantou
Dançou

Depois se atirou na **Lagoa** Rodrigo de Freitas e morreu afogado.”

(Manuel Bandeira)

Leia o trecho a seguir e responda:

– Vovô, eu quero ver um cometa!

Ele me levava até a janela. E me fazia voltar os olhos para o alto, onde o sol reinava sobre a Saracena.

– Não há nenhum visível no momento. Mas você há de ver um deles, o mais conhecido, que muito tempo atrás, passou no céu da Itália. Muito tempo atrás... atrás de onde? Atrás de minha memória daquele tempo.

E vovô Leone continuava:

– Um dia, você há de estar mocinha, e eu já estarei morando junto das estrelas. E você há de ver a volta do grande cometa, lá pelo ano de 2010...

Eu me agarrava à cauda daquele tempo que meu avô astrônomo me mostrava com os olhos do futuro e saía de sua casa. Na rua, com a cabeça nas nuvens, meus olhos brilhavam como estrelas errantes. Só baixavam à terra quando chegava à casa de vovô Vincenzo, o camponês.

(LAURITO, Ilke Brunhilde. *A menina que fez a América*. São Paulo: FTD, 1999. p. 16.)

3. (UNICAMP) – Leia o último parágrafo e responda às questões.

a) Explique as relações que as expressões *cauda daquele tempo*, *olhos do futuro* e *cabeça nas nuvens* estabelecem entre si.

RESOLUÇÃO:

As três expressões são metafóricas e estabelecem entre si uma relação que leva o leitor ao campo semântico da imaginação. Elas se complementam e, assim, intensificam o caráter sonhador da personagem.

b) No mesmo trecho, explique a relação do aposto com o movimento dos olhos da personagem.

RESOLUÇÃO:

O aposto “o camponês” estabelece uma relação antitética com a expressão “... meus olhos brilhavam como estrelas errantes”. O avô Vincenzo, caracterizado como camponês, representa a terra, o chão firme, o que permite dizer que é o elemento que traz a personagem à realidade. Somente a presença do camponês retira os olhos da personagem do céu, do universo dos sonhos.

Concluindo:

APOSTO é um termo **acessório** da oração.

O aposto **explica, especifica, enumera** ou **resume** outro termo de caráter nominal da oração, podendo substituí-lo.

Examine os exemplos a seguir:

Rui Barbosa, o Águia de Haia, dominava bem recursos de oratória.

(O *Águia de Haia* **explica** o termo *Rui Barbosa*, podendo ocupar o seu lugar na oração.)

A *cidade de Salvador assemelha-se em alguns pontos com Lisboa.*

(De *Salvador* **especifica** o termo *cidade*. *Salvador* pode substituir *cidade*.)

Temos duas características: determinação e paciência.

(*Determinação e paciência* consistem na **enumeração** das *duas características*. Podem substituir *duas características*.)

Cores, aromas, consistências, nada evocava sensações inéditas.

(*Nada* é o termo que **resume** *cores, aromas, consistências*. Pode substituir *cores, aromas, consistências*.)

4. Sublinhe o termo usado para chamar, para interpelar algo ou alguém. Observe que esse termo pode ser retirado da frase sem alterar o sujeito nem o predicado.

- “... Bem, vou indo, Deus lhe pague, amigo!” (Guimarães Rosa)
- “– Seu doutor, a gente não deve de ficar adiante de boi, nem atrás de burro, nem perto de mulher! Nunca que dá certo...” (Guimarães Rosa)
- “– Senhor Deus dos desgraçados! / Dizei-me vós, senhor Deus!” (Castro Alves)
- “Se encontrares louvada uma beleza, / Marília, não lhe invejes a ventura.” (Tomás Antônio Gonzaga)
- “Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste! / Passei a vida à toa, à toa...” (Manuel Bandeira)
- “O bicho, meu Deus, era um homem.” (Manuel Bandeira)
- “Olá, guardador de rebanhos, / aí à beira da estrada, / Que te diz o vento que passa?” (Alberto Caeiro)

Concluindo:

VOCATIVO é um termo **independente** da oração.

É um termo **exclamativo**, usado para **chamar alguém ou alguma coisa personificada**. Não faz parte nem do sujeito nem do predicado da oração.

O vocativo pode ocupar qualquer posição na frase e é separado dos outros termos por vírgula.

5. (FGV) – Considere a tira e analise as afirmações.



- A resposta esperada pela menina era “a rua”.
- Na frase de Mafalda, no segundo quadrinho, *Miguelito* é o sujeito da oração.
- Em português, o sujeito de uma oração pode ser inexistente, como em *Choveram reclamações na empresa por causa do apagão na Internet*.
- A resposta de Miguelito seria compatível com a pergunta: *Ao prefeito cabe que responsabilidade?*

Pela leitura das afirmações, conclui-se que

- nenhuma delas está correta.
- apenas I e III estão corretas.
- apenas II e III estão corretas.
- apenas III e IV estão corretas.
- todas elas estão corretas.

RESOLUÇÃO:

I. O sujeito da frase de Mafalda é “Esse lixo”.

II. “Miguelito” é vocativo.

III. Na frase dada, *reclamações* é sujeito de *choveram*.

IV. A resposta à pergunta contida nesta afirmação seria, por exemplo: “A responsabilidade de limpar as ruas.”

Resposta: A

6. (UNICAMP) – A historinha transcrita abaixo foi publicada na seção “Humor” de uma revista.

A professora passou a lição de casa: fazer uma redação com o tema “Mãe só tem uma”.

No dia seguinte, cada aluno leu a sua redação. Todas mais ou menos dizendo as mesmas coisas: a mãe nos amamenta, é carinhosa conosco, é a rosa mais linda de nosso jardim etc., etc. Portanto, mãe só tem uma...

Aí chegou a vez de Juquinha ler sua redação:

“Domingo foi visita lá em casa. As visitas ficaram na sala. Elas ficaram com sede e minha mãe pediu para mim (sic) ir buscar coca-cola na cozinha. Eu abri a geladeira e só tinha uma coca-cola. Aí, eu gritei pra minha mãe: ‘Mãe, só tem uma!’”

Vaie Bem (revista de bordo da Vasp), n.º 4, 1989.

Essa piada baseia-se nas interpretações diferentes de (I) “Mãe só tem uma” e (II) “Mãe, só tem uma!”

Compare esses dois enunciados e, com base na análise das relações sintáticas que se estabelecem entre as palavras, em cada um dos casos, identifique e explique a diferença de significado entre (I) e (II), responsável pelo efeito engraçado do texto.

RESOLUÇÃO:

Em (I), o termo *mãe* tem a função sintática de **objeto direto**, pois o verbo *ter* está usado impessoalmente com o sentido de *existir*. Já em (II), o termo *mãe*, isolado por uma vírgula, exerce a função sintática de **vocativo**. Essa diferença de função sintática gera a diferença de significados: em (I), entende-se que *só existe uma mãe*; em (II), o garoto chama sua mãe para dizer-lhe que na geladeira há apenas uma garrafa de coca-cola.

MÓDULO 9

VOZ PASSIVA ANALÍTICA

HAGAR - Dik Browne



1. Considerando a fala do Dr. Zook, quem emboscou Hagar e Helga?

RESOLUÇÃO:

Átila, o Huno.

2. Qual o sujeito de “foram emboscados”?

RESOLUÇÃO:

“Vocês” : sujeito simples.

3. O sujeito é agente ou paciente da ação verbal?

RESOLUÇÃO:

O sujeito é paciente porque sofre a ação expressa pelo verbo *emboscar*.

4. Quem é o agente da ação verbal? Qual a função sintática que ele exerce?

RESOLUÇÃO:

O agente da ação verbal é “Átila”, que exerce a função sintática de agente da passiva. Lembrar que “o Huno” é aposto explicativo.

5. Em que voz está o verbo da fala do Dr. Zook?

RESOLUÇÃO:

Está na voz passiva analítica, porque o sujeito é paciente da ação verbal.

6. É possível transformar a fala do Dr. Zook de forma que “Átila” passe a ser o sujeito da oração?

RESOLUÇÃO:

Átila, o Huno, emboscou vocês?

7. Em que voz está a oração da resposta anterior?

RESOLUÇÃO:

Está na voz ativa, porque o sujeito é agente da ação verbal.



Aplicações

1. (MACKENZIE)

DESPERDÍCIO

*Solidão, não te mereço,
pois que te consumo em vão.
Sabendo-te embora o preço,
calco teu ouro no chão.* (Carlos Drummond de Andrade)

- I. No primeiro verso, o vocativo instaura o interlocutor, retomado pelo pronome oblíquo de segunda pessoa
- II. O primeiro verso introduz o tom de lamento de um poeta que se rebela contra a impossibilidade de romper com a solidão.
- III. A solidão tem o valor de algo precioso.

Assinale a alternativa correta sobre a relação do poema com as afirmações.

- a) Todas estão corretas.
- b) Apenas I e III estão corretas.
- c) Apenas II e III estão corretas.
- d) Apenas I e II estão corretas.
- e) Nenhuma está correta.

RESOLUÇÃO:

Os dois erros da alternativa II são “tom de lamento”, ausente do texto, e “um poeta que se rebela contra a impossibilidade de romper com a solidão”, quando no texto não se exprime nem rebeldia nem desejo de “romper com a solidão”. **Resposta: B**

2. (FMTM) – Assinale a alternativa em que o termo ou expressão em destaque exerce a função de vocativo.

- a) – **Bom**, no Natal, quero comer peru.
- b) É doído, **coitado**.
- c) – **Pois falo**, pronto!
- d) Mas **quem** falou de convidar ninguém!
- e) – **Meu filho**, não fale assim...

Resposta: E

A voz passiva analítica é formada com o verbo auxiliar (ser, estar, ficar) seguido de particípio do verbo principal.

Exemplos

A brisa **leva** as flores.

↑ ↑ ↑
sujeito VTD na OD
agente voz ativa

As flores **são levadas** pela brisa.

↑ ↑ ↑
sujeito VTD na voz agente da
paciente passiva analítica passiva

Os pais **darão** outra oportunidade ao filho.

↑ ↑ ↑ ↑
sujeito VTDI na objeto objeto
agente voz ativa direto indireto

Outra oportunidade **será dada** ao filho pelos pais.

↑ ↑ ↑ ↑
sujeito VTDI na voz OI agente da
paciente passiva analítica passiva

Nota

Às vezes, a voz passiva analítica é formada com outros verbos auxiliares.

Exemplos

– O rapaz **vive** rodeado de belas garotas.

– A pequena cidade **estava** cercada pelas águas do rio.

VOZ PASSIVA ANALÍTICA:

- Só podem ser apassivados verbos **transitivos diretos** ou **transitivos diretos e indiretos**.
- O **objeto direto** da voz ativa passa, na passiva, a **sujeito paciente**.
- O **sujeito da ativa**, na passiva, passa a **agente da passiva** (obrigatoriamente preposicionado).
- Os **verbos auxiliares** da passiva (*ser, estar, ficar*) ficam no mesmo modo e tempo do verbo principal da voz ativa.
- O **verbo principal** da voz ativa passa para o **particípio**, concordando em gênero e número com o sujeito da passiva.

8. Passe a frase para a voz passiva analítica e sublinhe o agente da passiva.

a) O tempo modifica as pessoas.

RESOLUÇÃO:

As pessoas são modificadas pelo tempo.

b) Ele não lhe dissera a verdade.

RESOLUÇÃO:

A verdade não lhe fora dita por ele.

c) Tu me ofendeste bastante.

RESOLUÇÃO:

Eu fui bastante ofendido por ti.

d) Nós a levávamos para passear no parque.

RESOLUÇÃO:

Ela era levada por nós para passear no parque.

e) A publicidade vende a ilusão de felicidade.

RESOLUÇÃO:

A ilusão de felicidade é vendida pela publicidade.

9. (FUVEST) – *Décadas atrás, vozes bem afinadas cantavam no rádio esta singela quadrinha de propaganda:*

*As rosas desabrocham
Com a luz do sol,
E a beleza das mulheres
Com o creme Rugol.*

Os versos nunca fizeram inveja a Camões, mas eram bonitinhos. E sabe-se lá quantas senhoras não foram atrás do creme Rugol para se sentirem novinhas em folha, rosas resplandecentes.

(Quintino Miranda)

a) Reescreva o primeiro parágrafo do texto, substituindo “Décadas atrás” por “Ainda hoje” e transpondo a forma verbal para a voz passiva. Faça as adaptações necessárias.

RESOLUÇÃO:

Ainda hoje, esta singela quadrinha de propaganda é cantada por vozes bem afinadas no rádio.

A substituição da expressão “décadas atrás”, que indica tempo passado, por “ainda hoje”, tempo presente, faz que o verbo cantavam, no pretérito imperfeito do indicativo, tenha de ser transposto para a voz passiva com o auxiliar ser no presente do indicativo. A construção passiva tem de ser a analítica, dada a presença do agente da passiva.

b) Que expressões da quadrinha justificam o emprego de *novinhas em folha* e de *resplandecentes*, no comentário feito pelo autor do texto?

RESOLUÇÃO:

“Novinhas em folha” corresponde, na quadrinha, à expressão “rosas desabrocham”; “resplandecentes”, à expressão “luz do sol”.

10. (VUNESP) – Assinale a alternativa com frases, respectivamente, na voz ativa e passiva.

- a) Os animais acabam eliminando os homens primitivos mais distraídos./Os homens primitivos mais distraídos os animais acabam eliminando.
- b) A seleção natural favoreceu animais e pessoas./Animais e pessoas favoreceram a seleção natural.
- c) Não podemos simplesmente reprimir a ansiedade./A ansiedade simplesmente não pode nos reprimir.
- d) Os tipos de ansiedade prejudicam o trabalho./O trabalho é prejudicado pelos tipos de ansiedade.
- e) As cidades americanas instituíram um dia para trabalhar as preocupações./Para trabalhar as preocupações, as cidades americanas instituíram um dia.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

11. (FUVEST) – Altere a redação do período abaixo, empregando os verbos na voz passiva.

“...e se às vezes me reprendia à vista de gente, fazia-o por simples formalismo.”

RESOLUÇÃO:

E se às vezes eu era repreendido, à vista de gente, isso era feito por simples formalismo.

12. Passe os verbos da voz passiva para a ativa, substituindo o pronome sujeito pelo pronome objeto, completando as lacunas. Use a forma oblíqua átona do pronome.

- a) Eles foram aplaudidos pelo público.
O público aplaudiu- **os** _____.
- b) Ele era procurado pela polícia.
A polícia procurava- **o** _____.
- c) Nós fomos curados pelo médico.
O médico curou- **nos** _____.
- d) Eles foram assaltados por aqueles ladrões.
Aqueles ladrões assaltaram- **nos** _____.

13. (MACKENZIE) – Respeitando os preceitos gramaticais, a forma passiva analítica de *Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas* é:

- a) Aquelas deliciosas cantigas foram lidas seguidamente.
- b) Aquelas deliciosas cantigas eram lidas seguidamente.
- c) Havia lido seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
- d) Tinham sido lidas seguidamente aquelas deliciosas cantigas.
- e) Aquelas deliciosas cantigas seguidamente estavam sendo lidas.

RESOLUÇÃO:

A oração “Li tanto e tão seguidamente aquelas deliciosas cantigas” está na voz ativa, tem verbo transitivo direto (“Li”) e objeto direto (“aquelas deliciosas cantigas”). Na passagem para a voz passiva analítica, o objeto direto passa a sujeito e o verbo vai para o particípio, antecedido pelo verbo *ser* como auxiliar: *Aquelas deliciosas cantigas foram lidas seguidamente*.

Resposta: A



Aplicações

1. (MACKENZIE) – De acordo com a norma culta, a forma passiva do segmento: “O bom jesuíta havia assim criado / uma espécie de antecipação / do computador...” é:

- a) Uma espécie de antecipação do computador havia assim criado o bom jesuíta.
- b) Uma espécie de antecipação do computador havia assim sido criada pelo bom jesuíta.
- c) Uma espécie de antecipação do computador foi assim criada pelo bom jesuíta.
- d) Criava-se assim uma espécie de antecipação do computador pelo bom jesuíta.
- a) Pelo bom jesuíta foi-se assim criando uma espécie de antecipação do computador.

RESOLUÇÃO:

Na passagem para a voz passiva analítica, o objeto direto da voz ativa – “uma espécie de antecipação do computador” – passa a sujeito paciente e à locução verbal ativa – “havia criado” – acrescenta-se o auxiliar *ser*.

Resposta: B

2. (MACKENZIE) – Transpondo a frase: “... uma espécie de solução que **produz** no animal comportamentos estranhos e sofrimento.” para a voz passiva, a forma verbal destacada acima corresponde a:

- a) “são produzidos”.
- b) “é produzido”.

- c) “foram produzidos”.
- d) “estão produzidos”.
- e) “havia sido produzido”.

RESOLUÇÃO:

A forma verbal *produz* tem como objeto direto “comportamentos estranhos e sofrimentos”, expressão que se torna sujeito na passagem para a voz passiva, pedindo o verbo auxiliar (*ser*) na terceira pessoa do plural, no presente do indicativo.

Resposta: A

3. (FUVEST) – Transpondo-se corretamente para a voz **ativa** a oração: “(...) para serem instruídos por um astrônomo (...)”, obtém-se:

- a) para que sejam instruídos por um astrônomo (...).
- b) para um astrônomo os instruírem (...).
- c) para que um astrônomo lhes instruísem (...).
- d) para um astrônomo instruí-los (...).
- e) para que fossem instruídos por um astrônomo (...).

RESOLUÇÃO:

A alternativa de resposta transpõe corretamente para a voz ativa a construção passiva apresentada. O agente da passiva, “por um astrônomo”, converte-se em sujeito da ativa, “um astrônomo”, e o sujeito oculto da ativa é retomado pelo pronome oblíquo *os*, na função de objeto direto. Observe-se que a transposição obedece também à natureza da oração apresentada. A oração reduzida de infinitivo com verbo na forma passiva – “serem instruídos” – corresponde à reduzida de infinitivo com verbo na forma ativa – *instruí-los* (infinitivo flexionado com a apócope do *r*).

Resposta: D

MÓDULO 10

VOZ PASSIVA SINTÉTICA

Examine os conjuntos de frases abaixo. Observe o elemento da frase com que o verbo concorda.

Aplaudiram o vencedor. – Voz ativa

Aplaudiu-se o vencedor. – Voz passiva sintética

O vencedor foi aplaudido. – Voz passiva analítica

Derrubaram várias casas. – Voz ativa

Derrubaram-se várias casas. – Voz passiva sintética

Várias casas foram derrubadas. – Voz passiva analítica

VOZ PASSIVA SINTÉTICA OU PRONOMINAL

Constrói-se a voz passiva sintética ou pronominal com verbos *transitivos diretos* ou *transitivos diretos e indiretos*.

O verbo é flexionado na **terceira pessoa do singular ou do plural** conforme o sujeito paciente seja singular, plural ou composto.

Acompanha o verbo o **pronome apassivador *se***.

Usualmente, no português moderno, não ocorre o **agente da passiva** na voz passiva sintética.

1.



Passa a oração do segundo quadrinho, que está na voz ativa, para a voz passiva analítica.

RESOLUÇÃO:

Um novo apelo pela paz foi feito pelo Papa.

2. Passe a resposta do exercício 1 para a voz passiva sintética, obedecendo às seguintes indicações:

- I. elimine o verbo auxiliar *ser* e o *agente da passiva*.
- II. passe o verbo principal, que está no particípio, para o tempo verbal do auxiliar;
- III. acrescente ao verbo o pronome apassivador **se**;
- IV. faça a concordância do verbo com o sujeito.

RESOLUÇÃO:

Fez-se um novo apelo pela paz.

Observe que, nas duas frases que você redigiu, “um novo apelo pela paz” é sujeito paciente e o verbo concorda com ele.

3. Você deve ter observado que, na voz passiva sintética, o pronome apassivador *se* acompanha o verbo, o qual concorda com o sujeito paciente. Com base no que foi explicado, transcreva da tira a oração que está na voz passiva sintética.



RESOLUÇÃO:

“...não se matam as ideias...”

4. Passe a oração da resposta anterior para a voz passiva analítica, para ter certeza de que ela está na passiva sintética.

RESOLUÇÃO:

As ideias não são mortas.

5. Passe as frases abaixo, que estão na voz ativa, para passiva sintética.

a) As guerras destroem vidas indiscriminadamente.

RESOLUÇÃO:

Destroem-se vidas indiscriminadamente.

b) Os amantes fizeram as pazes.

RESOLUÇÃO:

Fizeram-se as pazes.

c) Encerraram as inscrições.

RESOLUÇÃO:

Encerraram-se as inscrições.

d) Organizarão novos programas.

RESOLUÇÃO:

Organizar-se-ão novos programas.

e) Nesta praça realizam comícios.

RESOLUÇÃO:

Realizam-se comícios nesta praça.

6. (FUVEST) – O verbo da oração *Infelizmente, essas afirmações sobre a razão áurea foram amplamente divulgadas* está na voz passiva analítica. Reescreva-a com o verbo na voz passiva sintética, fazendo as devidas alterações.

RESOLUÇÃO:

Infelizmente, divulgaram-se amplamente essas afirmações sobre a razão áurea.

7. (FUVEST-transferência) – “...outros resíduos de alimentos comprados por ali são simplesmente jogados no chão.”

Utilizando-se a partícula “se”, o trecho acima deverá ser assim expresso:

a) Compraram-se por ali outros resíduos de alimentos que simplesmente se jogou no chão.

b) Joga-se simplesmente no chão outros resíduos de alimentos que são comprados por ali.

c) Jogou-se simplesmente no chão outros resíduos de alimentos que foram comprados por ali.

d) Compra-se por ali outros resíduos de alimentos que simplesmente são jogados no chão.

e) Jogam-se simplesmente no chão outros resíduos de alimentos que se compraram por ali.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

8. (FGV) – Atente para as formas verbais dos segmentos:

a) *Uma vez ali dentro, ouvirei as moças falando mal do chefe na fila do Subway, descobrirei o que planejam os jovens de terno na mesa do Súbito, verei a felicidade do garoto do interior...* Os verbos *ouvirei*, *descobrirei* e *verei*, no contexto, indicam uma ação concluída? Explique.

RESOLUÇÃO:

Os verbos estão no futuro do presente; pertencem, portanto, ao sistema do *infectum* ou dos tempos *imperfectos*, isto é, não concluídos.

b) *...fofocas são discretamente difundidas...* Articule outra possibilidade de voz passiva da frase, sem alterar o tempo do verbo.

RESOLUÇÃO:

***...fofocas difundem-se discretamente...* seria a forma da frase na voz passiva sintética ou pronominal, mantendo-se o verbo no presente do indicativo.**

9. (FGV) – Leia a frase: “A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso”. Assinale a alternativa que corresponde exatamente a essa frase.

- a) O Congresso deteve a lei de lucros extraordinários.
- b) Deteu-se no Congresso a lei de lucros extraordinários.
- c) O Congresso deteu a lei de lucros extraordinários.
- d) Deteve-se no Congresso a lei de lucros extraordinários.
- e) A lei de lucros extraordinários era detida no Congresso.

RESOLUÇÃO:

A oração apresentada está na voz passiva analítica e sua passagem para a passiva sintética está correta na alternativa apontada, observando-se a flexão do verbo *deter*, derivado de *ter* (*deteve*), o emprego do pronome apassivador *se* e a concordância do verbo com o sujeito “a lei de lucros extraordinários”.

Resposta: D

10. (FATEC) – Observe que o verbo da oração em destaque está na voz passiva.

Teatros, cinemas e boates foram proibidos de funcionar (...)

Assinale a alternativa cuja expressão verbal destacada se encontra na voz passiva.

- a) A forma mais difundida de paquera entre os sauditas **são** os cafés...
- b) ... o governo da Arábia Saudita **restringiu** alguns hábitos considerados “ocidentalizados” da população...
- c) Na esteira do fechamento dessas casas, **perde-se** uma forma centenária de encontrar um namorado...
- d) A alternativa para quem não **costuma usar** os *sites* de namoro é escrever nome e telefone...
- e) ... **deixá**-los nos vidros dos carros para achar, com a ajuda do destino, um candidato a cara-metade...

RESOLUÇÃO:

Na frase do *caput*, a construção é de voz passiva analítica, ou seja, formada com verbo auxiliar (“foram proibidos”); na alternativa c, a construção é de voz passiva sintética ou pronominal (“perde-se”). No primeiro caso, o sujeito é “teatros, cinemas e boates”; no segundo, “uma forma centenária de encontrar namorado”.

Resposta: C



Aplicações

1. (MACKENZIE) – Assinale a alternativa em que **não** ocorre a voz passiva.

- a) Enraizaram o Mebol de tal forma, nestas terras, que o povo acabou por revesti-lo com o que tem de mais particular e íntimo, que é o idioma.
- b) Bentinho era casmurro. O “Dom” fora acrescentado por um vizinho que lhe atribuía ares de fidalgo.
- c) É verdade que o Edílson foi expulso da Seleção por fazer umas embaixadas lindas, mas fora de hora?
- d) Poucos ganharão muito com a construção da torre de 500 metros de altura a ser levantada no Pari.
- e) De agora em diante, conhecer-se-á Surdulica, na Iugoslávia, como a cidade que perdeu suas crianças, vítimas de uma bomba da OTAN.

RESOLUÇÃO

Em b, a construção passiva ocorre em *fora acrescentado*; em c, em *foi expulso*; em d, em *ser levantada*; em e, em *conhecer-se-á*. Neste último caso, trata-se de voz passiva sintética ou pronominal, ou

seja, formada com o concurso do pronome apassivador ou partícula apassivadora *se*; nos demais, ocorre a voz passiva analítica, ou seja, formada com o emprego de verbo auxiliar (*ser*, em todos os casos).

Resposta: A

2. (MACKENZIE) – “Depois de um ano, **você é considerado** um ex-fumante por muitos pneumologistas.”

Transpondo o trecho acima para a voz ativa, o segmento destacado corresponde a:

- a) pode considerá-lo.
- b) lhe considerarão.
- c) consideram-no.
- d) vão estar considerando-o.
- e) devem considerar-lhes.

RESOLUÇÃO

O sujeito da oração na voz ativa é a expressão “muitos pneumologistas”, portanto o verbo deve ir para a terceira pessoa do plural (*consideram*) e o pronome oblíquo, com função de objeto direto, deve ser de terceira pessoa: o.

Resposta: C

MÓDULO 1

A LÍRICA TROVADORESCA

LEITURA

Texto 1

*Estes meus olhos nunca perderán,
senhor, gran coita, mentr'1 eu vivo for;
e direi-vos, fermosa mia senhor,
destes meus olhos a coita que han2:
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.*

*Guisado tēen de nunca perder
meus olhos coita e meu coração3,
e estas coitas, senhor, mias son,
mais4 os meus olhos, por alguen veer,
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.*

*E nunca já poderei haver ben5,
pois que amor já non quer nen quer Deus;
mais os cativos destes olhos meus
morrerán sempre por veer alguen:
choran e cegan, quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.*
(Joan Garcia de Guilhade, século XIII)

- 1 – Mentr': enquanto.
2 – Han: têm.
3 – Meus olhos e meu coração têm o hábito de nunca deixar de sofrer ("perder... coita").
4 – Mais: mas.
5 – Haver ben: ter prazer.

Texto 2

*– Ai flores, ai flores do verde pinho1,
se sabedes novas2 do meu amigo?
Ai, Deus, e u3 é?*

*Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
Ai, Deus, e u é?*

*Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs4 comigo?
Ai, Deus, e u é?*

*Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que m'a jurado?
Ai, Deus, e u é?*

*Vós me preguntades pelo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é san'e vivo5.
Ai, Deus, e u é?*

*– Vós me preguntades pelo voss'amado?
E eu ben vos digo que é viv'e sano:
Ai, Deus, e u é?*

*E eu ben vos digo que é san'e vivo,
e será vosc'ant'o prazo saído6.
Ai, Deus, e u é?*

*E eu ben vos digo que é viv'e sano,
e será vosc'ant'o prazo passado.
Ai, Deus, e u é?*

(Dom Dinis, séculos XIII-XIV)

- 1 – Pinho: pinheiro. 2 – Novas: notícias. 3 – U: onde. 4 – Pôs: combinou.
5 – San'e vivo: são e vivo. 6 – E estará convosco quando terminar o prazo do serviço militar.

Texto 3

*Ũa dona, non digu'eu qual,
non agoirou ogano mal1:
polas oitavas2 de Natal
ia por sa missa oir3,
e ouv'un corvo carnaçal,
e non quis da casa sair.*

*A dona, mui de coração4,
oíra5 sa missa, enton,
e foi por oir o sarmon,
e vedes que lho foi partir6:
ouve sig'7 un corv'a carón8,
e non quis da casa sair.*

*A dona disse: — Que será?
E i9 o clérigu'10 está já
revestid'e maldizer-m'-á
se me na igreja non vir.
E diss'o corvo: — quá, acá11,
e non quis da casa sair.*

*Nunca taes agoiros vi,
des aquel dia que nasci,
com'aquest'ano ouv'aquí12;
e ela quis provar de s'ir13
e ouv'un corvo sobre si,
e non quis da casa sair.*

(Joan Airas de Santiago, século XIII)

- 1 – Agoirou ogano mal: teve pouco agouro.
2 – Oitavas: missas.
3 – Oir: ouvir.
4 – Mui de coração: de muito boa vontade.
5 – Oíra: ouviria.
6 – Partir: acontecer.
7 – Sig': consigo.
8 – A carón: colado ao corpo.
9 – I: ali (na igreja).
10 – Clérigu': padre.
11 – Quá, acá: aqui, vem cá.
12 – Com'aquest'ano ouv'aquí: como este ano houve aqui.
13 – Provar de s'ir: tentar ir.

Texto 4

*Ai, dona fea! fostes-vos queixar
porque vos nunca louv'en meu trobar;
mais ora¹ quero fazer un cantar
en que vos loarei², toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia³!*

*Ai, dona fea! se Deus me perdon,
e pois havedes tan gran coraçõ
que vos eu loe en esta rason,
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçõ:
dona fea, velha e sandia!*

*Dona fea, nunca vos eu loei
en meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já un bon cantar farei,
en que vos loarei: toda via;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!*

(Joan Garcia de Guilhade, século XIII)

- 1 – Ora: agora.
2 – Loar: louvar.
3 – Sandia: louca.

EXERCÍCIOS

Releia a seguir o texto 3 da seção Leitura e responda ao que se pede.

*Õa dona, non digu'eu qual,
non agoirou ogano mal¹:
polas oitavas² de Natal
ia por sa missa oir³,
e ouv'un corvo carnaçal,
e non quis da casa sair.*

*A dona, mui de coraçõ⁴,
oíra⁵ sa missa, entõ,
e foi por oir o sarmon,
e vedes que lho foi partir⁶:
ouve sig⁷ un corv'a carón⁸,
e non quis da casa sair.*

*A dona disse: — Que será?
E i⁹ o clérigu¹⁰ está já
revestid'e maldizer-m'-á
se me na igreja non vir.
E diss'o corvo: — quá, acá¹¹,
e non quis da casa sair.*

*Nunca taes agoiros vi,
des aquel dia que nasci,
com'aquest'ano ouv'aquí¹²;
e ela quis provar de s'ir¹³
e ouv'un corvo sobre si,
e non quis da casa sair.*

(Joan Airas de Santiago, século XIII)

- 1 – Agoirou ogano mal: teve pouco agouro.
- 2 – Oitavas: missas.
- 3 – Oir: ouvir.
- 4 – Mui de coraçõ: de muito boa vontade.
- 5 – Oíra: ouviria.
- 6 – Partir: acontecer.
- 7 – Sig': consigo.
- 8 – A carón: colado ao corpo.
- 9 – I: ali (na igreja).
- 10 – Clérigu': padre.
- 11 – Quá, acá: aqui, vem cá.
- 12 – Com'aquest'ano ouv'aquí: como este ano houve aqui.
- 13 – Provar de s'ir: tentar ir.

1. Há duas histórias no poema, uma aparente e outra encoberta.
a) Resuma brevemente a história aparente.

RESOLUÇÃO:

A história aparente é a de uma mulher que deixa de ir à missa por medo do mau agouro devido à presença de um corvo.

- b) Resuma brevemente a outra história, aquela que é apenas sugerida.

RESOLUÇÃO:

A outra história, encoberta, é a de uma mulher que não vai à missa para satisfazer os desejos de um amante ávido.

Texto para as questões 2 e 3.

*Senhor fremosa, pois me non queredes
creer a coita en que me ten amor,
por meu mal é que tan ben parecedes
e por meu mal vos filhei por senhor,
e por meu mal tan muito ben ói
dizer de vós, e por meu mal vos vi,
pois meu mal é quanto ben vós havedes.*

crer no sofrimento
sois tão bela
tomei por amada
ouvi
todas as qualidades
[que tendes
(Martim Soares)

2. O texto transcrito pertence a uma cantiga de amor ou a uma cantiga de amigo? Justifique sua resposta com elementos do texto.

RESOLUÇÃO:

Pertence a uma cantiga de amor. Essa modalidade expressa uma visão aristocrática do amor, segundo as regras e valores da corte feudal. O trovador homenageia a amada, que é tratada como suserana, enquanto o cavaleiro age como vassalo (esse aspecto é explicitado já no primeiro verso: “Senhor fremosa...”). Outro elemento presente nas cantigas de amor é a coita ou sofrimento amoroso: “Senhor fremosa, pois me non queredes / creer a coita en que me ten amor”.

3. A expressão “meu mal”, repetida ao longo da estrofe, sugere
- confusão por parte do eu lírico, que entende como um mal aquilo que, na verdade, é um bem.
 - tom de lamento e desolação, já que o eu lírico sofre por não ser correspondido no amor.
 - possessividade, o que se comprova pelo emprego exaustivo do pronome possessivo *meu*.
 - arrependimento, já que o eu lírico escolheu por *senhor* uma mulher fora dos padrões aristocráticos.
 - pessimismo, visto que o eu lírico enfatiza apenas aspectos negativos da mulher amada.

RESOLUÇÃO:

O amor não correspondido consiste numa característica da cantiga de amor e justifica a coita ou sofrimento amoroso.

Resposta: B

Texto para o teste 4.

*Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, se verrá cedo!*

virá

*Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
e ai Deus, se verrá cedo!*

*Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
e ai Deus, se verrá cedo!*

aquele pelo qual

*Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
e ai Deus, se verrá cedo!*

tenho grande
(Martim Codax)

4. (MACKENZIE-SP – modificado) – Com relação ao texto, é **incorreto** dizer que

- justifica a presença de recursos estilísticos que contribuem para o caráter musical do poema o fato de, no contexto em que ele foi produzido, a literatura ser veiculada oralmente.
- a estrutura formal do texto é *paralelística*, porque nele os versos se repetem sistematicamente, com pequenas variações que envolvem as rimas.
- sua musicalidade advém exclusivamente da regularidade das rimas emparelhadas e da presença do refrão.
- se trata de uma cantiga de amigo, uma *marinha*, em que uma mulher indaga ao mar o paradeiro do “amigo”.
- se insere em um contexto em que a poesia se fazia acompanhar de instrumentos musicais.

RESOLUÇÃO:

Há diversos outros fatores de musicalidade no poema transcrito, além dos mencionados na alternativa c. Não só as rimas e o refrão contribuem para a musicalidade dessa composição, mas também o paralelismo sintático e métrico, as aliterações (em *d* e em *m*) etc.

Resposta: C

MÓDULO 2

A POESIA PALACIANA

LEITURA

Texto 1

TROVA À MANEIRA ANTIGA

*Comigo me desavim¹,
sou posto em todo perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.*

*Com dor, da gente fugia,
antes que esta assim crescesse;
agora já fugiria
de mim, se de mim pudesse.
Que meio espero ou que fim
do vão trabalho que sigo,
pois que trago a mim comigo,
tamanho imigo² de mim?*

(Sá de Miranda)

1 – *Desavir*: desentender, desencontrar.

2 – *Imigo*: forma arcaica de *inimigo*.

Texto 2

*Entre mim mesmo e mim
não sei [o] que s'alevantou¹
que tão meu imigo sou.*

*Uns tempos com grand'engano
vivi eu mesmo comigo,
agora, no mor² perigo,
se me descobre o mor dano.
Caro custa um desengano,
e pois m'este não matou,
quão caro que me custou!*

*De mim me sou feito alheio;
entre o cuidado e cuidado
está um mal derramado
que por mal grande me veio.
Nova dor, novo receio
foi este que me tomou
assi³ me tem, assi estou.*

(Bernardim Ribeiro)

1 – Alevantar: erguer. 2 – Mor: maior. 3 – Assi: assim.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 3.

*Senhora, partem tam tristes
meus olhos por vós, meu bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

tão

*Tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partida,
tam cansados, tam chorosos,
da morte mais desejosos
cem mil vezes que da vida.*

*Partem tam tristes os tristes,
tam fora d'esperar bem,
que nunca tam tristes vistes
outros nenhuns por ninguém.*

1. O poema acima, de João Ruiz de Castelo Branco, representa um novo estilo de poesia, desligada da música, destinada à leitura e à declamação, e não mais ao canto. A musicalidade, agora, depende apenas da sonoridade e dos ritmos das palavras, associados a outros recursos literários, como os jogos de imagens e figuras de linguagem. Desses elementos, identifique, no texto,

a) uma *aliteração* (repetição de consoante) e

RESOLUÇÃO:

Há aliteração do /t/ por todo o poema, principalmente na primeira e na terceira estrofes, e também sibilância ou aliteração do /s/. [O fonema /s/ corresponde ao som “cê”, representado pela letra c em “cem” e pela letra s antes de consoante e no fim das palavras. Observar que o s entre vogais não é /s/ (“cê”), mas /z/ (“zê”), como em /saudozos/ e /xorozos/].

b) uma *hipérbole* (expressão exagerada).

RESOLUÇÃO:

“da morte mais desejosos / cem mil vezes que da vida”.

2. “Os olhos são as janelas da alma”, afirma um dito tradicional. Por que se pode dizer que, no poema transcrito, está implícita a mesma ideia?

RESOLUÇÃO:

Porque, no poema, os olhos substituem o sujeito, representando-se nas lágrimas o sofrimento da separação.

3. Apesar de não ser uma composição do Trovadorismo, o poema apresenta um ponto em comum com essa escola literária, no que se refere ao tratamento que é dispensado à figura feminina. Explique como isso ocorre.

RESOLUÇÃO:

Tanto no Trovadorismo como no poema em análise, a mulher é tratada por “senhora”, o que mostra uma tendência à submissão do eu lírico à mulher amada.

- M. *E qual será a desastrada
que atende⁹ em vosso amor,*
- V. *Ó minh'alma e minha dor,
quem vos tivesse furtada¹⁰!*
- M. *Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
cuidará que estais vós vivo,
ou que estais para viver¹¹!*
- V. *Vivo não no quero ser,
mas cativo!*
- M. *Vossa alma não é lembrada
que vos despede esta vida?*
- V. *Vós sois minha despedida,
minha morte antecipada.*
- M. *Que galante!
Que rosa! Que diamante!
Que preciosa perla¹² fina!*
- V. *Ó Fortuna¹³ triunfante!
Quem meteu um velho amante¹⁴
com menina!*

- 1 – Cheiros: temperos.
2 – Não al?: não por outro motivo?
3 – Siso: juízo.
4 – Ratinho: empregado.
5 – Prática: conversa.
6 – De sobreposse: posição.
7 – Posse: energia.
8 – Metade: metade da idade.
9 – Atender: atentar, “dar bola”.
10 – Furtado: raptado.
11 – Estais para viver: viver longamente.
12 – Perla: pérola.
13 – Fortuna: Destino.
14 – Amante: apaixonado.

Texto 2

AUTO DA BARCA DO INFERNO

O primeiro entrelocutor é um FIDALGO que chega com um Pajem, que lhe leva um rabo mui comprido e ùa cadeira de espaldas. E começa o Arrais do Inferno ante que o Fidalgo venha.

- Dia. *À barca, à barca, houlá!
que temos gentil maré!* boa, propícia
Ora venha o carro à ré!
- Com. *Feito, feito!*
- Dia. *Bem está!
Vai tu muitieramá,* em muito má hora
atesa aquele palanco corda que prende a vela
e despeja aquele banco, desocupa
pera a gente que virá.
- À barca, à barca, hu-u!*
Asinha, que se quer ir! depressa
Oh, que tempo de partir,
louvares a Berzebu! Belzebu, o Diabo
Ora, sus! que fazes tu? eia
Despeja todo esse leito!
- Com. *Em boa hora! Feito, feito!*
- Dia. *Abaixa aramá esse cu!* trabalha com cuidado!

- Faze aquela poja lesta* cabo – frouxa
e alija aquela driça. alivia – corda para içar velas
- Com. *Oh-oh, caça! Oh-oh, iça, iça!* levanta a vela
- Dia. *Oh, que caravela esta!
Põe bandeiras, que é festa.
Verga alta! Âncora a pique!
Ó poderoso dom Anrique,
cá vindes vós?... Que cousa é esta?...*

Vem o FIDALGO e, chegando ao batel infernal, diz:

- Fid. *Esta barca onde vai ora,
que assi está apercebida?* aparelhada
- Dia. *Vai pera a ilha perdida,* Inferno
e há de partir logo ess'ora.
- Fid. *Pera lá vai a senhora?* (o F. toma o D. por mulher)
- Dia. *Senhor, a vosso serviço.* (o D. corrige o F.)
- Fid. *Parece-me isso cortiço...*
- Dia. *Porque a vedes lá de fora.*

- Fid. *Porém, a que terra passais?*
- Dia. *Pera o Inferno, senhor.*
- Fid. *Terra é bem sem-sabor.* sem graça
- Dia. *Quê?... E também cá zombais?*
- Fid. *E passageiros achais
pera tal habitação?*
- Dia. *Vejo-vos eu em feição* com o jeito adequado
pera ir ao nosso cais...

- Fid. *Parece-te a ti assi!*
- Dia. *Em que esperas ter guarida?* proteção
- Fid. *Que leixo na outra vida* deixo
quem reze sempre por mi.
- Dia. *Quem reze sempre por ti?!...
Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...
E tu viveste a teu prazer,
cuidando cá guarecer* salvar-se
porque rezam lá por ti?!...

- Embarcai! Hou! Embarcai,
que haveis de ir à derradeira!* afinal
Mandai meter a cadeira, pôr no barco
que assi passou vosso pai.
- Fid. *Quê? Quê? Quê? Assi lhe vai?* essa é a situação dele?
- Dia. *Vai ou vem, embarcai prestes!* rápido
*Segundo lá escolhestes,
assi cá vos contentai.*

- Pois que já a morte passastes,
haveis de passar o rio.*
- Fid. *Não há aqui outro navio?*
- Dia. *Não, senhor, que este fretastes,
e primeiro que expirastes
me destes logo o sinal.*
- Fid. *Que sinal foi esse tal?*
- Dia. *Do que vós vos contentastes.*
(...)

1. (PUC-SP – modificado) – Gil Vicente escreveu o *Auto da Barca do Inferno* em 1517, no momento em que eclodia na Alemanha a Reforma Protestante, com a crítica veemente de Lutero ao mau clero dominante na Igreja. Nessa obra, há a figura do Frade, severamente censurado como um sacerdote negligente. Indique a alternativa cujo conteúdo **não** se presta a caracterizar, na referida peça, os erros cometidos por essa personagem.

- Não cumprir os votos de celibato, mantendo a concubina Florença.
- Entregar-se a práticas mundanas, como a dança.
- Praticar esgrima e usar armamentos de guerra, proibidos aos clérigos.
- Transformar a religião em manifestação formal, ao automatizar os ritos litúrgicos.
- Praticar a avareza, como cúmplice do Fidalgo, e a exploração da prostituição, em parceria com a Alcoviteira.

RESOLUÇÃO:

Não há indicação no texto vicentino de que houvesse cumplicidade entre o Frade e o Fidalgo na prática da avareza, nem de que fosse parceiro de Brísida Vaz na exploração da prostituição. Não consta que o Frade tirasse proveito financeiro do fornecimento de “meninas”, as quais a alcoviteira reservava para os “cônegos da Sé”.

Resposta: E

2. No Inferno da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri (1265-1321), as almas dos condenados acham-se enredadas nos mesmos pecados que praticavam em vida: os arrogantes estão afundados em sua arrogância, os maldizentes estão envolvidos em uma língua de fogo etc. No Inferno de Gil Vicente ocorre algo semelhante: os pecadores não se desligam dos objetos de seus pecados. Explique e dê exemplos.

RESOLUÇÃO:

Os condenados de Gil Vicente são, todos, de tal forma apegados aos objetos de seus pecados, que os levam para o outro mundo. Assim, o Fidalgo chega acompanhado de um pajem, que segura a cauda da luxuosa vestimenta do nobre e carrega uma cadeira, de que o Fidalgo se faz acompanhar — ou seja, este último vai para a morte cercado daquilo que caracterizou sua vida de altivez, arrogância e riqueza. Da mesma forma, o Frade traz a moça, que representa a devassidão moral do religioso, e a espada, que simboliza a sua vida cortesã; o Sapateiro carrega as fôrmãs e o avental que lhe serviram, em seu ofício, para explorar seus clientes; o Corregedor chega ao “cais das almas” sobraçando os volumes dos processos que julgava de maneira corrupta, pois aceitava propinas em troca de suas sentenças; a Alcoviteira vem provida de himens postiços, todo um armário de mentiras e outros instrumentos de ilusão; o Onzeneiro leva o seu bolsão de dinheiro; o Judeu carrega a cabra que era tida como símbolo de sua religião.

3. (PUC-SP) – O teatro de Gil Vicente caracteriza-se por ser fundamentalmente popular. E essa característica manifesta-se, particularmente, em sua linguagem poética, como ocorre no trecho a seguir, do *Auto da Barca do Inferno*.

*Ó Cavaleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo o mal,
Mártires da Madre Igreja,
Que quem morre em tal peleja
Merece paz eternal.*

No texto, fala final do Anjo, temos no conjunto dos versos

- variação de ritmo e quebra de rimas.
- ausência de ritmo e igualdade de rimas.
- alternância de redondilho maior e menor e simetria de rimas.
- emprego de redondilho menor e rimas opostas e emparelhadas.
- igualdade métrica e uniformidade no esquema de rimas.

RESOLUÇÃO:

Os versos são todos redondilhos maiores (sete sílabas métricas) e as rimas repetem o mesmo esquema de interpolação: ABBACDDC.

Resposta: E

4. (FUVEST-SP) – Considere as seguintes afirmações sobre o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente:

- O auto atinge seu clímax na cena do Fidalgo, personagem que reúne em si os vícios das diferentes categorias sociais anteriormente representadas.
- A descontinuidade das cenas é coerente com o caráter didático do auto, pois facilita o distanciamento do espectador.
- A caricatura dos tipos sociais presentes no auto não é gratuita nem artificial, mas resulta da acentuação de traços típicos.

Está correto **apenas** o que se afirma em

- I.
- II.
- II e III.
- I e II.
- I e III.

RESOLUÇÃO:

A afirmação I é falsa, pois o auto não atinge seu clímax na cena do Fidalgo, e, além disso, essa personagem não reúne em si os vícios das categorias anteriormente representadas.

O Fidalgo simboliza apenas a aristocracia arrogante, opressiva, pretensiosa e é a primeira personagem a entrar na barca do Inferno.

As afirmações II e III apresentam características fundamentais do teatro de Gil Vicente: o caráter didático-moral do auto e a presença de tipos sociais caricaturados, isto é, deformados pelo exagero.

Resposta: C

MÓDULO 4

A MEDIDA NOVA – LUÍS DE CAMÕES

LEITURA

Texto 1

DESCALÇA VAI PARA A FONTE

MOTE

*Descalça vai para a fonte
Lianor pela verdura¹;
Vai formosa, e não segura.*

VOLTAS

*Leva na cabeça o pote,
O testo² nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote³;
Traz a vasquinha⁴ de cote⁵,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.*

*Descobre a touca a garganta,
Cabelos de ouro o trançado,
Fita de cor de encarnado⁶,
Tão linda que o mundo espanta!
Chove nela graça tanta,
Que dá graça à formosura;
Vai formosa, e não segura.*

1 – Verdura: vegetação.

2 – Testo: tampa do pote.

3 – Chamalote: tecido de lã e seda.

4 – Vasquinha: saia de vestir por cima de toda a roupa, com muitas pregas na cintura.

5 – De cote: de uso diário.

6 – Encarnado: vermelho.

Texto 2

ESPARSA AO DESCONCERTO DO MUNDO

*Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E, para mais me espantar,
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mal ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que só para mim
Anda o mundo concertado.*

Texto 3

*Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

Texto 4

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

EXERCÍCIOS

Texto para as questões 1 e 2.

*Quando da bela vista e doce riso
Tomando estão meus olhos mantimento¹,
Tão enlevado sinto o pensamento,
Que me faz ver na terra o Paraíso.*

*Tanto do bem humano estou diviso²,
Que qualquer outro bem julgo por vento;
Assi que em caso tal, segundo sento³,
Assaz de pouco faz quem perde o siso.*

*Em vos louvar, Senhora, não me fundo⁴,
Porque quem vossas cousas claro sente,
Sentirá que não pode merecê-las.*

*Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não é d'estranyar, Dama excelente,
Que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas.*

(Camões, ed. A.J. da Costa Pimpão)

1 – Tomando mantimento: alimentando-se, tomando consciência.

2 – Estou diviso: estou separado, apartado.

3 – Sento: sinto.

4 – Não me fundo: não me empenho.

1. (FUVEST-SP – adaptada) – Aponte duas características deste poema que o filiam ao Classicismo, explicando-as sucintamente.

RESOLUÇÃO:

A forma fixa do soneto petrarquista, pela disposição estrófica em dois quartetos e dois tercetos, e a métrica decassilábica (a *medida nova*) são os dois traços mais evidentes da Escola Clássica, imediatamente perceptíveis. Mas há mais: a sintaxe opulenta, com hipérbatos (inversões) frequentes, a seleção vocabular, a contensão emocional, o desenvolvimento lógico etc.

2. (FUVEST-SP – adaptada) – Caracterize brevemente a concepção de mulher que este poema apresenta.

RESOLUÇÃO:

Camões concebe a mulher não como uma companheira humana, mas como um ser angélico que sublima e apura a alma do amante. Iluminada por uma luz sobrenatural que lhe transfigura as feições carnis, a beleza feminina converte-se numa imitação da Beleza plena, pura, que leva ao “mundo das ideias” e à divindade. É o que o eu lírico deixa patente na chave de ouro do soneto: apontando a distância entre a “Senhora” e as coisas terrenas, contempla-a expressamente como criatura divina: “...não é d’estrnhar, Dama excelente, / que quem vos fez, fizesse Céu e estrelas”.

Texto para os testes 3 e 4.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve), as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E, enfim, converte em choro o doce canto.*

*E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.*

maior
costumava
(Camões)

Nos testes 3 e 4, leia as afirmações I, II e III e assinale a alternativa correta.

3. I. No poema, reconhece-se como único estado de todas as coisas a mudança.
- II. Como o tempo não permite que nada fique como é, do mal presente sempre resulta o bem futuro.
- III. A mudança das coisas afeta até a própria mudança, pois esta já não se dá como antes.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) I e III, apenas. c) II e III, apenas.
d) I, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

4. I. O tema da inconstância da vida é expresso por meio de antíteses: “mal” x “bem”, “verde manto” x “neve fria”, “choro” x “doce canto”.
- II. Embora a própria mudança possa variar, ela é contínua e está presente em tudo.
- III. Na terceira estrofe há uma metáfora (“O tempo cobre o chão de verde manto”) e uma sinestesia (“doce canto”).

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas. b) I e III, apenas. c) II e III, apenas.
d) I, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

OS LUSÍADAS – I

LEITURA

Texto 1

PROPOSIÇÃO

As armas e os barões¹ assinalados,
Que, da Ocidental praia Lusitana²,
Por mares nunca dantes navegados³,
Passaram ainda além da Taprobana⁴,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota⁵ edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram⁶.

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando⁷
A Fé, o Império, e as terras viciosas⁸
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando⁹:
Cantando espalharei¹⁰ por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

- 1 – Armas: guerras; barões: varões.
- 2 – Portugal é o país mais ocidental da Europa.
- 3 – Verso célebre, muito repetido.
- 4 – Taprobana: Ceilão (hoje Sri Lanka), ponto-limite primeiro ultrapassado pelos portugueses.
- 5 – Gente remota: povos distantes.
- 6 – Sublimar: elevar, enaltecer.
- 7 – Dilatar: ampliar, ou seja, espalhar pelo mundo.
- 8 – A Fé, o Império: O Cristianismo e o Império português; terras viciosas: países não cristãos.
- 9 – Se vão da lei da Morte libertando: Vão-se tornando imortais, porque serão sempre lembrados.
- 10 – Cantando espalharei: nessa expressão está o verbo principal, do qual tudo o que veio antes é objeto.

Texto 2

INVOCAÇÃO

E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente¹,
Se sempre, em verso humilde, celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Por que de vossas águas Febo² ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene³.

- 1 – Engenho ardente: refere-se à inspiração épica (heroica).
- 2 – Febo: Apolo, deus do Sol e aquele que preside as musas.
- 3 – Hipocrene: fonte que o cavalo alado Pégaso fez brotar no Hélicon. Quem bebesse de suas águas se tornaria poeta.

Texto 3

DEDICATÓRIA

E, enquanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
Dareis matéria a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exércitos e feitos singulares
De África as terras e do Oriente os mares.

Texto 4

NARRAÇÃO

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca espuma¹ os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas²,
Que do gado de Próteu³ são cortadas,

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em consílio⁴ glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente.
(...)

- 1 – Escuma: espuma.
- 2 – Consagrado: sagrado, santificado.
- 3 – Próteu: deus marinho, guardador do gado de Netuno. Tinha o dom de tomar todas as formas possíveis.
- 4 – Consílio: conselho, assembleia.

Texto 5

EPÍLOGO

Não mais, Musa¹, não mais, que a Lira tenho
Destemperada² e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida³.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

- 1 – Musa: Camões dirige-se novamente a suas inspiradoras, as Tágides, para informá-las de que vai parar o poema, não porque se tivesse cansado do canto, mas porque sente falta do maior estímulo à sua poesia: o reconhecimento do povo, da pátria.
- 2 – Destemperado: desafinado.
- 3 – Gente surda e endurecida: o povo português. Para alguns críticos, Camões refere-se apenas àquela parcela corroída pela ganância e pelo individualismo. Para outros, o sentido da crítica é mais amplo e atinge toda a Nação, entregue ao obscurantismo religioso (a Contrarreforma), ao autoritarismo político (o Absolutismo), à decadência econômica e à retórica pedante e esterilizante da ignorância e do medo.

EXERCÍCIOS

1. Identifique, pelo fragmento transcrito, a parte estrutural de *Os Lusíadas*, sendo:

- A – se for a Proposição do poema;
- B – se for a Invocação às Tágides;
- C – se for a Dedicatória a D. Sebastião;
- D – se for o início da Narração do poema e
- E – se for o Epílogo.

- I. () *Vós, tenro e novo ramo florescente,
De uma árvore, de Cristo mais amada
Que nenhuma nascida no Ocidente,
Cesárea ou Cristianíssima chamada,
Vede-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a vitória já passada.*
- II. () *E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*
- III. () *Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando.*
- IV. () *Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda.*
- V. () *Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.*

RESOLUÇÃO:

I: C; II: A; III: D; IV: B e V: E.

Texto para as questões 2 e 3.

*Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram:
Cale-se de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.*

2. (VUNESP-SP – adaptada) – A oitava transcrita constitui a terceira estrofe de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, poema épico publicado em 1572, obra máxima do Classicismo português. O tipo de verso que Camões empregou é de origem italiana e fora introduzido na literatura portuguesa, algumas décadas antes, por Sá de Miranda. Quanto ao conteúdo, o poema *Os Lusíadas* toma como ponto de referência um episódio da História de Portugal. Com base nesses comentários e em seus próprios conhecimentos, releia a estrofe transcrita e indique o tipo de verso utilizado (pode mencionar simplesmente o número de sílabas métricas).

RESOLUÇÃO:

O tipo de verso utilizado é o decassílabo heroico (acento tônico na 6.^a e 10.^a sílabas), alternado algumas vezes com o decassílabo sáfico (acentos na 4.^a, 8.^a e 10.^a sílabas).

3. (VUNESP-SP) – Indique o episódio da História de Portugal que serve de núcleo narrativo ao poema.

RESOLUÇÃO:

Trata-se da viagem de Vasco da Gama às Índias, momento decisivo na história das grandes navegações e descobrimentos.

Texto para o teste 4.

*No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida;
Na terra, tanta guerra, tanto engano.
Tanta necessidade aborrecida!
Onde pode acolher-se um fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno?*

(*Os Lusíadas*)

4. (FUVEST-SP) – Nesta estrofe, Camões

- a) exalta a coragem dos homens que enfrentam os perigos do mar e da terra.
- b) considera quanto o homem deve confiar na providência divina, que o ampara nos riscos e adversidades.
- c) lamenta a condição humana ante os perigos, sofrimentos e incertezas da vida.
- d) propõe uma explicação a respeito do destino do homem.
- e) classifica o homem como um bicho da terra, dada a sua agressividade.

RESOLUÇÃO:

A estrofe versa sobre a impotência do homem, que, no mar e na terra, encontra perigos e sofrimentos, devendo ainda submeter-se à cólera divina, que se arma e se indigna “contra um bicho da terra tão pequeno”.

Resposta: C

MÓDULO 6

OS LUSÍADAS – II

LEITURA

Texto 1

EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO

(fragmento)

*Passada esta tão próspera vitória¹,
Tornado Afonso à Lusitana Terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste e digno da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.*

(III, 118)

*Tu, só tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta² morte sua,
Como se fora³ pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga⁴,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras⁵ banhar em sangue humano.*

(III, 119)

*Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto⁶,
Naquele engano⁷ da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna⁸ não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego⁹,
De teus formosos olhos nunca enxuto¹⁰,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.*

(III, 120)

*Do teu Príncipe ali te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite, em doces sonhos que mentiam,
De dia, em pensamentos que voavam;
E quanto, enfim, cuidava e quanto via
Eram tudo memórias de alegria.*

(III, 121)

*De outras belas senhoras e Princesas
Os desejados tálamos enjeita,
Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo e a fantasia
Do filho, que casar-se não queria,*

(III, 122)

*Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue só da morte indina¹¹
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro¹², fosse alevantada
Contra hũa fraca dama delicada?*

(III, 123)

(...)

*Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
(Se de humano é matar uma donzela,
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencê-la),
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens à morte escura dela;
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.*

(III, 127)

1 – Esta... vitória: refere-se à vitória dos cristãos na Batalha do Salado.

2 – Molesto: lastimoso, lamentável.

3 – Fora: fosse.

4 – Mitigar: abrandar.

5 – Ara: altar.

6 – Fruto: fruto.

7 – Engano: êxtase, enlevo.

8 – Fortuna: na crença dos antigos, deusa que presidia ao bem e ao mal; destino, fado.

9 – Mondego: rio que banha Coimbra.

10 – Enxuto: enxuto.

11 – Indino: indigno.

12 – Mauro: mouro.

Texto 2

EPISÓDIO DO VELHO DO RESTELO

(fragmento)

*Mas um velho, de aspecto venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto¹ peito:*

(IV, 94)

*“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiaça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas²!*

(IV, 95)

(...)

*Não tens junto contigo o Ismaelita³,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Arábio a Lei maldita,
Se tu pola⁴ de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não é ele por armas esforçado,
Se queres por vitórias ser louvado?*

(IV, 100)

*Deixas criar as portas o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe!
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a Fama te exalte e te lisonje
Chamando-te senhor com larga cópia,
Da Índia, Pérsia, Arábia e Etiópia.*

(IV, 101)

*Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho⁵!
Digno da eterna pena do Profundo⁶,
Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!
Nunca juízo algum, alto e profundo,
Nem cítara sonora de vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória,
Mas contigo se acabe o nome e glória!*

(IV, 102)

*Trouxe o filho de Jápeto⁷ do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano!).
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que a movera!*

(IV, 103)

*Não cometera o moço miserando⁸
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande arquitecto co filho⁹, dando,
Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio.
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração.
Mísera sorte! Estranha condição!”*

(IV, 104)

1 – *Experto*: experiente, sábio.

2 – *Exrimentas*: experimentas.

3 – *Ismaelita*: referente a Ismael, filho de Abraão, segundo o Velho Testamento.

4 – *Pola*: pela.

5 – *Seco lenho*: embarcação, navio.

6 – *Profundo*: inferno.

7 – *Filho de Jápeto*: Prometeu.

8 – *Miserando*: digno de pena.

9 – *Grande arquitecto com o filho*: Dédalo (da mitologia grega) e seu filho, Ícaro.

EXERCÍCIOS

1. O episódio de Inês de Castro pode ser interpretado de forma simbólica? Esclareça.

RESOLUÇÃO:

Sim, pois uma interpretação possível é que o amor de Inês e Pedro representa os interesses do indivíduo, que, no caso, se chocam com os interesses de Estado. Estes últimos acabam se sobrepondo aos primeiros de forma cruel. Em outras palavras: os interesses coletivos (ou de Estado) podem destruir os interesses individuais e os indivíduos, em nome de um bem superior. (O casamento do príncipe era uma questão de Estado, já que afetava a vida de todo o país.) Por fim, pode-se ainda dizer que Inês de Castro simboliza o amor passional.

2. Pode-se dizer que, em *Os Lusíadas*, comparecem tanto o “maravilhoso pagão” como o “maravilhoso cristão”? Por quê?

RESOLUÇÃO:

Sim, pois a expressão “maravilhoso pagão” diz respeito à mitologia greco-latina presente na trama do poema, com deuses que favorecem ou prejudicam os navegantes portugueses. O “maravilhoso cristão” diz respeito à religião professada pelo poeta e também presente no material mítico do poema.

Texto para os testes 3 e 4.

*Converte-se-me a carne em terra dura;
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam.
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os deuses; e, por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.*

(Camões, *Os Lusíadas*)

3. (PUC/SENAC-SP – modificado) – A epopeia camoniana *Os Lusíadas* estrutura-se em episódios, dos quais “O Gigante Adamastor” é um dos mais significativos. A estrofe acima representa o clímax narrativo do episódio, rico em elementos mitológicos, marcado por rigorosa elaboração literária. Essa estrofe tem por tema central

- a batalha de Adamastor contra Vasco da Gama, para impedi-lo de seguir caminho para as Índias.
- o castigo imposto pelos deuses a Adamastor, transformando-o em um grande rochedo.
- a luta dos deuses pagãos que queriam o naufrágio dos portugueses.
- a ação de Tétis, deusa das águas, que se apaixonou por Adamastor.
- a vitória dos portugueses, que conseguem transpor o Cabo das Tormentas, vencendo os perigos do mar.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

4. (ESANSP-SP – modificado) – A figura de linguagem que compõe o texto é o(a)

- polissíndeto: emprego reiterado de uma conjunção coordenativa, em especial as aditivas.
- prosopopeia: atribuição de vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais; espécie de animismo.
- paronomásia: emprego de vocábulos semelhantes na forma, mas diferentes ou apenas aparentados no sentido.
- metonímia: emprego de um vocábulo por outro, com o qual se estabelece uma constante e lógica relação de contiguidade.
- aliteração: repetição de um mesmo fonema consonantal ou de fonemas consonantais parecidos, visando-se efeito estilístico.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 7

BARROCO

LEITURA

Texto 1

*A serpe¹, que adornando várias cores²,
Com passos mais oblíquos³, que serenos,
Entre belos jardins, prados amenos,
É maio errante de torcidas flores⁴;*

*Se quer matar da sede os desfavores⁵,
Os cristais⁶ bebe coa peçonha⁷ menos,
Por que, não morra cos mortais venenos,
Se acaso gosta dos vitais licores⁸.*

*Assim também meu coração queixoso,
Na sede ardente do feliz cuidado
Bebe cos olhos teu cristal⁹ feroso;*

*Pois para não morrer no gosto amado,
Depõe logo o tormento venenoso,
Se acaso gosta o cristalino agrado¹⁰.*

(Manuel Botelho de Oliveira)

1 – *Serpe*: cobra, serpente. 2 – *Adornando várias cores*: perífrase de “colorida”. 3 – *Passos... oblíquos*: coleante, como o movimento da serpente. 4 – *É maio errante de torcidas flores*: multicolorida, a serpe é tão colorida quanto a primavera (maio, na Europa); *torcidas flores* sugere a imagem de cores em espiral, pelo movimento coleante da serpente. 5 – *Se quer matar da sede os desfavores*: perífrase de “se quer beber água”. 6 – *Cristais*: metáfora de “água”. 7 – *Peçonha*: veneno; *os cristais bebe coa peçonha menos* – bebe água, mas sem o veneno que nela se deposita. 8 – *Gostar*: beber, provar. 9 – *Vitais licores*: água. 10 – *Cristal*: brilho, beleza. 11 – *Feroso*: formoso. 12 – *Gosta o cristalino agrado*: aqui o verbo *gostar* está em lugar de *ver*; “vê o rosto amado”.

Texto 2

ACHANDO-SE UM BRAÇO PERDIDO DO MENINO DEUS DE N. S. DAS MARAVILHAS, QUE DESACATARAM INFIÉIS NA SÉ DA BAHIA

*O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo o todo.*

*Em todo o Sacramento está Deus todo,
E todo assiste inteiro em qualquer parte,
E feito em partes todo em toda a parte,
Em qualquer parte sempre fica o todo.*

*O braço de Jesus não seja parte,
Pois, que feito Jesus em partes todo,
Assiste cada parte em sua parte.*

*Não se sabendo parte deste todo,
Um braço que lhe acharam, sendo parte,
Nos diz as partes todas deste todo.*

(Gregório de Matos)

Texto 3

VOS ESTIS SAL TERRAE – Math., V, 13

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem: ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal. (...)

(Padre Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

A UMA AUSÊNCIA

*Sinto-me, sem sentir, todo abrasado
No rígoroso fogo que me alenta;
O mal, que me consome, me sustenta;
O bem, que me entretém, me dá cuidado.
Ando sem me mover, falo calado;*

*O que mais perto vejo, se me ausenta,
E o que estou sem ver, mais me atormenta;
Alegro-me de ver-me atormentado.*

*Choro no mesmo ponto em que me rio;
No mor risco me anima a confiança;
Do que menos se espera estou mais certo.*

*Mas se de confiado desconfo,
É porque, entre os receios da mudança,
Ando perdido em mim como em deserto.*

(Antônio Barbosa Bacelar)

1. Por que se pode dizer que o soneto transcrito é representativo da estética barroca em sua vertente cultista?

RESOLUÇÃO:

É tipicamente cultista a definição do amor ou do estado amoroso por meio do jogo de antíteses em que os termos se contrariam uns aos outros (figura de linguagem chamada *oxímoro*). Outro elemento frequente na poesia cultista é a imagem da paixão amorosa como fogo.

Texto para as questões 2 e 3.

*Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas, a alegria.*

*Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?*

*Mas, no Sol e na Luz, falte a firmeza,
Na formosura, não se dê constância
E, na alegria, sinta-se tristeza.*

*Começa o mundo enfim pela ignorância
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.*

(Gregório de Matos)

2. (FATEC-SP) – Assinale a alternativa que aponta a afirmação correta sobre o que se lê no poema.

- a) O texto afirma que a alegria é encontrada em contínuas tristezas, devido ao desapontamento sentido pelo poeta diante do curso seguido pelas forças naturais, tais como o findar do dia e o início da noite.
- b) O alternar de dias e noites serve de expressão a um estranho desejo do poeta de que, na tristeza, se desfrutem as alegrias e, nas sombras da noite, a formosura do dia.
- c) O tema central do soneto de Gregório de Matos revela-se em sua última estrofe e pode ser definido como uma reflexão acerca da transitoriedade dos bens do mundo, cuja última firmeza é a inconstância.
- d) O poema focaliza e acentua a ignorância do ser humano, que, ao vivenciar a alegria, não sabe retê-la, preferindo, como o Sol, esconder-se nos próprios sofrimentos.
- e) O poema toca também na questão da inocência, pois, ao falar do mundo que se inicia pela ignorância, está fazendo referência à pureza primordial da infância, que se opõe à degradação dos bens materiais.

RESOLUÇÃO:

O paradoxo contido na chave de ouro revela que a única coisa constante é a inconstância das coisas do mundo.

Resposta: C

3. O poema é todo construído em torno de uma figura de linguagem muito frequente no Barroco. De que figura se trata? Dê três exemplos do texto.

RESOLUÇÃO:

A figura é a antítese. Exemplos: *Sol (e Luz) x noite escura, tristeza x alegria, gosto x pena, firmeza x inconstância.*

Texto para o teste 4.

*Que és terra, homem, e em terra hás de tornar-te,
Te lembra hoje Deus por sua Igreja;
De pó te fez espelho, em que se veja
A vil matéria de que quis formar-te.*

4. (USF-SP) – Conforme sugere o excerto, o poeta barroco não raro expressa

- a) o medo de ser infeliz; uma intensa angústia em face da vida, a que não consegue dar sentido; a desilusão diante da falência de valores terrenos e divinos.
- b) a consciência de que o mundo terreno é efêmero e vão; o sentimento de nulidade diante do poder divino.
- c) a percepção de que não há saída para o homem; a certeza de que o aguardam o inferno e a desgraça espiritual.
- d) a necessidade de ser piedoso e caritativo, paralela à vontade de fruir até as últimas consequências o lado material da vida.
- e) a revolta contra os aspectos fatais que os deuses imprimem a seu destino e à vida na Terra.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 8

O BARROCO CONCEPTISTA – PADRE ANTÔNIO VIEIRA

LEITURA

Texto 1

Mas como em um pregador há tantas qualidades e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá essa culpa? — No pregador, podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz.

(...)

Há de tomar o pregador uma só matéria, há de defini-la para que se conheça, há de dividi-la para que se distinga, há de prová-la com a Escritura, há de declará-la com a razão, há de confirmá-la com o exemplo, há de amplificá-la com as causas, com os efeitos, com as circunstâncias, com as conveniências que se não de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; há de responder às dúvidas, há de satisfazer às dificuldades, há de impugnar e refutar com toda a força da eloquência os argumentos contrários, e depois disso há de colher, há de apertar, há de concluir, há de persuadir, há de acabar.

(...)

As razões não são de ser enxertadas, são de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias são pegadas à memória e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

Semeadores do Evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e, enfim, todos os seus pecados.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*)

Texto 2

O polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E, debaixo dessa aparência tão modesta ou dessa hipocrisia tão santa, testemunham constantemente (...) que o dito polvo é o maior traidor do mar.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*)

Texto 3

Quem nos há de ir buscar um pote de água ou feixe de lenha? Quem nos há de fazer duas covas de mandioca? Hão de ir nossas mulheres? Hão de ir nossos filhos?

(Padre Antônio Vieira,
Sermão da Primeira Domingo da Quaresma)

Texto 4

Em um engenho sois imitadores de Cristo Crucificado: porque padeceis em um modo muito semelhante ao que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. (...) Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. (...) Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhais; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta: “Sic vos non vobis mellificatis apes.”¹

(...)

(...) Deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós viveis como gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na Fé, vivais como cristãos e vos salveis. (...)

Oh! se a gente preta tirada das brenhas de sua Etiópia, e passada ao Brasil, conhecera bem quanto deve a Deus e à sua Santíssima mãe por este que pode parecer desterro, cativo e desgraça, e não é senão milagre e grande milagre!

(Padre Antônio Vieira, *Sermão XIV do Rosário*)

1 – Verso atribuído a Virgílio: “Assim vós, mas não para vós, fabricais o mel, abelhas.”

Texto 5

(...) Não só são ladrões, diz o Santo [Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais, já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo; os outros, se furtam, são enforcados; estes furtam e enforcam.

(Padre Antônio Vieira, *Sermão do Bom Ladrão*)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a
5 nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo
10 verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma cousa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. (...) Não é tudo isto verdade? Ainda mal!

1. Todo o fragmento acima se desenvolve a partir de uma metáfora bíblica. Qual é essa metáfora e qual seu sentido?

RESOLUÇÃO:

A metáfora é “Vós... sois o sal da terra”. Ela significa que os pregadores devem evitar a corrupção da sociedade para a qual pregam, assim como o sal evita a corrupção (degradação) da terra.

Texto para os testes de 2 a 4.

Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia, e como fosse trazido à sua presença um pirata que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém,
5 ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim. — Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? — Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza; o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.
10 (...) O ladrão que furta para comer não vai, nem leva ao inferno; os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são outros ladrões, de maior calibre e de mais alta esfera (...) Os outros ladrões roubam um homem: estes roubam cidades e reinos; os outros furtam debaixo do seu risco: estes sem temor, nem perigo; os
15 outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

LEITURA

Texto 1

*Triste Bahia, oh quão dessemelhante
Estás e estou de nosso antigo estado!
Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
Rica te vi eu já, tu a mi abundante.*

*A ti tocou-te a máquina mercante,
Que em tua larga barra tem entrado;
A mi vem me trocando e tem trocado,
Tanto negócio e tanto negociante.*

Texto 2

RETRATO ANATÔMICO DOS ACHAQUES
DE QUE PADECIA ÀQUELE TEMPO A CIDADE DA BAHIA
(fragmento)

*Que falta nesta cidade? ... Verdade.
Que mais por sua desonra? ... Honra.
Falta mais que se lhe ponha? ... Vergonha.*

*O Demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta,
Numa cidade onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.*

(...)

*E que justiça a resguarda? ... Bastarda.
É grátis distribuída? ... Vendida.
Que tem, que a todos assusta? ... Injusta.*

*Valha-nos Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.*

(...)

*E nos Frades há manqueiras? ... Freiras.
Em que ocupam os serões? ... Sermões.
Não se ocupam em disputas? ... Putas.*

*Com palavras dissolutas
Me concluí, na verdade,
Que as lidas todas de um frade
São Freiras, Sermões e Putas.*

2. I. No contexto, a expressão “tão mau ofício” (linha 4) refere-se à atividade dos pescadores.
II. A pergunta do pirata (linhas 5-7) comprova que ele não era medroso nem estúpido.
III. A frase “Assim é” (linha 7) explicita a concordância do autor com a atitude de Alexandre.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

A expressão “tão mau ofício” refere-se aos roubos que o pirata praticava contra os pescadores. A frase “Assim é” explicita a concordância do autor com o que diz o pirata, e não com a atitude de Alexandre.

Resposta: B

3. I. O texto tem estrutura paralelística, constituída por uma sucessão de anáforas (“porque roubo... porque roubais”; “o roubar pouco... o roubar muito”; “o roubar com pouco... o roubar com muito”).
II. O texto contém pares antitéticos, como *ladrão x imperador; pouco x muito; culpa x grandeza; piratas x Alexandres; são enforcados x enforcam*.
III. Predomina o aspecto cultista ou gongórico, pois são valorizadas imagens sensoriais e metáforas, que visam a surpreender o leitor pela espantosa capacidade de manipulação verbal.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

A oratória sacra de Vieira é predominantemente conceptista, joga com ideias, argumentos, e visa a convencer, não a deslumbrar (“surpreender pela espantosa capacidade de manipulação verbal”).

Resposta: C

4. I. O autor utilizou-se da narrativa de um episódio como estratégia argumentativa.
II. A partir de uma ideia geral, o autor chegou a uma ideia particular.
III. A pergunta do pirata foi argumento suficiente para o autor inocentá-lo.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) I e II, apenas.
d) I e III, apenas. e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

No texto, parte-se de uma ideia particular para se chegar a uma ideia geral, e o autor não inocenta o pirata, mas apenas o põe em “pé de igualdade” com Alexandre, no que diz respeito ao fato de ambos “roubarem”.

Resposta: A

*O açúcar já se acabou? ... Baixou.
E o dinheiro se extinguiu? ... Subiu.
Logo já convalesceu? ... Morreu.*

*À Bahia aconteceu
O que a um doente acontece,
Cai na cama, o mal lhe cresce;
Baixou, Subiu e Morreu.*

Texto 3

*A JESUS CRISTO, NOSSO SENHOR,
ESTANDO O POETA PARA MORRER*

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

*Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido;
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.*

*Se uma ovelha perdida e já cobrada¹
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,*

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada;
Cobrai-a; e não queirais, pastor divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

1 – *Cobrado*: recuperado.

Texto 4

*Minha rica mulatinha
desvelo e cuidado meu,
eu já fora todo teu,
e tu foras toda minha;*

*Juro-te, minha vidinha,
se acaso minha qués¹ ser,
que todo me hei de acender
em ser teu amante fino,
pois por ti já perco o tino²
e ando para morrer.*

1 – *Qués*: quiseres. 2 – *Tino*: juízo.

Textos para a questão 1.

Texto 1

*Que os brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manter
Maganos de Portugal.*

malandros
(Gregório de Matos)

Texto 2

*Senhora Dona Bahia,
Nobre e opulenta cidade,
Madrasta dos Naturais
E dos Estrangeiros madre.
Dizei-me por vida vossa
Em que fundais o ditame
De exaltar os que aí vêm
E abater os que ali nascem?*

(Gregório de Matos)

1. Em ambos os textos, Gregório de Matos apresenta uma crítica. De que se trata?

RESOLUÇÃO:

Nos dois textos, o poeta aborda a exploração do povo brasileiro por estrangeiros. No texto 1, culpa os próprios nativos (“...os brasileiros são bestas...”) por se deixarem subjugar por estrangeiros desqualificados (“maganos de Portugal”). No texto 2, questiona a Bahia (ou seja, o Brasil, de que a Bahia era a capital): mesmo sendo “nobre e opulenta”, maltrata o povo aqui nascido e trata bem os estrangeiros: “madrasta dos Naturais / E dos Estrangeiros madre”.

Texto para as questões 2 e 3.

*Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado
Da vossa alta clemência me despido;
Porque, quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.*

2. (FUVEST-SP – adaptada) – De acordo com os versos transcritos, como aparece, na lírica religiosa de Gregório de Matos, a ideia de Deus e do pecado?

RESOLUÇÃO:

Deus aparece como a instância máxima de punição e perdão. Para o poeta, o mesmo pecado, que o faria passível de punição, o credencia para o perdão.

3. (FUVEST-SP – adaptada) – Explique o paradoxo formulado pelo poeta na estrofe transcrita.

RESOLUÇÃO:

O poeta procura convencer Deus de que mais Lhe convém perdoar sua vida de pecados do que puni-lo por ela. Ou seja: o paradoxo consiste no pensamento de que quanto mais pecador tenha sido o poeta, mais Deus deveria empenhar-se em perdoá-lo.

Texto para o teste 4.

É questão muito antiga e altercada disputada
Entre os Letrados e os Milicianos soldados
Sem se haver decidido em muitos anos
Qual é de mais nobreza: a pena ou a espada.

Discorrem em matéria tão travada
Altos entendimentos mais que humanos,
E julgam ter brasões mais soberanos
Uns, que Palas togada, outros, que armada. vestida com toga
(Gregório de Matos)

4. (UnB-DF – adaptado) – Leia as afirmações seguintes e assinale a alternativa correta.

- I. Gregório de Matos, expoente da literatura brasileira, era temido e odiado, em virtude de suas sátiras ferinas e espirituosas. Os versos transcritos apresentam vestígios de sua mordacidade.
- II. O texto trata da disputa entre intelectuais e militares pela permanência no governo, o que se confirma por meio do emprego metafórico de “brasões”.
- III. Chama-se *sinédoque* (o instrumento pela pessoa que o utiliza) a figura de linguagem que está na base da relação entre “pena” e “Letrados”, e entre “espada” e “Milicianos”.

Está correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.
- b) I e III, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I, apenas.
- e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 10

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

LEITURA

Texto 1

*Alguém há de cuidar que é frase inchada,
Daquela que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada.*

*O nosso humilde gênio não consente
Que outra coisa se diga mais que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.*

*A frase pastoril, o fraco estilo
Da flauta e da sanfona, antes que tudo,
Será digno que Albano chegue a ouvi-lo.*

*Se Alcino tem lá feito o seu estudo
Nesses versos que traz, nós cá cantemos
Ao nosso modo, inda que seja rudo¹.*

1 – Rudo: rude.

Texto 2

*Que tarde nasce o Sol, que vagaroso!
Parece que se cansa de que a um triste
Haja de aparecer, quanto resiste
A seu raio este sítio tenebroso!*

*Não pode ser que o giro luminoso
Tanto tempo detenha, se persiste
Acaso o meu delírio! se me assiste
Ainda aquele humor tão venenoso!*

*Aquela porta ali se está cerrando;
Dela sai o Pastor, outro assobia,
E o gado para o monte vai chamando.*

*Ora não há mais louca fantasia!
Mas quem anda, como eu, assim penando,
Não sabe quando é noite ou quando é dia.*

Texto 3

*Aquela cinta azul, que o Céu estende
À nossa mão esquerda, aquele grito,
Com que está toda a noite o corvo aflito,
Dizendo um não sei quê, que não se entende;*

*Levantar-me de um sonho, quando atende
O meu ouvido um mísero conflito,
A tempo, que o voraz lobo maldito
A minha ovelha mais mimosa ofende;*

*Encontrar a dormir tão preguiçoso
Melampo, o meu fiel, que na manada
Sempre desperto está, sempre ansioso;*

*Ah! queira Deus que minta a sorte irada;
Mas de tão triste agouro cuidadoso¹
Só me lembro de Nise e de mais nada.*

1 – *Cuidadoso (de)*: preocupado com.

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

ALTEIA

*Aquele pastor amante,
Que nas úmidas ribeiras
Deste cristalino rio
Guiava as brancas ovelhas;*

*Aquele que, muitas vezes
Afinando a doce avena,
Parou as ligeiras águas,
Moveu as bárbaras penhas;*

*Sobre uma rocha sentado
Caladamente se queixa:
Que para formar as vozes
Teme que o ar as perceba.*

(In *Poemas de Cláudio Manuel da Costa*.
São Paulo, Cultrix, 1966, p. 156.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Neste fragmento de “Alteia”, acumulam-se características peculiares do Arcadismo. Leia o texto e aponte duas dessas características.

RESOLUÇÃO:

O poema exemplifica: 1) o bucolismo e o pastoralismo típicos da poesia árcade, em que a natureza convencional aparece como cenário para a vida dos pastores, e 2) linguagem simples.

Texto para a questão 2.

*Alguém há de cuidar que é frase inchada,
Daquela que lá se usa entre essa gente,
Que julga que diz muito, e não diz nada.*

*O nosso humilde gênio não consente
Que outra coisa se diga mais que aquilo
Que só convém ao espírito inocente.*

(Cláudio Manuel da Costa)

2. O que o eu lírico entende por “frase inchada”? Qual o ideal de linguagem que o poeta defende?

RESOLUÇÃO:

A “frase inchada” é aquela carregada de “excessos”, ou seja, enfeites, que a impedem de ser simples, direta e clara. O poeta defende a linguagem simples, direta, sem os ornamentos exagerados, que considera inúteis. Trata-se do ideal do *inutilia truncat* (“corta as coisas inúteis”).

Texto para os testes 3 e 4.

*Torno a ver-vos, ó montes: o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.*

*Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.*

*Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto.*

*Aqui descanso a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.*

(PROENÇA FILHO, Domício. *A Poesia dos Inconfidentes*.
Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.)

3. (ENEM) – Considerando o soneto de Cláudio Manuel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à Metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

RESOLUÇÃO:

A oposição cidade-campo, lugar-comum da temática árcade, é assimilada, no caso de Cláudio Manuel da Costa, à oposição Metrópole-Colônia. O poeta, que viveu longamente em Portugal, onde experimentou a civilidade lisboeta, voltando ao Brasil confrontou-se com a aspereza dos “montes” e “outeiros” de sua Minas natal, que idealiza em seus poemas bucólicos.

Resposta: B

4. (ENEM) – Assinale a opção que apresenta um verso do soneto de Cláudio Manuel da Costa em que o poeta se dirige ao seu interlocutor.

- a) “Torno a ver-vos, ó montes: o destino” (v. 1)
- b) “Aqui estou entre Almendro, entre Corino” (v. 5)
- c) “Os meus fiéis, meus doces companheiros” (v. 6)
- d) “Vendo correr os míseros vaqueiros” (v. 7)
- e) “Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto.” (v. 11)

RESOLUÇÃO:

No verso 1, “ó montes” é uma apóstrofe — um vocativo dirigido ao interlocutor imaginário do eu lírico. Em outras palavras, é como se o poeta falasse com os montes.

Resposta: A

MÓDULO 11

AUTORES ÁRCADES

LEITURA

Texto 1

*Num sítio ameno,
Cheio de rosas,
De brancos lírios,
Murtas viçosas;*

*Dos seus amores
Na companhia,
Dirceu passava
Alegre o dia.*

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Primeira Parte, Lira XXIII)

Texto 2

*Se me visses com teus olhos
Nesta masmorra metido,
De mil ideias funestas
E cuidados combatido,
Qual seria, ó minha bela,
Qual seria o teu pesar?*

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Segunda Parte, Lira XX)

Texto 3

*Glaura, as Ninfas te chamaram
E buscaram doce abrigo;
Vem comigo e nesta gruta
Branda escuta o meu amor.*

(Silva Alvarenga)

Texto 4

Ao mundo esconde o Sol seus resplandores,
E a mão da Noite embrulha os horizontes;
Não cantam aves, não murmuram fontes,
Não fala Pã na boca dos pastores.

Atam as Ninfas, em lugar de flores,
Mortais ciprestes sobre as tristes fronteiras;
Erram chorando nos desertos montes,
Sem arcos, sem aljavas, os Amores.

Vênus, Palas e as filhas da Memória,
Deixando os grandes templos esquecidos,
Não se lembram de altares nem de glória.

Andam os elementos confundidos:
Ah, Jônia, Jônia, dia de vitória
Sempre o mais triste foi para os vencidos!

(Alvarenga Peixoto)

Texto 5

Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura¹,
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos² deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado³:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
Acaba de roubar o bem que temos;
Até na triste camp⁴ não podemos
Zombar do braço da inconstante sorte:
Qual⁵ fica no sepulcro⁶,
Que seus avós ergueram, descansado;
Qual⁷ no campo, e lhe arranca os frios ossos
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
Não voltam contra nós a face irada,
Façamos, sim, façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos⁸.

Um coração que, frouxo,
A grata posse de seu bem difere⁹,
A si, Marília, a si próprio rouba
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
Gozemos do prazer de são Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo que se passa
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cansado;
Triste, o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
É dote que só goza a mocidade:
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?
Que vão passando os fluorescentes dias?
As glórias que vêm tarde já vêm frias,
E pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.

Ah! não, minha Marília,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças
E ao semblante a graça!

(Tomás Antônio Gonzaga,
Marília de Dirceu, Primeira Parte, Lira XIV)

- 1 – Ventura: felicidade.
- 2 – Mesmo: próprio.
- 3 – Ímpio Fado: impiedoso destino.
- 4 – Campa: túmulo.
- 5 – Qual: um.
- 6 – Sepulcro: sepultura.
- 7 – Qual: outro.
- 8 – Ditoso: feliz.
- 9 – Diferir: adiar.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões 1 e 2.

LIRA V

Acaso são estes
Os sítios formosos,
Aonde passava
Os anos gostosos?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Enquanto pastava
O manso rebanho,
Que Alceu me deixou?

São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.

(...)

Mas como discorro?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia?
Existem as fontes,
E os freixos copados;
Dão flores os prados,
E corre a cascata,
Que nunca secou.

*São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.*

*Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor e saudade,
Os sítios formosos,
Que já me agradaram,
Ah! não se mudaram;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.*

*São estes os sítios?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marília, tu chamas?
Espera, que eu vou.*

(Tomás Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*)

1. Quais são os elementos árcades presentes no poema?

RESOLUÇÃO:

O cenário do texto é de teor inteiramente árcade: é bucólico e inclui o lugar-comum do *locus amoenus* (lugar ameno). Além disso, a linguagem é simples, se comparada aos textos barrocos.

2. Os versos transcritos apresentam um elemento pré-romântico, pois o eu lírico projeta no mundo exterior seu mundo interior. De que modo essa projeção se revela no texto? Exemplifique transcrevendo alguns versos.

RESOLUÇÃO:

A projeção do eu sobre o mundo exterior se revela no fato de a paisagem parecer triste porque o eu lírico está triste, como se comprova nos versos: “Acaso podia / Já tudo mudar-se / No espaço de um dia? / ... / São estes os sítios? / São estes; mas eu / O mesmo não sou”, ou nestes: “Os sítios formosos / Que já me agradaram, / Ah! não se mudaram; / Mudaram-se os olhos, / De triste que estou”.

Texto para as questões 3 e 4.

*Minha bela Marília, tudo passa;
A sorte deste mundo é mal segura;
Se vem depois dos males a ventura,
Vem depois dos prazeres a desgraça.
Estão os mesmos deuses
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:
Apolo já fugiu do céu brilhante,
Já foi pastor de gado.*

felicidade

próprios
impiedoso

(Tomás Antônio Gonzaga)

3. “...Se vem depois dos males a ventura, / Vem depois dos prazeres a desgraça”. Qual é a figura de linguagem empregada duas vezes nos versos transcritos? Mencione as palavras que compõem cada uma das duas ocorrências da figura.

RESOLUÇÃO:

Antítese, que ocorre entre “males” e “prazeres” e entre “ventura” e “desgraça”.

4. Qual é, em síntese, o sentido desta estrofe?

RESOLUÇÃO:

Nesta vida tudo passa, e o destino é incerto até para os deuses.

MÓDULO 12

AUTORES ÉPICOS DO ARCADISMO E PRÉ-ROMANTISMO

LEITURA

Texto 1

*Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos¹ e impuros²,
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
Musa, honremos o Herói³ que o povo rude
Subjugou do Uruguai e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.
Ai, tanto custas, ambição de império⁴!...*

(Basílio da Gama, *O Uruguai*)

- 1 – *Tépido*: quente.
2 – *Impuro*: porque o sangue é de indígenas, não cristãos.
3 – *Herói*: o general português que lutou contra os indígenas.
4 – *Império*: domínio.

Texto 2

*Inda conserva o pálido semblante¹
Um não sei quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece,
Tanto era bela no seu rosto a morte!*

(Basílio da Gama, *O Uruguai*)

- 1 – *Semblante*: rosto.

Texto 3

*Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautelas,
Qu'inda te espero ver, por causa delas,
Arrependida de ter sido ingrata.*

*Com o tempo, que tudo desbarata¹,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas
E as tranças d'ouro converter-se em prata.*

*Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?*

*Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco, a flor dos anos.*

(Basílio da Gama)

- 1 – *Desbaratar*: arruinar.

Texto 4

*Nós que zombamos deste povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróis dentro às imagens
Não acharemos mais que outros selvagens.*

(Santa Rita Durão, *Caramuru*)

Texto 5

*De um varão em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.*

(Santa Rita Durão, *Caramuru*)

EXERCÍCIOS

Texto para a questão 1.

*Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas comigo de cautelas,
Qu'inda te espero ver, por causa delas,
Arrependida de ter sido ingrata.*

*Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas,
E as tranças d'ouro converter-se em prata.*

*Pois se sabes que a tua formosura
Por força há de sofrer da idade os danos,
Por que me negas hoje esta ventura?*

*Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco, a flor dos anos.*

(Basílio da Gama)

1. No poema acima, o eu lírico busca convencer a amada da necessidade de se aproveitar o tempo presente. Quais são seus argumentos?

RESOLUÇÃO:

Neste soneto, em que se desenvolve o tema do *carpe diem*, o eu lírico busca convencer a amada fazendo-lhe um convite para que goze a vida e o amor, antes que o tempo roube dela a formosura e o frescor.

Textos para as questões 2 e 3.

O URAGUAI (CANTO IV)
(fragmento)

Este lugar delicioso, e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a mísera Lindoia.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um fúnebre cipreste, que espalhava
Melancólica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobressaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamá-la, e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja, e apresse no fugir a morte.

(GAMA, José Basílio da. *O Uruguai*. Rio de Janeiro, Public. da Academia Brasileira, 1941, pp. 78-9.)

CARAMURU (CANTO VI, ESTROFE XLII)

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo:
"Ah! Diogo cruel!" disse com mágoa,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'água.

(DURÃO, Santa Rita. *Caramuru*. São Paulo, Edições Cultura, 1945, p. 149.)

A epopeia *Os Lusíadas* (1572) tem servido de modelo aos demais poemas épicos escritos em língua portuguesa, não sendo exceções *O Uruguai* e *Caramuru*. As comparações destes com a obra-prima de Luís Vaz de Camões são inevitáveis. Releia atentamente os textos apresentados e, a seguir, responda às questões 2 e 3.

2. (VUNESP-SP – modificada) – Indique, do ponto de vista da versificação e estrofação, em qual deles o autor revela seguir mais à risca o modelo camoniano.

RESOLUÇÃO:

A epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, segue mais à risca, do ponto de vista da versificação e estrofação, o modelo camoniano.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Cite duas características do texto escolhido que evidenciam sua aproximação com *Os Lusíadas*.

RESOLUÇÃO:

Tanto a obra *Os Lusíadas* como a epopeia *Caramuru* têm versos decassílabos heroicos, com tonicidade na 6.^a e na 10.^a sílabas:

As / ar / mas / e os / ba / rões / as / si / na / la / dos (*Os Lusíadas*)

Per / de o / lu / me / dos / o / lhos, / pas / ma, e / tre / me (*Caramuru*)

As estrofes desses poemas classificam-se como oitava-rima ou oitava real (ABABABCC), conforme se nota na estrofe XLII de *Caramuru* (treme A, moribundo B, leme A, fundo B, freme A, profundo B, mágoa C, água C). Observe-se que os versos de *O Uruguai* são decassílabos brancos ou soltos (sem rima).

4. Sobre o Arcadismo no Brasil, assinale a **incorreta**.

- Coincide, no plano histórico, com as rebeliões nativistas, com o ciclo do ouro, com o apogeu de Minas Gerais e com o Despotismo Esclarecido do Marquês de Pombal.
- Desenvolveram-se diversos gêneros, entre eles a poesia lírica, a épica e a satírica.
- Marca o aparecimento do nativismo reivindicatório e do indianismo, ainda que o índio não seja, em *O Uruguai* e *Caramuru*, tomado como símbolo da nacionalidade.
- Passa a haver ressonância das obras no meio social, e a literatura passa a exprimir o descontentamento dos habitantes da Colônia em relação à Metrópole.
- Há nítido predomínio da prosa, por meio da crônica, do conto, da novela e do sermão.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

BOCAGE

LEITURA

Texto 1

*Marília, se em teus olhos atentara¹,
Do estelífero² sólio³ reluzente,
Ao vil mundo outra vez o onipotente,
O fulminante Júpiter baixara⁴.*

*Se o deus que assanha as Fúrias te avistara,
As mãos de neve, o colo transparente,
Suspirando por ti, do caos ardente
Surgira à luz do dia e te roubara.*

*Se a ver-te de mais perto o Sol descera,
No áureo carro veloz dando-te assento,
Até da esquiva Dafne⁵ se esquecerá.*

*E se a força igualasse o pensamento,
Ó alma de minh'alma, eu te of'recera
Com ela a Terra, o Mar e o Firmamento.*

- 1 – *Atentara*: atentasse; ver também as formas verbais nos versos 5 e 9.
2 – *Estelífero*: estrelado.
3 – *Sólio*: trono; *sólio estelífero*: céu.
4 – *Baixara*: baixaria; ver também as formas verbais nos versos 8, 11 e 13.
5 – *Dafne*: ninfa da mitologia grega que, para esquivar-se do assédio de Apolo, acaba sendo transformada em loureiro.

Texto 2

*Lá quando em mim perder a humanidade
Mais um daqueles que não fazem falta,
Verbi-gratia¹ – o teólogo, o peralta,
Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade;*

*Não quero funeral comunidade,
Que engrole² sub-venites³ em voz alta;
Pingados gatarrões⁴, gente de malta⁵,
Eu também vos dispense a caridade;*

*Mas, quando ferrugenta enxada idosa
Sepulcro me cavar em ermo outeiro⁶,
Lavre-me este epitáfio mão piedosa:*

*“Aqui dorme Bocage, o putanheiro;
Passou vida folgada e milagrosa;
Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro.”*

- 1 – *Verbi-gratia*: por exemplo. 2 – *Engrolar*: enrolar, recitar de qualquer jeito.
3 – *Sub-venites*: salmos. 4 – *Gatarrão*: gato. 5 – *Gente de malta*: gente de má fama, ralé. 6 – *Outeiro*: colina, monte.

Texto 3

*Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.*

*De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem dana.*

*Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.*

*Deus, ó Deus!... Quando a morte à luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.*

Texto 4

*Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, ó leitores:
Vede-as com mágoa, vede-as com piedade,
Que elas buscam piedade, e não louvores;*

*Ponderai da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lágrimas e amores:
Notai dos males seus a imensidade,
A curta duração dos seus favores;*

*E, se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns cuja aparência
Indique festival contentamento,*

*Crede, ó mortais, que foram com violência
Escritos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependência.*

EXERCÍCIOS

As questões de 1 a 3 baseiam-se no seguinte texto:

RECREIOS CAMPESTRES NA COMPANHIA DE MARÍLIA

*Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!* ritmadas
*Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre as flores?* personificação dos ventos
na mitologia grega

*Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos ósculos ardentes!* beijos
*Ei-las de planta em planta as inocentes,
As vagas borboletas de mil cores!* que vagueiam

*Naquele arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha para,
Ora nos ares sussurrando gira:*

*Que alegre campo! Que manhã tão clara!
Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira,* visse
Mais tristeza que a morte me causara. causaria
(BOCAGE. *Obras de Bocage*. Porto,
Lello & Irmão Editores, 1968, p. 152.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – No soneto transcrito, verificam-se características do estilo neoclássico, de que Bocage é o máximo representante em Portugal. Indique duas dessas características, exemplificando cada uma delas com palavras, expressões ou passagens do poema.

RESOLUÇÃO:

As principais características neoclássicas são o pastoralismo: “as flautas dos pastores”; a retomada da cultura greco-latina: “Zéfiros” e “Amores” (divindades gregas); o bucolismo, tema do *locus amoenus*: “Ei-las de planta em planta as inocentes, / As vagas borboletas de mil cores!”, “Que alegre campo! Que manhã tão clara!”; o equilíbrio e a harmonia: o poema é um soneto, portanto composto de 14 versos, todos decassílabos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos, com esquema de rima ABBA-ABBA-CDC-DCD, em linguagem clara e concisa.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Dois versos seguidos deste poema, contrastados com os outros doze, revelam que o poeta pode ter duas reações diferentes e opostas ante a paisagem que descreve, de acordo com a ocorrência ou não de um determinado fato. Quais os dois versos a que nos referimos?

RESOLUÇÃO:

São os dois últimos versos: “Mas ah! Tudo o que vês, se eu te não vira, / Mais tristeza que a morte me causara.”

Nesses versos aparece um sentimento negativo, evidenciado nos termos “tristeza” e “morte”, ao passo que nos outros doze versos só há espaço para a euforia de viver, sentimento positivo, presente em expressões como: “Que bem que soam”, “Zéfiros brincar”, “Que alegre campo! Que manhã tão clara!”.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – O que nos revela o poeta em tais versos?

RESOLUÇÃO:

O poeta revela que a presença ou ausência da amada determina o modo (positivo ou negativo) com que ele sente a natureza. Ou seja, há aqui um elemento essencialmente romântico: a subjetividade determina a forma como o mundo objetivo é visto.

4. (FUVEST-SP – adaptado) – Leia a estrofe abaixo e o que se afirma sobre ela.

*Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás nele (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ânsias venenosas chagas.*

(Bocage)

- I. Nesta estrofe, nota-se a fusão de resíduos neoclássicos e de antecipações de elementos românticos.
- II. No primeiro verso, a presença da “razão” remete-nos ao Neoclássicismo e o “coração” sugere o sentimentalismo romântico.
- III. A sintaxe de registro clássico, com uso frequente de inversões (“De meus erros a sombra esclarecendo”, “De agudas ânsias venenosas chagas”), é característica do Neoclássicismo.
- IV. A imposição do eu, o arrependimento, a tensão emocional, a crise de personalidade e o tom enfático, exclamativo (“ai de mim!”), remetem-nos ao *pathos* romântico.

Está correto o que se afirma em

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| a) I, II e III, apenas. | b) I, II e IV, apenas. |
| c) II, III e IV, apenas. | d) III e IV, apenas. |
| e) todas as afirmativas. | |

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

ROMANTISMO: BREVE HISTÓRICO – ROMANTISMO EM PORTUGAL

Texto para a questão 1.

(...) a história europeia após a Revolução [Francesa] — desde o fim do império napoleônico em 1815 até as sangrentas revoluções de 1848 — foi a demonstração cabal de que o sonho de uma sociedade baseada na razão era tão inatingível quanto aquele famoso pote de ouro no fim do arco-íris.

(...) A sensibilidade romântica curtiu e alimentou-se dessa impotência em relação à história e (...) transformou o tema do desencanto numa forma de pensar e repensar o mundo. Essa foi a essência da melancolia e do desencanto romântico no início do século XIX, singularmente muito parecido com o nosso desencanto do começo do século XXI.

(SALIBA, Elias Thomé. “O Sentimento contra a Razão”, *Entre livros*, ano 2, n.º 24, 2007.)

1. Segundo o texto de Elias Thomé Saliba, que razão histórica explica o desencanto romântico?

RESOLUÇÃO:

De acordo com o texto, a falência do sonho de uma sociedade baseada na razão — a “impotência em relação à história” — provocou um desencanto que influenciaria a literatura e outras expressões artísticas.

Texto para a questão 2.

E perguntas-me se eu quero que me remetas os meus livros? Ó meu bom amigo, em nome de Deus te rogo que me deixes respirar. Não quero tornar a ser dirigido involuntariamente, excitado, aguilhoado: o meu coração assemelha-se a uma torrente que corre com demasiada veemência. (...) Não sabes, caro amigo, como o meu coração é inquieto e desigual. (...) Eu trato o meu coração como uma criança doente; tudo o que deseja lhe concedo.

Goethe, *Werther*, (Carta 4) 13 de maio

2. O sentimentalismo ou emocionalismo — no sentido de tendência a colocar as emoções acima da razão — é característica marcante do movimento romântico. Em que passagem se nota a supervalorização das emoções do protagonista?

RESOLUÇÃO:

O coração é frequentemente empregado como metáfora para a sede dos sentimentos, e *Werther* afirma dedicar-se a ele fazendo-lhe as vontades: “Eu trato o meu coração como uma criança doente; tudo o que deseja lhe concedo.”

Texto para as questões 3 e 4.

*Este inferno de amar — como eu amo! —
Quem mo pôs aqui n’alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destrói —
Como é que se veio a atear,
Quando — ai quando se há de ela apagar?*

3. O fragmento acima, extraído de um poema de Almeida Garrett, é marcado pelo subjetivismo característico do Romantismo. Indique de que modo esse subjetivismo se manifesta.

RESOLUÇÃO:

Neste fragmento, há predomínio da função emotiva ou expressiva da linguagem. Vários são os elementos do texto que evidenciam o emissor da mensagem (o eu lírico): as formas pronominais (“eu”, “mo” (*me + o*)); o verbo *amar* conjugado na primeira pessoa do singular (no primeiro verso: “amo”); emprego de pontuação expressiva das próprias emoções — reticências, exclamação, interrogação — e de metáforas marcadas pela intensidade (“inferno”, “chama”); antíteses que expressam o conflito vivenciado pelo amante, pois o amor é “chama que alenta e consome, / Que é vida — e que a vida destrói”.

4. No segundo verso, a quem/que se refere a forma pronominal *mo*?

RESOLUÇÃO:

A forma pronominal *mo* corresponde à fusão dos pronomes *me* e *o*. O pronome *o* se refere a “este inferno de amar”; o pronome *me* equivale ao possessivo *minha*, que está subentendido no trecho “na [minha] alma”.

**ALMEIDA GARRETT E
ALEXANDRE HERCULANO****LEITURA****Texto 1****ESTE INFERNO DE AMAR**

*Este inferno de amar — como eu amo! —
Quem mo pôs aqui n' alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consome,
Que é a vida — e que a vida destrói —
Como é que se veio a atear,
Quando — ai quando se há de ela apagar?*

*Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... — foi um sonho —
Em que paz tão serena a dormi!
Oh! que doce era aquele sonhar...
Quem me veio, ai de mim! despertar?*

*Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o Sol tanta Luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? — não o sei;
Mas nessa hora a viver comecei...*

(Almeida Garrett)

Texto 2**BARCA BELA**

*Pescador da barca bela,
Onde vás¹ pescar com ela,
Que é tão bela,
Ó pescador?*

*Não vês que a última estrela
No céu nublado se vela²?
Colhe a vela,
Ó pescador!*

*Deita o lanço³ com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela,
Ó pescador!*

*Não se enrede a rede nela,
Que perdido é remo e vela
Só de vê-la,
Ó pescador!*

*Pescador da barca bela,
Inda é tempo, fuge dela,
Fuge dela,
Ó pescador!*

(Almeida Garrett)

1 – Vás: vai. 2 – Vela: esconde. 3 – Lanço: lance (de rede).

Texto 3**NÃO TE AMO**

*Não te amo, quero-te: o amar vem d' alma.
E eu n' alma — tenho a calma,
A calma — do jazigo.
Ai! não te amo, não.*

*Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida — nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai! não te amo, não!*

*Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero¹
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.*

*Não te amo. És bela; e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga² estrela
Que lhe luz na má hora
De sua perdição?*

*E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado³
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.*

*E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti, medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.*

(Almeida Garrett)

1 – Fero: feroz. 2 – Aziago: que traz má sorte. 3 – Azado: oportuno, propício.

Texto 4**A CRUZ MUTILADA**

*Amo-te, ó cruz, no vértice firmada
De esplêndidas igrejas;
Amo-te quando à noite, sobre a campa,
Junto ao cipreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeiam;
Amo-te quando em préstito¹ festivo
As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro² do presbitério³,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemitério;
Amo-te, ó cruz, até quando no vale
Negrejas triste e só,
Núncia⁴ do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:*

Porém quando mais te amo,
Ó cruz do meu Senhor,
É, se te encontro à tarde,
Antes de o Sol se pôr.

(...)

(...)

No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbitério rústico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, anunciando o instante
Da Ave-Maria; da oração singela,
Mas solene, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos cânticos saudosos,
Que a natureza envia ao céu no extremo
Raio de Sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe⁵, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injúria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

(...)

(Alexandre Herculano)

1 – Préstito: procissão. 2 – Adro: pátio externo, localizado em frente ou em torno a uma igreja. 3 – Presbitério: igreja paroquial. 4 – Núncio: anunciador. 5 – Orbe: mundo.

Texto 5

E quase a um tempo dois pesados golpes de franquisque¹ assinalaram profundamente os elmos de Opas e Juliano. No mesmo momento mais três ferros reluziram.

Um contra três! — Era um combate calado e temeroso. O cavaleiro da Cruz parecia desprezar Mugeiz: os seus golpes retiniam só nas armaduras dos dois Godos. Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram.

Então, recuando, o cavaleiro cristão exclamou:

“Meu Deus! Meu Deus! — Possa o sangue do mártir remir o crime do Presbítero!”

E, largando o franquisque, levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Mugeiz, cego de cólera, vibrava a espada: o crânio do seu adversário rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do Sarraceno.

(...)

Nessa noite, quando Pelágio voltou à caverna, Hermengarda, deitada sobre o seu leito, parecia dormir. Cansado do combate e vendo-a tranqüila, o mancebo adormeceu, também, perto dela, sobre o duro pavimento da gruta. Ao romper da manhã, acordou ao som de canto suavíssimo. Era sua irmã que cantava um dos hinos sagrados que muitas vezes ele ouvira entoar na catedral de Tárraco. (...)

Quando Hermengarda acabou de cantar, ficou um momento pensando. Depois, repentinamente, soltou uma destas risadas que fazem eriçar os cabelos, tão tristes, soturnas e dolorosas são elas: tão completamente exprimem irremediável alienação do espírito.

A desgraçada tinha, de feito, enlouquecido.

(Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*)

1 – Franquisque: machado de dois gumes.

EXERCÍCIOS

1. Que relação se pode estabelecer entre o retorno à Idade Média e a defesa do nacionalismo, no Romantismo português?

RESOLUÇÃO:

O retorno à Idade Média representava a busca dos fundamentos da pátria e da nacionalidade num passado glorioso, correspondente à época da formação da Península Ibérica e da fundação do Estado Português. Ao exaltar os heróis e os grandes fatos históricos, os escritores românticos fortaleciam a ideia de nação, com uma língua própria e características singulares.

Texto para a questão 2.

A raça dos visigodos, conquistadora das Espanhas, subjugara toda a Península havia mais de um século. Nenhuma das tribos germânicas que, dividindo entre si as províncias do império dos césares, tinham tentado vestir sua bárbara nudez com os trajos despedaçados, mas esplêndidos, da civilização romana soubera como os godos ajuntar esses fragmentos de púrpura e ouro, para se compor a exemplo de povo civilizado. Leovigildo expulsara da Espanha quase que os derradeiros soldados dos imperadores gregos, reprimira a audácia dos francos, (...) acabara com a espécie de monarquia que os suevos tinham instituído na Galécia e expirara em Toletum depois de ter estabelecido leis políticas e civis e a paz e ordem públicas nos seus vastos domínios (...).

(Alexandre Herculano, *Eurico, o Presbítero*)

2. Na primeira fase do Romantismo português, o romance histórico foi cultivado por Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Tomando por base o texto transcrito, caracterize esse gênero literário.

RESOLUÇÃO:

No romance histórico, a criação ficcional mescla-se a dados verídicos do passado. No trecho transcrito, Alexandre Herculano apresenta fatos históricos sobre o processo de conquista “das Espanhas” pelos visigodos, mas esses fatos aparecem entremeados a um enredo ficcional. [O trecho faz parte do romance *Eurico, o Presbítero*, em que se narra a história — à época em que godos e árabes lutavam na Península Ibérica —, do godo Eurico, que se refugiou no sacerdócio para esquecer seu amor por Hermengarda. No final do romance, o fim trágico: Eurico morre e Hermengarda enlouquece.]

Texto para a questão 3.

(...) *A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada.*

(...) *Na frente calma e lisa como mármore polido, a luz do acaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro [rocha branca e transparente] guardando no seio diáfano [translúcido] o fogo celeste da inspiração.*

(Bernardo Guimarães)

3. (MACKENZIE-SP – adaptada) – A descrição feminina acima contém elementos que nos permitem associá-la ao Romantismo. Indique alguns desses elementos.

RESOLUÇÃO:

O descritivismo romântico é idealizador. As comparações e as metáforas comandam a linguagem romântica. A mulher, quase sempre convertida num ser angelical, representa um elemento poderoso e inatingível.

Texto para o teste 4.

BARCA BELA

Pescador da barca bela.

Onde vás pescar com ela,

Que é tão bela,

Ó pescador?

vais

Não vês que a última estrela

No céu nublado se vela?

Colhe a vela,

Ó pescador!

esconde

Deita o lanço com cautela,

Que a sereia canta bela...

Mas cautela,

Ó pescador!

lance (de rede)

Não se enrede a rede nela,

Que perdido é remo e vela

Só de vê-la,

Ó pescador!

Pescador da barca bela,

Inda é tempo, fuge dela,

Fuge dela,

Ó pescador!

(Almeida Garrett)

4. Leia as afirmações seguintes e assinale a alternativa correta.

I. A simplicidade temática e formal do poema faz dele um bom exemplo do gosto romântico pela canção popular. Isso pode ser notado já na métrica, assim como na rima utilizada.

II. Há aliteração em “Não se enReDe a ReDe nela / Que perDiDo é Remo e vela” e paronomásia (= trocadilho) em “...se vela? / Colhe a vela” e em “enrede / rede”.

III. De acordo com os versos, são belas tanto a barca como a sereia, e há uma relação de tensão entre elas, já que a barca (ou o pescador, seu dono) é atraída pela sereia e a sereia representa um perigo para a barca.

Está correto o que se afirma em

a) I, apenas.

b) II, apenas.

c) I e II, apenas.

d) III, apenas.

e) I, II e III.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

MÓDULO 16

CAMILO CASTELO BRANCO

LEITURA

Texto 1

— *Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo... É ventura morrer quando se vem a este mundo com tal estrela. Passe a senhora Mariana ali para a câmara, que vai ser levado daqui o defunto.*

(...)

Foi o cadáver envolto num lençol e transportado ao convés.

Mariana seguiu-o.

Do porão da nau foi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou às pernas com um pedaço de cabo. O comandante contemplava a cena triste com os olhos úmidos, e os soldados que guarneciam a nau, tão funeral respeito os impressionara, que insensivelmente se descobriram.

Mariana estava, no entanto, encostada ao flanco da nau, e parecia estupidamente encarar aqueles empuxões que o marujo dava ao cadáver, para segurar a pedra na cintura.

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.

À voz do comandante desamarraram rapidamente o bote, e saltaram homens para salvar Mariana.

Salvá-la!...

Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços.

(Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*)

Texto 2

Havia na botica um relógio de parede, nacional, datado em 1781, feito de grandes toros de carvalho e muita ferraria. Os pesos, quando subiam, rangiam o estridor de um picar de amarras das velhas naus. Dava-se-lhe corda como quem tira um balde da cisterna. Por debaixo da triplicada cornija¹ do mostrador havia uma medalha com uma dama cor de laranja, vestida de vermelhão, decotada, com uma romeira² e uma pescoceira, crassa³ e grossa de vaca barrosã⁴, penteada à Pompadour, com uma réstia de pedras brancas a enastrear-lhe⁵ as tranças. Cada olho era maior que a boca, dum vermelho de ginja⁶. Ela tinha a mão esquerda escorrida no regaço, com os dedos engelhadados⁷ e aduncos⁸ como um pé de perua morta; o braço direito estava no ar, hirto⁹, com um ramalho de flores que parecia uma vassoura de hidrângeas¹⁰. Este relógio badalava três horas que soaram ríspidas como as pancadas vibrantes, cavas, das caldeiras da Hecate de Shakespeare¹¹.

(Camilo Castelo Branco, *Eusébio Macário*)

1 – *Cornija*: moldura. 2 – *Romeira*: agasalho feminino. 3 – *Crasso*: pesado (sentido figurado). 4 – *Barrosã*: feminino de *barrosão*, de Barroso, região portuguesa onde se cria uma raça de boi, o qual é então denominado *barrosão*; diz-se também do boi que tem pelo da cor do barro. 5 – *Enastrear*: entretecer, ornar. 6 – *Ginja*: fruto muito semelhante à cereja. 7 – *Engelhado*: enrugado. 8 – *Adunco*: curvo. 9 – *Hirto*: retesado, esticado. 10 – *Hidrângea*: hortênsia. 11 – *Hecate*: personagem da peça *Macbeth*, de William Shakespeare.

EXERCÍCIOS

Texto para as questões de 1 a 4.

“Não esperes nada, mártir — escrevia-lhe ele. — A luta com a desgraça é inútil, e eu não posso já lutar. Foi um atroz engano o nosso encontro. Não temos nada neste mundo. Caminhemos ao encontro da morte... Há um segredo que só no sepulcro se sabe. Ver-nos-emos?”

Vou. Abomino a pátria, abomino a minha família; todo este solo está aos meus olhos coberto de forcas, e quantos homens falam a minha língua, creio que os ouço vociferar as imprecações do carrasco. Em Portugal, nem a liberdade com a opulência; nem já agora a realização das esperanças que me dava o teu amor, Teresa!

(...)

Salva-te, se podes, Teresa. Renuncia ao prestígio dum grande desgraçado. Se teu pai te chama, vai. Se tem de renascer para ti uma aurora de paz, vive para a felicidade desse dia. E, se não, morre, Teresa, que a felicidade é a morte, é o desfazerem-se em pó as fibras laceradas pela dor, é o esquecimento que salva das injúrias a memória dos padecentes.”

(Camilo Castelo Branco, *Amor de Perdição*)

1. No trecho acima, nas palavras proferidas por Simão, alguns segmentos (frases ou palavras) são característicos da escola romântica. Identifique-os, baseando-se nos seguintes itens:

a) Exagero na expressão das paixões:

RESOLUÇÃO:

“Não esperes nada, mártir (...). A luta com a desgraça é inútil, e eu não posso já lutar”.

b) Contemplação comiserada de si:

RESOLUÇÃO:

“Foi um atroz engano o nosso encontro. Não temos nada neste mundo”; “Renuncia ao prestígio dum grande desgraçado”.

c) Pessimismo, absolutização do sentimento de infelicidade:

RESOLUÇÃO:

“Não temos nada neste mundo”; “a felicidade é a morte, é o desfazerem-se em pó as fibras laceradas pela dor, é o esquecimento que salva das injúrias a memória dos padecentes”.

2. Um comportamento próprio do herói romântico é colocar as razões do coração acima das normas e convenções sociais, e desse comportamento decorrem conflitos e problemas existenciais. Destaque na carta de Simão um fragmento que confirme seu sentimento de desagregação em relação à família e à sociedade portuguesa.

RESOLUÇÃO:

“Vou. Abomino a pátria, abomino a minha família; todo este solo está aos meus olhos coberto de forcas, e quantos homens falam a minha língua, creio que os ouço vociferar as imprecações do carrasco. Em Portugal, nem a liberdade com a opulência; nem já agora a realização das esperanças que me dava o teu amor, Teresa!”

Para Simão, a morte parece significar a resolução de todos os problemas, o lenitivo para todas as dores, a única saída possível para os conflitos e problemas existenciais advindos da impossibilidade da realização amorosa.

3. Ao entendimento da morte como saída possível e bem-vinda em situações difíceis, de grande sofrimento, dá-se o nome de

- a) subjetivismo.
- b) saudosismo.
- c) satanismo.
- d) escapismo.
- e) objetivismo.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

4. O *fatalismo* — doutrina ou atitude que atribui todos os acontecimentos ao destino inevitável e prefixado — é outra característica da visão romântica de mundo. Das falas abaixo, também de *Amor de Perdição*, qual a que expressa sentimento fatalista?

- a) “Há um segredo que só no sepulcro se sabe.”
- b) “É demente o senhor Simão?! disse o desembargador.”
- c) “O destino há de cumprir-se... Seja o que o Céu quiser.”
- d) “Para vossa senhoria não há obrigações; há rogos...”
- e) “E, se não, morre, Teresa, que a felicidade é a morte...”

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

MÓDULO 17

AS GERAÇÕES ROMÂNTICAS – PRIMEIRA GERAÇÃO: GONÇALVES DIAS

LEITURA

Texto 1

CANÇÃO DO EXÍLIO

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.*

*Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.*

*Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar — sozinho, à noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

*Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

(Gonçalves Dias)

Texto 2

I-JUCA-PIRAMA
(fragmento: canto X)

*Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: — “Meninos, eu vi!*

*“Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest'hora diante de mi.*

*“Eu disse comigo: ‘Que infâmia d’escravo!’
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!
E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!”*

*Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: “Meninos, eu vi!”*

(Gonçalves Dias)

Texto para a questão 1.

Seja qual for o lugar em que se ache o poeta, ou apunhalado pelas dores, ou ao lado de sua bela, embalado pelos prazeres; no cárcere, como no palácio; na paz, como sobre o campo de batalha; se ele é verdadeiro poeta, jamais deve esquecer-se de sua missão e acha sempre o segredo de encantar os sentidos, vibrar as cordas do coração e elevar o pensamento nas asas da harmonia até as ideias arquetípicas.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – A leitura do trecho permite-nos identificar o período literário a que pertence a obra da qual ele foi extraído. Comente duas passagens do trecho que revelam características da literatura do período em questão.

RESOLUÇÃO:

São românticas as seguintes passagens: “jamais deve esquecer-se de sua missão” (ideia do caráter messiânico do poeta, visto como profeta, como vate); “vibrar as cordas do coração” (defesa do subjetivismo e do predomínio da emoção); “...elevar o pensamento nas asas da harmonia até as ideias arquetípicas” (desejo de sublimidade, de comunhão com o cosmo, e concepção, originariamente platônica, de um mundo superior de essências, que são as ideias arquetípicas).

Texto para as questões 2 e 3.

*Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo Tupi.*

Da tribo pujante, poderosa
Que agora anda errante
Por fado inconstante, destino
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

(Gonçalves Dias, trecho de *I-Juca-Pirama*)

2. O indianismo forneceu à jovem nação brasileira o traço característico que a diferenciava de qualquer outra. O poeta romântico deu ao país uma identidade, sobretudo heroica. Considere os versos e responda:

a) Quais expressões permitem associar o texto ao indianismo?

RESOLUÇÃO:

“Sou filho das selvas”; “Nas selvas cresci”; “tribo Tupi”; “tribo pujante”.

b) Quem aparece idealizado no texto?

RESOLUÇÃO:

Tanto o eu lírico como sua tribo são idealizados: o índio é “bravo”, “forte” e sua tribo é “pujante”.

3. Os versos de Gonçalves Dias caracterizam-se pelo ritmo ágil e pela linguagem precisa; pela brevidade e pela cadência fortemente marcada; pelo equilíbrio entre expressão e construção, entre forma e conteúdo. Qual a medida dos versos transcritos?

RESOLUÇÃO:

Os versos são redondilhos menores (cinco sílabas métricas).

Texto para o teste 4.

CANÇÃO DO EXÍLIO FACILITADA

lá?
ah!

sabiá...
papá...
maná...
sofá...
sinhá...

cá?
bah!

(José Paulo Paes)

AS GERAÇÕES ROMÂNTICAS – SEGUNDA
GERAÇÃO: ÁLVARES DE AZEVEDO E OUTROS

LEITURA

Texto 1

SE EU MORRESSE AMANHÃ

*Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!*

(...)

(Álvares de Azevedo)

Texto 2

IDEIAS ÍNTIMAS

I

(...)

*Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Fantástico alemão¹, poeta ardente
Que ilumina o clarão das gotas pálidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Contudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando blasé², passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler nem poetar. Vivo fumando.*

(...)

IX

*Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!*

(...)

(Álvares de Azevedo)

4. (MACKENZIE-SP – modificado) – Assinale a alternativa correta sobre este texto, escrito em 1973, relacionando-o ao poema romântico “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, escrito em 1843, cujos quatro primeiros versos se transcrevem a seguir:

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá.*

- a) O poema minimalista de José Paulo Paes reafirma, brincando, as saudades provocadas pelo exílio, e isso se nota pelas duas interjeições monossilábicas, relacionadas aos advérbios que as circundam.
- b) José Paulo Paes subverte o tom lamentoso de dor e perda construído pelo nacionalismo romântico, demonstrando total aversão ao sentimento patriótico.
- c) A “Canção do Exílio Facilitada”, tal como aquela de Gonçalves Dias, derrama-se em lirismo nacionalista e, por meio de minuciosa descrição, mostra as maravilhas da pátria distante.
- d) Para entender a inteira significação da “Canção do Exílio Facilitada”, o leitor não precisa conhecer a “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, o que prova a soberania de um texto em relação a outro.
- e) Os adjetivos do poema de José Paulo Paes, oxítonos em *a*, reiteram a rima dos advérbios, o que remete ao poema de Gonçalves Dias.

RESOLUÇÃO:

A alternativa *a* descreve adequadamente alguns traços do texto de José Paulo Paes: as interjeições monossilábicas são “ah!”, que exprime admiração, e “bah!”, que exprime desapontamento, decepção; os advérbios a elas ligados são “lá” e “cá”.

Resposta: A

Texto para o teste 5.

*Como se lê num espelho,
Pude ler nos olhos seus!
Os olhos mostram a alma,
Que as ondas postas em calma
Também refletem os céus;
Mas, ai de mi!
Nem já sei qual fiquei sendo
Depois que os vi!*

5. (UEL-PR) – Considere as seguintes afirmações sobre os versos transcritos, do poeta romântico Gonçalves Dias:

- I. Na lírica amorosa romântica, as forças do amor e os elementos da natureza são comparáveis entre si porque sugerem a ideia de uma composição harmoniosa e equilibrada.
- II. Os olhos serenos da amada representam para o poeta o repouso de seus próprios olhos, que neles se consolam da agitação da vida.
- III. A paixão romântica é com frequência expressa como perturbação dos sentidos e perda da própria identidade de quem ama.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas. b) II, apenas. c) III, apenas.
d) I e II, apenas. e) II e III, apenas.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

1 – Fantástico alemão: Goethe. 2 – Blasé: entediado.

Texto 3

É ELA! É ELA! É ELA! É ELA!

É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou “é ela!”
Eu a vi... minha fada aérea e pura,
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas¹ onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas...
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso² sono,
Vê-la mais bela de Morfeu³ nos braços!

Como dormia! que profundo sono!...
Tinha na mão o ferro do engomado...
Como roncava maviosa⁴ e pura!
Quase caí na rua desmaiado!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava ali metido...

Oh! decerto... (pensei) é doce página
Onde a alma derramou gentis amores;
São versos dela... que amanhã decerto
Ela me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio!
Como Otelo⁵ beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio⁶...

É ela! é ela! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...
Abri cioso⁷ a página secreta...
Oh! meu Deus! era um rol⁸ de roupa suja!

Mas se Werther morreu por ver Carlota⁹
Dando pão com manteiga às criancinhas,
Se achou-a assim mais bela... eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

É ela! é ela! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz¹⁰ que o céu revela...
É ela! é ela! — murmurei tremendo,
E o eco ao longe suspirou “é ela!”.

(Álvares de Azevedo)

1 – Águas-furtadas: sótão. 2 – Venturoso: feliz. 3 – Morfeu: deus grego dos sonhos. 4 – Mavioso: afetuoso. 5 – Otelo: personagem de peça homônima de Shakespeare; personifica o ciúme. 6 – Devaneio: fantasia, imaginação. 7 – Cioso: cuidadoso. 8 – Rol: lista. 9 – Werther e Carlota: personagens de Werther, de Goethe. 10 – Laura e Beatriz: musas de Petrarca e Dante, respectivamente.

Texto 4

LEMBRANÇA DE MORRER

(...)

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro.

(...)

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

(Álvares de Azevedo)

Texto 5

SPLEEN E CHARUTOS

I

SOLIDÃO

Nas nuvens cor de cinza do horizonte
A lua amarelada a face embuça¹;
Parece que tem frio e, no seu leito,
Deitou, para dormir, a carapuça².

Ergueu-se... vem da noite a vagabunda³
Sem xale, sem camisa e sem mantilha,
Vem nua e bela procurar amantes...
É doida por amor da noite a filha.
(...)

Falando ao coração... que nota aérea
Deste céu, destas águas se desata?
Canta assim algum gênio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minh' alma tenebrosa⁴ se entristece,
É muda como sala mortuária...
Deito-me só e triste, sem ter fome
Vendo na mesa a ceia solitária.

Ó lua, ó lua bela dos amores,
Se tu és moça e tens um peito amigo,
Não me deixes assim dormir solteiro,
À meia-noite vem cear⁵ comigo!

(Álvares de Azevedo)

1 – Embuçar: cobrir. 2 – Carapuça: gorro. 3 – Vagabundo: errante. 4 – Tenebroso: sombrio. 5 – Cear: jantar.

Texto 6

A ROÇA

*O balanço da rede, o bom fogo
Sob um teto de humilde sapé;
A palestra, os lundus, a viola,
O cigarro, a modinha, o café;*

*Um robusto alazão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão.*

(...)

(Fagundes Varela)

Texto 7

A FLOR DO MARACUJÁ

(...)

*Por tudo o que o céu revela!
Por tudo o que a terra dá,
Eu te juro que minh'alma
De tua alma escrava está!...
Guarda contigo este emblema
Da flor do maracujá!*

*Não se enojem teus ouvidos
De tantas rimas em – a –
Mas ouve meus juramentos,
Meus cantos ouve, Sinhá!
Te peço pelos mistérios
Da flor do maracujá!*

(Fagundes Varela)

Texto 8

CÂNTICO DO CALVÁRIO

*Eras na vida a pomba predileta
Que sobre um mar de angústias conduzia
O ramo da esperança. — Eras a estrela
Que entre as névoas do inverno cintilava
Apontando o caminho ao pegureiro¹.
Eras a messe² de um dourado estio.
Eras o idílio de um amor sublime.
Eras a glória, — a inspiração, — a pátria,
O porvir de teu pai! Ah! no entanto,
Pomba, — varou-te a flecha do destino!
Astro, — engoliu-te o temporal do norte!
Teto, — caíste! — Crença, já não vives!*

(...)

(Fagundes Varela)

Texto 9

MEU LAR OU CANÇÃO DO EXÍLIO

*Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabidá!*

*Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!*

(...)

(Casimiro de Abreu)

Texto 10

AMOR E MEDO

*Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“ — Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!”*

*Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela — eu moço; tens amor — eu medo!...*

(...)

(Casimiro de Abreu)

Texto 11

MEUS OITO ANOS

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!*

(...)

(Casimiro de Abreu)

1 – Pegureiro: guardador de gado; pastor. 2 – Messe: colheita.

Texto para o teste 1.

*Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céu, cabelos soltos,
Pálida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azuis pranteia orando.
É um retrato talvez. Naquele seio
Porventura sonhei douradas noites.
Talvez sonhando desatei sorrindo,
Alguma vez nos ombros perfumados,
Esses cabelos negros, e em delíquio desmaio, tontura
Nos lábios dela suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquela vaga sombra na parede
— Fantasma de carvão e pó cerúleo, da cor do céu
Tão vaga, tão extinta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.*
(Álvares de Azevedo, trecho de “Ideias Íntimas”)

1. (VUNESP-SP – adaptado) – Baseando-se na leitura dos versos de Álvares de Azevedo, assinale a única alternativa **incorreta**.
- Considerando-se os aspectos temáticos e formais, podem-se vincular estes versos ao segundo momento do movimento romântico brasileiro, também conhecido como “geração do *spleen*” ou do “mal do século”.
 - A presença da mulher amada torna-se o ponto central dos versos. Isso é claramente manifestado pelas recordações do eu lírico, marcado por um passado vivido, que sempre volta em imagens e sonhos.
 - O texto reflete um articulado jogo entre o plano do imaginário e o plano do real. Um dos elementos, entre outros, que articula essa construção, é a alternância dos tempos verbais presente/passado.
 - Realidade e fantasia fundem-se no espaço da poesia lírica romântica, gênero de grande destaque dentro desse movimento.
 - Apesar de utilizar o verso decassílabo, esse poema possui o andamento próximo ao da prosa. Esse aspecto formal é importante para intensificar certo prosaísmo intimista da poesia romântica.

RESOLUÇÃO:

O eu lírico não relata experiências vividas; utiliza-se de imagens que oscilam entre o real e o imaginário.

Resposta: B

2. (UNICAMP-SP) – Casimiro de Abreu é um poeta romântico e Cacaso é um poeta contemporâneo. “E com Vocês a Modernidade”, de Cacaso, remete-nos ao poema “Meus Oito Anos”, de Casimiro de Abreu. Leia com atenção os dois textos abaixo transcritos e, aproximando seus elementos comuns e distinguindo os elementos divergentes, explique como o poema contemporâneo dialoga com a tradição romântica.

*Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!*
(Casimiro de Abreu, “Meus Oito Anos”)

*Meu verso é profundamente romântico.
Choram cavaquinhos luares se derramam e vai
por aí a longa sombra de rumores e ciganos.
Ai que saudade que tenho de meus negros verdes anos!*
(Cacaso, “E com Vocês a Modernidade”,
poema de *Beijo na Boca*, 1975.)

RESOLUÇÃO:

O elemento comum aos dois textos é a função emotiva, a subjetividade nostálgica expressa em: “Oh! que saudades que tenho” / “Meu verso é profundamente romântico...” / “Choram cavaquinhos luares se derramam e vai...”. Os termos “cavaquinhos, luares” têm ligação com o tempo passado, remetendo-nos a cantorias populares.

A divergência significativa aparece, no texto de Cacaso, no verso: “Ai que saudade que tenho de meus negros verdes anos!” A palavra *negros* dá ao texto um caráter reflexivo, crítico em relação aos “verdes anos”, fato que jamais ocorre no texto de Casimiro de Abreu.

Quanto ao aspecto formal, há diferença na métrica. Os versos de “Meus Oito Anos” são redondilhos maiores (sete sílabas métricas) e os do poema de Cacaso são livres.

O diálogo do poema contemporâneo com a tradição romântica é estabelecido pela temática e principalmente pela referência intertextual presente em: “Ai que saudade que tenho de meus negros verdes anos!”. As expressões “Ai que saudade que tenho” e “meus verdes anos” remetem ao poema romântico “Meus Oito Anos”.

Texto para o teste 3.

*Minh'alma é triste como a rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor¹ da aurora,
E em doce arrulo² que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.*

(Casimiro de Abreu, "Minh'Alma É Triste", in *Primaveras*)

1 – *Albor* = *alvor*: a primeira luz do dia.

2 – *Arrulo* = *arrulho*: som típico das pombas e rolas.

3. A estrofe apresentada revela uma situação caracteristicamente romântica. Aponte-a.

- a) A natureza agride o poeta: neste mundo, não há amparo para os desenganos amorosos.
- b) A beleza do mundo não é suficiente para mitigar a solidão do poeta.
- c) O poeta atribui ao mundo exterior estados de espírito que o envolvem.
- d) A morte, impregnando todos os seres e coisas, tira do poeta a alegria de viver.
- e) O poeta recusa valer-se da natureza, que só lhe traz a sensação de morte.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 4.

*Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso... e só de ver-te
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.*

(Álvares de Azevedo, "Luar de Verão", in *Lira dos Vinte Anos*)

4. (FUVEST-SP) – Neste excerto, o eu lírico parece aderir com intensidade aos temas de que fala, mas revela, de imediato, desinteresse e tédio. Essa atitude do eu lírico manifesta a

- a) ironia romântica.
- b) tendência romântica ao misticismo.
- c) melancolia romântica.
- d) aversão dos românticos à natureza.
- e) fuga romântica para o sonho.

RESOLUÇÃO:

A contrapartida dos exageros sentimentais é exatamente a postura irônica; o "eu" satírico que debocha do "eu" sentimental. O enunciado põe em relevo a "antinomia" central de Álvares de Azevedo, expressa à saciedade na oposição entre posturas dominantes na 1.ª e na 2.ª parte da *Lira dos Vinte Anos*, oposição que marca também a sua evolução como artista, em busca de uma forma menos desgastada de lirismo. No excerto, o último verso, "Eu sinto os lábios meus se abrir de sono", rompe com a idealização romântica, que é ironizada e só causa tédio.

Resposta: A

MÓDULO 19

AS GERAÇÕES ROMÂNTICAS – TERCEIRA GERAÇÃO: CASTRO ALVES

LEITURA

Texto 1

ADORMECIDA

*Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.*

*'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas¹ da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.*

*De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos – beijá-la.*

*Era um quadro celeste!... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...*

*Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!...*

*E o ramo ora chegava, ora afastava-se...
Mas quando a via despertada a meio,
Pra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...*

*Eu, fitando esta cena, repetia,
Naquela noite lânguida e sentida:
"Ó flor! – tu és a virgem das campinas!
"Virgem! – tu és a flor de minha vida!..."*

(Castro Alves, *Espumas Flutuantes*, 1870)

1 – *Silva*: designação comum a diversas plantas da família das rosáceas; silveira, sarça.

Texto 2

O NAVIO NEGREIRO (Tragédia no Mar)

(...)

*Negras mulheres suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães.
Outras, moças... mas nuas, espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.*

(...)

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...
Ó mar! por que não apagas
Coa esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

(...)

(Castro Alves)

Texto 3

A CRUZ DA ESTRADA

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo¹
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti², do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita:
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

(Castro Alves)

1 e 2 – Gaturamo e juriti: espécies de aves.

EXERCÍCIOS

Para os testes 1 e 2, leia atentamente o texto abaixo:

- 1 *Maldição sobre vós, tribuno falso!*
- 2 *Rei, que julgais que o negro cadafalso¹*
- 3 *É dos tronos irmão!*
- 4 *Bardo², que a lira prostituís na orgia*
- 5 *— Eunuco incensador da tirania —*
- 6 *Sobre ti maldição!*

- 7 *Maldição sobre ti, rico devasso,*
- 8 *Que da música ao lânguido compasso*
- 9 *Embriagado não vês*
- 10 *A criança faminta que na rua*
- 11 *Abraça uma mulher pálida e nua,*
- 12 *Tua amante talvez!*

(...)

- 13 *Por isso, quando vês as noites belas,*
- 14 *Onde voa a poeira das estrelas*
- 15 *E das constelações,*
- 16 *Eu fito o abismo que a meus pés fermenta*
- 17 *E onde, como santelmos³ da tormenta,*
- 18 *Fulgem revoluções!...*

Vocabulário

- 1 – *Cadafalso*: tablado ou estrado erguido em lugar público, onde se executavam os condenados; patíbulo.
- 2 – *Bardo*: poeta, vate, trovador.
- 3 – *Santelmo*: chama azulada que, sobretudo por ocasião de tempestade, surge nos mastros dos navios, produzida pela eletricidade.

1. (UNIP-SP) – Trata-se de um fragmento de “Confidência”, poema do livro *Os Escravos*, de Castro Alves. Assinale a afirmação correta quanto ao texto, levando em consideração as características que você conhece desse autor.
 - a) Aproximando-se da oratória conceptista do Pe. Antônio Vieira, o poeta visa a convencer o leitor pela argumentação sutil e pelo raciocínio envolvente.
 - b) Com a objetividade dos autores realistas e naturalistas, Castro Alves analisa e denuncia alguns aspectos das injustiças sociais.
 - c) Abandonando a métrica e a rima, à maneira dos modernistas, o autor concentra-se no cotidiano vulgar, do qual extrai imagens inovadoras e desconcertantes.
 - d) Expressando a sua indignação, o poeta visa a comover pela linguagem enfática, declamatória, apoiada nas apóstrofes violentas, hipérboles e antíteses.
 - e) A atitude cética e niilista do autor é enfatizada pelo tom de revolta de quem se sabe impotente para transformar o mundo, e por isso se entrega à contemplação do “abismo” que se abre aos seus pés.

RESOLUÇÃO:

A alternativa *d* contempla algumas das características notórias da poesia condoreira: a poesia centrada no destinatário, na função conativa, que visa a comover pela linguagem enfática, declamatória, vazada nas imagens grandiosas, metáforas ousadas, intensificações e interpelações violentas. O poema inteiro é uma indignada apóstrofe contra os falsos tribunos, reis tirânicos, poetas venais e ricos devassos, e uma profissão de fé revolucionária do eu poético.

Resposta: D

2. (UNIP-SP – modificado) – Assinale a alternativa **incorreta** sobre o texto.

- Nos versos de 1 a 12, o poeta lança sua maldição, sucessivamente, sobre a tirania dos governantes (“tribuno falso”, “Rei”), a subversão dos poetas bajuladores (“Bardo”) e a indiferença e desavassidão das elites (“rico devasso”).
- Os versos de 10 a 12 sugerem que a “criança faminta” seja filho ou filha da amante do “rico devasso”.
- O eu lírico lamenta o fato de não poder ver as estrelas (versos 13-14), restando-lhe apenas imagens de tristeza e dor (versos 16-18).
- Os versos de 13 a 18 configuram a antítese entre a atitude “alienada” do “rico devasso” que contempla as estrelas e a atitude profética e participante do poeta que, fitando o “abismo”, vislumbra sinais das revoluções.
- Os versos de 16 a 18 são os mais caracteristicamente condoreiros, pelo titanismo (imagens grandiosas) e pela atitude visionária, “mediúnica”, do artista que profetiza grandes transformações e se solidariza com elas.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para o teste 3.

(...)

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

*Vós, que o templo das ideias
Largo — abris às multidões,
Pra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse “rei dos ventos”
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...*

(Castro Alves)

3. (FUVEST-SP) – O tratamento dado aos temas do livro e do trem de ferro, nestes versos de “O Livro e a América”, permite afirmar corretamente que, no contexto de *Espumas Flutuantes*,

- o poeta romântico assume o ideal do progresso, abandonando as preocupações com a História.
- o entusiasmo pelo progresso técnico e cultural determina a superação do encantamento pela natureza.
- o entusiasmo pelo progresso cultural se contrapõe ao temor do progresso técnico, que agride a natureza.
- o poeta romântico se abre ao progresso e à técnica, em que não vê incompatibilidade com os ciclos naturais.
- o poeta romântico propõe que literatura e natureza somem forças contra a invasão do progresso técnico.

RESOLUÇÃO:

Ao associar metaforicamente o livro ao “germe” e à “chuva”, na primeira estrofe, e ao fazer o trem de ferro acordar o “tigre” e espantar “os caboclos nus”, o poeta relaciona as imagens do progresso e da técnica às sugestões da natureza e não vê qualquer incompatibilidade entre esses dois universos, que outros românticos concebiam como antagônicos e inconciliáveis (por exemplo, Fagundes Varela e Gonçalves Dias).

Resposta: D

Texto para o teste 4.

*Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
— Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.*

4. (FUVEST-SP) – Nesta estrofe de “Mocidade e Morte”, de Castro Alves, reúnem-se, como numa espécie de súplica, vários dos temas e aspectos mais característicos de sua poesia.

São eles:

- identificação com a natureza, condoreirismo, erotismo franco, exotismo.
- aspiração de amor e morte, titanismo, sensualismo, exotismo.
- sensualismo, aspiração de absoluto, nacionalismo, orientalismo.
- personificação da natureza, hipérboles, sensualismo velado, exotismo.
- aspiração de amor e morte, condoreirismo, hipérboles, orientalismo.

RESOLUÇÃO:

A estrofe inicial de “Mocidade e Morte” é uma enfática afirmação da vida, da juventude e da sensualidade, malgrado a circunstância trágica que motivou sua escritura — a tuberculose precoce, aos dezesseis anos — e da qual derivou seu título original, “A um Tísico”. A natureza expressiva está presente no desejo enfático de comunhão com os aspectos grandiosos do universo: “infinito”, “mares”. Os “seios da mulher” e “seus beijos de fogo”, tão caros ao poeta, estão presentes como afirmação viril e vitalista. A nota exótica e orientalizante diz-se na aproximação com a imagem do árabe sedento, saciando-se num oásis.

Resposta: A

MÓDULO 20

PROSA ROMÂNTICA I: JOSÉ DE ALENCAR I

LEITURA

Texto 1

Peri compreendia o gesto da índia; não fez, porém, o menor movimento para segui-la.

Fitou nela o seu olhar brilhante e sorriu.

Por sua vez a menina também compreendeu a expressão daquele sorriso e a resolução firme e inabalável que se lia na fronte serena do prisioneiro.

Insistiu por algum tempo, mas debalde.

Peri tinha atirado para longe o arco e as flechas e, recostando-se ao tronco da árvore, conservava-se calmo e impassível.

De repente o índio estremeceu.

Cecília aparecera no alto da esplanada e lhe acenara; sua mão-zinha alva e delicada agitando-se no ar parecia dizer-lhe que esperasse; Peri julgou mesmo ver no rostinho gentil de sua senhora, apesar da distância, brilhar um raio de felicidade.

(José de Alencar, *O Guarani*)

Texto 2

(...)

Peri tinha falado com o tom inspirado que dão as crenças profundas; com o entusiasmo das almas ricas de poesia e sentimento.

Cecília o ouvia sorrindo e bebia uma a uma as suas palavras, como se fossem as partículas do ar que respirava; parecia-lhe que a alma de seu amigo, essa alma nobre e bela, se desprendia do seu corpo em cada uma das frases solenes e vinha embeber-se no seu coração, que se abria para recebê-la.

A água subindo molhou as pontas das largas folhas da palmeira, e uma gota, resvalando pelo leque, foi embeber-se na alva cambraia das roupas de Cecília.

A menina, por um movimento instintivo de terror, conchegou-se ao seu amigo; e nesse momento supremo, em que a inundação abria a fuce enorme para tragá-los, murmurou docemente:

— Meu Deus!... Peri!...

Então passou-se sobre esse vasto deserto de água e céu uma cena estupenda, heroica, sobre-humana; um espetáculo grandioso, uma sublime loucura.

Peri alucinado suspendeu-se aos cipós que se entrelaçavam pelos ramos das árvores já cobertas de água e, com esforço desesperado, cingindo o tronco da palmeira nos seus braços hirtos, abalou-o até as raízes.

Três vezes os seus músculos de aço, estorcendo-se, inclinaram a haste robusta; e três vezes o seu corpo vergou, cedendo à retração violenta da árvore, que voltava ao lugar que a natureza lhe havia marcado.

Luta terrível, espantosa, louca, esvairada: luta da vida contra a matéria; luta do homem contra a terra; luta da força contra a imobilidade.

Houve um momento de repouso em que o homem, concentrado todo o seu poder, estorceu-se de novo contra a árvore; o ímpeto foi terrível; e pareceu que o corpo ia despedaçar-se nessa distensão horrível.

Ambos, árvore e homem, embalançaram-se no seio das águas: a haste oscilou; as raízes desprenderam-se da terra já minada profundamente pela torrente.

A cúpula da palmeira, embalançando-se graciosamente, resvalou pela flor da água como um ninho de garças ou alguma ilha flutuante, formada pelas vegetações aquáticas.

Peri estava de novo sentado junto de sua senhora quase inanimada: e, tomando-a nos braços, disse-lhe com um acento de ventura suprema:

— Tu viverás!...

Cecília abriu os olhos e, vendo seu amigo junto dela, ouvindo ainda suas palavras, sentiu o enlevo que deve ser o gozo da vida eterna.

— Sim?... murmurou ela; viveremos!... lá no céu, no seio de Deus, junto daqueles que amamos!...

O anjo espanejava-se para remontar ao berço.

— Sobre aquele azul que tu vês, continuou ela, Deus mora no seu trono, rodeado dos que o adoram. Nós iremos lá, Peri! Tu viverás com tua irmã, sempre...!

Ela embebeu os olhos nos olhos do seu amigo e lânguida reclinou a loura fronte.

O hálito ardente de Peri bafejou-lhe a face.

Fez-se no semblante da virgem um ninho de castos rubores e límpidos sorrisos: os lábios abriram como as asas purpúreas de um beijo soltando o voo.

A palmeira arrastada pela torrente impetuosa fugia...

E sumiu-se no horizonte.

(José de Alencar, *O Guarani*)

EXERCÍCIOS

1. (E. F. ENG. ITAJUBÁ-MG) – Leia o fragmento seguinte e identifique aspectos da prosa romântica que satisfaziam plenamente os anseios do público leitor à época.

E o mais é que nós estamos num sarau: inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de Paquetá senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidade; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graças, encantos e donaires [adornos], certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

(MACEDO, Joaquim Manuel de.

A Moreninha, 23.^a ed. São Paulo, Ática, 1993, p. 93.)

RESOLUÇÃO:

O trecho em questão focaliza os costumes da burguesia da época (“senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidade”; “numerosa e escolhida sociedade”), reunida num sarau em que tudo é “prazer e bom gosto”. A presença de moças “elegantes e agradáveis” e a descrição da heroína como a “princesa” da festa indiciam que o enredo se encaminhará para uma história de amor, terminando com o esperado final feliz. A narrativa apresenta, sem o menor sinal de crítica, uma visão superficial das personagens, assim como a frivolidade e banalidade das situações, que faziam sonhar os leitores da época.

Texto para as questões 2 e 3.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. (...)

(José de Alencar, *Iracema*)

2. Quais características o texto transcrito apresenta que podem ser consideradas eminentemente nacionais?

RESOLUÇÃO:

A personagem que dá título ao romance, Iracema, é uma índia; o autor emprega termos indígenas e o cenário é tipicamente brasileiro.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Um dos traços fundamentais do Romantismo reside no idealismo com que os escritores concebem suas personagens. No Brasil, tornaram-se célebres alguns protagonistas de Alencar, modelos ideais de comportamento e dotados de admirável beleza física. A partir dessas observações, explique, com base no texto, por que Iracema pode ser tomada como personagem típica do Romantismo.

RESOLUÇÃO:

No texto, a personagem é descrita por meio de metáforas e comparações extremamente encarecedoras, hiperbólicas mesmo, que sugerem uma identificação ideal entre a mulher e a natureza. Iracema, virginal (qualificação também, do ponto de vista de um certo Romantismo, altamente encarecedora), tem os “lábios de mel”, cabelos que superam o negrume da “asa da graúna”, seu talhe é “de palmeira”, seu hálito recende ainda mais que a “baunilha”, “o aljôfar [orvalho da manhã] d'água ainda a roreja [umedede, orvalha] como à doce mangaba que corou em manhã de chuva” etc. Essa imagética vegetal combina-se com atributos que apresentam a índia como uma deusa em representação alexandrina (“o pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas”). Toda essa fervorosa e efusiva idealização do feminino corresponde a uma visão romântica da mulher — a mulher angelical, *pendant* da também romântica mulher diabólica.

4. (PUCCamp-SP) – Tanto na poesia como na prosa do Romantismo, ocorre a idealização da figura do índio, o que se pode observar em alguns dos poemas de Gonçalves Dias ou no romance *Iracema*, de José de Alencar. Tal idealização atende ao seguinte compromisso desses autores:

- enaltimento dos padrões aristocráticos de conduta, comprometidos com os desdobramentos da luta popular pela Independência.
- exaltação das virtudes naturais dos indígenas, interpretadas num código que as identificava com a coragem e a fidalguia cavaleirescas.
- culto da simplicidade e da modéstia, vistas como bases morais inspiradoras para o desenvolvimento da vida burguesa.
- condenação do processo colonial, responsável pela descaracterização da cultura indígena e dos valores populares.
- valorização do lendário e do folclórico, tomados como inspiradores de uma arte nacional de estilo primitivista.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

MÓDULO 1 – ANÁLISE DE TEXTO

Instrução: As questões de números 1 a 5 tomam por base o seguinte fragmento de uma crônica de João Ubaldo Ribeiro (1941):

MOTIVOS PARA PÂNICO

Como sabemos, existem muitas frases comumente repetidas a cujo uso nos acostumamos tanto que nem observamos nelas patentes absurdos ou disparates. Das mais escutadas nos noticiários, nos últimos dias, têm sido “não há razão para pânico” e “não há motivo para pânico”, ambas aludindo à famosa gripe suína de que tanto se fala. Todo mundo as ouve e creio que a maioria concorda sem pensar e sem notar que se trata de assertivas tão asnáticas quanto, por exemplo, a antiga exigência de que o postulante a certos benefícios públicos estivesse “vivo e sadio”, como se um defunto pudesse estar sadio. Ou a que apareceu num comercial da Petrobrás em homenagem aos seus trabalhadores, que não sei se ainda está sendo veiculado. Nele, os trabalhadores “encaram de frente” grandes desafios, como se alguém pudesse encarar alguma coisa senão de frente mesmo, a não ser que o cruel destino lhe haja posto a cara no traseiro.

Em rigor, as frases não se equivalem e é necessário examiná-las separadamente, se se desejar enxergar as inanidades que formulam. No primeiro caso, pois o pânico é uma reação irracional, comete-se uma contradição em termos mais que óbvia. Ninguém pode ter ou deixar de ter razão para pânico, porque não é possível haver razão em algo que por definição requer ausência de razão. Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a “água é um líquido” ou “a comida vai para o estômago”. Se as palavras pudessem protestar, certamente Pânico escreveria para as redações, perguntando ofendidíssimo desde quando ele precisa de razão. Nunca há uma razão para o pânico.

A segunda frase nega uma verdade evidente. É também mais do que claro que não existe pânico sem motivo, ou seja, o freguês entra em pânico porque algo o motivou, independentemente de sua vontade, a entrar na desagradabilíssima sensação de pânico. Ninguém, que eu saiba, olha assim para a mulher e diz “mulher, acho que vou entrar em pânico hoje à tarde” e, quando a mulher pergunta por que, diz que é para quebrar a monotonia.”

(RIBEIRO, João Ubaldo. “Motivos para Pânico”, in *O Estado de S. Paulo*, 17/5/2009.)

1. (VUNESP-SP) – Como é característico da crônica jornalística, João Ubaldo Ribeiro focaliza assuntos do cotidiano com muito bom humor, mesclando a seu discurso palavras e expressões coloquiais. Um exemplo é *asnáticas*, que aparece em “assertivas tão asnáticas quanto”, e outro, o substantivo *freguês*, empregado em “o freguês entra em pânico”. Caso o objetivo do autor nessas passagens deixasse de ser jocoso e se tornasse mais formal, as palavras adequadas para substituir, respectivamente, *asnáticas* e *freguês* seriam:

- a) Estúpidas, panaca.
- b) Asininas, bestalhão.
- c) Intrigantes, sujeito.
- d) Estranhas, cara.
- e) Disparatadas, indivíduo.

RESOLUÇÃO:

A expressão *assertivas asnáticas* significa “afirmações disparatadas, idiotas, desarrazoadas”; a palavra *freguês*, no texto, pode ser substituída por *sujeito ou indivíduo*.

Resposta: E

2. (VUNESP-SP) – Embora o autor afirme, no fragmento citado, que os significados de *razão* e *motivo* são diferentes nas frases mencionadas, há numerosos contextos em que essas duas palavras podem ser indiferentemente utilizadas, sem alteração relevante do significado das frases. Baseado neste comentário, assinale a única alternativa em que a palavra *motivo* não pode substituir a palavra *razão*, já que nesse caso haveria uma grande mudança do sentido.

- a) Qual a razão de tamanha mudança?
- b) Ele perdeu a razão ao sentir aquele amor tão forte.
- c) A razão de sua renúncia foi a chegada de seu irmão.
- d) Ninguém descobriu a razão de sua morte.
- e) Que razões alegou para o pedido de divórcio?

RESOLUÇÃO:

Na frase da alternativa b, *razão* significa “discernimento, bom senso, juízo”.

Resposta: B

3. (VUNESP-SP) – O autor escreve, no penúltimo período do segundo parágrafo, a palavra *Pânico* com inicial maiúscula. O emprego da inicial maiúscula, neste caso, se deve

- a) ao fato de, por sinédoque, o cronista querer ressaltar a diferença entre a parte e o todo.
- b) à necessidade de enfatizar que há diferenças entre diversos tipos de pânico.
- c) ao emprego da palavra com base no recurso da personificação ou prosopopeia.
- d) à necessidade de diferenciar os significados de “razão” e “motivo”.
- e) para alertar sobre o grande perigo que representaria o pânico sem motivo.

RESOLUÇÃO:

A prosopopeia ou personificação é evidente na situação em que o autor imagina “Pânico” escrevendo cartas às redações de jornais.

Resposta: C

4. (VUNESP-SP) – Então, ao repetir solenemente que não há razão para pânico, os noticiários e notas de esclarecimento (e nós também) estão dizendo uma novidade semelhante a “água é um líquido” ou “a comida vai para o estômago”.

Neste período, no tom bem humorado que o autor imprime à crônica, a palavra *novidade* assume um sentido contrário ao que apresenta normalmente. Essa alteração de sentido, em função de um contexto habilmente construído pelo cronista, caracteriza o recurso estilístico denominado:

- a) Ironia.
- b) Reticência.
- c) Eufemismo.
- d) Antítese.
- e) Hipérbole.

RESOLUÇÃO:

A ironia consiste em afirmar o oposto do que se dá a entender.

Resposta: A

5. (VUNESP-SP) – Para o narrador, não notamos os verdadeiros absurdos em asserções como as que ele comenta, porque:

- a) Não temos hábito de leitura e interpretação de textos.
- b) Não nos sentimos capazes de negar verdades evidentes.
- c) Quase todas as frases assertivas do idioma são “asnáticas”.
- d) Costumamos ouvi-las tantas vezes, que nem notamos tais absurdos.
- e) Essas frases aparecem em propagandas oficiais.

RESOLUÇÃO:

A resposta se encontra na primeira frase do texto.

Resposta: D

Instrução: As questões de números 6 a 9 tomam por base a seguinte crônica do escritor e blogueiro Antonio Prata (1977):

PENSAR EM NADA
A MARAVILHA DA CORRIDA: BASTA COLOCAR
UM PÉ NA FRENTE DO OUTRO

Assim como numa família de atletas um garoto deve encontrar certa resistência ao começar a fumar, fui motivo de piada entre alguns parentes — quase todos intelectuais — quando souberam que eu estava correndo. “O esporte é bom pra gente”, disse minha avó, num almoço de domingo. “Fortalece o corpo e emburrece a mente.”

Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa. O esporte emburrece a mente e o mais emburrecedor de todos os esportes inventados pelo homem é, sem sombra de dúvida, a corrida — por isso que eu gosto tanto.

Antes que o primeiro corredor indignado atire um tênis em minha direção (número 42, pisada pronada, por favor), explico-me. É claro que o esporte é fundamental em nossa formação. Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria, mas imagino que jogos e exercícios ajudem a formar a coordenação motora, a percepção espacial, a lógica e os reflexos e ainda tragam mais outras tantas benesses ao conjunto psico-moto-neuro-blá-blá-blá. Quando falo em emburrecer,

refiro-me ao delicioso momento do exercício, àquela hora em que você se esquece da infiltração no teto do banheiro, do enrosco na planilha do Almeidinha, da extração do siso na próxima semana, do pé na bunda que levou da Marilu, do frio que entra pela fresta da janela e do aquecimento global que pode acabar com tudo de uma vez. Você começa a correr e, naqueles 30, 40, 90 ou 180 minutos, todo esse fantástico computador que é o nosso cérebro, capaz de levar o homem à Lua, compor músicas e dividir um átomo, volta-se para uma única e simplíssima função: perna esquerda, perna direita, perna esquerda, perna direita, inspira, expira, inspira, expira, um, dois, um, dois.

A consciência é, de certa forma, um tormento. Penso, logo existo. Existo, logo me incomodo. A gravidade nos pesa sobre os ombros. Os anos agarram-se à nossa pele. A morte nos espreita adiante e quando uma voz feminina e desconhecida surge em nosso celular, não costuma ser a última da capa da Playboy, perguntando se temos programa para sábado, mas a mocinha do cartão de crédito avisando que a conta do cartão “encontra-se em aberto há 14 dias” e querendo saber se “há previsão de pagamento”.

Quando estamos correndo, não há previsão de pagamento. Não há previsão de nada porque passado e futuro foram anulados. Somos uma simples máquina presa ao presente. Somos reduzidos à biologia. Uma válvula bombando no meio do peito, uns músculos contraindo-se e expandindo-se nas pernas, um ou outro neurônio atento aos carros, buracos e cocôs de cachorro.

Poder, glória, dinheiro, mulheres, as tragédias gregas, tá bom, podem ser coisas boas, mas naquele momento nada disso interessa: eis-nos ali, mamíferos adultos, saudáveis, movimentando-nos sobre a Terra, e é só.

(PRATA, Antonio. “Pensar em Nada”, in *Runner’s World*, n. 7, São Paulo, Editora Abril, mai./2009.)

6. (VUNESP-SP) – Ao longo do texto apresentado, percebemos que o cronista nos conduz com sutileza e humor para um sentido de *emburrecer* bem diferente do que parece estar sugerido na fala de sua avó. Para ele, portanto, como se observa principalmente no emprego da palavra no terceiro parágrafo, *emburrecer* é:

- a) Fazer perder progressivamente a inteligência por meio do esporte.
- b) Imitar a capacidade de concentração do animal para obter melhores resultados.
- c) Tornar-se uma pessoa muito teimosa, focada exclusivamente no esporte.
- d) Embotar as faculdades mentais pela prática constante do esporte.
- e) Esvaziar a mente de outras preocupações durante a prática do esporte.

RESOLUÇÃO:

Emburrecer, para a avó do narrador, significa “perder a inteligência, tornar-se burro”. Para o narrador, porém, adquire o sentido de “desligar-se das preocupações cotidianas”, pois, enquanto se exercita, presta atenção unicamente nos movimentos físicos.

Resposta: E

MÓDULO 2 – ANÁLISE DE TEXTO

Textos para as questões de 1 a 9.

AO DESCONCERTO DO MUNDO

*Os bons vi sempre passar
no mundo graves tormentos
e, para mais m'espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem, tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.
Assi que só para mim
anda o mundo concertado.*

organizado, ordenado
(Luís de Camões)

NÓS

(...)
*Ai daqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E — custa a crer — deixam vivos os maus!*
(...)

(Cesário Verde)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Nestes versos de Camões, o poeta explora um tema literário bastante comum, presente em obras de poetas de todos os tempos. Trata-se do “desconcerto do mundo”, quer dizer, a verificação de que os fatos do mundo acontecem às avessas, em desajuste com as exigências íntimas da vida pessoal. Com base nesse comentário, releia o texto e, a seguir, explique que tipo de “desconcerto” é apontado por Camões em seu poema.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do desconcerto ligado à ética, ao comportamento pessoal. Os de boa índole são punidos, enquanto os de mau comportamento são recompensados.

7. (VUNESP-SP) – A série de cinco períodos curtos com que se inicia o quarto parágrafo expressa, num crescendo, algumas preocupações existenciais do cronista. A partir do sexto período, porém, a expressão dessas grandes preocupações se frustra com a ocorrência trivial da ligação da moça do cartão de crédito. Essa técnica de enumeração ascendente que termina por uma súbita descendente constitui um recurso estilístico denominado:

- a) Catacrese. b) Anticlímax. c) Anáfora.
d) Símile. e) Clímax.

RESOLUÇÃO:

O próprio enunciado da questão permite ao candidato identificar a figura de linguagem presente no quarto parágrafo. Trata-se de gradação em anticlímax, caracterizada por apresentar, em um trecho encadeado, gradação de sentido ascendente, seguida de outra de sentido descendente.

Resposta: B

8. (VUNESP-SP) – No período “Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela estava certa”, o cronista poderia ter evitado o efeito redundante devido ao emprego próximo de palavras cognatas (*certeza – certa*). Leia atentamente as quatro possibilidades abaixo e identifique as frases em que tal efeito de redundância é evitado, sem que sejam traídos os sentidos do período original:

- I. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou certo de que ela acertou.
II. Hoje, dez anos depois daquele almoço, estou convencido de que ela estava certa.
III. Hoje, dez anos depois daquele almoço, tenho certeza de que ela tinha razão.
IV. Hoje, dez anos depois daquele almoço, acredito que ela poderia estar certa.

- a) I e II. b) II e III. c) I, II e III.
d) I, III e IV. e) II, III e IV.

RESOLUÇÃO:

As frases II e III mantiveram o sentido original, pois houve substituição de “tenho certeza” e “estava certa” por, respectivamente, “estou convencido” e “tinha razão”.

Em I, a redundância se manteve nos termos *certo* e *acertou*; em IV houve alteração de sentido na troca do pretérito imperfeito (*estava*) pelo futuro do pretérito composto (*poderia estar*).

Resposta: B

9. (VUNESP-SP) – Ao empregar *lhufas* em “Não entendo lhufas de pedagogia ou pediatria (...)”, o cronista poderia ter também empregado outros vocábulos ou expressões que correspondem à mesma acepção.

Assinale a única alternativa em que a substituição não é pertinente, pois alteraria o sentido da frase:

- a) Não entendo bulhufas de pedagogia ou pediatria.
b) Não entendo patavina de pedagogia ou pediatria.
c) Não entendo muita coisa de pedagogia ou pediatria.
d) Não entendo coisa alguma de pedagogia ou pediatria.
e) Não entendo nada de pedagogia ou pediatria.

RESOLUÇÃO:

A expressão *não entendo lhufas* significa que o narrador “não entende nada, coisa nenhuma”, sentido que se mantém em todas as frases, exceto em *não entendo muita coisa*, que não indica uma negação, mas sim que uma parte mínima foi compreendida.

Resposta: C

2. Há no poema de Camões uma antítese básica, que aparece repetida em formas variantes. De que antítese se trata?

RESOLUÇÃO:

A antítese é entre “bons” (v. 1) e “maus” (v. 4), retomada em “bem” e “mal” (v. 7).

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Nos primeiros versos do texto, Camões mostra sua consciência sobre o “desconcerto do mundo”. Em decorrência disso, confessa uma mudança de atitude. Explique como se dá essa mudança de atitude.

RESOLUÇÃO:

O poeta faz-se mau, para alcançar, assim, o bem, tão mal distribuído no mundo.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Comente o resultado de sua tentativa.

RESOLUÇÃO:

O poeta foi castigado, concluindo que só para ele o mundo funciona corretamente, havendo harmonia entre os atos e suas consequências.

5. Por que se pode dizer que o final do poema é sarcástico ou irônico?

RESOLUÇÃO:

O poema termina com uma conclusão que se pode considerar sarcástica ou irônica, pois diz o eu lírico que só para ele “anda o mundo concertado”, precisamente porque ele, quando foi mau, foi castigado, ao contrário de sua expectativa, já que via os bons sofrerem “graves tormentos” e os maus nadarem num “mar de contentamentos”. A conclusão, portanto, implica a ideia, amargamente zombeteira, de que o mundo não funciona como deveria, quando se trata dos outros, nem funciona como costuma funcionar, quando se trata do sujeito...

6. A palavra “caos”, em Cesário Verde, corresponde, em Camões, a expressão

- a) “e, para mais m’espantar”.
- b) “em mar de contentamentos”.
- c) “fui mau, mas fui castigado”.
- d) “O bem tão mal ordenado”.
- e) “só para mim / anda o mundo concertado”.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

7. A expressão “Os bons vi sempre passar / no mundo graves tormentos” corresponde a qual expressão do poema de Cesário Verde?

RESOLUÇÃO:

Os versos “Os bons vi sempre passar / no mundo graves tormentos” correspondem ao verso “As doenças assaltam os bondosos”, de Cesário Verde.

8. a) Qual a medida dos versos de Camões? Faça a escansão — separação das sílabas métricas — dos dois primeiros versos.

RESOLUÇÃO:

Versos de 7 sílabas, chamados redondilhos maiores (os redondilhos menores têm 5 sílabas). [É bom notar que redondilha não é o verso, mas o poema composto em versos redondilhos.] Na época de Camões, versos redondilhos eram chamados “medida velha”, em contraste com a “medida nova”, a novidade renascentista, que era o verso decassílabo de modelo italiano (com acentos dominantes na 6.^a e 10.^a sílabas, ou na 4.^a, 8.^a e 10.^a).

Os-bons-vi-sem-pre-pas-sar

No-mun-do-gra-ves-tor-men(tos). (*)

(*) Notar que só se contam as sílabas métricas, em português, até a última tônica.

b) Qual seu esquema de rimas?

RESOLUÇÃO:

ABAABCDDCD.

9. a) Qual a medida dos versos de Cesário Verde? Faça a escansão dos dois últimos versos.

RESOLUÇÃO:

Versos decassílabos:

As-do-en-ças-as-sal-tam-os-bon-do(sos)

E-cus-taa-crer-dei-xam-vi-vos-os-maus!(*)

(* Notar a sinalefa (aa) na 3.^a sílaba do segundo verso. Notar também que o primeiro é chamado decassílabo heroico, porque acentuado na 6.^a e 10.^a sílabas, e o segundo, sáfico, porque acentuado na 4.^a, 8.^a e 10.^a.

- b) Qual seu esquema de rimas?

RESOLUÇÃO:

ABBA.

MÓDULO 3 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto I

JACÓ ENCONTRA-SE COM RAQUEL

Depois disse Labão a Jacó: Acaso, por seres meu parente, irás servir-me de graça? Dize-me, qual será o teu salário? Ora Labão tinha duas filhas: Lia, a mais velha, e Raquel, a mais moça. Lia tinha olhos baços, porém Raquel era formosa de porte e de semblante. Jacó amava a Raquel, e disse: Sete anos te servirei por tua filha mais moça, Raquel. Respondeu Labão: Melhor é que eu te dê, em vez de dá-la a outro homem; fica, pois, comigo.

Assim, por amor a Raquel, serviu Jacó sete anos; e estes lhe pareceram como poucos dias, pelo muito que a amava. Disse Jacó a Labão: Dá-me minha mulher, pois já venceu o prazo, para que me case com ela. Reuniu, pois, Labão todos os homens do lugar, e deu um banquete. À noite, conduziu a Lia, sua filha, e a entregou a Jacó. E coabitaram. (...) Ao amanhecer, viu que era Lia, por isso disse Jacó a Labão: Que é isso que me fizeste? Não te servi por amor a Raquel? Por que, pois, me enganaste? Respondeu Labão: Não se faz assim em nossa terra, dar-se a mais nova antes da primogênita. Decorrida a semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás.

Concordou Jacó, e se passou a semana desta; então Labão lhe deu por mulher Raquel, sua filha. (...) E coabitaram. Mas Jacó amava mais a Raquel do que a Lia; e continuou servindo a Labão por outros sete anos.

(Gênesis, 29, 15-30)

Bíblia Sagrada (Trad. João Ferreira de Almeida.)

Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1962.

Texto II

SONETO 88

*Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
Que a ela só por prêmio pretendia.*

*Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.*

*Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi[m] negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,*

*Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!*

(CAMÕES, Luís de. *Obra Completa*.
Rio de Janeiro, Aguilar, 1963, p. 298.)

As questões de números 1 a 6 tomam por base uma citação da *Bíblia Sagrada* e o “Soneto 88”, de Luís Vaz de Camões (1524?-1580).

O racionalismo é uma das características mais frequentes da literatura clássica portuguesa. A logicidade do pensamento quinhentista repercutiu no rigor formal de seus escritores, e no culto à expressão das “verdades eternas”, sem que isso implicasse tolhimento da liberdade imaginativa e poética. Com base nessas observações, releia os dois textos apresentados e responda às questões 1 e 2.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte um procedimento literário de Camões que comprove o rigor formal do Classicismo.

RESOLUÇÃO:

A forma fixa do soneto clássico petrarquista é, por si mesma, um exercício de contenção verbal e rigor construtivo: o poeta tem que se limitar a 140 sílabas métricas, dispostas em 14 versos decassílabos, organizados em duas quadras ou quartetos e dois tercetos.

Como o examinador impôs apenas um procedimento, o candidato tinha uma gama enorme de opções: a estrutura do soneto; a métrica decassilábica; a rima interpolada nos quartetos e intercalada nos tercetos; a seleção vocabular; a linguagem clara e elegante.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Indique o dado da passagem bíblica que, por ter sido omitido por Camões, revela a prática da liberdade poética e confere maior carga sentimental ao seu modo de focalizar o mesmo episódio.

RESOLUÇÃO:

Além de omitir a condição inicial da narrativa bíblica, na qual a relação de trabalho com o futuro sogro, Labão, é revelada antes da indicação do amor por sua filha Raquel, Camões quase subverte o desfecho da Bíblia. No soneto de Camões, Jacó aguardou sete anos, casado com Lia, para só depois desfrutar das primícias conjugais com a amada Raquel. Não é o que diz a Bíblia. Nela, após uma semana do casamento com Lia, Jacó casa-se também com Raquel, assumindo a obrigação de cumprir, após o casamento com esta última, mais sete anos de trabalho, vivendo em bíblica e respeitável bigamia.

Em certos contextos, a anteposição do adjetivo ao substantivo costuma revelar traços de afetividade do emissor em relação aos objetos e seres referidos. Damos como exemplo o título de um famoso romance de Lima Barreto: *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. Com base nesse comentário, responda às questões 3 e 4.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Localize no poema de Camões um procedimento que se relacione ao mencionado fato estilístico.

RESOLUÇÃO:

O mesmo procedimento estilístico ocorre em “Vendo o triste pastor que com enganos”.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Interprete o efeito semântico dado pela anteposição do adjetivo no exemplo que você localizou na questão 3.

RESOLUÇÃO:

A anteposição do adjetivo serve para intensificar a ideia de tristeza em relação a *pastor*. Note-se, porém, que esta resposta se baseia em impressão subjetiva e não há forma objetiva de comprovar a veracidade desta ou de outra possível resposta.

Nos seis últimos versos do poema, Camões, atendendo a necessidades de ritmo e rima, utiliza-se de variantes alternativas de emprego dos tempos e modos verbais. Com o refinamento de um poeta maior, alcança plena eficácia poética. Levando em consideração esse comentário, responda às questões 5 e 6.

5. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte duas passagens, nos tercetos referidos, nas quais o poeta empregou o pretérito mais-que-perfeito do indicativo, quando poderia ter-se utilizado de forma verbal em outro tempo ou modo.

RESOLUÇÃO:

As passagens são:

“Como se a não tivera merecida” — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, usado no lugar do imperfeito do subjuntivo.

“Dizendo: — Mais servira, se não fora...” — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, usado no lugar do futuro do pretérito e imperfeito do subjuntivo, respectivamente.

6. (VUNESP-SP – adaptada) – Reescreva essas passagens, empregando os verbos de acordo com o uso cotidiano da língua portuguesa em sua variante brasileira.

RESOLUÇÃO:

Reescrevendo as passagens, temos:

“Como se não a tivesse merecida” e

“Dizendo: — Mais serviria se não fosse...”

Texto I

XLI

Ouvia:
 Que não podia odiar
 E nem temer
 Porque tu eras eu.
 E como seria
 Odiar a mim mesma
 E a mim mesma temer.

(HILST, H. *Cantares*.
 São Paulo, Globo, 2004 – fragmento.)

Texto II

TRANSFORMA-SE O AMADOR
 NA COUSA AMADA

Transforma-se o amador na coisa amada,
 por virtude do muito imaginar;
 não tenho, logo, mais que desejar,
 pois em mim tenho a parte desejada.

(CAMÕES. *Sonetos*. Disponível em:
<http://www.jornaldepoesia.jor.br>.
 Acesso em: 03 set. 2010 – fragmento.)

7. (ENEM) – Nestes fragmentos de poemas de Hilda Hilst e de Camões, a temática comum é

- o “outro” transformado no próprio eu lírico, o que se realiza por meio de uma espécie de fusão de dois seres em um só.
- a fusão do “outro” com o eu lírico, havendo, nos versos de Hilda Hilst, a afirmação do eu lírico de que odeia a si mesmo.
- o “outro” que se confunde com o eu lírico, verificando-se, porém, nos versos de Camões, certa resistência do ser amado.
- a dissociação entre o “outro” e o eu lírico, porque o ódio ou o amor se produzem no imaginário, sem a realização concreta.
- o “outro” que se associa ao eu lírico, sendo tratados, nos textos I e II, respectivamente, o ódio e o amor.

RESOLUÇÃO:

Os fragmentos desenvolvem o tema da fusão do “amador” com o ser ou a “coisa” amada. Nos versos de Camões, especificamente, de tanto imaginar a parte desejada, o amador passa a tê-la dentro de si.

Resposta: A

MÓDULO 4 – ANÁLISE DE TEXTO

EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO
 (Canto III)

118

Passada esta tão próspera vitória,
 Tornado Afonso à Lusitana Terra,
 A se lograr da paz com tanta glória gozar
 Quanta soube ganhar na dura guerra,
 O caso triste e dino da memória digno
 Que do sepulcro os homens desenterra
 Aconteceu da mísera e mesquinha pobre e infeliz
 Que depois de ser morta foi Rainha. depois

119

Tu, só tu, puro Amor, com força crua, cruel
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Deste causa à molesta morte sua, lastimável
 Como se fora pérfida inimiga. traidora
 Se dizem, fero Amor, que a sede tua feroz
 Nem com lágrimas tristes se mitiga, alivia
 É porque queres, áspero e tirano,
 Tuas aras banhar em sangue humano. altares

120

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
 De teus anos colhendo doce fruto, fruto
 Naquele engano da alma, ledó e cego, alegre
 Que a Fortuna não deixa durar muito, Destino
 Nos saüdosos campos do Mondego, rio de Coimbra
 De teus fermosos olhos nunca enxuto, enxuto
 Aos montes insinuando e às ervinhas ensinando

121

Do teu Príncipe ali te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam, dele
 Que sempre ante seus olhos te traziam, [(do príncipe)
 Quando dos teus fermosos se apartavam; separavam – sujeito:
 De noite, em doces sonhos que mentiam, [seus (do príncipe)
 De dia, em pensamentos que voavam; [olhos
 E quanto, enfim, cuidava e quanto via tudo que – pensava
 Eram tudo memórias de alegria.

122

De outras belas senhoras e Princesas
 Os desejados tálamos enjeita, leitões nupciais
 Que tudo, enfim, tu, puro amor, desprezas,
 Quando um gesto suave te sujeita. rosto – domina
 Vendo estas namoradas estranhezas, apaixonadas
 O velho pai sesudo, que respeita sisudo, prudente
 O murmurar do povo e a fantasia
 Do filho, que casar-se não queria,

123

*Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,* para
Crendo co sangue só da morte indina com o – indigna
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada fúria dos mouros
Contra hũa fraca dama delicada? uma

124

Traziam-na os horríficos algozes horrendos carrascos
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo, com falsas e ferozes
Razões, à morte crua o persuade. cruel – convence
Ela, com tristes e piedosas vozes,
Saídas só da mágoa e saüdade
Do seu Príncipe e filhos, que deixava,
Que mais que a própria morte a magoava,

125

Pera o céu cristalino alevantando, para – puro
Com lágrimas, os olhos piedosos 4 sílabas: pi-e-do-sos
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos);
E despois, nos mininos atentando, meninos
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orfandade como mãe temia, orfandade
Pera o avô cruel assi dizia:

126

“Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento, a natureza
E nas aves agrestes, que somente selvagens
Nas rapinas aéreas têm o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento
Como co a mãe de Nino¹ já mostraram,
E cos irmãos que Roma edificaram.” irmãos: Rômulo e Remo
(Camões, *Os Lusíadas*)

1 – Mãe de Nino: Semíramis, rainha lendária da Assíria.

1. Na estrofe 118, que introduz o episódio, há um breve resumo da história de Inês, em versos que ficaram célebres pela sua beleza simples e sintética. Transcreva os versos em que ocorre tal resumo.

RESOLUÇÃO:

*O caso triste e dino da memória
Que do sepulcro os homens desenterra
Aconteceu da misera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha.*

2. Na estrofe 119 se encontram, entre outras, as figuras de linguagem chamadas *apóstrofe* e *prosopopeia*. Aponte essas duas figuras no texto.

RESOLUÇÃO:

Apóstrofe corresponde à invocação ou interpelação brusca de uma pessoa ou coisa, geralmente ausentes. Na estrofe 119, ocorre uma apóstrofe do Amor, que é tratado como um ser animado — não propriamente uma pessoa, mas um deus. Por isso, trata-se também de prosopopeia — figura que consiste em tratar um ser inanimado como se tivesse vida, desejos etc.

3. Por que se pode dizer que Amor é tratado, na estrofe 119, como um deus especialmente cruel?

RESOLUÇÃO:

Porque se trataria de um deus para quem seriam insuficientes as lágrimas e o sofrimento de seus adoradores; ele exigiria sacrifícios humanos, ou seja, em seus altares teriam de ser sacrificados, em oferenda, não animais, mas pessoas. Camões, num soneto que se inicia com o verso “Em prisões baixas fui um tempo atado”, diz “Sacrifiquei a vida a meu cuidado [isto é, à minha paixão] / Que Amor não quer cordeiros nem bezerras” — ou seja, Amor é uma divindade cruel que exige o sacrifício dos próprios amantes.

4. Na estrofe 120 ocorre uma forte hipérbole. Aponte-a.

RESOLUÇÃO:

A hipérbole (exageração) dessa estrofe está no verso 6, em que se diz que o rio nunca secava, porque Inês estava sempre chorando à sua margem. Outro caso de hipérbole — caso menos típico — está nos versos 7-8, em que se diz que Inês ensinava o nome do amado aos montes e às ervas, de tanto que ela o repetia.

5. Conforme a estrofe 121, o que se passava com o príncipe quando se achava afastado de Inês?

RESOLUÇÃO:

Longe de Inês, o príncipe pensava nela o dia inteiro e, à noite, sonhava com ela.

6. A que substantivo se refere o adjetivo *fermosos*, no verso 4 da estrofe 121? Qual o motivo de tal substantivo estar elíptico?

RESOLUÇÃO:

Fermosos se refere a *olhos*, tratando-se dos olhos de Inês. A elipse do substantivo deve-se ao fato de ele já ter aparecido no verso anterior, referindo-se então aos olhos do príncipe. Ocorre aí, pois, um caso de zeugma (elipse de um termo próximo, que aparece no texto um pouco antes ou um pouco depois).

7. Quais as razões que levaram o rei a decidir-se por matar Inês? Trata-se de razões pessoais ou de razões de Estado?

RESOLUÇÃO:

As razões foram a disposição do príncipe de não se casar com outra mulher e os rumores que corriam entre o povo em decorrência disso. Trata-se de razões de Estado, pois não são as pessoas que estão em causa, mas sim os interesses da Coroa portuguesa, já que Pedro sucederia ao pai no trono e, assim, esperava-se que seu casamento atendesse a interesses políticos do país.

MÓDULO 5 – ANÁLISE DE TEXTO

As questões de 1 a 4 tomam por base o fragmento de uma peça oratória do Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1608 – Bahia, 1697) — o *Sermão da Sexagésima* — pregado na Capela Real de Lisboa no ano de 1655.

Será porventura o não fazer fruto hoje a palavra de Deus, pela circunstância da pessoa? Será por que antigamente os pregadores eram santos, eram varões apostólicos e exemplares, e hoje os pregadores são eu, e outros como eu? — Boa razão é esta. A definição do pregador é a vida e o exemplo. Por isso Cristo no Evangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semeia. Reparaí. Não diz Cristo: saiu a semear o semeador, senão, saiu a semear o que semeia. (...) Entre o semeador e o que semeia há muita diferença: uma coisa é o soldado e outra coisa o que peleja; uma coisa é o governador e outra o que governa. Da mesma maneira, uma coisa é o semeador, e outra o que semeia; uma coisa é o pregador e outra o que prega. O semeador e o pregador é nome; o que semeia e o que prega é ação; e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o Mundo.

(VIEIRA, Antônio. *Os Sermões*. Seleção de Jamil Almansur Haddad. São Paulo, Melhoramentos, 1963, p. 80.)

Padre Antônio Vieira é autor exponencial nas literaturas portuguesa e brasileira. Seu estilo barroco se caracteriza, entre outros procedimentos, pelo rigor do pensamento, expresso numa linguagem insinuante, rica em reiteraões, antíteses, paralelismos, jogos de palavras e construções cujos efeitos chegam com frequência ao paradoxo. No fragmento apresentado, põe em evidência sua teoria da arte de pregar. Leia-o com atenção e, a seguir, responda às questões 1 e 2.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Responda quais as expressões que o orador apresenta em paralelo com os nomes *semeador*, *pregador*, *soldado* e *governador*;

RESOLUÇÃO:

As expressões apresentadas “em paralelo” são: *semeador* – “o que semeia”, *pregador* – “o que prega”, *soldado* – “o que peleja”, *governador* – “o que governa”.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Interprete, de acordo com Vieira, a diferença fundamental de sentido entre as mesmas expressões e os nomes correspondentes.

RESOLUÇÃO:

Para Vieira, o nome não implica que aquele que o ostenta pratique a ação que lhe corresponde; por isso, pode haver (Vieira afirma que há) muita diferença entre o *semeador* e o que semeia, como entre o *pregador* e o que prega, o *soldado* e o que peleja, o *governador* e o que governa. Em outras palavras, nem sempre o *semeador*, o *pregador*, o *soldado* e o *governador* praticam as ações que fariam deles, em verdade, *semeador*, *pregador*, *soldado* e *governador*.

O texto oratório, por sua natureza persuasiva, realiza em alto grau a função conativa da linguagem, ou seja, centra sua mensagem explícita e diretamente no público destinatário. Neste fragmento, o orador faz clara referência a seus ouvintes, visando a provocar neles uma reação. Com base nesse comentário, responda às questões 3 e 4.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte a frase em que Vieira se dirige diretamente ao público.

RESOLUÇÃO:

O verbo *reparar* – “Reparai” – interrompe a argumentação parenética, desenvolvida até então, para envolver o leitor-ouvinte no cerne da argumentação que, no desdobramento, irá invocar o discurso da autoridade, inquestionável: a palavra de Cristo, revelada no Novo Testamento.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Indique o modo e as pessoas verbais que revelam a função conativa (ou apelativa) da linguagem.

RESOLUÇÃO:

Modo imperativo afirmativo, segunda pessoa do plural: “Reparai” (vós). A segunda pessoa pronominal é exatamente a que indica o destinatário, o receptor da mensagem, a(s) pessoa(s) com quem se fala. Antes de arrolar o discurso de autoridade, a “palavra de Deus”, em abono às premissas iniciais, o orador instiga a atenção da plateia, como apelo enfático à atenção e ao raciocínio do ouvinte.

As questões de números 5 a 8 referem-se ao seguinte texto de Padre Vieira:

Ora, suposto que já somos pó, e não pode deixar de ser, pois Deus o disse; perguntar-me-eis, e com muita razão, em que nos distinguimos logo os vivos dos mortos? Os mortos são pó, nós também somos pó: em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguímo-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz: Hic jacet¹. Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquieta o pó, nem pode estar quedo: anda, corre, voa; entra por esta rua, sai por aquela; já vai adiante, já torna atrás; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem sossegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento: cai o pó, e onde o vento parou, ali fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não é assim? Assim é.

(Antônio Vieira, trecho do cap. V do *Sermão da Quarta-Feira de Cinza*. Apud: *Sermões de Padre Antônio Vieira*. São Paulo, Núcleo, 1994, p. 123-4.)

1– *Hic jacet*: aqui jaz.

Segundo o *Novo Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, “sermão” é um “discurso religioso geralmente pregado no púlpito”.

5. (UFSCar-SP) – De que forma o autor reproduz, no texto escrito, características próprias do discurso falado?

RESOLUÇÃO:

No texto do Padre Vieira, percebem-se várias construções em que o orador se dirige ao receptor, ao ouvinte do sermão: “Ora, (...) perguntar-me-eis”, “Não é assim?”.

Essas expressões, que buscam o contato com o receptor, são bem próprias do discurso falado. A própria série de orações interrogativas pressupõe um receptor de um discurso falado.

6. (UFSCar-SP) – O texto apresenta uma relação de oposição entre estaticidade e movimento. Indique, no trecho destacado em negrito, qual dessas ideias é abordada e a construção utilizada para exprimi-la.

RESOLUÇÃO:

No trecho em negrito, percebe-se o movimento (“anda, corre, voa”). A construção deste trecho, visando-se a expressão de movimento, contém gradação (“anda, corre, voa”), antítese (“entra por esta rua”, “sai por aquela”; “já vai adiante, já torna atrás” e a anáfora de *tudo* (“tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba...”).

Em Padre Vieira, fundem-se a formação jesuítica e a estética barroca, que se materializam em sermões considerados a expressão máxima do Barroco em prosa religiosa em língua portuguesa e uma das mais importantes expressões ideológicas e literárias da Contrarreforma.

7. (UFSCar-SP) – Comente os recursos de linguagem que conferem ao texto características do Barroco.

RESOLUÇÃO:

No texto do Padre Vieira se evidenciam várias características barrocas, tais como o rebuscamento da linguagem, as construções anafóricas (“Os vivos são pó levantado... Os vivos são pó que anda”), o jogo de palavras e de conceitos (“distingue-se o pó do pó”), o conflito do teocentrismo com o antropocentrismo.

8. (UFSCar-SP) – Antes de iniciar sua pregação, Vieira fundamenta-se num argumento que, do ponto de vista religioso, se mostra incontestável. Transcreva esse argumento.

RESOLUÇÃO:

O fundamento incontestável é “pois Deus o disse”.

MÓDULO 6 – ANÁLISE DE TEXTO

Textos para as questões de 1 a 5.

*SOLITÁRIO EM SEU MESMO QUARTO À VISTA DA LUZ NO
CANDEEIRO PORFIA O POETA PENSAMENTAR EXEMPLOS
DE SEU AMOR NA BORBOLETA*

*Ó tu do meu amor fiel traslado
Mariposa entre as chamas consumida,
Pois, se à força do ardor perdes a vida,
A violência do fogo me há prostrado.*

*Tu de amante o teu fim hás encontrado,
Essa flama girando apeteçada;
Eu girando uma penha endurecida,
No fogo, que exalou, morro abrasado.*

*Ambos de firmes anelando chamas,
Tu a vida deixas, eu a morte imploro,
Nas constâncias iguais, iguais nas chamas.*

*Mas ai! que a diferença entre nós choro,
Pois, acabando tu ao fogo, que amas,
Eu morro sem chegar à luz, que adoro.*

(MATOS, Gregório de. *Obra Poética*.

Ed. de James Amado. Rio de Janeiro, Record, 1990. v.1, p. 425.)

AS MARIPOSA

*As mariposa quando chega o frio
Fica dando vorta em vorta da lâmpada pra si isquentá
Elas roda, roda, roda, dispois si senta
Em cima do prato da lâmpada pra discansá.*

*Eu sou a lâmpada
E as muié é as mariposa
Que fica dando vorta em vorta de mim
Todas as noites, só pra mi beijá.
– Boa noite, lâmpada!
– Boa noite, mariposa!
– Pelmita-me oscular-lhe as alfácias?
– Pois não, mas rápido porque daqui a pouco eles mi apaga.*

(BARBOSA, Adoniran, in *Demônios da Garoa –
Trem das Onze*, Chantecler, CMG - 2294-2, 1964.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – O soneto de Gregório de Matos (1623-1696) e o samba de Adoniran Barbosa (1910-1982), embora muito afastados no tempo, servem-se de um mesmo motivo, aliás bastante comum na literatura e na canção popular: o da mariposa que busca a fonte de luz (chama, lâmpada). O desenvolvimento dado a esse motivo, todavia, é diferente em cada texto. Compare os dois textos e, em seguida, faça um comentário sobre a diferença de desenvolvimento do mesmo motivo realizada pelos dois poetas.

RESOLUÇÃO:

Nos versos de Gregório de Matos, o poeta identifica-se com a mariposa, ao refletir sobre seu estado de espírito em relação à amada. Da mesma forma com que a mariposa se entrega a uma paixão ardente pela luz, ele se perde também por uma grande paixão, perda que confere um sentido trágico ao soneto. Portanto, mariposa e poeta dão-se integralmente ao amor, “acabando tu [a mariposa] ao fogo, que amas, / Eu [o poeta] morro, sem chegar à luz, que adoro.”

Em Adoniran Barbosa há uma inversão da imagem, uma vez que o poeta é a lâmpada e, dessa forma, atrai as mariposas (as mulheres). A poesia apresenta tom mais coloquial, semelhante ao jeito popular de expressar sentimentos, misturando sensibilidade, comicidade e deboche.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Gregório de Matos emprega as palavras *chama* e *fogo* em dois sentidos diferentes, que constituem a chave para a compreensão do poema. Confira essa informação no texto e, em seguida, indique quais são esses sentidos.

RESOLUÇÃO:

Chama e *fogo* ocorrem com sentido ora denotativo, ora conotativo. É denotativo em “Mariposa entre as chamas consumida” e “A violência do fogo me há prostrado”; o sentido é literal, denotativo, quando se refere à mariposa. As duas outras referências — “No fogo, que exalou, morro abrasado”, “Nas constâncias iguais, iguais nas chamas” — os termos *fogo* e *chamas* estão no sentido conotativo e referem-se à sedução avassaladora e destrutiva do objeto de desejo do eu lírico.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – A norma culta é uma variedade especial da língua que corresponde ao modo de falar das camadas mais prestigiadas socialmente. É essa modalidade que vem descrita nas gramáticas. O texto de Adoniran Barbosa reproduz a fala popular e foi composto na “língua certa do povo / porque ele é que fala gostoso o português do Brasil” (Manuel Bandeira, “Evocação do Recife”). Desconsiderando as diferenças de pronúncia, aponte um uso típico da fala popular que Adoniran Barbosa emprega em seu texto.

RESOLUÇÃO:

Formas como *vorta, lâmpida, pra si isquenta, dispois, si senta, discansá, muié, beijá, pelmita-me* etc. são próprias da fala popular. Erros de concordância, tais como “As mariposa... fica”, “Elas roda, roda...”, “as muié é as mariposa que fica...”, “eles mi apaga”, também são típicos da fala popular.

4. O deboche presente no texto de Adoniran Barbosa resulta também da mistura entre linguagem de tom elevado, erudita, e formas de extração popular. Transcreva o verso em que se observa essa mistura e comente.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do verso “Pelmita-me oscular-lhe as alfácias”, em que as formas populares *pelmita-me* e *alfácias* aparecem ao lado de *oscular-lhe* (*oscular* = beijar; *ósculo* = beijo), de extração erudita, formal.

5. De acordo com a última estrofe, o eu lírico se encontra em situação desfavorável em relação a sua interlocutora. Por quê?

RESOLUÇÃO:

Segundo o eu lírico, a mariposa, ainda que acabe morrendo, consegue chegar ao objeto amado (a chama de um candeeiro), ao passo que ele “morre” sem chegar à luz que ama (a mulher amada).

Texto para as questões 6 e 7.

*Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:*

*Tu, que em um peito abrasas escondido;
Tu, que em um rosto corres desatado;
Quando fogo, em cristais aprisionado;
Quando cristal, em chamas derretido.*

*Se és fogo, como passas brandamente?
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!*

*Pois, para temperar a tirania,
Como quis que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria.*

6. O tema do soneto, o amor ou a paixão amorosa, desenvolvido por meio de uma sucessão de imagens apoiadas em sensações térmicas, com a utilização de metáforas, tais como: *ardor, pranto, rio de neve, fogo, cristais, chamas, neve*. Essas metáforas estão organizadas em um sistema de oposições, em torno do eixo *quente x frio*. Identifique as antíteses que expressam essa oposição.

RESOLUÇÃO:

O poeta entretence as metáforas por meio de um jogo de oposições, em torno do eixo quente x frio:

*incêndio x mares d'água
fogo x rio de neve
fogo x cristais
chamas x cristal
fogo x passas brandamente
queimas x neve
ardente x neve
chama x fria.*

7. Neste poema, o eu lírico dirige-se a um interlocutor, um “tu”. Quem é esse interlocutor?

- a) A mulher amada.
- b) O leitor do poema.
- c) Amor.
- d) Os motivos do sofrimento por que passa o eu lírico, motivos estes associados à grande variabilidade de seu estado de espírito, que passa do “ardor” ao “pranto”, do “incêndio” ao “rio”.
- e) O próprio sentimento no qual o eu lírico reconhece a ação enigmática de Amor.

RESOLUÇÃO:

Notar o uso de maiúscula em *Amor*, o que indica tratar-se de uma personificação: o Amor *andou prudente, quis, permitiu*. Notar, portanto, que o interlocutor não é Amor, mas sim o sentimento (como conjunto de sensações e percepções) que ele, Amor, “tempera”, deixando confuso o eu lírico.

Resposta: E

MÓDULO 7 – ANÁLISE DE TEXTO

1. (UNIFESP-SP) – Considere o texto e analise as três afirmações seguintes.

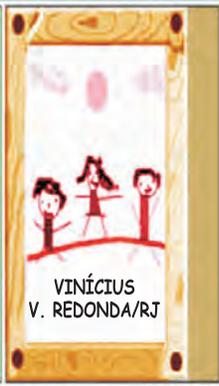


DE CRIANÇA PARA CRIANÇA

Depois de ler os Direitos das Crianças, você pode trocar ideias com seus irmãos, com o papai e a mamãe. Se quiser, escreva ou faça um desenho. Coloque seu nome, endereço, idade e o nome da escola.

Direito à Família

Todas as crianças têm direito à atenção e ao carinho dos adultos, de preferência do papai e da mamãe. E as crianças que não têm uma família? Elas merecem uma proteção especial dos adultos, você não acha?



(www.tvcultura.com.br. Adaptado.)

- I. A frase *Toda criança deve ser assistida quanto ao seu direito à atenção e ao carinho dos adultos* está correta quanto aos sentidos propostos no texto e também quanto à regência.
- II. Deve-se interpretar a referência do pronome *você* como *criança*, conforme sugerido pelo título do texto.
- III. As duas orações que compõem as perguntas estabelecem entre si relação de adversidade.

Está correto **apenas** o que se afirma em

- a) I. b) II. c) III. d) I e II. e) II e III.

RESOLUÇÃO:

Embora um pouco desajeitada, a frase de I corresponde ao sentido do texto e apresenta as regências verbal (“ser assistida quanto ao seu direito”) e nominal (“direito à atenção e ao carinho”) corretas, para usarmos o termo empregado na prova. Não pode haver dúvida quanto à correção do que se afirma em II. A afirmação III está errada porque não há qualquer relação adversativa entre as duas frases interrogativas; ao contrário, há uma relação de complementaridade, pois a segunda pergunta pressupõe a primeira e sugere uma resposta a ela.

Resposta: D

Considere o trecho de notícia seguinte para responder às questões de números 2 e 3.

POLÍCIA INVESTIGA TROCA DE BEBÊ POR CASA

A polícia do Paraná está investigando três casos de doação ilegal de bebês no Estado, que teriam sido trocados pelos pais por material de construção, cestas básicas e por uma casa.

(Folha de S.Paulo, 10.06.1999)

2. (UNIFESP-SP) – Comparando-se o primeiro texto, *De criança para criança*, com o texto da notícia, é correto afirmar que a atitude dos pais

- a) viola o exposto naquele texto, já que eles não obtiveram vantagens pessoais com a doação.
- b) confirma o que vem exposto naquele texto, já que os bebês foram doados para que tivessem uma vida melhor.
- c) contradiz o que vem exposto naquele texto, já que os bebês não foram devidamente respeitados.
- d) nega o que vem exposto naquele texto, já que a adoção não violou o direito dos bebês.
- e) confirma o que vem exposto naquele texto quanto à doação, que é ilegal, mas necessária.

RESOLUÇÃO:

É evidente que a venda das crianças — ou troca delas por material de construção e alimentos — desrespeita o direito à família e ao afeto dos pais, como consta do primeiro texto.

Resposta: C

3. (UNIFESP-SP) – Tendo em vista que a investigação policial não estava concluída na época da publicação da notícia, o emprego da forma verbal *teriam* sugere que os casos investigados eram

- a) fantasiosos. b) possíveis. c) confirmados.
d) contraditórios. e) idealizados.

RESOLUÇÃO:

Uma das funções do futuro do pretérito é a de indicar possibilidade.

Resposta: B

Os testes de números 4 a 8 baseiam-se no texto de Moacyr Scliar.

A CASA DAS ILUSÕES PERDIDAS

Quando ela anunciou que estava grávida, a primeira reação dele foi de desgosto, logo seguida de franca irritação. Que coisa, disse, você não podia tomar cuidado, engravidar logo agora que estou desempregado, numa pior, você não tem cabeça mesmo, não sei o que vi em você, já deveria ter trocado de mulher havia muito tempo. Ela, naturalmente, chorou, chorou muito. Disse que ele tinha razão, que aquilo fora uma irresponsabilidade, mas mesmo assim queria ter o filho. Sempre sonhara com isso, com a maternidade — e agora que o sonho estava prestes a se realizar, não deixaria que ele se desfizesse.

— Por favor, suplicou. — Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.

Ele disse que ia pensar. Ao fim de três dias daria a resposta. E sumiu.

Voltou, não ao cabo de três dias, mas de três meses. Àquela altura ela já estava com uma barriga avantajada que tornava impossível o aborto; ao vê-lo, esqueceu a desconsideração, esqueceu tudo — estava certa de que ele vinha com a mensagem que tanto esperava, você pode ter o nenê, eu ajudo você a criá-lo.

Estava errada. Ele vinha, sim, dizer-lhe que podia dar à luz a criança; mas não para ficar com ela. Já tinha feito o negócio: trocariam o recém-nascido por uma casa. A casa que não tinham e que agora seria o lar deles, o lar onde — agora ele prometia — ficariam para sempre.

Ela ficou desesperada. De novo caiu em prantos, de novo implorou. Ele se mostrou irredutível. E ela, como sempre, cedeu.

Entregue a criança, foram visitar a casa. Era uma modesta construção num bairro popular. Mas era o lar prometido e ela ficou extasiada. Ali mesmo, contudo, fez uma declaração:

– Nós vamos encher esta casa de crianças. Quatro ou cinco, no mínimo.

Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.

(Moacyr Scliar, *Folha de S.Paulo*, 14.06.1999)

4. (UNIFESP-SP) – No texto, a ideia de *ilusões perdidas* diz respeito à

- a) realização da maternidade que, na verdade, não atinge a sua plenitude.
- b) desolação da jovem mãe ao ver que a casa recebida não era luxuosa como concebera.
- c) alegria da mãe com a casa e à superação da tristeza pela doação da criança.
- d) melancolia da mãe por programar todas as crianças que teria para trocar por casas.
- e) certeza do homem de que a mulher não formará com ele um lar na casa nova.

RESOLUÇÃO:

A maternidade, nos termos eufemísticos do examinador, “não atinge a sua plenitude” porque a mãe, embora tenha dado a criança à luz, é forçada a desistir dela, aceitando a imposição do marido de trocá-la pela casa.

Resposta: A

5. (UNIFESP-SP) – O casal age de modo contrário aos sentimentos comuns de justiça e dignidade. No contexto da narrativa, tais comportamentos explicam-se

- a) pela falta de amor que há entre a mulher e o companheiro, fazendo com que tudo que os rodeia se torne um negócio vantajoso.
- b) pelo amor exagerado que a mulher sente e pela confusão de sentimentos que o companheiro vive na descoberta desse amor.
- c) pelo ódio exagerado que a mulher sente do companheiro e pela forma displicente e pouco amável como ele a vê.
- d) pela submissão exagerada da mulher ao companheiro e pela forma mesquinha e interesseira como ele resolve as coisas.
- e) pela forma irresponsável com que a mulher age em relação ao companheiro, o que o faz tomar atitudes impensadas.

RESOLUÇÃO:

Os princípios de justiça e dignidade são aviltados na relação marido e mulher, porque ele, com suas atitudes despóticas, reduz o ser humano a moeda de troca (filhos/casas) e a mulher a mera reprodutora. Ela se submete à sandice autoritária do marido, num servilismo que a rebaixa a uma condição degradante.

Resposta: D

6. (UNIFESP-SP) – *Ele não disse nada, mas ficou pensando. Quatro ou cinco casas, aquilo era um bom começo.*

As duas frases finais do texto deixam evidente que ter mais filhos

- a) é uma possibilidade pouco atraente para o casal que, por ora, já conquistou algo à custa de sofrimento.
- b) será para o casal uma forma de alcançar a felicidade, já que a mulher e seu companheiro poderão ter a casa cheia de crianças.
- c) pode tornar-se lucrativo na óptica do companheiro, embora a mulher ainda veja isso com olhos sonhadores.

d) se torna uma forma de compensar o episódio pouco feliz da doação do primeiro filho do casal.

e) não alteraria em nada a vida do casal, já que não haveria como fazer os dois esquecerem a criança doada.

RESOLUÇÃO:

A perspectiva do companheiro é a do lucro, porque ele já planejou a troca de futuros bebês por outras casas; ela, porém, acreditava ingenuamente que desempenharia seu papel de mãe.

Resposta: C

7. (UNIFESP-SP) – *Eu faço tudo que você quiser, eu dou um jeito de arranjar trabalho, eu sustento o nenê, mas, por favor, me deixe ser mãe.*

Mantida a mesma forma de tratamento e supondo que a frase fosse proferida pelo homem, ela assumiria a seguinte forma:

- a) Faça tudo que eu quero, dê um jeito de arranjar trabalho, sustenta o nenê, que eu te deixo ser mãe.
- b) Faz tudo que eu quero, dê um jeito de arranjar trabalho, sustenta o nenê, que eu lhe deixo ser mãe.
- c) Faz tudo que eu quero, dá um jeito de arranjar trabalho, sustenta o nenê, que eu deixo você ser mãe.
- d) Faça tudo que eu quero, dá um jeito de arranjar trabalho, sustente o nenê, que eu lhe deixo ser mãe.
- e) Faça tudo que eu quero, dê um jeito de arranjar trabalho, sustente o nenê, que eu a deixo ser mãe.

RESOLUÇÃO:

Se a frase dita pela esposa fosse proferida pelo marido, seria necessário empregar os três primeiros verbos no imperativo, mantendo a terceira pessoa do singular: *faça, dê e sustente*, bem como substituir o pronome pessoal oblíquo *me* pelo oblíquo *a*.

Resposta: E

8. (UNIFESP-SP) – No texto, há muitas retomadas pronominais, basicamente expressas pelos pronomes *ele* e *ela*. Isso não gera ambiguidade principalmente porque

- a) se alternam os pronomes com sinônimos.
- b) as referências dos pronomes são muito restritas.
- c) as formas verbais estão todas no mesmo tempo.
- e) todos os pronomes poderiam ser omitidos.
- e) as frases curtas limitam a interpretação.

RESOLUÇÃO:

O emprego quase exclusivo dos pronomes *ele* e *ela* não provoca ambiguidade, porque o enredo da crônica gira em torno de apenas duas personagens e o contexto esclarece que se trata de marido e mulher.

Resposta: B

Considere trecho da *Bíblia* para responder aos testes de números 9 e 10.

E disse [Deus]: Certamente tornarei a ti por este tempo da vida; e eis que Sara tua mulher terá um filho.

E Sara escutava à porta da tenda, que estava atrás dele. E eram Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.

Assim, pois, riu-se Sara consigo, dizendo: Terei ainda deleite depois de haver envelhecido, sendo também o meu senhor já velho? (...)

E concebeu Sara, e deu a Abraão um filho na sua velhice, ao tempo determinado, que Deus lhe tinha falado.

(www.bibliaonline.com.br, Gn 18, 10-12; 21, 2.)

9. (UNIFESP-SP) – No trecho, afirma-se que Abraão e Sara já estavam *adiantados em idade* e que a Sara já *havia cessado o costume das mulheres*.

Essas expressões são

- a) eufemismos, que remetem, respectivamente, à velhice e ao ciclo menstrual.
- b) metáforas, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao vigor sexual.
- c) hipérbolos, que remetem, respectivamente, à velhice e à paixão feminina.
- d) sinestésias, que remetem, respectivamente, à decrepitude e à sensualidade.
- e) sinédoques, que remetem, respectivamente, à idade adulta e ao amor.

RESOLUÇÃO:

Eufemismo consiste no emprego de palavra ou expressão mais suave, para minimizar o peso denotativo de outra palavra ou expressão. Assim, “adiantados em idade” substitui “velhos” e “havia cessado o costume das mulheres” substitui “havia entrado na menopausa” (ou “havia deixado de menstruar”).

Resposta: A

10. (UNIFESP-SP) – Em:

- Assim, *pois*, riu-se Sara consigo...
- ...que Deus *lhe* tinha falado.

a conjunção *pois* tem valor e o pronome *lhe* refere-se ao termo

Os espaços devem ser preenchidos, respectivamente, com

- a) conclusivo e Abraão.
- b) explicativo e Sara.
- c) causal e Sara.
- d) explicativo e Abraão.
- e) condicional e Abraão.

RESOLUÇÃO:

A oração iniciada por *pois* é coordenada conclusiva. Deus falara a Abraão, antes mencionado e retomado no pronome *lhe* (objeto indireto).

Resposta: A

MÓDULO 8 – ANÁLISE DE TEXTO

As questões de 1 a 6 tomam por base um soneto do poeta neoclássico português Bocage (1765-1805) e diálogos de uma sequência do filme *Bye Bye Brasil* (1979), escrito e dirigido pelo cineasta brasileiro Carlos Diegues.

CONVITE A MARÍLIA

*Já se afastou de nós o Inverno agreste,
Envolto nos seus úmidos vapores;
A fértil Primavera, a mãe das flores,
O prado ameno de boninas veste;*

*Varrendo os ares o sutil Nordeste
Os torna azuis; as aves de mil cores
Adejam entre Zéfiros e Amores,
E toma o fresco Tejo a cor celeste;*

*Vem, ó Marília, vem lograr comigo
Destes alegres campos a beleza,
Destas copadas árvores o abrigo;*

Deixa louvar da corte a vã grandeza:

Quanto me agrada mais estar contigo

Notando as perfeições da Natureza!

(BOCAGE. *Obras de Bocage*.

Porto, Lello & Irmão, 1968, p. 142.)

BYE BYE BRASIL

Mulher Nordestina: *Meu santo, minha família foi embora, meu santo. Filho, nora, neto... fiquei só com o meu velho que morreu na semana passada. Agora, quero ver o meu povo. Meu santo, me diga, onde é que eles foram, meu santo?*

Lord Cigano: *E eu sei lá? Como é que eu vô sabê? Quer dizer... eu sei... eu... Eu tô vendo. Eu estou vendo a sua família, eles estão a muitas léguas daqui.*

Mulher Nordestina: *Vivos?*

Lord Cigano: *É, vivos, se acostumando ao lugar novo.*

Mulher Nordestina: *A gente se acostuma com tudo... Onde é que eles estão agora, meu santo?*

Lord Cigano: *Ah, pera aí, deixa eu ver! Eu tô vendo: eles estão num vale muito verde onde chove muito, as árvores são muito compridas e os rios são grandes feito o mar. Tem tanta riqueza lá, que ninguém precisa trabalhar. Os velhos não morrem nunca e os jovens não perdem sua força. É uma terra tão verde... Altamira!*

(*In Bye Bye Brasil*, 1979. Produzido por

Lucy Barreto. Escrito e dirigido por Carlos Diegues.)

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Os escritores clássicos gregos e latinos produziram certas fórmulas de expressão que, retomadas ao longo dos tempos, chegaram até nossa modernidade. Uma dessas fórmulas é a chamada tópica do lugar ameno, ou seja, a evocação literária de um recanto ideal, delicado, geralmente bucólico, cuja paz e tranquilidade servem de palco ao idílio dos amantes e ao sossego da vida. Simboliza o porto almejado ou o retorno à felicidade perdida. Tomando por base esse comentário, localize no segundo terceto do soneto de Bocage o verso em que se estabelece relação opositiva com a tópica do lugar ameno.

RESOLUÇÃO:

Trata-se do verso em que o poeta opõe a natureza ao artificialismo da corte: “Deixa louvar da corte a vã grandeza”.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Que outras características neoclássicas se podem apontar neste soneto? Indique pelo menos duas delas, exemplificando cada uma com palavras, expressões ou passagens do poema.

RESOLUÇÃO:

As principais características neoclássicas são:

– a retomada da cultura greco-latina: “Zéfiros”, “Amores”: divindades gregas;

– o bucolismo, o *locus amoenus*: “A fértil Primavera, a mãe das flores, / O prado ameno de boninas veste” (...) // “Varrendo os ares o sutil Nordeste / Os torna azuis; as aves de mil cores / Adejam entre Zéfiros e Amores, / E toma o fresco Tejo a cor celeste” // “Vem, ó Marília, vem lograr comigo / Destes alegres campos a beleza, / Destas copadas árvores o abrigo”;

– o equilíbrio e a harmonia: o poema é um soneto, portanto composto de 14 versos, todos decassílabos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos, com esquema de rima ABBA-ABBA-CDC-DCD, em linguagem clara e concisa.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte, na sequência de *Bye Bye Brasil*, dois elementos da paisagem descrita por Lord Cigano que caracterizam Altamira como lugar ameno.

RESOLUÇÃO:

Na última fala transcrita de *Bye Bye Brasil*, atribuída à personagem Lord Cigano, descreve-se um lugar utópico cujas características correspondem à tópica do *locus amoenus*: “vale muito verde... as árvores são muito compridas e os rios são grandes feito o mar...”

4. No trecho de *Bye Bye Brasil*, a quem se refere a expressão “meu velho”, na primeira fala da Mulher Nordestina?

RESOLUÇÃO:

A expressão “meu velho” refere-se ao marido da Mulher Nordestina, o qual morrerá na “semana passada”. Notar que, em muitas situações, a expressão “meu velho” corresponde a “meu pai”.

5. (VUNESP-SP – adaptada) – O estilo neoclássico, do qual Bocage foi um dos grandes expoentes em Língua Portuguesa, caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo uso de hipérbatos, isto é, de inversões da ordem normal das palavras na oração ou da ordem das orações no período. Levando em conta essa informação, apresente dois versos em que ocorrem hipérbatos e reescreva-os na ordem sintática normal.

RESOLUÇÃO:

“Já se afastou de nós o Inverno agreste / Envolto nos seus úmidos vapores” (versos 1-2). Ordem direta: “O Inverno agreste, envolto nos seus vapores úmidos, já se afastou de nós.”

“A fértil Primavera, a mãe das flores, / O prado ameno de boninas veste” (versos 3-4). Ordem direta: “A fértil Primavera, a mãe das flores, veste o prado ameno de boninas.”

“Varrendo os ares o sutil Nordeste / Os torna azuis” (versos 5-6). Ordem direta: “O sutil Nordeste, varrendo os ares, os torna azuis.”

“E toma o fresco Tejo a cor celeste” (verso 8). Ordem direta: “E o fresco Tejo toma a cor celeste.”

“Destes alegres campos a beleza, / Destas copadas árvores o abrigo” (versos 10-11). Ordem direta: “A beleza destes campos alegres, o abrigo destas árvores copadas.”

“Deixa louvar da corte a vã grandeza” (verso 12). Ordem direta: “Deixa louvar a grandeza vã da corte.”

6. (VUNESP-SP – adaptada) – Identifique a função sintática exercida pelos termos cujos núcleos são, respectivamente, os substantivos *beleza* e *abrigo*, na terceira estrofe do poema de Bocage.

RESOLUÇÃO:

Os termos cujos núcleos são *beleza* e *abrigo* (terceira estrofe) são objetos diretos do verbo *lograr*.

As questões de números 7 a 9 baseiam-se no poema de Filinto Elísio:

*Uns lindos olhos, vivos, bem rasgados,
Um garbo senhoril, nevada alvura,
Metal de voz que enleva de doçura,
Dentes de aljôfar, em rubi cravados.*

*Fios de ouro, que enredam meus cuidados,
Alvo peito, que cega de candura,
Mil prendas; e (o que é mais que formosura)
Uma graça, que rouba mil agrados.*

*Mil extremos de preço mais subido
Encerra a linda Márcia, a quem of' reço
Um culto, que nem dela inda é sabido.*

*Tão pouco de mim julgo que a mereço,
Que enojá-la não quero de atrevido
Coas penas que por ela em vão padeço.*

7. (UNIFESP-SP) – Considere as informações:

- I. O poeta mantém certo distanciamento amoroso, pois a mulher é vista como um ser superior e inalcançável.
- II. O jogo amoroso descrito no soneto distancia-se do convencionalismo, sendo exposto o amor de forma intensa.
- III. A forma do poema — um soneto — e a sua metrificacão permitem considerá-lo uma produção literária do período neoclássico.
- IV. Estão explícitos no soneto a sensualidade e o tema do *carpe diem*.

Está correto o que se afirma **apenas** em

- a) I e II. b) I e III. c) II e III.
d) II e IV. e) III e IV.

RESOLUÇÃO:

A afirmação I é correta, pois a figura feminina, superlativamente descrita no soneto, é objeto de um “culto” (verso 11). A afirmação II é errada porque o poema é bastante convencional nos seus traços barroquistas (apesar de o seu autor ser um arcáde) presentes na descrição da mulher e na expressão do sentimento. A afirmação III é correta, pois o poema é um soneto e o poeta é um neoclássico. A afirmação IV é errada por não haver no poema nem sensualidade nem a exortação ao *carpe diem*.

Resposta: B

8. (UNIFESP-SP) – Pelas informações do poema, é correto afirmar que o poeta

- a) sofre calado, porque não quer que a amada padeça como ele.
- b) não se julga merecedor do amor da amada, que o vê como um atrevido.
- c) pretende revelar seus sentimentos à amada para deixar de padecer.
- d) acredita que a amada o considerará merecedor de seu amor.
- e) não se julga digno de receber o amor da amada e, por isso, sofre.

RESOLUÇÃO:

A alternativa e corresponde ao que o poeta exprime no último terceto do poema.

Resposta: E

9. (UNIFESP-SP) – No verso “Metal de voz que enleva de doçura”, a preposição *de* ocorre duas vezes, formando expressões que indicam, respectivamente, relação de

- a) posse e de consequência. b) causa e de posse.
c) qualificação e de causa. d) modo e de qualificação.
e) posse e de modo.

RESOLUÇÃO:

Na expressão “metal de voz”, a preposição *qualifica o timbre da voz (voz de metal, metálica)*. Em “que enleva de doçura”, a preposição *indica relação de causa: enleva por causa da doçura*.

Resposta: C

MÓDULO 9 – ANÁLISE DE TEXTO

Texto para as questões de 1 a 8.

LEMBRANÇA DE MORRER

*No more! Oh never more!
(Shelley)¹*

*Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nem uma lágrima
Em pálpebra demente.*

*E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.* morte

*Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro caminhante
— Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro; som – aquele que
[toca o sino*

*Como o desterro de minh'alma errante, solidão
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.² embelezava*

*Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!*

*Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores
Se viveu, foi por ti! E de esperança
De na vida gozar de teus amores.*

*Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...
Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu! Eu vou amar contigo!*

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida, pelos
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha
Que minh'alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora inicia o canto
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua prantear-me³ a lousa! pedra sepulcral, túmulo
(Álvares de Azevedo)

1 – “Não mais! Oh, nunca mais!”. Shelley (pronúncia *shéli*; 1792-1822) é um grande poeta romântico inglês.

2 – Neste ponto, o poeta suprimiu duas estrofes da primeira versão do poema, que falavam das saudades da mãe, do pai e dos amigos. Apesar de o autor as ter riscado, os editores insistem em manter no texto as duas estrofes sentimentais e contraditórias. As estrofes suprimidas são:

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai, de meus únicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoidecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

3 – Há uma variante deste verso em que se lê *pratear-me*, que parece ser uma versão melhor, porque menos sentimental (e o próprio poeta afirmou, versos atrás, que não queria que lhe chorassem a morte) e mais informativa (ganha-se a imagem do luar prateado, em vez da vaga sugestão do “choro” da lua).

1. Explique o que significam as expressões *spleen* e *mal do século*.

RESOLUÇÃO:

O tema da morte, importante e comum em todo o Romantismo, é privilegiado pelos poetas da nossa Segunda Geração. Estes, mais individualistas e egóticos do que os outros românticos, manifestam o chamado *mal do século*, isto é, um profundo sentimento de inadaptação à vida. O *spleen* refere-se ao tédio causado pela existência.

2. Cite palavras e/ou versos do poema que indiquem a presença dos sentimentos aos quais se refere a questão anterior.

RESOLUÇÃO:

“Dor vivente”, “Eu deixo a vida como deixa o tédio / Do deserto, o poento caminheiro” etc.

3. Quais expressões no texto indicam ser a vida, na visão do poeta, algo negativo, ao passo que a morte passa a ser a solução?

RESOLUÇÃO:

A terceira estrofe, por exemplo.

4. Baseando-se no texto, explique, com suas palavras, qual a reação que o poeta espera dos outros no momento em que morrer.

RESOLUÇÃO:

Que não chorem, que não se cale a alegria, que o enterrem na floresta, à sombra de uma cruz.

5. “Matéria impura”, no verso 1 da segunda estrofe, é uma perífrase eufemística. Qual o sentido dessa perífrase?

RESOLUÇÃO:

O sentido de “matéria impura” é “cadáver”.

6. Indique um trecho do poema que sirva para exemplificar a presença do amor dito “platônico”, ou seja, espiritualizado, que marcou a obra e, segundo seus biógrafos, também a vida do poeta.

RESOLUÇÃO:

Os dois últimos versos da sétima estrofe.

7. Qual a relação entre o verso que o poeta deseja como seu epitáfio e a escola literária a que ele pertence?

RESOLUÇÃO:

“Foi poeta — sonhou — e amou na vida.” O sonho, o idealismo e o amor, expressos no verso, são algumas das principais características temáticas do Romantismo.

8. Indique trechos em que se verifique a relação subjetiva e direta entre homem e natureza, característica do Romantismo.

RESOLUÇÃO:

As três últimas estrofes do poema. [O professor pode retomar e comentar esses versos.]

MÓDULO 10 – ANÁLISE DE TEXTO

As questões de números 1 a 6 referem-se a uma passagem do romance *Eurico, o Presbítero*, do romântico português Alexandre Herculano (1810-1877), e a uma passagem do romance *O Missionário*, do escritor naturalista brasileiro Inglês de Sousa (1853-1918).

EURICO, O PRESBÍTERO

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado.

E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade.

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio.

Não eras tu emanção e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois templos?

Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensanguentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdócio soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! Essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflète-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

(HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o Presbítero*.

Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. 41.ª ed. Lisboa, Livraria Bertrand, [s.d.], p. 42-43.)

Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma e, como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Moraes viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir.

Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba.

(SOUSA, Inglês de. *O Missionário*.

São Paulo, Ática, 1987, p. 198.)

A visão que o amante tem de sua amada constitui um dos temas eternos da Literatura. Uma leitura comparativa dos dois fragmentos apresentados, que exploram tal tema, nos revela dois perfis bastante distintos de mulher. Considerando essa informação, responda às questões 1 e 2.

1. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte a diferença que há entre Hermengarda e Clarinha, no que diz respeito ao predomínio dos traços físicos sobre os espirituais, ou vice-versa, segundo as visões de seus respectivos amantes.

RESOLUÇÃO:

Hermengarda é revestida sobretudo de atributos espirituais e morais; a sensualidade é sublimada por uma aura de adoração mística: “tua imagem serena e luminosa”, “anjo da esperança nas trevas do condenado”, “essa imagem é pura”, “coroa das virgens”, “vermelhidão do pudor”, “amículo alvíssimo da inocência” e muitas outras que se inscrevem nessa mesma área semântica de pureza e castidade. Clarinha é

descrita pelos seus atributos físicos, com expressa remissão à ausência de outros: “Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais...”.

2. (VUNESP-SP – adaptada) – Justifique essas diferenças com base nos fundamentos do estilo de época em que se enquadra cada romance — Romantismo e Realismo-Naturalismo, respectivamente.

RESOLUÇÃO:

Os dois romances em foco abordam, sob ângulos opostos, a questão do celibato clerical, do voto de castidade, envolvendo o conflito entre o amor, o instinto sexual e a honra que se impõe como compromisso irrevogável: a castidade do sacerdote.

No Romantismo, o conflito é de tal modo intenso, que resulta na “danação” dos transgressores ou no afastamento irremissível dos amantes. A figura feminina é recortada da galeria de mulheres-anjos que o Romantismo instituiu. Na visão realista-naturalista, o ser humano é submetido ao peso do determinismo biológico: o sacerdote rompe o voto de castidade e o instinto sexual impõe-se com toda a veemência dos apetites recalçados.

Em cada fragmento apresentado encontramos o protagonista envolvido por fortes sentimentos de amor e de fé religiosa. Com base nessa observação, responda às questões 3 e 4.

3. (VUNESP-SP – adaptada) – Descreva o que há em comum nas reações dos dois religiosos ao viverem tais sentimentos.

RESOLUÇÃO:

Os dois religiosos estão divididos entre sua religião, por um lado, e o apelo amoroso, por outro.

4. (VUNESP-SP – adaptada) – Explique as razões pelas quais, no quinto parágrafo do texto de Herculano, a personagem se refere a dois templos.

RESOLUÇÃO:

Os “dois templos” são: o “santuário do meu coração”, onde Eurico cultuava Hermengarda, e “os altares” em que ele cultuava o Senhor, ou seja, o templo propriamente dito.

A leitura dos dois textos detecta a presença de certos recursos estilísticos, como, por exemplo, o da anáfora, que consiste na repetição de um mesmo vocábulo ou locução no início de duas ou mais orações ou frases seguidas, como se observa no penúltimo parágrafo do texto de Herculano: “...quando ... quando ... quando”. Considerando essa informação, responda às questões 5 e 6.

5. (VUNESP-SP – adaptada) – Apresente um exemplo, extraído do texto de Inglês de Sousa, em que se revele o recurso da anáfora.

RESOLUÇÃO:

Ocorre anáfora em dois momentos do fragmento de Inglês de Sousa: “...talvez que ... talvez que...”, “...sem ... sem... sem... sem... sem...”.

6. (VUNESP-SP – adaptada) – Aponte o efeito expressivo mais relevante, patente no exemplo dado, do emprego da anáfora.

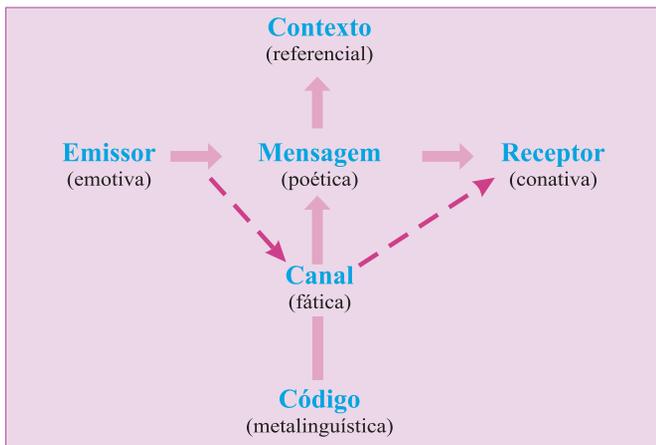
RESOLUÇÃO:

No último exemplo apontado, em que a anáfora é mais insistente, seu efeito expressivo é de enfatizar o acúmulo de carências daquele ambiente precário.

MÓDULO 1

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A classificação das funções da linguagem depende das relações estabelecidas entre elas e os elementos que participam do circuito da comunicação:



O linguista russo Roman Jakobson, baseando-se nos seis elementos da comunicação, elaborou este quadro das funções da linguagem. Segundo ele, cada função é centrada em um dos seis elementos que compõem o circuito da comunicação. O reconhecimento e a adequada utilização das funções são fundamentais tanto na produção quanto no entendimento de qualquer tipo de texto.

1. As funções da linguagem direcionam a mensagem para um ou mais elementos do circuito da comunicação. A ênfase num desses elementos determina a função de linguagem que lhe corresponde:

Elemento	Função
contexto	referencial
emissor	emotiva
receptor	conativa
canal	fática
mensagem	poética
código	metalinguística

Assim:

- a) Evidencia o assunto, privilegia o contexto e é a mais usada no dia a dia, denomina-se função **referencial** ou informativa.
- b) Apresenta a marca subjetiva de quem fala, centra-se, portanto, no emissor, nas suas atitudes e emoções: função **emotiva**. Linguisticamente representada por interjeições, adjetivos, exclamações, reticências etc.
- c) Busca mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo volitivo ou imperativo: função **conativa** ou de apelo.
- d) Checa o canal de comunicação para manter a conexão entre os falantes: função **fática**.
- e) Maneira especial de elaborar a mensagem, por meio de combinações inovadoras da linguagem: função **poética**.

- f) Mensagem que se refere ao código ou a qualquer elemento ligado a ele (incluída aí a própria mensagem) chama-se função **metalinguística**.

Texto para a questão 2.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

(José de Alencar, *Iracema*)

- 2. A função de linguagem predominante no fragmento é a
 - a) fática, porque a mensagem é usada para testar o canal de comunicação.
 - b) emotiva, por conter marcas subjetivas do emissor; além do emprego da primeira pessoa, há interjeições e exclamações.
 - c) conativa, pela intenção de mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo ou uma ordem.
 - d) referencial, porque está centrada no contexto, informando objetivamente um fato.
 - e) poética, porque se volta para o processo de estruturação da mensagem, elaborada de maneira especial.

Resposta: E

Leia o excerto abaixo, do conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector:

– *Me dá um copo de vinho! disse.*

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

– *Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosamente a neta roliça e baixinha.*

– *Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! Me dá um copo de vinho, Dorothy!, ordenou.*

(LISPECTOR, C. “Feliz Aniversário”. *O primeiro beijo & outros contos*. São Paulo: Ática, 1989. p. 34.)

- 3. (UFAC) – A fala da vovó evidencia um modo de organizar a mensagem que exemplifica a predominância de duas funções da linguagem, a saber:
 - a) **Fática e referencial**, pois busca estabelecer contato com o ouvinte e informar sobre um fato.
 - b) **Poética e referencial**, pois explora o significante para informar o ouvinte sobre um fato.
 - c) **Poética e fática**, pois explora o significante para estabelecer contato com o ouvinte.
 - d) **Metalinguística e fática**, pois centra-se numa explicação do código para estabelecer contato com o ouvinte.
 - e) **Conativa e emotiva**, pois busca influenciar o comportamento do ouvinte e expressa o estado emocional do falante.

Resposta: E

Texto para o teste 4.

CANÇÃO AMIGA

*Eu preparo uma canção,
em que minha mãe se reconheça
todas as mães se reconheçam
e que fale como dois olhos.
[...]*

*Aprendi novas palavras
E tornei outras mais belas.*

*Eu preparo uma canção
que faça acordar os homens
e adormecer as crianças.*

(ANDRADE, C. D. *Novos Poemas*.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1948. – Fragmento.

4. (ENEM) – A linguagem do fragmento acima foi empregada pelo autor com o objetivo principal de
- transmitir informações, fazer referência a acontecimentos observados no mundo exterior.
 - envolver, persuadir o interlocutor, nesse caso, o leitor, em um forte apelo à sua sensibilidade.
 - realçar os sentimentos do eu lírico, suas sensações, reflexões e opiniões frente ao mundo real.
 - destacar o processo de construção de seu poema, ao falar sobre o papel da própria linguagem e do poeta.
 - manter eficiente o contato comunicativo entre o emissor da mensagem, de um lado, e o receptor, de outro.

RESOLUÇÃO:

Trata-se, neste teste, de identificar o emprego da função metalinguística da linguagem, na referência do poema ao próprio trabalho poético. Na alternativa *a* alude-se à função referencial; na *b*, à função conativa; na *c*, à função emotiva; na *e*, à função fática.

Resposta: D

Texto para a questão 5.

Em uma famosa discussão entre profissionais das ciências biológicas, em 1959, C.P. Snow lançou uma frase definitiva: "Não sei como era a vida antes do clorofórmio". De modo parecido, hoje podemos dizer que não sabemos como era a vida antes do computador. Hoje não é mais possível visualizar um biólogo em atividade com apenas um microscópio diante de si; todos trabalham com o auxílio de computadores. Lembramo-nos, obviamente, como era a vida sem computador pessoal. Mas não sabemos como ela seria se ele não tivesse sido inventado.

(PIZA, D. Como era a vida antes do computador? *OceanAir em Revista*, n.º 1, 2007 – Adaptado.)

5. (ENEM) – Neste texto, a função da linguagem predominante é
- emotiva, porque o texto é escrito em primeira pessoa do plural.
 - referencial, porque o texto trata das ciências biológicas, em que elementos como o clorofórmio e o computador impulsionaram o fazer científico.

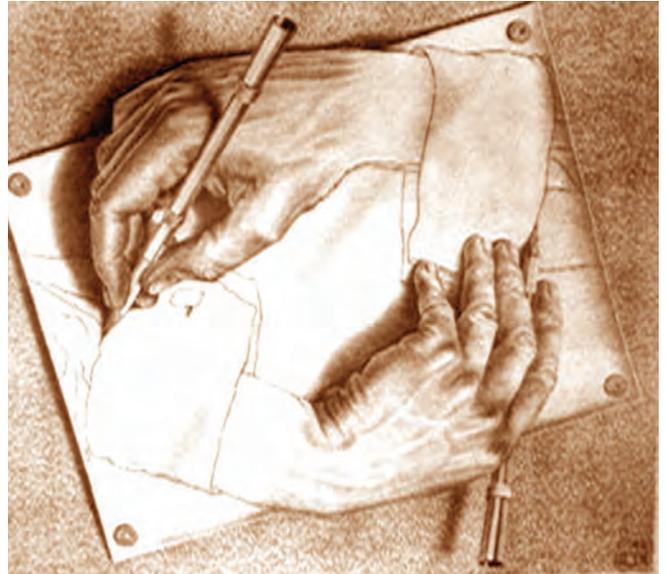
- metalinguística, porque há uma analogia entre dois mundos distintos: o das ciências biológicas e o da tecnologia.
- poética, porque o autor do texto tenta convencer seu leitor de que o clorofórmio é tão importante para as ciências médicas quanto o computador para as exatas.
- apelativa, porque, mesmo sem ser uma propaganda, o redator está tentando convencer o leitor de que é impossível trabalhar sem computador, atualmente.

RESOLUÇÃO:

Trata-se de linguagem referencial porque o elemento central da mensagem é o universo exterior a ela e independente dos fatores integrantes do processo de comunicação.

Resposta: B

6. (FUVEST) – Observe, abaixo, esta gravura de Escher:



Na linguagem verbal, exemplos de aproveitamento de recursos equivalentes aos da gravura de Escher encontram-se, com frequência,

- nos jornais, quando o repórter registra uma ocorrência que lhe parece extremamente intrigante.
- nos textos publicitários, quando se comparam dois produtos que têm a mesma utilidade.
- na prosa científica, quando o autor descreve com isenção e distanciamento a experiência de que trata.
- na literatura, quando o escritor se vale das palavras para expor procedimentos construtivos do discurso.
- nos manuais de instrução, quando se organiza com clareza uma determinada sequência de operações.

RESOLUÇÃO:

Na gravura de Escher, o desenho volta-se para o próprio desenho, ao representar o ato de desenhar. A este procedimento, equivalente ao descrito na alternativa *d*, chama-se *metalinguagem*.

Resposta: D

Leia o poema para responder a questão 7.

ROSA DE HIROXIMA

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada

(Vinícius de Moraes)

7. (UFABC) – Assinale a alternativa correta.

- a) O emprego de formas de imperativo (*pensem, não se esqueçam*) é próprio da função apelativa da linguagem, e seu efeito de sentido é buscar a adesão do leitor.
- b) O texto é predominantemente informativo, principalmente porque a linguagem do autor é coloquial.
- c) Pela temática, o poema representa a poesia sensual neossimbolista do autor, marcada pela quebra de convenções sociais.
- d) São características do estilo modernista, a que o autor adere: repetição de palavras e ritmo regular, de rimas perfeitas.
- e) A metáfora da rosa para referir-se à bomba de Hiroxima é própria para identificar a matriz denotativa do texto, cujo sentido é literal.

RESOLUÇÃO:

As formas do imperativo são próprias da função conativa ou apelativa da linguagem, e seu propósito é influir no leitor.

Resposta: A

8. (PUCCAMP) – Leia atentamente a história em quadrinhos e o poema abaixo transcritos.

Texto I



Texto II

Eu sou o poeta mais importante
da minha rua.

(Mesmo porque a minha rua
é curta.)

(PAES, José Paulo. *Socráticas: poemas*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 37.)

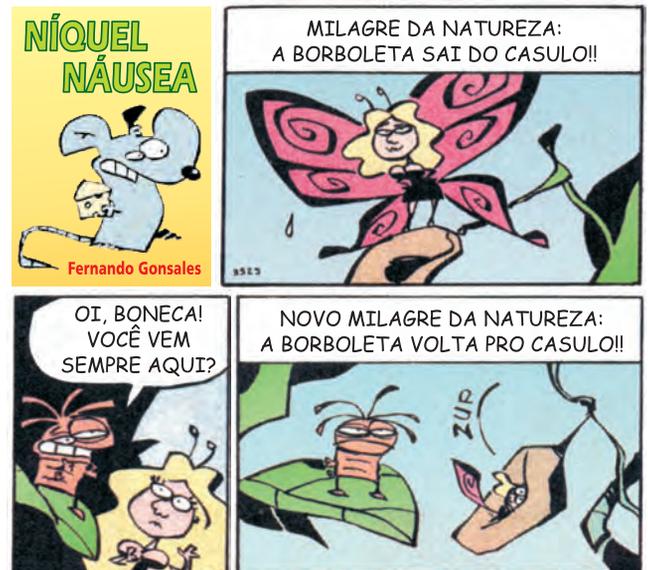
Comparando-se os textos, é correto afirmar:

- a) I inovou ao constituir a narrativa só com o protagonista, sem a presença de qualquer força antagonista; II, ao fazer uso dos parênteses, recurso gráfico típico da prosa.
- b) I e II assemelham-se porque cada um explora com exclusividade a forma de linguagem que o caracteriza, a visual e a verbal, respectivamente.
- c) I e II, como distintas formas de expressão, têm objetivos próprios e se valem de recursos específicos, não cabendo qualquer tipo de aproximação entre eles.
- d) I e II, mesmo pertencendo a diferentes gêneros, manifestam em comum o humor e a presença da metalinguagem.
- e) I e II estruturam-se de forma semelhante: em ambos, as unidades – quadros e estrofes – podem ser justapostas de maneiras distintas, sem prejuízo dos textos.

RESOLUÇÃO:

Resposta: D

NÍQUEL NÁUSEA - Fernando Gonsales



9. Qual a função da linguagem presente na fala do segundo quadrinho?

RESOLUÇÃO:

Função fática



Aplicações

1. (UNIFESP) – Observe os pares de versos:
*Substantivo (concreto) é tudo quanto indica
 Pessoa, animal ou cousa: João, sabiá, caneta.*

*Antes mesmo que tu saibas o misterioso sentido:
 Basta provares o seu gosto...*

Considerando-se o título e os sentidos propostos no poema, é correto afirmar sobre os versos que

- o primeiro par remete à ideia de *gramática*; o segundo, à ideia de *linguagem*. Neles predominam, respectivamente, a função metalinguística e a apelativa.
- ambos os pares remetem à ideia de *gramática*; portanto, neles predomina a função metalinguística.
- o primeiro par remete à ideia de *gramática*; o segundo, à ideia de *linguagem*. Nos dois pares, predomina a função referencial.
- ambos os pares remetem à ideia de *linguagem*. No primeiro, a função é metalinguística; no segundo, referencial.
- o primeiro par remete à ideia de *linguagem*; o segundo, à ideia de *gramática*. Em ambos os pares, estão presentes as funções apelativa e referencial.

RESOLUÇÃO:

No primeiro par, ao apresentar a definição da palavra “substantivo”, tem-se a função metalinguística. No segundo, o eu lírico dirige-se ao leitor (“tu saibas”, “Basta provares”), caracterizando a função apelativa, conativa.

Resposta: A

Leia os versos de Almeida Garrett para responder o teste 2.

ESTE INFERNO DE AMAR

*Este inferno de amar – como eu amo!
 Quem mo pôs aqui n’alma... quem foi?
 Esta chama que alenta e consome,
 Que é a vida – e que a vida destrói –
 Como é que se veio a atear,
 Quando – ai quando se há-de ela apagar?*

2. (UNIFESP-corrigido) – Nos versos acima de Garrett, como em toda poesia, predomina a função poética da linguagem. Ao lado dela, destaca-se a função

- metalinguística da linguagem, com extrema valorização da subjetividade no jogo entre o espiritual e o profano.
- apelativa da linguagem, num jogo de sentido pelo qual o poeta transmite uma forma idealizada de amor.
- referencial da linguagem, privilegiando-se a expressão de forma racional.
- emotiva da linguagem, marcada pela não contenção dos sentimentos e pelo subjetivismo.
- fática da linguagem, utilizada para expressar as ideias de forma evasiva, como sugestões.

RESOLUÇÃO:

O eu lírico extravasa seus sentimentos e emoções, representados graficamente pela exclamação, as reticências e a interjeição “ai” no último verso. O subjetivismo também é marcado pela escolha lexical – “inferno de amar”, “que a vida destrói”, “atear” –, que denota descomedimento na expressão do sofrimento amoroso.

Resposta: D

Textos para o teste 3.

Texto I

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado; é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

(CAMPOS, Paulo Mendes. Ser brotinho.

In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 91.)

Texto II

Ser gagá não é viver apenas nos idos do passado: é muito mais! É saber que todos os amigos já morreram e os que teimam em viver são entrevados. É sorrir, interminavelmente, não por necessidade interior, mas porque a boca não fecha ou a dentadura é maior que a arcada.

(FERNANDES, Millôr. Ser gagá. In: SANTOS,

Joaquim Ferreira dos (Org.). *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 225.)

3. (ENEM) – Os textos utilizam os mesmos recursos expressivos para definir as fases da vida, entre eles,

- expressões coloquiais com significados semelhantes.
- ênfase no aspecto contraditório da vida dos seres humanos.
- recursos específicos de textos escritos em linguagem formal.
- termos denotativos que se realizam com sentido objetivo.
- metalinguagem que explica com humor o sentido de palavras.

RESOLUÇÃO: Trata-se, em ambos os textos, de explicar, com ironia e humor, o sentido de expressões como “ser brotinho” e “ser gagá”. **Resposta: E**

(UPF) – *Daqui a alguns anos, a água pode ser a bebida mais cara da sua mesa.*

Nos últimos 60 anos, o consumo de água no mundo quadruplicou, e a previsão é de que em 2015 o consumo atinja o limite da disponibilidade atual, que é de 9 trilhões de litros. Independente do avanço da tecnologia para degelar geleiras e dessalinizar as águas, este assunto é motivo de preocupação no mundo inteiro. Mas, ficar preocupado não é o suficiente.

Você tem o que fazer:

- **recicle o lixo;**
- **dê preferência para produtos biodegradáveis;**
- **não deposite lixo nem manipule produtos tóxicos próximo de lagos e rios;**
- **não polua nem desperdice.**

Se cada um mudar a postura com relação ao meio ambiente, um pequeno gesto será muito mais do que uma simples gota no oceano.

(Anúncio publicitário da Associação Gaúcha de Empresas de Obras de Saneamento – AGEOS)

4. No segmento em negrito do texto, a função predominante da linguagem, manifesta por marcas linguísticas específicas, é a:

- referencial*, porque se privilegia o referente da mensagem, levando informações objetivas e inequívocas ao leitor.
- emotiva* ou *expressiva*, porque se dá ênfase aos pontos de vista corporativos da AGEOS.
- conativa* ou *apelativa*, porque há um explícito objetivo de persuadir o leitor a adotar determinado comportamento.
- metalinguística*, porque há uma particular preocupação com a clareza do texto e, portanto, com o uso de termos adequados ao contexto.
- poética*, porque a mensagem é elaborada de forma criativa, destacando-se, particularmente, o ritmo, evidente na sequência das recomendações.

Resposta: C

MÓDULO 2

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO E CRITÉRIOS DE CORREÇÃO

1. Assinale V (verdadeiro) ou F (falso) sobre **dissertação**:

- a) () Apresenta estrutura fixa: tese (ou parágrafo introdutório), argumentação (ou desenvolvimento) e conclusão.
- b) () Deve-se evitar o uso da primeira pessoa (*eu*) e abordagem emocional.
- c) () Pode-se construir o parágrafo introdutório utilizando citação, definição, enumeração, interrogação etc.
- d) () A fuga ao tema proposto compromete apenas um ponto na nota.
- e) () A argumentação deve ser convincente e persuasiva, contendo evidências (exemplos e justificativas) extraídas de fatos conhecidos e/ou históricos.
- f) () Pode-se prescindir da análise crítica, pois apenas as evidências já demonstram o posicionamento de quem disserta.
- g) () Vocabulário rebuscado, frases prontas e clichês são adequados à modalidade dissertativa.
- h) () As ideias devem ser organizadas de forma lógica, clara e objetiva, em linguagem formal, refletindo o padrão culto da língua.
- i) () Além da coerência entre as ideias, é necessária a coesão entre termos, orações, períodos e parágrafos.

RESOLUÇÃO:

São falsas as alternativas *b, d, f, g*.

Não há comicidade fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu. Como é possível que fato tão importante, em sua simplicidade, não tenha merecido atenção mais acurada dos filósofos? Já se definiu o homem como “um animal que ri”. Poderia também ter sido definido como um animal que faz rir, pois, se outro animal o conseguisse, ou algum objeto inanimado, seria por semelhança com o homem, pela característica impressa pelo uso que o homem dele faz.

(Henri Bergson, *O riso*)

2. (MACKENZIE) – O texto transcrito é uma dissertação, pois discute ideias sobre a comicidade. Assinale a opção que indica a **tese** nele desenvolvida:

- a) As pessoas não riem de uma paisagem, embora ela possa apresentar fundamentos do riso, como a feiura, a desproporção e assimetria.
- b) Podemos rir de um animal devido a semelhanças com o ser humano.
- c) O burlesco é uma manifestação típica e inerente ao ser humano.
- d) O homem, segundo o pensamento filosófico, é um animal que faz rir.
- e) A surpresa de Henri Bergson diante do fato de que os filósofos não tenham dado a devida importância ao ato de rir.

RESOLUÇÃO: Resposta: C

3. (MACKENZIE) – Considerando-se estrutura e conteúdo, é correto afirmar sobre a dissertação de Henri Bergson:

- a) Os argumentos não confirmam a tese difundida pelo autor.
- b) Os argumentos, apesar de pertinentes, não convencem o leitor do texto.
- c) Os exemplos usados na argumentação justificam a comicidade tanto no homem quanto no animal.
- d) Segundo os argumentos, os filósofos deram demasiada importância à fantasia humana.
- e) A conclusão induz o leitor a admitir que o homem não é só um animal que ri, mas também um animal que faz rir.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

Texto para as questões 4 e 5.

DAS VÃS SUTILEZAS

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. (...) Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

(Montaigne, *Ensaíes*)

4. (FUVEST) – O texto revela, em seu desenvolvimento, o seguinte:

- a) formulação de uma tese; ilustração dessa tese por meio de uma narrativa; reiteração e expansão da tese inicial.
- b) formulação de uma tese; refutação dessa tese por meio de uma narrativa; formulação de uma nova tese, inspirada pela narrativa.
- c) desenvolvimento de uma narrativa; formulação de tese inspirada nos fatos dessa narrativa; demonstração dessa tese.
- d) segmento narrativo introdutório; desenvolvimento da narrativa; formulação de uma hipótese, inspirada nos fatos narrados.
- e) segmento dissertativo introdutório; desenvolvimento de uma descrição; rejeição da tese introdutória.

RESOLUÇÃO:

A alternativa da resposta enumera precisamente as etapas do desenvolvimento do texto.

Resposta: A

5. (FUVEST) – A expressão sublinhada no trecho: “...ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.” pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido, por

- a) desde que.
- b) contanto que.
- c) uma vez que.
- d) a não ser que.
- e) se bem que.

RESOLUÇÃO:

A expressão do texto é *concessiva*, como a da alternativa *e*.

Resposta: E



Texto para as questões 1 e 2.

A CARREIRA DO CRIME

Estudo feito por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz sobre adolescentes recrutados pelo tráfico de drogas nas favelas cariocas expõe as bases sociais dessas quadrilhas, contribuindo para explicar as dificuldades que o Estado enfrenta no combate ao crime organizado.

O tráfico oferece aos jovens de escolaridade precária (nenhum dos entrevistados havia completado o ensino fundamental) um plano de carreira bem estruturado, com salários que variam de R\$ 400,00 a R\$ 12.000 mensais. Para uma base de comparação, convém notar que, segundo dados do IBGE de 2001, 59% da população brasileira com mais de dez anos que declara ter uma atividade remunerada ganha no máximo o 'piso salarial' oferecido pelo crime. Dos traficantes ouvidos pela pesquisa, 25% recebiam mais de R\$ 2.000 mensais; já na população brasileira essa taxa não ultrapassa 6%. Tais rendimentos mostram que as políticas sociais compensatórias, como o Bolsa-Escola (que paga R\$ 15 mensais por aluno matriculado), são por si só incapazes de impedir que o narcotráfico continue aliciando crianças provenientes de estratos de baixa renda: tais políticas aliviam um pouco o orçamento familiar e incentivam os pais a manterem os filhos estudando, o que de modo algum impossibilita a opção pela delinquência. No mesmo sentido, os programas voltados aos jovens vulneráveis ao crime organizado (circo-escolas, oficinas de cultura, escolinhas de futebol) são importantes, mas não resolvem o problema.

A única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico é a repressão, que aumenta os riscos para os que escolhem esse caminho. Os rendimentos pagos aos adolescentes provam isso: eles são elevados precisamente porque a possibilidade de ser preso não é desprezível. É preciso que o Executivo federal e os estaduais desmontem as organizações paralelas erguidas pelas quadrilhas, para que a certeza de punição elimine o fascínio dos salários do crime.

(Editorial. Folha de S. Paulo. 15 jan, 2003.)

1. **(ENEM-2010)** – No Editorial, o autor defende a tese de que “as políticas sociais que procuram evitar a entrada dos jovens no tráfico não terão chance de sucesso enquanto a remuneração oferecida pelos traficantes for tão mais compensatória que aquela oferecida pelos programas do governo”. Para comprovar sua tese, o autor apresenta
- instituições que divulgam o crescimento de jovens no crime organizado.
 - sugestões que ajudam a reduzir a atração exercida pelo crime organizado.
 - políticas sociais que impedem o aliciamento de crianças no crime organizado.

- pesquisadores que se preocupam com os jovens envolvidos no crime organizado.
- números que comparam os valores pagos entre os programas de governo e o crime organizado.

RESOLUÇÃO:

Os principais dados que o texto apresenta a respeito do problema tratado são os valores muito díspares dos salários pagos aos traficantes e da ajuda concedida por programas sociais do governo.

Respeito: E

2. **(ENEM-2010)** – Com base nos argumentos do autor, o texto aponta para
- uma denúncia de quadrilhas que se organizam em torno do narcotráfico.
 - a constatação de que o narcotráfico restringe-se aos centros urbanos.
 - a informação de que as políticas sociais compensatórias eliminarão a atividade criminosa a longo prazo.
 - o convencimento do leitor de que para haver a superação do problema do narcotráfico é preciso aumentar a ação policial.
 - uma exposição numérica realizada com o fim de mostrar que o negócio do narcotráfico é vantajoso e sem riscos.

RESOLUÇÃO:

O parágrafo final deixa claro o objetivo do texto: levar à convicção de que a repressão policial é “a única maneira de reduzir a atração exercida pelo tráfico”.

Resposta: D

Texto para a questão 3.

Em uma reportagem a respeito da utilização do computador, um jornalista posicionou-se da seguinte forma: A humanidade viveu milhares de anos sem o computador e conseguiu se virar. Um escritor brasileiro disse com orgulho que ainda escreve a máquina ou a mão; que precisa do contato físico com o papel. Um fato que não alterou apenas a vida de algumas pessoas, ampliando a oferta de pesquisa e correspondência, mudando a carreira de todo mundo. Um professor arrematou que todas as disciplinas hoje não podem ser imaginadas sem os recursos da computação e, para um físico, ele é imprescindível para, por exemplo, investigar a natureza subatômica.

Como era a vida antes do computador?
OceanAir em Revista. n.º 1, 2007 (adaptado).

3. **(ENEM-2010 - 2.ª Aplicação)** – Entre as diferentes estratégias argumentativas utilizadas na construção de textos, no fragmento, está presente
- a comparação entre elementos.
 - a reduplicação de informações.
 - o confronto de pontos de vista.
 - a repetição de conceitos.
 - a citação de autoridade.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

1. APRESENTAÇÃO VISUAL DA REDAÇÃO

Preencher corretamente todos os itens do cabeçalho com letra legível.

Centralizar o título na primeira linha, sem aspas e sem grifo. O título pode apresentar interrogação, desde que o texto responda à pergunta.

Pular uma linha entre o título e o texto, para então iniciar a redação.

Fazer parágrafos distando mais ou menos três centímetros da margem e mantê-los alinhados.

Não ultrapassar as margens (direita e esquerda) e também não deixar de atingi-las.

Evitar rasuras e borrões. Caso o aluno erre, ele deverá anular o erro com um traço apenas. Ex.: O maior ~~problema~~ problema...

Apresentar letra legível, tanto de forma quanto cursiva. Distinguir bem as maiúsculas das minúsculas.

Evitar exceder o número de linhas pautadas ou pedidas como limites máximos e mínimos. Deixar aproximadamente entre cinco linhas aquém ou além dos limites.

Escrever apenas com caneta preta ou azul. O rascunho ou o esboço das ideias podem ser feitos a lápis e rasurados. A redação definitiva não será corrigida em caso de utilização de lápis, caneta vermelha, verde etc.

2. CONTEÚDO

Adequar o título ao conteúdo do texto.

Adequar o conteúdo ao tema proposto.

Obedecer à estrutura dissertativa: tese, argumentação e conclusão; número de parágrafos suficientes (no mínimo três) para adequação da estrutura.

Usar verbos na terceira pessoa do singular ou do plural, ou ainda na primeira pessoa do plural. O aluno deve evitar o emprego da primeira pessoa (*eu*); não deve citar fatos de sua vida particular, nem servir-se do texto para fins doutrinários.

Expressar-se em linguagem clara, objetiva, concisa (as palavras empregadas devem ser fundamentais e informativas). A linguagem deve refletir o padrão culto da língua.

Diversificar o vocabulário e evitar repetições; não usar clichês ou frases feitas como “a pureza das crianças”, “a sabedoria dos velhos”.

Evitar o uso inadequado de palavras de sentido vago, como “coisa”; conceitos amplos como “certo”, “errado”, “justiça”, “liberdade” etc.; apreciações subjetivas como “bom”, “mau”, “incrível”, “péssimo”, “triste” devem ser evitadas.

Concatenar as ideias, articulando-as em etapas sucessivas até a conclusão. Para promover a concatenação entre parágrafos, deve-se retomar uma palavra usada no parágrafo anterior e usar os conectivos adequados (conjunções, pronomes, preposições e advérbios) que promovam a coesão textual entre orações, períodos e parágrafos.

Utilizar argumentos convincentes, analisados com criticidade: fatos notórios e históricos, conhecimentos geográficos, cifras aproximadas, informações e aquisições culturais diversas. Defenda seu ponto de vista sem ferir os direitos humanos.

Concluir de forma coerente com a tese e a argumentação. A conclusão deve ser breve, reaproveitando ideias discutidas ao longo do texto.

Observação

Números

- idade – deve-se escrever por extenso até o n.º 10. Do n.º 11 em diante, devem-se usar algarismos;
- datas, horas e distâncias sempre em algarismos: 10h30min, 12h, 10m, 16m30cm, 10km (m, h, km, l, g, kg).

Palavras estrangeiras

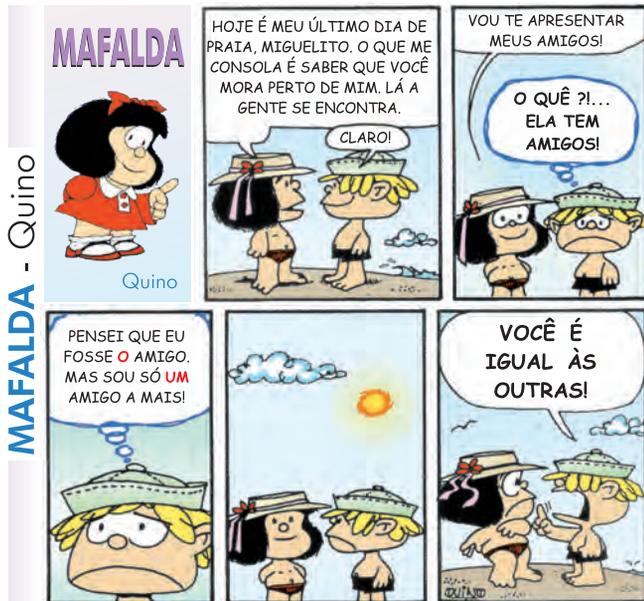
As que já estiverem incorporadas aos hábitos linguísticos devem vir sem aspas: marketing, merchandising, software, dark, punk, status, office-boy, hippie, show, skinhead etc.



<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER LINDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER JOVEM?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MELHOR DO QUE SER ELEGANTE?</p>
		
<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER BEM-SUCEDIDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER FAMOSA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS FANTÁSTICA DO QUE SER MILIONÁRIA?</p>
		
<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE ENCONTRAR O HOMEM DA SUA VIDA?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE SER FELIZ?</p>	<p>HÁ ALGUMA COISA MAIS IMPORTANTE DO QUE SER MAGRA?</p>
		

maite

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS –
PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS



1. No terceiro quadrinho, os artigos *o* (definido) e *um* (indefinido) determinam as relações de amizade pensadas por Miguelito.

a) Quais são elas?

RESOLUÇÃO: As relações de “melhor amigo” e de “parte de um grupo de amigos, conhecido”.

b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

RESOLUÇÃO: A oposição definido/indefinido (*o/um*) reforça a distinção valorativa: *o amigo* é apresentado como *único, o melhor*, enquanto *um amigo* significa *um qualquer*.

2. (IBMEC) – Compare estes períodos:

I. É consensual que as poucas leis brasileiras sobre crimes ambientais não funcionam.

II. É consensual que poucas leis brasileiras sobre crimes ambientais não funcionam.

A alternativa que as analisa corretamente é:

- a) A presença do artigo definido, na frase I, permite inferir que a afirmação contém uma crítica à eficiência das leis ambientais.
- b) Na frase II, a ausência de artigo representa um erro gramatical, pois pronomes indefinidos exigem palavras que os determinem.
- c) A comparação das frases é um indicío de que, apesar de atuarem como elementos coesivos, os artigos servem apenas para ligar palavras.
- d) O emprego do artigo na frase I representa um elogio à legislação brasileira que atua no combate aos crimes ambientais.
- e) Com ou sem artigo, as frases revelam que o governo brasileiro não é capaz de atuar na defesa do meio ambiente.

Resposta: A

Texto para a questão 3.

NA MORTE DOS RIOS

*Desde que no Alto Sertão um rio seca,
a vegetação em volta, embora de unhas,
embora sabres, intratável e agressiva,
faz alto à beira daquele leito tumba.
Faz alto à agressão nata: jamais ocupa
o rio de ossos areia, de areia múmia.*

(João Cabral de Melo Neto)

3. (UNESP) – João Cabral de Melo Neto pretendeu criar uma linguagem para seus poemas que se afastasse um pouco da linguagem usual, por meio de pequenos desvios. Para isso, empregou, às vezes, palavras fora das classes morfológicas a que pertencem.

a) Transcreva os fragmentos em que isso acontece.

RESOLUÇÃO:

As expressões são: “leito tumba”, “ossos areia”, “areia múmia”.

b) Identifique a classe original das palavras e a classe em que João Cabral as utilizou em seu poema.

RESOLUÇÃO:

Os termos *tumba*, *areia* e *múmia* são substantivos, mas foram empregados como adjetivos.

Texto para a questão 4.

*A pobre esposa chorosa
naquele estranho ambiente
recorda muito saudosa
sua terra e sua gente
relembra o tempo de outrora,
lamenta, suspira e chora
com a alma dolorida
além da necessidade
padece a roxa saudade
de sua terra querida*

(ASSARÉ, Patativa do. Emigração. In: _____. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 108.)

4. (UFC) – Analise o que se afirma sobre o texto e, a seguir, coloque V ou F conforme seja verdadeiro ou falso o que se afirma sobre ele.

- () O uso da sequência de verbos retrata o aumento gradativo do sofrimento da personagem, quando está distante de sua terra.
- () Os versos “além da necessidade/padece a roxa saudade” equivalem semanticamente ao provérbio “Além de queda, coice”.
- () O uso do adjetivo *roxa* (v. 9), referindo-se à saudade que a personagem sente de sua terra, autoriza o leitor a inferir que o sentimento dela era comido.

Assinale a alternativa correta.

- a) V, F, V. b) F, V, F. c) F, F, V. d) V, V, V. e) V, V, F.

Resposta: E

Locução adjetiva é uma expressão formada de **preposição** e **substantivo** que, geralmente, qualifica o **substantivo** que a antecede.

5. (UNIP) – A expressão destacada corresponde a um adjetivo em:
- Ao fim de um mês, ele capinava de **sol a sol**.
 - Essa festa religiosa é uma tradição **do lugar**.
 - Viu diante dos seus olhos as jabuticabas negras a estalar **dos caules rijos**.
 - As aboboreiras se arrastavam carnudas, cheias **de pólen**.
 - Ele procurava com boa vontade usar a enxada **da maneira ensinada**.

RESOLUÇÃO:

A expressão “do lugar” é locução adjetiva, porque caracteriza um substantivo (*tradição*). Nas demais alternativas, trata-se de locuções adverbiais, porque modificam verbo ou adjetivo.

Resposta: B

6. (ITA) – Em qual das alternativas os substantivos apresentados se referem, respectivamente, aos adjetivos “simiesco, ígneo, somático, insular”?
- macaco, fogo, corpo, ilha.
 - semelhança, ignição, pedra, solidão.
 - símile, fogo, adição, arquipélago.
 - primata, pureza, constituição, isolamento.
 - similar, ignorância, soma, istmo.

Resposta: A

7. (IBMEC) – Dados os seguintes adjetivos: *pluvial, occipital, lupino* e *lacustre*, assinale a alternativa que apresenta as locuções adjetivas correspondentes.

- de chuva, de olho, de lobo e de rio, respectivamente.
- de chuva, de nuca, de lupa e de lago, respectivamente.
- de rio, de nuca, de lobo e de lago, respectivamente.
- de chuva, de nuca, de lobo e de lago, respectivamente.
- de rio, de olho, de lupa e de lago, respectivamente.

Resposta: D

Utilize os textos a seguir para responder ao teste 8.

FOLHA DE S.PAULO

equilíbrio

transpire
Copa do Mundo
inspira novas
coreografias da
moda nas
academias

tpm
sem remédio



Receitas tradicionais e naturais para segurar a onda da maioria das brasileiras que vive à beira de um ataque de nervos; pesquisa mostra que 56% têm mau Humor mensal

REMÉDIO CONTRA FILA.



**PAGUE NA FARMÁCIA
SUA CONTA DE LUZ.**

A CPFL está sempre buscando novas maneiras de facilitar sua vida. Desta vez, a ideia é tirar você da fila do banco. De agora em diante, pode pagar sua conta de luz nas farmácias credenciadas pela CPFL. Sem espera, sem chateação, sem condicionar seus horários aos horários do banco. Sábados, domingos e feriados. Afinal, a eletricidade sempre esteve ligada a uma vida mais moderna. Já estava na hora de você ter uma alternativa para não enfrentar fila.



8. (INSPER) – Coloque V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações que seguem.

- Se compreendida como uma locução adjetiva, a expressão “sem remédio” (presente no Texto I) poderia ser substituída, sem alteração de sentido, pelo adjetivo “inevitável”.
- No Texto II, a preposição “contra” estabelece a ligação entre as atividades normais de uma farmácia e a possibilidade anunciada de usá-la para fazer pagamentos.
- Em sentido literal, a expressão “sem remédio” (Texto I) tem caráter adverbial, já que modifica o substantivo, indicando circunstância de modo.
- Em ambos os textos, ocorre uma ambiguidade decorrente do caráter polisêmico do substantivo “remédio”.

A sequência correta é

a) V, F, F, V.

b) F, V, V, F.

c) V, V, F, F.

d) F, V, V, V.

e) V, V, F, V.

Resposta: E



Aplicações

1. (MACKENZIE) – Aponte a alternativa **incorreta** quanto à correspondência entre a locução e o adjetivo:

- a) glacial (de gelo) – ósseo (de osso).
- b) fraternal (de irmão) – argênteo (de prata).
- c) farináceo (de farinha) – pétreo (de pedra).
- d) víperino (de vespa) – ocular (de olho).
- e) ebúrneo (de marfim) – insípida (sem sabor).

RESOLUÇÃO:

(víperino corresponde a *de víbora*)

Resposta: D

2. (UFP – MODELO ENEM) – A expressão em que a mudança de colocação de seus termos altera por completo o sentido do adjetivo é:

- a) velho fidalgo – fidalgo velho.
- b) índio tímido – tímido índio.
- c) coração nobre – nobre coração.
- d) pobre índio – índio pobre.
- e) admiração ardente – ardente admiração.

Resposta: D

3. (MACKENZIE) – De acordo com a norma culta, assinale a alternativa que apresenta **inadequação** no processo de nominalização.

- a) As passistas da escola de samba estavam dispersas.
Dispersão das passistas da escola de samba.
- b) Os jovens perseveraram em busca de soluções para os problemas do país.
Perseverança dos jovens em busca de soluções para os problemas do país.
- c) A herança foi dissipada pelos herdeiros.
Dissipação da herança pelos herdeiros.

d) O movimento de protesto foi reprimido pelas autoridades.
Repressão do movimento de protesto pelas autoridades.

e) A França asilou muitos brasileiros durante a ditadura militar.
Asilamento de muitos brasileiros pela França durante a ditadura militar.

RESOLUÇÃO:

"Asilamento" é palavra não registrada (ou seja, "inexistente"). O substantivo adequado para corresponder a "asilar" é "asil", cujo emprego, no entanto, implicaria a transformação do adjunto adverbial ("pela França" seria substituído por "na França").

Resposta: E

4. (UFTM) – Observe as palavras: *hábil, crer, precisa*. Assinale a alternativa que contém os substantivos, derivados dessas palavras, na forma negativa.

- a) inabilidade – descrença – imprecisão.
- b) inábil – descrença – imprecisa.
- c) habilidade – crença – precisão.
- d) habilidoso – crente – precioso.
- e) inabilidade – descrente – precisamente.

Resposta: A

5. (FECE – APUCARANA) – O adjetivo **marítimos** equivale à locução adjetiva **dos mares**.

Assinale a alternativa em que **não** há correspondência entre o adjetivo e a locução.

- a) exangue – sem sangue.
- b) inodoro – sem sabor.
- c) hepático – do fígado.
- d) bélico – da guerra.
- e) pluvial – da chuva.

RESOLUÇÃO:

O adjetivo *inodoro* corresponde à locução adjetiva *sem cheiro*, e *insípido* à locução *sem sabor*.

Resposta: B

MÓDULO 4

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS – PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS

QUADRO DOS PRONOMES

PESSOA	PESSOAL RETO	PESSOAL OBLÍQUO	POSSESSIVO	DEMONSTRATIVO
1. ^a pes. sing.	EU	me, mim, comigo	meu(s), minha(s)	este(s), esta(s), isto
2. ^a pes. sing.	TU	te, ti, contigo	teu(s), tua(s)	esse(s), essa(s), isso
3. ^a pes. sing.	ELE / ELA	se, si, consigo, lhe, o, a	seu(s), sua(s)	aquele(a, es, as), aquilo, o, a
1. ^a pes. plural	NÓS	nos, conosco	nosso(s), nossa(s)	este(s), esta(s), isto
2. ^a pes. plural	VÓS	vos, convosco	vosso(s), vossa(s)	esse(s), essa(s), isso
3. ^a pes. plural	ELES / ELAS	se, si, consigo, lhes, os, as	seu(s), sua(s)	aquele(a, es, as), aquilo, os, as

OBS.: Os pronomes de tratamento (você, senhora, Vossa Senhoria etc.) e os pronomes indefinidos (alguém, ninguém, tudo, todos, vários etc.) só admitem verbos na 3.^a pessoa do singular ou do plural.

PRONOMES RELATIVOS

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
MASCULINO		FEMININO		
Singular	Plural	Singular	Plural	
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos			onde

1. (FUVEST) – Gostaria de dizer- _____ que, para _____ poder aceitar seu irmão como sócio, **não** deve haver ressentimentos entre _____ .

Os espaços desta frase serão corretamente preenchidos por:

- a) lhe – eu – mim e ele. b) vos – mim – eu e ele.
 c) te – mim – ele e mim. d) vos – eu – ele e mim.
 e) lhe – mim – ele e eu.

Resposta: A

2. Complete as frases com **eu** ou **mim**:

- a) Há uma antiga discordância de ideias entre _____ e você.
 b) Para _____ sair é necessário que alguém fique em casa.
 c) Para _____ não é impossível digitar este capítulo.
 d) Não é fácil, para _____, ter de desconfiar das pessoas.
 e) Trata-se de um problema difícil para _____ resolver sozinho.
 f) Trata-se de um problema difícil para _____ .
 g) Entre sua irmã e _____ não há mais nada.

RESOLUÇÃO:

a) mim; b) eu; c) mim; d) mim; e) eu; f) mim; g) mim.

Os pronomes demonstrativos **este(s)**, **esta(s)** e **isto** anunciam palavras que ainda vão aparecer na progressão do texto, referem-se a tempo presente e indicam o que está próximo da pessoa que fala (1.^a pessoa).

Os pronomes demonstrativos **esse(s)**, **essa(s)** e **isso** retomam termos ou orações já mencionados, referem-se a tempo futuro ou passado e indicam o que está próximo da pessoa com quem se fala (2.^a pessoa).

Os pronomes demonstrativos **aquele(s)**, **aquela(s)** e **aquilo** referem-se a tempo passado remoto e ao que está distante da pessoa com que se fala.

3. Com base nas definições dadas, assinale a alternativa **incorreta**:

- a) Nesses próximos dias, sairão os resultados das provas.
 b) “Essa força que mora em seu coração.” (Caetano Veloso)
 c) “Aqui neste mundinho fechado ela é incrível.” (Skank)
 d) Durante esta semana, haverá uma feira de ciências na escola.
 e) A noite resumiu-se nisso: comer, beber e conversar.

Resposta E (nisto).



4. (FUVEST-transferência) – O que provoca, de modo mais decisivo, o efeito de humor desta tirinha é

- a) a falta de nexos entre as duas falas de Beth.
 b) a resposta agressiva da garota.
 c) o inesperado da questão proposta pelo rapaz.
 d) a interpretação que Beth deu à pergunta do rapaz.
 e) o emprego de palavra estrangeira e de gíria na mesma fala.

Resposta: D

5. (FUVEST-transferência) – Considere as seguintes afirmações relativas a diferentes aspectos linguísticos do texto:

- I. O destaque gráfico dado a uma palavra do 2.^o quadrinho é uma representação de um ato próprio da língua oral.
 II. Se passarmos as falas que compõem a tirinha para o discurso indireto, teremos alterações tanto de verbos quanto de pronomes.
 III. Dada a situação em que se encontram as duas personagens no 2.^o quadrinho, o correto seria usar “este” e não “esse” no trecho “esse game”, tendo em vista a norma padrão da língua.

Está correto o que se afirma em

- a) I, somente. b) II, somente. c) III, somente.
 d) I e II, somente. e) I, II e III.

Resposta: E

6. (ESPM) – Assinale a única alternativa em que o uso do vocábulo *mesmo* **não** é aceito pela norma culta:
- No ano, os alimentos já acumulam alta de 9,78%, quase o *mesmo* patamar registrado de janeiro a dezembro do ano passado.
 - Antes de entrar no elevador, verifique se o *mesmo* encontra-se parado no andar.
 - Eles têm de gastar mais *mesmo*, para melhorar a qualidade de ensino.
 - Uma das cepas da bactéria – *M. massiliense* – envolvida nos surtos apresentou resistência ao produto, *mesmo* após dez horas de exposição.
 - Novo Triunfo (334 km de Salvador) será o único município brasileiro com mais mulheres que homens na disputa por uma vaga na Câmara Municipal. Nas eleições passadas, o número de candidatos foi o *mesmo*.

Resposta: B

Utilize a tirinha a seguir para responder ao teste 7.



(Folha de S.Paulo, 23/1/2010.)

7. (INSPER) – Analise estas afirmações:
- O humor da tira decorre do emprego da segunda pessoa – na linguagem contemporânea, usada em contextos restritos – sugerindo um traço de sacralidade para as falas cerimoniais das traças em situações que são banais.
 - O modo como falam as personagens traças na tira é um indicador de que elas podem ser qualificadas como sábias e cultas, já que empregam verbos e pronomes de acordo com a formalidade exigida pela gramática normativa.
 - A opção pelo uso da segunda pessoa do plural tem o objetivo de representar um registro típico da linguagem regional.

Está(ão) correta(s)

- Apenas I.
- Apenas I e II.
- Apenas I e III.
- Apenas II.
- I, II e III.

Resposta: A

Leia o trecho:

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já não o obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar o livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras.

(Machado de Assis, *D. Casimiro*)

8. (ESPM) – Baseado nesse trecho e na obra, assinale a afirmação **falsa**:
- O narrador-personagem se dirige ao leitor numa atitude ambígua: pede para acreditar na veracidade dele (autor), ao mesmo tempo em que permite duvidar de suas palavras.
 - O narrador usa de contra-argumentação para todos os possíveis atos de recusa do leitor.
 - A frase “Todavia não há nada mais exato.” confere certeza e segurança ao leitor sobre todos os fatos narrados por Bentinho.
 - No diálogo com o leitor, tem-se uma das principais técnicas muito usada por Machado: a metalinguagem.
 - Mesmo caracterizando o texto quase como uma confissão, a qual não se deve questionar, o narrador pode estar enganado em sua versão sobre os fatos.

Resposta: C

9. (ESPM) – As ocorrências do vocábulo **o**, em negrito, referem-se, respectivamente, a:
- o você (leitor); deitar fora este livro; livro.
 - o deitar fora este livro; gesto; livro.
 - o você (leitor); gesto; livro.
 - o deitar fora este livro; gesto; você (leitor).
 - o você (leitor); deitar fora este livro; você (leitor).

Resposta: A

Manuel Bandeira

Filho de engenheiro, Manuel Bandeira foi obrigado a abandonar os estudos de arquitetura por causa da tuberculose. Mas a iminência da morte não marcou de forma lúgubre sua obra, embora em seu humor lírico haja sempre um toque de funda melancolia, e na sua poesia haja sempre um certo toque de morbidez, até no erotismo. Tradutor de autores como Marcel Proust e William Shakespeare, esse nosso Manuel traduziu mesmo foi a nostalgia do paraíso cotidiano mal idealizado por nós, brasileiros, órfãos de um país imaginário, nossa Cocanha perdida, Pasárgada. Descrever seu retrato em palavras é uma tarefa impossível, depois que ele mesmo já o fez tão bem em versos.

(Revista Língua Portuguesa, n.º 40, fev. 2009.)

10. (ENEM) – A coesão do texto é construída principalmente a partir do (a)
- repetição de palavras e expressões que entrelaçam as informações apresentadas no texto.
 - substituição de palavras por sinônimos como "lúgubre" e "morbidez", "melancolia" e "nostalgia".
 - emprego de pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos: "sua", "seu", "esse", "nosso", "ele".
 - emprego de diversas conjunções subordinativas que articulam as orações e períodos que compõem o texto.
 - emprego de expressões que indicam sequência, progressividade, como "iminência", "sempre", "depois".

RESOLUÇÃO: A função coesiva dos pronomes mencionados na alternativa c está em que eles retomam elementos anteriores do texto: “sua obra” (= de Manuel Bandeira), “seu humor” (idem), “sua poesia” (idem) etc. Resposta: C



Aplicações

1. (UMC) – Observe:

A base governamental levantou a hipótese de que a mudança introduzida na economia argentina é de tal forma inédita que a população ainda não a assimilou.

(Folha de S. Paulo, 17/7/2003)

O pronome grifado, no fragmento acima, refere-se a

- a) população
- b) hipótese
- c) mudança
- d) economia
- e) base governamental

Resposta: C

2. (UEPG-PR) – Convivi, durante longos anos, com Machado e Alencar; _____ me seduziu pela suavidade romântica do seu estilo; _____, pela ironia às vezes amarga com que tonifica o discurso narrativo.

- a) aquele, aquele
- b) este, este
- c) este, aquele
- d) esse, esse
- e) aquele, este

Resposta: C

3. (ESPM) – Assinale o item em que o pronome grifado tenha valor semântico de **possessivo**:

- a) “A borboleta, depois de esvoaçar muito em torno de mim, pousou-me na testa.” (Machado de Assis)
- b) “Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer.” (Machado de Assis)
- c) “Perdi-me dentro de mim / Porque eu era labirinto.” (Mário de Sá Carneiro)
- d) “Vou-me embora pra Pasárgada / Lá sou amigo do rei!” (Manuel Bandeira)
- e) “Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais.” (Clarice Lispector)

Resposta: A

Assistir às "gostasas" do "Big Brother Brasil" foi uma das justificativas de um juiz do Rio para dar ganho de causa a um homem que ficou meses sem poder ver televisão. O juiz Cláudio Ferreira Rodrigues, 39, titular da Vara Cível de Campos dos Goytacazes (278 km do Rio), justificou sua sentença dizendo que procura "ser sempre o mais informal possível".

Ao determinar o pagamento de indenização de R\$ 6.000 por defeito em um aparelho de TV, o juiz afirmou na sentença: "Na vida moderna, não há como negar que um aparelho televisor, presente na quase totalidade dos lares, é considerado bem essencial. Sem ele, como o autor poderia assistir às gostosas do 'Big Brother'?"

(Folha de S. Paulo, 3/2/2009.)

4. (INSPER) – A respeito do pronome presente em “justificou sua sentença”, é correto afirmar que

- a) instaura o pressuposto de que a escolha lexical do juiz é incompatível com a linguagem jurídica.

b) é um anafórico que estabelece a coesão textual ao retomar a palavra “juiz”.

c) cria uma ambiguidade, já que pode se referir tanto ao juiz quanto ao homem que ganhou a causa.

d) é uma marca de oralidade que só pode empregada na linguagem coloquial.

e) pode ser substituído, sem alteração de sentido, pelo possessivo “tua”.

Resposta: B

5. (FAAP-SP)

*Ouvindo-te dizer: Eu te amo,
creio, no momento, que sou amado.
No momento anterior
e no seguinte
como sabê-lo?*

O pronome *o* está no lugar da oração:

- a) “ouvindo-te”.
- b) “dizer”.
- c) “eu te amo”.
- d) “que sou amado”.
- e) “como sabê-lo”.

Resposta: D

6. (FGV-Econ.) – O trabalho tem mais isso de excelente: distrai nossa vaidade, engana **nossa** falta de poder.

Também há ocorrência de pronome empregado com sentido de posse em:

- a) O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.
- b) [O trabalho] impede-o de olhar um outro que é ele e que lhe torna a solidão horrível.
- c) [O trabalho] desvia-o da visão assustadora de si mesmo.
- d) Vagabundo é quem não tem o que fazer, nós temos, só não o fazemos.
- e) [O trabalho] faz-nos sentir a esperança de um bom acontecimento.

RESOLUÇÃO:

No trecho “...que lhe torna a solidão horrível”, o pronome *lhe* é empregado com sentido de posse e equivale a sua: *que torna a sua solidão horrível*.

Resposta: B

7. (VUNESP) – Considerando o emprego de pronomes, assinale a alternativa correta.

- a) Pensando nos problemas, se esquecemos de ir ver o apartamento.
- b) Entre mim e o engenheiro mecânico, nenhum acordo foi possível.
- c) Ela não deveria ter ido sem eu e Jorge.
- d) Lúcia falou para mim arrumar a casa.
- e) Avistei os dois, chamei eles e se preocupeí com o que acontecia.

RESOLUÇÃO:

Em *a*, esquecemo-nos; em *c*, sem *mim*; em *d*, *eu* arrumar; em *e*, chamei-os e *me* preocupeí.

Resposta: B

Nome _____

Unidade _____

Turma _____ Manhã Tarde Noite

3.º ANO
MÓDULO 2

Os acidentes de trânsito são a principal causa de morte não natural no País. E brasileiro gasta mais com carro do que com educação.

(Oded Grajew –
Presidente do Grupo Ethos)

Cerca de 70% dos acidentes de trânsito no Brasil são causados pelo álcool. E 50% dos acidentes pelo álcool são fatais. Portanto, toda ação feita para diminuir o consumo de bebida alcoólica entre motoristas é muito bem-vinda.

(Fábio Racy – Presidente da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego)

Os brasileiros estão inventando um tipo novo de “assassinato social”. Consiste em beber bastante, entrar num carro – quanto mais caro e poderoso, melhor – e dizimar quem quer que esteja passando pela calçada.

(Marcelo Coelho)

A impunidade dos atropeladores é uma barbaridade nacional que banaliza mortes cruéis e evitáveis. Quantos culpados de tais crimes estão cumprindo pena hoje no Brasil? Há algum? Na Europa e nos Estados Unidos, pedestres, gente de skate, ciclistas etc. são respeitados. Lá, há punição, e o que quase não há é violência no trânsito.

Punição exemplar não traz ninguém de volta, mas é decisiva para que outros não morram tão gratuitamente. Segundo a sabedoria talmúdica, quem desculpa os culpados ultraja suas vítimas.

(Teresa Cristina Bracher e Nelson Ascher)

Refleta sobre o assunto de que tratam os textos e escreva uma dissertação em prosa, discutindo as medidas necessárias para coibir a associação álcool/direção.

MÓDULO 5

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS – PALAVRAS VARIÁVEIS E INVARIÁVEIS

Advérbio é palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio.

1. (ITA) – Considere o excerto abaixo:

“No Brasil, [o trote] é um meio de reafirmar, na passagem para a vida adulta, que o jovem estudante pertence **mesmo** a uma sociedade autoritária, violenta e de privilégio.”

Preserva-se o sentido da frase acima, caso a palavra em destaque seja substituída por

a) ainda. b) também. c) realmente. d) porém. e) portanto.

RESOLUÇÃO:

O termo *mesmo* funciona sintaticamente como adjunto adverbial de afirmação e modifica o verbo *pertencer*, assim como o advérbio *realmente* da alternativa correta. Em ambos, o sentido é de enfatizar a afirmação.

Resposta: C

2. (FUVEST) – “‘É preciso agir, e **rápido**’, disse ontem o ex-presidente nacional do partido.”

A frase em que a palavra destacada **não** exerce função idêntica à de **rápido** é:

- a) Como estava exaltado, o homem gesticulava e falava **alto**.
- b) Mademoiselle ergueu **súbito** a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos.
- c) Estavam acostumados a falar **baixo**.
- d) Conversamos por alguns minutos, mas tão **abafado** que nem as paredes ouviram.
- e) Sim, havíamos de ter um oratório bonito, **alto**, de jacarandá.

RESOLUÇÃO:

O adjetivo *rápido* foi usado, no enunciado, com função de advérbio. O mesmo emprego ocorre em a, b, c e d. Já em e, o adjetivo *alto* é empregado com seu valor próprio, caracterizando o substantivo *oratório*.

Resposta: E

POEMA DE FINADOS

*Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.*

*Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais precisão.*

*O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri.
Pois nada quero, nada espero.
E em verdade estou morto ali.*

(Manuel Bandeira, *Libertinagem*.)

3. (UNESP) – No poema de Manuel Bandeira, o eu lírico sugere ao interlocutor que faça algo num determinado tempo. Indique a palavra que identifica esse tempo em que o interlocutor deve fazer o que pede o *eu* do poema e uma frase que mostre o que está sendo pedido.

RESOLUÇÃO:

A palavra que identifica o tempo é o advérbio “Amanhã”, indicando o dia de finados (“dia dos mortos”). O que está sendo pedido pelo *eu* do poema é evidenciado pelos verbos no imperativo dirigidos ao interlocutor, pedindo a ele que vá ao cemitério e procure a sepultura do pai do eu lírico: “Vai ao cemitério. Vai / E procura entre as sepulturas / A sepultura de meu pai”. A sequência do pedido continua na segunda estrofe: “Leva três rosas bem bonitas. / Ajoelha e reza uma oração”, com verbos também no imperativo.

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

4. (FUVEST) – Ao ligar dois termos de uma oração, a preposição pode expressar, entre outros aspectos, uma relação temporal, espacial ou nocional. Nos versos

*Amor total e falho... Puro e impuro...
Amor de velho adolescente...*

a preposição *de* estabelece uma relação nocional.

Essa mesma relação ocorre em

- a) “Este fundo *de* hotel é um fim *de* mundo.”
- b) “A quem sonha *de* dia e sonha *de* noite, sabendo todo sonho vão.”
- c) “(...)
depois fui pirata mouro,
flagelo *da* Tripolitânia.”
- d) “Chegarei *de* madrugada, quando cantar a seriema.”
- e) “Só os roçados *da* morte
compensam aqui cultivar.”

Resposta: E

Texto para a questão 5.

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

5. (FUVEST) – O segmento do texto em que a preposição **de** estabelece uma relação de causa é:

- a) “ao pé de uma casa amarelada”.
- b) “escada, de degraus gastos”.
- c) “gradeadozinho de arame”.
- d) “parda do pó acumulado”.
- e) “luz suja do saguão”.

RESOLUÇÃO:

A preposição *de* introduz expressão que indica o motivo, o fator determinante de estar *parda* a janela da casa amarelada.

Resposta: D

6. (UEL)

*Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?*

A palavra *até*, no texto de Carlos Drummond de Andrade, tem o mesmo valor semântico que em:

- a) O marinheiro chegou **até** o porto ao amanhecer.
- b) A polícia, **até** agora, não conseguiu capturar os fugitivos.
- c) As apurações estaduais foram suspensas **até** segunda ordem.
- d) Saveiro Geração III. Resiste a tudo, **até** a você.
- e) 12 **até** 18 dias sem juros no cheque especial. Tarifas que podem chegar a zero.

RESOLUÇÃO:

Até, no enunciado, significa *inclusive*, como na alternativa *d*. Em *a*, significa *limite no espaço*; em *b*, *c* e *e*, *limite no tempo*.

Resposta: D

7. (FGV-Eco) – *Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais.*

A locução *ainda que* e o advérbio *muito* estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de

- a) restrição e quantidade.
- b) causa e modo.
- c) tempo e meio.
- d) concessão e intensidade.
- e) condição e especificação.

RESOLUÇÃO:

“*Ainda que*” é uma locução conjuntiva de sentido *concessivo*; “*muito*” intensifica o adjetivo “*alto*”.

Resposta: D

8. (PUC-SP) – *Então, os peixes jovens, já não era mais possível segurá-los; agitavam as nadadeiras nas margens lodosas para ver se funcionavam como patas, como haviam conseguido fazer os mais dotados. Mas precisamente naqueles tempos se acentuavam as diferenças entre nós...*

As palavras destacadas indicam, respectivamente,

- a) finalidade, oposição, comparação, conformidade.
- b) oposição, finalidade, conformidade, oposição.
- c) conformidade, finalidade, oposição, comparação.
- d) finalidade, comparação, conformidade, oposição.
- e) comparação, finalidade, oposição, conformidade.

Resposta: D

9. (INATEL) – As frases a seguir estão sem seus elementos de coesão. Dentro dos parênteses está o significado que eles devem estabelecer dentro da frase. Assinale a **única** opção em que todos os elementos estão cumprindo esta exigência.

- I. Chamaram-me _____ o diretor chegou a sua sala. (tempo)
- II. _____ estávamos cansados, resolvemos dormir. (causa)
- III. _____ soubemos, o estádio ficará fechado para reformas. (conformidade)
- IV. Ele se veste _____ um príncipe. (comparação)
- V. Cumpriremos as exigências _____ pareçam absurdas. (concessão)

- a) desde que / Conforme / Como / tal como / embora.
- b) quando / Porque / Conforme / de modo que / a fim de que.
- c) assim que / Como / Segundo / como / por mais que.
- d) logo que / Por que / Se / como / para que.
- e) porque / Quando / Embora / bem como / que.

Resposta: C



Aplicações

1. (VUNESP) – A preposição **de**, destacada nas frases, estabelece entre as palavras uma relação de causa na alternativa:
- ... ainda zozzo **de** sono, procura Lúcia...
 - ... mudaram-se e, **de** noite, lá estavam...
 - ... os dois deitados numa velha cama **de** casal.
 - ... ao saírem **de** mãos dadas...
 - ... ela chamou **de** “outra incrível lua de mel”.

Resposta: A

2. (VUNESP) – Considere os trechos:
Certamente, têm também a vantagem de não poluir o ar como as motocicletas.
 As bicicletas são oferecidas *em 1 450 pontos da capital*.

Os termos em destaque expressam, correta e respectivamente, as circunstâncias de

- intensidade e lugar.
- intensidade e tempo.
- afirmação e tempo.
- afirmação e lugar.
- causa e lugar.

Resposta: D

3. (CÁSPER LÍBERO)

- Fernanda sorriu **às pressas**.
- Respondi-lhe que aquilo devia ser ideia de minha mulher, que, **de quando em quando**, tem uma.
- Ele virá **com certeza**.

Nas frases acima, as locuções adverbiais em destaque devem ser classificadas, respectivamente, como de:

- modo, tempo, afirmação.
- modo, tempo, intensidade.
- tempo, modo, afirmação.
- modo, modo, intensidade.
- tempo, tempo, afirmação.

Resposta: A

4. (VUNESP) – Assinale a alternativa em que os advérbios substituam, correta e respectivamente, as ideias em destaque em:
 — ... pessoas preocupadas **em excesso**. / **Pouco a pouco**, aprendemos a controlar a ansiedade. / **Dia e noite**, o homem da Pré-História convivia com a ansiedade.
- excessivamente, minimamente, distantemente.
 - demasiadamente, paulatinamente, diuturnamente.
 - exageradamente, resumidamente, gradativamente.
 - ilimitadamente, sucintamente, diariamente.
 - totalmente, integralmente, anualmente.

Resposta: B

5. (CÁSPER LÍBERO)

- Lá de ano **a** ano é que vinha procurá-la.
- Rompo **à** frente, tomo a mão esquerda.

III. A mulher adormeceu **ao** seu lado.

IV. **Ao** entardecer, avistei uma povoação.

Nas frases dadas, as preposições em destaque indicam, respectivamente, as noções de

- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no tempo, situação no tempo.
- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no espaço, situação no tempo.
- movimento no tempo, movimento no espaço, situação no tempo, situação no espaço.
- situação no espaço, situação no tempo, movimento no espaço, movimento no tempo.
- situação no espaço, movimento no tempo, situação no espaço, movimento no tempo.

Resposta: B

6. (FGV) – Quanto à morfologia, explique o emprego das palavras em destaque:

- mal** em ...ouvirei as moças falando **mal** do chefe na fila do Subway... e em – O **mal** é as moças não respeitarem a ausência do chefe na fila do Subway.
- só** em ... em vez de caminhar, **só**, em direção a uma edícula, no fundo do quintal. – e em – **Só** preciso ter acesso ao coração do mundo.

RESOLUÇÃO

- Em “falando mal”, **mal** é advérbio; em “o mal é...”, **mal** é substantivo.
- Na primeira ocorrência, **só** é adjetivo, sinônimo de *sozinho, solitário*; na segunda, é advérbio, sinônimo de *apenas, somente*.

Atente para o trecho:

Depois, e só depois, poderei voltar para minha edícula e tentar escrever algo que preste. Algo que, um dia, espero, chegue aos pés do último verso do poema de Drummond: “Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto é meu coração.”

7. (FGV)

- Identifique a ideia expressa pelas preposições *para* em – ... voltar para minha edícula...– e *de* em – ... poema de Drummond.
- Aponte no verso de Drummond a palavra que designa a ideia de um coração grandioso e identifique a classe gramatical a que ela pertence

RESOLUÇÃO

- Em *voltar para a minha edícula*, a preposição *para* equivale à preposição *a* e indica *lugar de destino* (*lugar aonde* ou *para onde*). Em *poema de Drummond*, a preposição *de* indica, não exatamente *propriedade*, mas sim *pertinência, posse* – uma descrição mais adequada da relação entre autor e obra.
- Trata-se do adjetivo *vasto*, empregado no grau comparativo de superioridade, *mais vasto*.



MULHER DE 30 ANOS - Cibele Santos

SAIR PRA JANTAR COM UMA AMIGA DE 18 É SEMPRE UM PRAZER



WWW.CIBELESANTOS.COM.BR

A inveja é tema da psicologia e da literatura há muito tempo.

Podemos falar da inveja a partir de dois referenciais: o pecado ou o sentimento. A religião a considera um mal condenável, expiado pela confissão e pelo arrependimento. Já a psicologia entende a inveja como algo inerente à condição humana.

(Eugênio Mussak,
Vida Simples)

Tomás de Aquino define a inveja como “a tristeza por não possuir o bem alheio”. Invejam-se a cor dos olhos, o tom de voz, a erudição, os títulos, a função, a riqueza ou as viagens de outrem. “Onde há inveja, não há amizade”, alertava Camões.

O invejoso é um derrotado. Perdeu para a sua autoestima. Lamenta, no íntimo, ser quem é e nutre a fantasia de que poderia ter sido outra pessoa. O inimigo do invejoso é ele próprio. Desprovida de sentido, sua existência se ancora em bens materiais que não estão ao alcance de suas posses ou em bens espirituais que transcendem seu talento.

Os produtos associam-se a bens que muitos perseguem: sucesso, prazer, sedução, riqueza, projeção, etc. Na compra do produto, o consumidor ganha de brinde a fantasia de que leva junto o bem cobiçado. Eis a felicidade virtual, como a da mulher que, numa festa, se julga a mais bem vestida, ao lado de inúmeras mulheres igualmente convencidas de sua proeminência.

(Frei Betto, escritor, é autor de *Cotidiano & Mistério* (Olho D’Água), entre outros livros.)

Bons dias!

Quem nunca invejou, não sabe o que é padecer. Eu sou uma lástima. Não posso ver uma roupinha melhor em outra pessoa, que não sinta o dente da inveja morder-me as entranhas. [...] Não há remédio para esta doença. Eu procuro distrair-me nas ocasiões; como não posso falar, entro a contar os pingos de chuva, se chove, ou os basbaques que andam pela rua, se faz sol; mas não passo de algumas dezenas. O pensamento não me deixa ir avante. A roupinha melhor faz-me foscas, a cara do dono faz-me caretas...

Foi o que me aconteceu, depois da última vez que estive aqui. Há dias, pegando numa folha da manhã, li uma lista de candidaturas para deputados por Minas [...]. Chego a um dos distritos, não me lembra qual, nem o nome da pessoa, e que hei de ler? Que o candidato era apresentado pelos três partidos, liberal, conservador e republicano. A primeira coisa que senti, foi uma vertigem. Depois, vi amarelo. Depois, não vi mais nada. As entranhas doíam-me, como se um facão as rasgasse [...]. Rasguei afinal a folha, e perdi os dois vinténs; mas eu estava pronto a perder dois milhões, contando que aquilo fosse comigo.

(Machado de Assis. Texto publicado originalmente na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, em 22.8.1889)

MÓDULO 6

DISSERTAÇÃO – COESÃO

Uma dissertação bem redigida apresenta, necessariamente, perfeita articulação de ideias. Para obtê-la, é necessário promover o encadeamento semântico (significado, ideias) e o encadeamento sintático (mecanismos que ligam uma oração à outra). A coesão (elemento da frase A retomado na frase B) é obtida, principalmente, por meio dos elementos de ligação que proporcionam as relações necessárias à integração harmoniosa de orações e parágrafos em torno de um mesmo assunto (eixo temático).

Com base em um levantamento elaborado por Othon Moacyr Garcia (*Comunicação em Prosa Moderna*), relacionamos os elementos de coesão mais usuais, agrupados pelo sentido.

Prioridade, relevância	em primeiro lugar, antes de mais nada, primeiramente, acima de tudo, precipuamente, principalmente, primordialmente, sobretudo.
Tempo (frequência, duração, ordem, sucessão, anterioridade, posterioridade)	então, enfim, logo, logo depois, imediatamente, logo após, a princípio, pouco antes, pouco depois, anteriormente, posteriormente, em seguida, afinal, por fim, finalmente, agora, atualmente, hoje, frequentemente, constantemente, às vezes, eventualmente, por vezes, ocasionalmente, sempre, raramente, não raro, ao mesmo tempo, simultaneamente, nesse ínterim, nesse meio tempo, enquanto, quando, antes que, depois que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, já, mal.
Semelhança, comparação, conformidade	igualmente, da mesma forma, assim também, do mesmo modo, similarmente, semelhantemente, analogamente, por analogia, de maneira idêntica, de conformidade com, de acordo com, segundo, conforme, consoante sob o mesmo ponto de vista, tal qual, tanto quanto, como, assim como, bem como, como se.
Condição, hipótese	se, caso, salvo se, contanto que, desde que, a menos que etc.
Adição, continuação	além disso, (a)demais, outrossim, ainda mais, ainda por cima, por outro lado, também e as conjunções aditivas (e, nem, não só ... mas também etc.).
Dúvida	talvez, provavelmente, possivelmente, quiçá, quem sabe, é provável, não é certo, se é que.
Certeza, ênfase	decerto, por certo, certamente, indubitavelmente, inquestionavelmente, sem dúvida, inegavelmente, com toda a certeza.
Surpresa, imprevisto	inesperadamente, inopinadamente, de súbito, imprevistamente, surpreendentemente, subitamente, de repente.
Ilustração, esclarecimento	por exemplo, isto é, quer dizer, em outras palavras, ou por outra, a saber.
Propósito, intenção, finalidade	com o fim de, a fim de, com o propósito de, para que, a fim de que.
Lugar, proximidade, distância	perto de, próximo a ou de, junto a ou de, dentro, fora, mais adiante, aqui, além, acolá, lá, ali, algumas preposições e os pronomes demonstrativos.

Resumo, recapitulação, conclusão	em suma, em síntese, em conclusão, enfim, em resumo, portanto, assim, dessa forma, dessa maneira, logo, pois.
Causa e consequência, explicação	por consequência, por conseguinte, como resultado, por isso, por causa de, em virtude de, assim, de fato, com efeito, tão... que, tanto... que, tal... que, tamanho... que, porque, porquanto, pois, que, já que, uma vez que, visto que, como (= porque), portanto, logo, pois (posposto ao verbo), que (= porque).
Contraste, oposição, restrição, ressalva	pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, conquanto, se bem que, por mais que, por menos que, no entanto, não obstante.
Alternativas	ou ... ou, ora ... ora, quer ... quer, seja ... seja, já ... já, nem ... nem.
Proporcionalidade	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos.

Segundo Celso Cunha, certas palavras têm classificação à parte, por isso convém “dizer apenas palavra ou locução denotativa” de

- inclusão: até, inclusive, mesmo, também etc.
- exclusão: apenas, exceto, salvo, senão, só, somente etc.
- designação: eis
- realce: cá, lá, é que, só etc.
- retificação: aliás, ou antes, isto é, ou melhor etc.
- situação: afinal, agora, então, mas etc.

Leia o texto para responder às questões de números 1 a 3.

Várias vezes, no decorrer do último século, previu-se a morte dos livros e do hábito de ler. O avanço do cinema, da televisão, da internet, tudo isso iria tornar a leitura obsoleta. No Brasil da virada do século XX para o XXI, o vaticínio até parecia razoável: o sistema de ensino em franco declínio e sua tradição de fracasso na missão de formar leitores, o pouco apreço dado à instrução como valor fundamental e até dados muito práticos, como a falta e a pobreza de bibliotecas públicas e o alto preço dos exemplares impressos aqui, conspiravam (conspiram, ainda) para que o contingente de brasileiros dados aos livros minguasse de maneira irremediável. Contra todas as expectativas, porém, vem surgindo uma nova e robusta geração de leitores no país – movida, sim, por sucessos globais como as séries Harry Potter, Crepúsculo e Percy Jackson.
(Veja, 18.05.2011. Adaptado.)

1. (BARRO BRANCO-2012) – A palavra *vaticínio* foi empregada no texto com o sentido de “previsão”, mas, em sentido próprio, significa

- juízo.
- estatística.
- profecia.
- diagnóstico.
- declaração.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

2. (BARRO BRANCO-2012) – A função argumentativa do advérbio *sim*, no trecho *...movida, sim, por sucessos globais...* é a de
- confirmar as expectativas mencionadas anteriormente.
 - introduzir uma ressalva, tendo em vista o tipo de obra citado em seguida.
 - permitir que se encerre o texto com uma exemplificação.
 - exaltar a qualidade dos títulos preferidos dos leitores brasileiros.
 - servir como pausa, para que o autor possa citar títulos de filmes.

RESOLUÇÃO:
Resposta: B

3. (BARRO BRANCO-2012) – O conectivo *porém* estabelece, entre o último período do texto e as informações precedentes, uma relação de
- ratificação.
 - conclusão.
 - síntese.
 - causa.
 - oposição.

RESOLUÇÃO:
Resposta: E

4. (FUVEST-transferência – 2012) – No texto de uma propaganda de remédio contra azia e má digestão, lê-se:

NÃO É PORQUE O CARNAVAL ACABA EM CINZAS QUE VOCÊ TEM QUE SOFRER COM A QUEIMAÇÃO.

A mensagem dessa frase está preservada em:

- Conquanto o carnaval acabe em cinzas, você não deve sofrer com a queimação.
- Você não precisa sofrer com a queimação, se o carnaval acabar em cinzas.
- Mesmo que o carnaval não acabe em cinzas, você sofrerá com a queimação.
- Na medida em que o carnaval termina em cinzas, você acaba sofrendo com a queimação.
- Você pode sofrer com a queimação, porquanto o carnaval termina em cinzas.

RESOLUÇÃO:
Resposta: A

Texto para as questões de 5 a 8.

1 A ameaça de uma bomba atômica está mais viva do que
2 nunca. Os conflitos étnicos mataram quase 200 chineses só no
3 mês de julho. Agora uma boa notícia: a paz mundial pode estar
4 a caminho. Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está
5 bem menos sangrento do que já foi. Cerca de 250 mil pessoas
6 morrem por ano em consequência de algum conflito armado. É
7 bem menos do que no século 20, que teve 800 mil mortes anuais
8 em sua 2ª. metade e 3,8 milhões por ano até 1950.

9 O que aconteceu? O psicólogo Steven Pinker diz que o
10 aumento do número de democracias ajudou. Assim como a
11 nossa saúde: como a expectativa de vida subiu, temos mais
12 medo de arriscar o pescoço. Até a globalização teria contri-
13 buído: um mundo mais integrado é um mundo mais tolerante, diz
14 Pinker. (Revista Superinteressante)

5. (MACKENZIE) – É correto afirmar que o objetivo **principal** do texto é
- apresentar dados numéricos a respeito do aumento da violência no mundo contemporâneo.
 - demonstrar as causas de mortes violentas a partir do início do século 20 e discutir as reais possibilidades de se resolver um problema que parecia não ter solução.
 - suscitar discussões a respeito do aumento da expectativa de vida após o início das democracias.

- alertar a respeito do possível fim da paz mundial, considerando a iminente ameaça de bomba atômica.
- refletir acerca da diminuição da violência no mundo, considerando tanto dados do passado, como alterações no modo de vida contemporâneo.

RESOLUÇÃO:
O texto apresenta dados estatísticos que comprovam a redução da violência no mundo.
Resposta: E

6. (MACKENZIE) – Os dois pontos utilizados nas linhas 11 e 13 podem ser substituídos, sem prejuízo do sentido original do texto, por:

- “portanto” (linha 11) e “porém” (linha 13).
- “pois” (linha 11) e “uma vez que” (linha 13).
- “logo” (linha 11) e “conquanto” (linha 13).
- “embora” (linha 11) e “não obstante” (linha 13).
- “porém” (linha 11) e “porque” (linha 13).

RESOLUÇÃO:
A conjunção *pois* (explicativa) e a locução conjuntiva *uma vez que* estabelecem a adequada relação entre as orações no período.
Resposta: B

7. (MACKENZIE) – Assinale a alternativa correta.

- A relação semântica entre os dois primeiros períodos do texto (linhas de 1 a 4) estabelece ideia de contradição.
- A expressão *arriscar o pescoço* (linha 12) indicia o tom formal adotado pelo produtor do texto.
- Até* (linha 12) é partícula que expressa limite temporal posterior, uma vez que aponta conclusões assumidas pelo psicólogo.
- A palavra *étnicos* (linha 2) esclarece que os conflitos são motivados por intolerância entre povos com origens culturais e históricas diferentes.
- A forma verbal *diz* (linha 9) evidencia que a voz do psicólogo é introduzida no texto por meio do discurso direto.

RESOLUÇÃO:
Etnia, segundo o dicionário *Houaiss*, é uma “coletividade de indivíduos que se diferencia por sua especificidade sociocultural, refletida principalmente na língua, religião e maneiras de agir”, portanto, “conflitos étnicos” refere-se à intolerância entre povos de etnias diferentes.
Resposta: D

8. (MACKENZIE) – Segundo estimativas de pesquisadores, o mundo está bem menos sangrento do que já foi (linhas 4 e 5).

Assinale a alternativa que apresenta paráfrase mais adequada da frase acima, considerado o contexto.

- O mundo já não está tão catastrófico, é o que provam os pesquisadores com suas estimativas.
- Os relatórios de pesquisas confirmam a hipótese de que o mundo já foi mais agressivo.
- A redução do número de mortes na sociedade foi de encontro aos cálculos dos estudiosos.
- De conformidade com o que estimam os cientistas, a sociedade em geral já foi mais violenta do que hoje.
- Os cientistas confirmam as estimativas: o mundo já deixou de ser sangrento.

RESOLUÇÃO:
A única paráfrase adequada é a que se refere a “estimativas”, ou seja, ao que estimam ou avaliam os pesquisadores ou cientistas. O erro da e está em afirmar, não a diminuição da violência, mas o seu fim.
Resposta: D

Nome _____

Unidade _____

Turma _____ Manhã Tarde Noite

3.º ANO
MÓDULO 4

Em verdade temos medo.

Nascemos escuro.

(...)

E fomos educados para o medo.

Cheiramos flores de medo.

Vestimos panos de medo.

De medo, vermelhos rios vadeamos.

(Carlos Drummond de Andrade)

O medo é o grande gigante da alma, é a mais forte das emoções.

(Mira Y. López)

Nosso mundo é baseado no medo. E ele é que está mediocrizando tudo. Temos medo do fracasso, da instabilidade econômica, dos relacionamentos, das doenças, da educação. Tudo é baseado no medo.

(Oliviero Toscani, fotógrafo da Benetton)

Viver é muito perigoso.

(Guimarães Rosa)

E o mais importante: tenha coragem de seguir o seu próprio coração e a sua intuição. Eles de alguma maneira já sabem o que você realmente quer se tornar. Todo o resto é secundário.

(Steve Jobs)

Comece tudo o que você possa fazer ou sonha poder. A ousadia tem dentro de si genialidade, poder e magia.

(Goethe)

E quando falo em aceitar a vida, não me refiro à aceitação resignada e passiva de todas as desigualdades, malvadezas, absurdos e misérias do mundo. Refiro-me, sim, à aceitação da luta necessária, do sofrimento que essa luta nos trará, das horas amargas a que ela forçosamente nos há de levar.

(Érico Veríssimo)

(...) o essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.

(Machado de Assis)

Segundo os textos do painel acima, fomos educados para o medo, que se disfarça em temor, receio, hesitação, covardia, inquietação, ansiedade e tantos outros nomes. Os saltos dados pela humanidade, porém, contrariam a crença de que “existe apenas o medo” e apontam a luta, a coragem, o atrevimento, a ousadia como características das conquistas humanas.

Escreva um texto reflexivo sobre o seguinte tema: **O que impulsiona as conquistas humanas: o medo ou a coragem?**

MÓDULO 7

FIGURAS DE PALAVRA

1. Complete as lacunas:

- a) _____: consiste no confronto entre duas ideias por meio de nexos comparativos: como, tal qual, tal, igual, que nem, feito, mais do que, menos do que etc.

Exemplos:

... cabelos mais negros que a asa da graúna (J. Alencar)
E doía-lhe a cabeça toda, parecia-lhe que tinha fogo por dentro, parecia-lhe que tinha nos miolos uma panela fervendo. (Graciliano Ramos)
Sinha Vitória precisava falar. Se ficasse calada, seria como um pé de mandacaru... (Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO: comparação

- b) _____: emprego de um termo com um sentido que se lhe associa por força de uma comparação de ordem subjetiva. A comparação, porém, fica subentendida, não é expressa.

Exemplos:

Você é meu caminho, meu vício. (Caetano Veloso)
Incêndio – leão ruivo, ensanguentado. (Castro Alves)
O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém por sua desgraça. (Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO: metáfora

- c) _____: fusão de sensações (visuais, auditivas, olfativas, táteis, gustativas), num amálgama de ricos efeitos expressivos.

Exemplos:

Som que tem cor, fulgor, sabor, perfume. (Hermes Fontes)
E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande. (Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO: sinestesia

(som: auditivo / cor e fulgor: visual / sabor: gustativo / perfume: olfativo)
(silêncio: auditivo / grande: visual)

- d) _____: emprego de um termo em lugar de outro, havendo entre ambos relação de extensão ou contiguidade, ou seja, um (de extensão menor) se inclui no outro (de extensão maior).

Exemplos:

Maria completa hoje dezenove **primaveras**. (= os anos pela estação)
Tomei um **copo** de água. (= o continente pelo conteúdo)
Gosto de ler **Camões**. (= o autor pela obra)

RESOLUÇÃO: metonímia

- e) _____: designação de uma pessoa, não pelo seu nome, mas sim pela qualidade ou circunstância que a notabilizou.

Exemplos:

O Divino Mestre passou pela vida praticando o bem. (= Jesus Cristo)
O Águia de Haia lutou pela força do direito contra o direito da força. (= Rui Barbosa)

RESOLUÇÃO: antonomásia

- f) _____: é o emprego de uma expressão que, por analogia, nomeia algo a que falta designação.

Exemplos:

Haverá **sabatina** na próxima quinta-feira.
Perna da mesa, **boca** do forno, **azulejo** verde, **batata** da perna, **braço** do rio, **embarcar** no avião etc.

RESOLUÇÃO: catacrese

2. Os trechos abaixo foram extraídos de *Iracema*, de José de Alencar. A única alternativa que **não** contém um exemplo de metonímia é:

- a) *O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando o frágil barco, o filho e o cão fiel.*
b) *Todas as manhãs, subia o morro das areias e voltava os olhos ao mar, para ver se branqueava ao longe a vela amiga.*
c) *Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés de sagrado lenho.*
d) *Germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem; e o bronze sagrado ressoou nos vales onde rugia o maracá.*
e) *Muitas vezes ia sentar-se naquelas doces areias, para cismar e acalantar no peito a agra saudade.*

RESOLUÇÃO:

Em a, “o cajueiro floresceu quatro vezes = quatro anos”; em b, “vela” = barco; em c, “sagrado lenho” = cruz; em d, “bronze” = sino.
Resposta: E (sinestesia: “doces areias” e “agra [azedada] saudade”)

Texto para a questão 3.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. [...]

Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.

(Graciliano Ramos)

3. Em *criara raízes, estava plantado, Chape-chape* e *Parecia um macaco*, têm-se, respectivamente,
a) hipérbole, pleonasma e hipérbole.
b) catacrese, metáfora e sinestesia.
c) catacrese, sinestesia e prosopopeia.
d) metáfora, sinestesia e hipérbole.
e) metáfora, onomatopeia e comparação.

RESOLUÇÃO:

Resposta: E

4. *Sinestesia* é uma figura de linguagem que consiste na fusão de sensações provenientes de sentidos diversos.

Assinale a alternativa que **não** apresenta um exemplo dessa figura.

- a) *No espelho ele faz a barba amarga.* (Carlos Drummond de Andrade)
- b) *Avista-se o grito das araras.* (Guimarães Rosa)
- c) *Vejo-o que se volta e me dirige um sorriso úmido.* (Carlos Drummond de Andrade)
- d) *Um automóvel passa veloz, numa corrida macia e silenciosa.* (Érico Veríssimo)
- e) *O sol implacável era um chicote no lombo.* (Jorge Amado)

RESOLUÇÃO:

Resposta: E (metáfora)

5. (ITA) – Assinale a figura de linguagem predominante no seguinte trecho:

*A engenharia brasileira está agindo rápido
para combater a crise de energia.*

- a) Metáfora.
- b) Metonímia.
- c) Eufemismo.
- d) Hipérbole.
- e) Pleonasma.

RESOLUÇÃO:

No caso, a metonímia corresponde à substituição do concreto (os engenheiros brasileiros) pelo abstrato (“a engenharia brasileira”).

Resposta: B

Textos para a questão 6.

Mas não foi isso que aconteceu. Caíram as plumas e o penacho. Os vermelhos, os verdes e os azuis das penas transformaram-se num cinzento triste. E veio o silêncio: [o pássaro] deixou de cantar. (...)

Os jovens e os adultos pouco sabem sobre o sentido da simplicidade. Os jovens são aves que voam pela manhã: seus voos são flechas em todas as direções.

(Rubem Alves, *Concerto para corpo e alma.*)

A mentalidade predomina inclusive no plano federal, onde vale a máxima de abrir as torneiras para irrigar as urnas com votos.

(IstoÉ, 14.07.2010.)

6. (FGV) – Metáfora é uma figura de linguagem que consiste na substituição do significado de uma palavra por outro, em virtude de uma relação de semelhança subentendida.

a) Com base nessa definição, transcreva dois exemplos de metáfora, no texto de Rubem Alves.

RESOLUÇÃO:

São metáforas *aves*, *voos* e *flechas*. *Aves* designa explicitamente os jovens (“os jovens são aves”); *voos* é metáfora para o comportamento juvenil arrebatado; *flechas*, metáfora de metáfora, pois é metáfora de *voos*.

b) Transcreva um exemplo da mesma figura, do texto da revista *IstoÉ*, justificando sua resposta com uma explicação sobre o sentido desse uso figurado, no contexto.

RESOLUÇÃO:

Em “abrir as torneiras”, temos metáforas para o que, em sentido denotativo, seria *permitir gastos descontrolados de dinheiro público*, sendo *torneiras* metáfora para o fecho dos cofres do Estado. Assim, “irrigar as urnas” também é expressão metafórica, sendo *irrigar* metáfora para a ação de “comprar votos”.

Texto para as questões 7 e 8.

EPÍGRAFE¹

- 1 *Murmúrio de água na clepsidra² gotejante,*
- 2 *Lentas gotas de som no relógio da torre,*
- 3 *Fio de areia na ampulheta vigilante,*
- 4 *Leve sombra azulando a pedra do quadrante³*
- 5 *Assim se escoo a hora, assim se vive e morre...*

- 6 *Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,*
- 7 *Tão doidas ambições, tanto ódio e tanta ameaça?*
- 8 *Procuremos somente a Beleza, que a vida*
- 9 *É um punhado infantil de areia ressequida,*
- 10 *Um som de água ou de bronze e uma sombra que passa...*

(Eugênio de Castro,
Antologia pessoal da poesia portuguesa)

1 – *Epígrafe*: inscrição colocada no ponto mais alto; tema.

2 – *Clepsidra*: relógio de água.

3 – *Pedra do quadrante*: parte superior de um relógio de sol.

7. (ENEM) – A imagem contida em *lentas gotas de som* (verso 2) é retomada na segunda estrofe por meio da expressão:

- a) *tanta ameaça.*
- b) *som de bronze.*
- c) *punhado de areia.*
- d) *sombra que passa.*
- e) *somente a Beleza.*

RESOLUÇÃO: *Gotas de som* é uma metáfora sinestésica (porque envolve percepções sensoriais de órgãos diversos – visão e audição) que indica as badaladas de um relógio a marcar a passagem do tempo. A mesma referência ao relógio ocorre em *som... de bronze*. Resposta: B

8. (ENEM) – Neste poema, o que leva o poeta a questionar determinadas ações humanas (versos 6 e 7) é a

- a) infantilidade do ser humano.
- b) destruição da natureza.
- c) exaltação da violência.
- d) inutilidade do trabalho.
- e) brevidade da vida.

RESOLUÇÃO: O tema do poema transcrito é a passagem do tempo (“assim se escoo a hora...”) e a frágil finitude da vida (“...assim se vive e morre...”), sendo a duração da vida comparada a “...um punhado infantil de areia ressequida”. Resposta: E



Aplicações

1. (ESPM) – Em todas as opções abaixo, está presente uma figura de linguagem que trabalha a substituição de um vocábulo por outro numa relação de contiguidade ou abrangência, **exceto em uma**. Assinale-a:

- a) *Beba Brahma chopp*. (propaganda)
- b) *Meu coração é um porta-aviões*. (Humberto Gessinger)
- c) *Você é forte / Dentes e músculos / Peitos e lábios*. (Caetano Veloso)
- d) *Muitos políticos não lutam pelos “sem-teto”, mas exigem o “auxílio-paletó”*. (Folha de S. Paulo)
- e) *Planalto revê metas para expansão econômica*. (Folha de S. Paulo)

RESOLUÇÃO

O enunciado define a metonímia; em *a*, a marca (Brahma) pelo produto (cerveja); em *c*, a parte (dentes e músculos / peitos e lábios) pelo todo (pessoa forte); em *d*, a parte (teto, paletó) pelo todo (moradia, roupa); e) o continente (Planalto) pelo conteúdo (Governo).

Resposta: B (metáfora)

2. (ENEM) – Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de *Bicho urbano*, poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

BICHO URBANO

*Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada.*

.....
*A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça.*

(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.)

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas.

Assinale a opção em que se observa esse recurso.

- a) “...e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada.”
- b) “...ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho...”
- c) “...A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas...”
- d) “...suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto...”
- e) “...me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas...”

RESOLUÇÃO

Na expressão *sabor de alvorada*, mesclam-se referências a duas impressões sensoriais diversas. A palavra *sabor* implica sensação gustativa; *alvorada* (palavra derivada de *alvo*) implica sensação visual.

Resposta: A

3. (IBMEC) – Em “...ganhou força nas universidades americanas nos anos 80 e desembarcou no Brasil pouco mais de dez anos depois”, o trecho em destaque é um exemplo da figura de linguagem chamada de
- a) silepse
 - b) metonímia
 - c) catacrese
 - d) sinestesia
 - e) anáfora

Resposta: C

4. (FUVEST) – A *catacrese*, figura que se observa na frase: *Montou a cavalo no burro bravo*, ocorre em:

- a) *Os tempos mudaram, no devagar depressa do tempo.*
- b) *Última flor do Lácio, inculta e bela, és a um tempo esplendor e sepultura.*
- c) *Apressadamente, todos embarcaram no trem.*
- d) *Ó mar salgado, quanto do teu sal.*
- e) *Amanheceu, a luz tem cheiro.*

Resposta: C

Texto e imagem para a questão 5.

O leitor Charles Ferreira, de Dores de Campos em Minas Gerais, escreveu à redação para reclamar do uso da expressão “bandejas de isopor” na nota “Esforço para Colocar mais Verde na Prateleira”. “Gostaria de esclarecer que isopor é uma marca, e não um produto. O correto seria dizer ‘bandeja de poliestireno’”, escreveu. De fato, poliestireno é o nome oficial do isopor. (...)
Entre outros exemplos de marcas que entraram para o dicionário como substantivo estão a gilete, a aspirina e o cotonete.
(Revista Exame, ed. 949, 12/8/2009)



5. (ESPM) – No campo das **figuras de linguagem**, o assunto da matéria em questão recebe o nome de

- a) metáfora, pois há comparação subentendida entre a marca e o produto.
- b) catacrese, pois há empréstimo de palavras (no caso a marca).
- c) antonomásia, pois há substituição de um nome próprio (marca) por um comum (produto).
- d) metonímia, pois há substituição de um termo (produto) por outro (marca) numa relação de contiguidade.
- e) metalinguagem, já que se discute a origem dos vocábulos.

Resposta: D



Aplicações

6. (FGV-Eco) – Assinale a alternativa em que se identifica a figura de linguagem predominante no trecho:

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa autoestima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha.*

*cavilha: haste ou pino cilíndrico, de madeira ou metal, usados para juntar peças.

- a) Eufemismo. b) Antítese. c) Metáfora.
 d) Elipse. e) Inversão.

RESOLUÇÃO

Nesse fragmento, nota-se uma série de metáforas (“rodas dentadas”, “engrenam”, “máquina do fracasso”, “esmigalha os sonhos”, “cavilha”), compondo uma alegoria sobre os fatores que condicionam a exclusão social do indivíduo.

Resposta: C

7. (FGV) – Assinale a alternativa em que a frase dada e sua nova versão apresentam expressão metafórica.

- a) Em poucas décadas do atual modelo de produção e consumo, a humanidade exauriu 60% da água disponível e dizimou um terço das espécies vivas do planeta./ Em poucas décadas do modelo vigente de produção e consumo, a humanidade eliminou 60% da água disponível e destruiu um terço das espécies vivas do planeta.
 b) Segundo o estudo do WWF, o colapso ambiental pode custar ao mundo US\$ 4,5 trilhões por ano em reparações./ De acordo com o estudo do WWF, a diminuição das reservas ambientais pode tributar ao mundo US\$ 4,5 trilhões por ano em reparações.
 c) A Terra é finita e a economia clássica sempre ignorou essa verdade elementar./ A Terra é finita e a economia clássica sempre desconheceu essa verdade básica.
 d) O relatório Planeta Vivo, elaborado pela ONG internacional WWF, estima que atualmente três quartos da população mundial vivem em países que consomem mais recursos do que conseguem repor./ O relatório Planeta Vivo, redigido pela ONG internacional WWF, afirma que atualmente três quartos da população mundial vivem em países que gastam mais recursos do que conseguem repor.
 e) Segundo Branco, embora as empresas venham fazendo da palavra sustentabilidade um mantra, são pouquíssimas as que fizeram mudanças efetivas em seus modelos de negócio./ Segundo Branco, embora a palavra sustentabilidade seja um hino cantado pelas empresas, são pouquíssimas as que promoveram mudanças efetivas em seus modelos de negócio.

RESOLUÇÃO

Na alternativa *e*, *mantra* (“na cultura indiana, sílaba, palavra ou verso pronunciados segundo prescrições ritualísticas e musicais, tendo em vista uma finalidade mágica ou o estabelecimento de um estado contemplativo”, *Dicionário Houaiss*) e *hino* (assim como *cantado*) são metáforas que sugerem a repetição constante (*mantra*) e a entonação entusiástica (*hino cantado*) das afirmações de sustentabilidade por parte das empresas.

Resposta: E

Texto para a questão 8.

*As nuvens são cabelos
crescendo como rios;
são os gestos brancos
da cantora muda;*

*São estátuas em voo
à beira de um mar;
a flora e a fauna leves
de países de vento;*

*São o olho pintado
escorrendo imóvel;
a mulher que se debruça
nas varandas do sono. (...)*

(João Cabral de Melo Neto)

8. (UNESP) – Este poema, de João Cabral, é rico em imagens. O poeta descreve as nuvens, salientando sua fluidez e movimentos; capta num momento a fugacidade das formas e atribui significado a elas; alcança o efeito poético através de figuras de linguagem.

Transcreva do texto:

- a) uma metáfora.

RESOLUÇÃO

As metáforas relacionam-se com nuvens: “são cabelos”, “são os gestos brancos da cantora muda”, “São estátuas em voo à beira de um mar”, “a flora e a fauna leves de países de vento”, “São o olho pintado escorrendo imóvel”, “a mulher que se debruça nas varandas do sono”.

- b) uma comparação.

RESOLUÇÃO

“Cabelos crescendo como rios” (a comparação estrutura-se com o conectivo *como*, 2.º verso).

Texto para a questão 9.

Mas o campeão em matéria de nomes — e um dos mais poderosos — foi aquele anjo que promoveu uma revolta contra o Todo-Poderoso. Parece que foi batizado — se é que batizavam os anjos no paraíso — como “aquele que transporta a luz”, ou seja, Lúcifer. Belo nome, que não combinava com sua função. Daí que passou a ser Demônio, Satanás, Diabo, Mefistófeles.

E, segundo Guimarães Rosa, que pesquisava nomes e apelidos, o mesmo Lúcifer foi chamado de Não-Se-Diz, Caolho, Coisa-Ruim, Leva-e-Trás, O Que Não Ri e Rapaz.

(Carlos Heitor Cony)

9. A figura de linguagem presente no trecho acima é a

- a) metáfora. b) catacrese. c) sinestesia.
 d) metonímia. e) antonomásia.

Resposta: E

10. (FGV-Adm) – “Com muita cautela, abriu a porta e se viu no meio duma escuridão perfumada, duma escuridão fresca que cheirava a doces, bolinhos e pão.”

Observe as palavras **escuridão perfumada**. Identifique e explique o recurso estilístico utilizado nesse caso.

RESOLUÇÃO

Em “escuridão perfumada” ocorre sinestesia, figura de palavra que consiste na mistura de sensações. No caso houve o cruzamento da sensação visual (“escuridão”) com a olfativa (“perfumada”).

Nome _____

Unidade _____

Turma _____ Manhã Tarde Noite **3.º ANO**
MÓDULO 5

Como desfazer amigos

UMA GAROTA de 15 anos me encaminhou uma longa, triste e emocionante mensagem.

Usando uma linguagem própria de alguns grupos de adolescentes, ela questionou a amizade de uma maneira bem adulta.

Entre os casos que ela me contou para desenvolver seu raciocínio argumentativo, escolhi dois, porque parecem ser situações bastante comuns na convivência entre adolescentes.

Nossa jovem leitora tinha duas grandes amigas. Ou pelo menos era assim que as considerava: falavam-se sempre, trocavam segredos e honravam essa condição. Ofereciam apoio quando preciso, eram solidárias na tristeza e nas situações difíceis pelas quais passavam.

Um segredo que a jovem compartilhou com uma das amigas foi o afeto que nutria por um garoto da escola, mas que ela não tinha coragem de demons-

trar. Pois numa festa a que foram juntas, essa amiga ficou com o tal garoto.

Você pode imaginar, caro leitor, a decepção que essa garota vivenciou? E a situação piorou quando, no dia seguinte, ela foi conversar com a amiga e esta justificou o ocorrido de um modo muito simples: “rolou”.

“Então isso é amizade?”, perguntou a garota em sua mensagem. Inconformada, cortou a relação de confiança e a intimidade com a outra menina.

Hoje, elas se cumprimentam de modo distante, apenas isso.

E que tal encontrar em uma rede social, ao ler a página de uma colega, a confissão pública daquela que também considerava uma amiga, de que ela só lhe fazia companhia por pura pena de nossa jovem leitora?

(Rosely Sayão, 22/11/2011)

Os casos apresentados no texto servem apenas como exemplo. Reflita sobre eles e analise se esse tipo de atitude e outros semelhantes são comuns nos relacionamentos de amizade em ambos os sexos. Escreva uma dissertação em prosa que responda à seguinte pergunta tema:

“Num mundo que dá extremo valor ao individualismo e ao prazer imediato, há lugar para a amizade?”

MÓDULO 8

FIGURAS DE PENSAMENTO

1. Complete as lacunas:

- a) _____: aproximação de palavras de sentido oposto.

Exemplos:

Última flor do Lácio, inculta e bela. (O. Bilac)

Este mundo não é pátria nossa, é desterro, não é morada, é estalagem; não é porto, é mar por onde navegamos. (Bernardes)

RESOLUÇÃO:

antítese

- b) _____: consiste em aproximar ideias cuja relação é normalmente absurda, ilógica.

Exemplos:

Você é um anjo que me tenta.

O mito é o nada que é tudo. (Fernando Pessoa)

RESOLUÇÃO:

paradoxo

- c) _____: expressão intencionalmente exagerada com o propósito de realçar o pensamento.

Exemplos:

O povo estourava de riso. (Monteiro Lobato)

Rios te correrão dos olhos se chorares... (Olavo Bilac)

RESOLUÇÃO:

hipérbole

- d) _____: emprego de expressão mais suave, mais nobre ou menos agressiva, para comunicar alguma ideia desagradável ou chocante.

Exemplos:

Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos. (Machado de Assis)

Fulano, durante o tempo em que administrou a cidade, não respeitou como devia os bens públicos. (= roubou os bens públicos)

Aquela senhora idosa. (= aquela velha)

RESOLUÇÃO:

eufemismo

- e) _____: invocação de alguém ou algo. Corresponde ao vocativo.

Exemplo:

Deus! ó Deus! onde estás, que não respondes? (Castro Alves)

Solidão, não te mereço. (Carlos Drummond de Andrade)

RESOLUÇÃO:

apóstrofe

- f) _____: atribuição de ações ou qualidades humanas a seres inanimados, irracionais ou mesmo abstratos.

Exemplos:

Olha o Tejo a sorrir-me. (Fernando Pessoa)

O luar amaciava o mato sonolento. (Raul Bopp)

Chorava a flor e gemia, branca de terror.

RESOLUÇÃO:

prosopopeia

- g) _____: realce de uma ideia por meio de palavras que a destacam gradativamente.

Exemplos:

O dinheiro é uma força tremenda, onipotente, assombrosa.

(Olavo Bilac)

Eu era pobre. Era subalterno. Era nada. (Monteiro Lobato)

RESOLUÇÃO:

gradação

- h) _____: o contexto segue o contrário do que as palavras ou orações parecem exprimir. A intenção é depreciativa ou sarcástica.

Exemplo:

A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. (Monteiro Lobato)

Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada menos. (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:

ironia

2. (FUVEST-transferência) – Lê-se num texto publicitário:

*Fique perto da sua família mesmo que você esteja longe.
Celulares com tecnologia 3G pra falar com todo mundo.*

O principal recurso expressivo utilizado nessa mensagem publicitária baseia-se num desvio semântico denominado

- a) paradoxo.
- b) metáfora.
- c) hipérbole.
- d) metonímia.
- e) personificação.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

Charge para as questões 3 e 4.

DOIS REIS - Karmo



3. (FUVEST) – “Nãoooo! Tô brincando de múmia paralítica.”

Evidencia-se, nessa resposta do personagem, acentuada

- a) indecisão.
- b) brandura.
- c) ironia.
- d) melancolia.
- e) franqueza.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

4. (FUVEST) – Não menti! Só temperei a adversidade.

O *tempero da adversidade*, a que o personagem se refere, **não** está presente em:

- a) Aquele prefeito deixou de honrar os bens públicos.
- b) A crise econômica afeta todos os cidadãos.
- c) Seu corpo será levado ao campo santo.
- d) Havia no ar um cheiro nada agradável.
- e) Estava sozinho quando disse adeus ao mundo.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para a questão 5.

A facilitação das licitações para as obras públicas da Copa, a que o governo e os interessados dão o nome menos ácido de flexibilização, ainda nem está formulada e já é um fator de aumento dos custos de tais obras para os cofres públicos.

(Janio de Freitas, *Folha de S. Paulo*, 19/04/2011)

5. (ESPM-2012) – No contexto, o termo *flexibilização*

- a) é uma nomenclatura mais adequada para indicar uma maleabilidade nas concorrências.
- b) é uma expressão eufemística para suavizar a ideia de relaxamento nas licitações públicas.
- c) apesar de menos ácida, é uma expressão hiperbólica para se referir ao afrouxamento das licitações.
- d) é uma ironia do autor para se referir às obras que serão pagas com dinheiro público.
- e) é um termo metonímico, pois substitui a expressão *facilitação*.

RESOLUÇÃO:

Resposta: B

Texto para a questão 6.

Os irmãos Villas Bôas não conseguiram criar, como queriam, outros parques indígenas em outras áreas. Mas o que criaram dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas.

6. (FUVEST)

- a) Identifique o recurso expressivo de natureza semântica presente na expressão “ruínas novas”.

RESOLUÇÃO:

A expressão *ruínas novas* parece conter um paradoxo – ou, em outros termos, parece confirmar um oxímoro. Com efeito, *ruínas* é palavra que conota *antiguidade* ou, em outro registro, *velharia*, o oposto do adjetivo *nova*. O oxímoro consiste, justamente, na relação contraditória entre palavras de sentido antitético ou conflitivo. Ocorre, porém, que a expressão pode ser entendida de outra forma, literal, pois uma ruína pode ser recente, nova, como foram as ruínas de Troia logo após a destruição da cidade pelos gregos e como são tantos prédios que embrutecem uma cidade como São Paulo.

- b) Que prática brasileira é criticada no trecho “país juncado (= coberto) de ruínas novas”?

RESOLUÇÃO:

Crítica-se, no texto, a incúria brasileira que leva à falta de conservação tanto do patrimônio material do País (edificações, monumentos, cidades inteiras) quanto de suas instituições.

Texto para as questões 7 e 8.

Meses depois fui para o seminário de S. José. Se eu pudesse contar as lágrimas que chorei na véspera e na manhã, somaria mais que todas as vertidas desde Adão e Eva. Há nisto alguma exageração; mas é bom ser enfático, uma ou outra vez, para compensar este escrúpulo de exatidão que me aflige.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*.)

7. (FUVEST) – Considerando-se o contexto desse romance de Machado de Assis, pode-se afirmar corretamente que, no trecho acima, ao comentar o próprio estilo, o narrador procura

- afiançar a credibilidade do ponto de vista que lhe interessa sustentar.
- provocar o leitor, ao declará-lo incapaz de compreender o enredo do livro.
- demonstrar que os assuntos do livro são mero pretexto para a prática da metalinguagem.
- revelar sua adesão aos padrões literários estabelecidos pelo Romantismo.
- conferir autoridade à narrativa, ao basear sua argumentação na História Sagrada.

RESOLUÇÃO:

Num romance cujo grande tema é a incerteza da vida e o caráter problemático da narrativa a que se quer reduzi-la, o narrador — centro e fonte dessa incerteza — procura convencer o leitor de seu “escrúpulo de exatidão”

Resposta: A

8. (FUVEST) – O “escrúpulo de exatidão” que, no trecho, o narrador contrapõe à exageração ocorre também na frase:

- No momento em que nos contamos a anedota, quase estouramos de tanto rir.
- Dia a dia, mês a mês, ano a ano, até o fim dos tempos, não tirei os olhos de ti.
- Como se sabe, o capitão os alertou milhares de vezes sobre os perigos do lugar.
- Conforme se vê nos registros, faltou às aulas trinta e nove vezes durante o curso.
- Com toda a certeza, os belíssimos presentes lhe custaram os olhos da cara.

RESOLUÇÃO:

A alternativa *d* contém a expressão numericamente precisa do fato que relata. Nas demais, há hipérboles, ou seja, exagerações: a) “quase estouramos de tanto rir”, b) “até o fim dos tempos”, c) “milhares de vezes”, e) “custaram os olhos da cara”.

Resposta: D

Texto para as questões 9 e 10.

Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

9. (FUVEST) – A enumeração de substantivos expressa gradação ascendente em:

- menino mais gracioso, inventivo e travesso.
- trazia-o mimado, asseado, enfeitado.
- gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas.
- papel de rei, ministro, general.
- tinha garbo (...), e gravidade, certa magnificência.

RESOLUÇÃO:

Na sequência *garbo, gravidade, magnificência* há gradação de sentido intensificador, ou seja, trata-se de enumeração em clímax, na qual os elementos enumerados vão “crescendo” em sentido. Nas alternativas *a* e *b*, os elementos da enumeração são adjetivos (o enunciado do teste refere-se a substantivos) e não estão dispostos em gradação intensificadora. A alternativa *c* contém uma simples enumeração, sem gradação, enquanto a *d* contém uma sequência em gradação descendente.

Resposta: E

10. (FUVEST) – Na frase (...) *data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal*, ocorre o mesmo recurso expressivo de natureza semântica que em:

- Meu coração! Não sei por que! Bate feliz, quando te vê.*
- Há tanta vida lá fora! Aqui dentro, sempre! Como uma onda no mar.*
- Brasil, meu Brasil brasileiro! Meu mulato inzoneiro! Vou cantar-te nos meus versos.*
- Se lembra da fogueira! Se lembra dos balões! Se lembra dos luas, dos sertões?*
- Meu bem querer! É segredo, é sagrado! Está sacramentado! Em meu coração.*

RESOLUÇÃO:

A antítese, configurada nas expressões antônimas “independência política” e “cativo pessoal”, é um recurso expressivo de natureza semântica que aparece em “lá fora” / “aqui dentro”.

Resposta: B



Aplicações

1. (ENEM) – **Oxímoro** (ou **paradoxo**) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha abaixo) expressa o maior de todos os oxímoros.

GARFIELD / Jim Davis



(Folha de S. Paulo, 31/7/2000)

Nas alternativas a seguir, estão transcritos versos retirados do poema “O operário em construção”. Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em:

- Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.*
- ...a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.*
- Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.*
- ...o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.*
- Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.*

(MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.)

RESOLUÇÃO

Nos versos transcritos na alternativa *b*, o sujeito *casa* recebe dois predicativos que se contradizem e excluem (*liberdade* e *escravidão*), o que constitui a figura de linguagem chamada *oxímoro*. Em nenhuma das demais alternativas, há a mesma estrutura de significação.

Resposta: B

2. (FUVEST) – A prosopopeia, figura que se observa no verso *Sinto o canto da noite na boca do vento*, ocorre em:

- A vida é uma ópera e uma grande ópera.*
- Ao cabo tão bem chamado, por Camões, de “Tormentório”, os portugueses apelidaram-no de “Boa Esperança”.*
- Uma talhada de melancia, com seus alegres caroços.*
- Oh! eu quero viver, beber perfumes,
Na flor silvestre, que embalsama os ares.*
- A felicidade é como a pluma...*

RESOLUÇÃO

A prosopopeia ou personificação, atribuição de características humanas a objetos ou entes inanimados, ocorre em *alegres caroços*. Na alternativa *a*, há metáfora. Em *b*, o sentido é literal. Na alternativa *d*, ocorre sinestesia (*beber perfumes*) e metáfora (*flor silvestre que embalsama os ares*). Na alternativa *e*, há comparação ou símile.

Resposta: C

3. (PUC) – ... *a fazenda dormia num silêncio recluso, a casa estava de luto...* A figura de linguagem empregada pelo autor neste trecho é

- a metonímia.
- a antítese.
- a hipérbole.
- a metáfora.
- a prosopopeia ou a personificação.

RESOLUÇÃO

No trecho destacado ocorre a prosopopeia, ou seja, a atribuição de atitudes e qualidades humanas a elementos inanimados (“a fazenda dormia”, “a casa estava de luto”).

Deve-se observar, no entanto, que a apresentação de uma outra alternativa consignando metáfora poderia causar dificuldade ao candidato, pois toda prosopopeia constitui uma metáfora.

Resposta: E

4. (FAAP)

*Apago meu charuto quando apagas
Teu facho, oh sol... ficamos todos sós...
.....
Oh nuvens do Ocidente, oh cousas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois como a vós,
Beleza e altura se me vão em fumo!*

Duas figuras de linguagem criam, no diálogo, um efeito que faz aproximar o sujeito dos seus interlocutores imaginários com os quais se identifica. São as figuras:

- Metáfora e metonímia.
- Anacoluto e sinédoque.
- Catacrese e pleonasma.
- Apóstrofe e personificação.
- Prosopopeia e onomatopéia.

RESOLUÇÃO

Oh sol é apóstrofe e está personificado porque é o interlocutor do eu lírico.

Resposta: D



Aplicações

HAGAR - Chris Browne



5. (ESPM) – No diálogo transcrito acima, constata-se:
- Pleonasmo vicioso, pois se associa aprendizagem com óbvia facilidade.
 - Redundância, pois se explicita a sinceridade com um comentário repetitivo e desnecessário.
 - Paradoxo, pois se contrapõem duas ideias antagônicas: fingimento e sinceridade.
 - Ironia, pois se desdenha a falta de conhecimento do padre sobre sucesso e liderança.
 - Eufemismo, pois se suaviza a resposta ante uma pergunta tão ingênua.

Resposta: C

Texto para a questão 6.

Tempos houve em que o cidadão que ligasse para alguma empresa ou para uma repartição pública (públicas eram quase todas) com a finalidade de reclamar de algum serviço ou solicitar algum favor (com polidez) ouvia em 90% das vezes: “não posso fazer nada”. Para amenizar, às vezes o “nada” era “naaaaaada”. Agora a pessoa que atende costuma dizer “vou estar fazendo isto, vou estar fazendo aqui-lo”. Pois bem: quem era impolido no infinitivo hoje é polido no gerúndio.

(Adaptado de José Walter Rossi, discussão sobre “gerundismo” – Internet)

6. (FUVEST) – Na frase *quem era impolido no infinitivo hoje é polido no gerúndio*, o autor faz uso da ironia, como ocorre em:

- Suporta-se com paciência a cólica do próximo.
- A vida, se bem aproveitada, rende encantos inimagináveis.
- Ser amado mas não ser ouvido por todos é seu grande drama.
- Dinheiro e negócios são indissociáveis na vida moderna.
- Não se educa batendo ou xingando.

Resposta: A

7. (FUVEST)

*Um momento, vou estar fazendo o seu pedido.
Vou estar passando o seu recado quando o Dr. José chegar.*

Nas frases acima, o emprego abusivo do gerúndio supõe uma ação que

- se prolonga indefinidamente no tempo.
- possui continuidade no passado.
- se sucede a uma outra no futuro.
- transcorre em um curto espaço de tempo.
- é simultânea a uma outra no presente.

Resposta: A

Considere a tirinha para responder à questão 8.



(Dik Browne, *O melhor de Hagar, O Horrível*. Vol. 5)

8. (VUNESP) – Na fala de Eddie – Nossos homens que o digam! – há, em relação ao que foi dito por Hagar, seu chefe,

- uma solicitação.
- uma incompreensão.
- uma ironia.
- um exagero.
- uma redundância.

Resposta: C

9. (ENEM) – Oxímoro, ou paradoxismo, é uma figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

(Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa)

Considerando a definição apresentada, o fragmento poético da obra *Cantares*, de Hilda Hilst, publicada em 2004, em que pode ser encontrada a referida figura de retórica é:

- “Dos dois contemplo rigor e fixidez. Passado e sentimento me contemplan” (p. 91).
- “De sol e lua De fogo e vento Te enlaço” (p. 101).
- “Areia, vou sorvendo A água do teu rio.” (p. 93).
- “Ritualiza a matança de quem só te deu vida. E me deixa viver nessa que morre” (p. 62).
- “O bisturi e o verso. Dois instrumentos entre as minhas mãos” (p. 95).

RESOLUÇÃO

Em “me deixa viver / nessa que morre”, o enlace de termos antitéticos pode ser entendido como oxímoro.

Resposta: D



Mesmo quando os benefícios dos livros não parecem tão imediatos, eles são concretos e até quantificáveis. Um estudo divulgado no mês passado pela Universidade Oxford demonstra uma conexão inequívoca entre leitura e sucesso profissional. Conduzida pelo americano Mark Taylor, do departamento de sociologia, a pesquisa ouviu 17200 pessoas nascidas em 1970. Comparou as atividades extracurriculares desenvolvidas por elas quando tinham 16 anos com a sua posição hierárquica aos 33. A leitura se revelou o único fator que, de forma consistente, esteve associado à ascensão profissional. Para as mulheres, a chance de ter um cargo mais elevado cresce de 25% para 39% quando leem; para os homens, de 48% para 58%. Nenhuma outra atividade – cinema, esportes, visitas a museus e galerias – teve impacto significativo. O progresso pode estar associado ao desenvolvimento do vocabulário e ao domínio de conceitos abstratos propiciados pelo hábito da leitura. E vale enfatizar: a pesquisa centrou-se na leitura extracurricular. Ou seja, o livro lido por prazer – e não porque foi exigido em uma disciplina escolar – é o que realmente conta.

(Veja, 18/5/2011)

A psicóloga Betsy Sparrow divulgou na quinta-feira passada uma pesquisa que abre uma linha de investigação científica com um grande futuro. A questão é descobrir que tipo de efeito a internet, e mais precisamente os mecanismos de busca como o Google, pode exercer sobre a plasticidade do cérebro.

A pesquisa foi conduzida em quatro etapas, com alunos das universidades Harvard e Colúmbia. Os participantes tiveram de memorizar afirmações triviais, daquelas tipicamente encontradas no Google. Os alunos informados de que não teriam um novo acesso às informações conseguiram memorizá-las em maior número do que o grupo que sabia que as frases estariam na internet. Segundo os autores do estudo, isso mostra que, quando as pessoas sabem que terão acesso fácil a uma informação, não se preocupam em memorizá-la.

A neurocientista Maryanne Wolf demonstra preocupação em como a leitura tem se desenvolvido. Ela diz: “Livros sempre foram uma forma de se aventurar além das palavras, trabalhar a imaginação e crescer intelectualmente. Porém, na era da internet, passou-se a ler rapidamente, sem análise nem crítica. Como consequência, o cérebro começou a ter dificuldades na hora de ler com concentração”. Na sua conclusão os jovens estão desenvolvendo menos as conexões de seus neurônios.

(Veja, 20/7/2011)

MACANUDO - Liners



MUNDO MONSTRO - Adão Iturrusgarai



MÓDULO 9

FIGURAS DE SINTAXE

1. Complete as lacunas:

- a) _____: consiste na supressão de termos que podem ser facilmente subentendidos.

Exemplo:

Este prefácio, apesar de interessantíssimo, inútil. (Mário de Andrade) (O verbo está elíptico.)

Veio sem pinturas, em vestido leve, sandálias coloridas. (Rubem Braga) (O pronome *ela* está elíptico)

RESOLUÇÃO:

elipse

- b) _____: consiste na supressão de um termo já empregado.

Exemplo:

Nós nos interessamos por artes plásticas; os demais, por música. Não estou preparado. Quem está, para morrer? (Carlos Drummond de Andrade)

RESOLUÇÃO:

zeugma

- c) _____: consiste na supressão de conjunções coordenativas entre orações.

Exemplo:

A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos. (Machado de Assis)

Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo... (Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO:

assíndeto

- d) _____: consiste na repetição do conectivo entre os elementos coordenados (e, nem, ou).

Exemplos:

Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua. (Olavo Bilac)

E brinquei, e dancei, e fui vestido de rei. (Chico Buarque)

RESOLUÇÃO:

polissíndeto

- e) _____: consiste em construções com expressões redundantes.

Exemplo:

Morrerás morte vil na mão de um forte. (Gonçalves Dias)

A mim é que não me enganam. (Monteiro Lobato)

RESOLUÇÃO:

pleonasm

- f) _____: consiste na inversão dos membros da oração.

Exemplo:

Passeiam, à tarde, as belas na Avenida. (Carlos Drummond de Andrade)

Na esquina do quarteirão, principiava o mistério. (Graciliano Ramos)

RESOLUÇÃO:

hipérbato ou inversão

- g) _____: repetição de palavras ou expressões no início de frase ou verso.

Exemplo:

Eu quase não saio / Eu quase não tenho amigo / Eu quase não consigo / Ficar na cidade sem viver contrariado. (Gilberto Gil)

Tudo cura o tempo, tudo gasta, tudo digere. (Pe. Antônio Vieira)

RESOLUÇÃO:

anáfora

- h) _____: consiste na interrupção do plano sintático com que se inicia a frase. Um ou mais termos ficam sem função sintática e isolados por vírgula.

Exemplo:

Essas empregadas de hoje, não se pode confiar nelas. (Alcântara Machado)

E o desgraçado, tremiam-lhe as pernas. (Manuel Bandeira)

RESOLUÇÃO:

Anacoluto

- i) _____: consiste na concordância com os elementos implícitos na ideia de quem fala. A concordância é ideológica.

Exemplo:

Os alunos somos interessados. (**somos** concorda com **nós**, implícito na ideia do falante)

Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos. (Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:

silepse

Distinguimos três tipos de silepse:

— de **gênero**:

Ex.: “Vossa Senhoria pode ficar descansado.” (Machado de Assis)
(**Vossa senhoria** = feminino / **descansado** = masculino.)

— de **número**:

Ex.: A multidão corria, gritavam apavorados.
(**A multidão corria** = singular / **gritavam apavorados** = plural.)

— de **pessoa**:

Ex.: “Aliás todos os sertanejos somos assim.” (Raquel de Queirós)
(**sertanejos** = 3.^a pessoa do plural / **somos** = 1.^a pessoa do plural.)

2. **(FEI-adaptado)** – Assinalar a alternativa correta, correspondente às figuras de linguagem presentes nos fragmentos abaixo.

- I. “Não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.”
- II. “A moral legisla para o homem; o direito, para o cidadão.”
- III. “A maioria concordava nos pontos essenciais; nos pormenores porém, discordavam.”
- IV. “Isaac a vinte passos, divisando o vulto de um, para, ergue a mão em viseira, firma os olhos.”

- a) elipse, hipérbato, hipérbato, pleonasma.
- b) hipérbato, zeugma, silepse, assíndeto.
- c) anáfora, polissíndeto, elipse, hipérbato.
- d) pleonasma, elipse, catacrese, eufemismo.
- e) hipérbato, silepse, polissíndeto, zeugma.

RESOLUÇÃO:

I. hipérbato: inversão da ordem dos termos da oração.

II. zeugma: o direito legisla (omissão do verbo já mencionado).

III. silepse de número (a maioria ... discordavam).

IV. assíndeto: ausência de conectivo entre as orações.

Resposta: B

3. **(FGV)** – No trecho “Nem a lua sequer o sabia. A lua, relógio parado...”, podem ser identificadas, na ordem em que aparecem, as seguintes figuras de linguagem:

- a) personificação e elipse.
- b) metáfora e inversão.
- c) metonímia e silepse.
- d) hipérbole e anacoluto.
- e) sinédoque e pleonasma.

RESOLUÇÃO:

Em Nem a lua sequer o sabia, o narrador atribuiu à Lua características humanas ao afirmar que ela sabia. A lua, relógio parado é uma frase nominal em que a vírgula indica a elipse do verbo ser (era).

Resposta: A

4. **(ESMP)** – Leia o poema.

- 1 *Ó minha amada*
- 2 *Que os olhos teus*
- 3 *São cais noturnos*
- 4 *Cheios de adeus*
- 5 *São docas mansas*
- 6 *Trilhando luzes*
- 7 *Que brilham longe*
- 8 *Longe nos breus...*

- 9 *Ó minha amada*
- 10 *Que olhos os teus*
- 11 *Quanto mistério*
- 12 *Nos olhos teus*
- 13 *Quantos saveiros*
- 14 *Quantos navios*
- 15 *Quantos naufrágios*
- 16 *Nos olhos teus...*

(“Poema dos Olhos da Amada”, Vinicius de Moraes)

A invocação da amada (v. 1), a associação dos olhos com o cais (vv. 2 e 3), a qualidade atribuída às docas (v. 5) e a repetição do vocábulo “quantos” (vv. 13, 14 e 15) compõem, respectivamente, as seguintes figuras de linguagem:

- a) apóstrofe; metáfora; prosopopeia; anáfora.
- b) paradoxo; catacrese; metonímia; polissíndeto.
- c) eufemismo; metáfora; personificação; aliteração.
- d) apóstrofe; comparação; personificação; pleonasma.
- e) aliteração; hipérbole; prosopopeia; anáfora.

RESOLUÇÃO:

Resposta: A

5. **(AFA)** – Em relação à concordância ideológica, analise as orações abaixo:

- I. “Há desenganos que fazem a gente velho.” (Machado de Assis)
- II. Os sobreviventes, emocionados, abraçamos os homens que vinham nos salvar.
- III. Essa turma é terrível! Como falam da vida alheia!
- IV. Os brasileiros gostamos de futebol.

Ocorre silepse de gênero e número, respectivamente, nas orações

- a) I e II apenas.
- b) II e IV apenas.
- c) I e III apenas.
- d) III e IV apenas.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

Texto para as questões de 6 a 9.

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: “Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!” Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitação da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado* e olhei atônito para um tipo de chiru*, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

— Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

(Mário Quintana, *As cem melhores crônicas brasileiras*.)

***Glossário:**

estremunhado: mal acordado.

chiru: que ou aquele que tem pele morena, traços acabocados (regionalismo: sul do Brasil).

6. (FUVEST) – No início do texto, o autor declara sua “tendência para personificar as coisas”. Tal tendência se manifesta na personificação dos seguintes elementos:

- Tia Tula, Justo e Getúlio.
- mormaço, clamor público, sereno.
- magro, arquejante, preto.
- colegas, jornalistas, presidentes.
- vulto, chiru, crianças.

RESOLUÇÃO:

A personificação dos elementos “mormaço”, “clamor público” e “sereno” se evidencia pelas expressões “mormaço para mim era um velho”, “Sr. Clamor Público” e “eu sou o sereno”.

Resposta: B

7. (FUVEST) – A caracterização ambivalente da “coletividade democrática” (L. 19), feita com humor pelo cronista, ocorre também na seguinte frase relativa à democracia:

- Meu ideal político é a democracia, para que todo homem seja respeitado como indivíduo, e nenhum, venerado. (A. Einstein)
- A democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as demais. (W. Churchill)
- A democracia é apenas a substituição de alguns corruptos por muitos incompetentes. (B. Shaw)
- É uma coisa santa a democracia praticada honestamente, regularmente, sinceramente. (Machado de Assis)
- A democracia se estabelece quando os pobres, tendo vencido seus inimigos, massacram alguns, banem os outros e partilham igualmente com os restantes o governo e as magistraturas. (Platão)

RESOLUÇÃO:

A ambiguidade da frase de Churchill está em considerar a democracia, ao mesmo tempo, a pior e a melhor das formas de governo. Nas demais frases o sentido ou é positivo (a, d) ou é negativo (c) ou é neutro (e).

Resposta: B

8. (FUVEST) – Considerando que “silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com seu sentido, com a ideia que elas representam”, indique o fragmento em que essa figura de linguagem se manifesta.

- “olha o mormaço”.
- “pois devia contar uns trinta anos”.
- “fomos alojados os do meu grupo”.
- “com os demais jornalistas do Brasil”.
- “pala pendente e chapéu descido sobre os olhos”.

RESOLUÇÃO:

O verbo em primeira pessoa do plural *fomos* não concorda com o núcleo do sujeito *os* (=aqueles), de terceira pessoa. A concordância ideológica faz entender que o emissor inclui-se entre os que foram alojados.

Resposta: C

9. (FUVEST) – No contexto em que ocorre, a frase “estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos” (L. 9 e 10) constitui

- recurso expressivo que produz incoerência, uma vez que não se usa o adjetivo “grande” no diminutivo.
- exemplo de linguagem regional, que se manifesta também em outras partes do texto, como na palavra “brandindo”.
- expressão de *nonsense* (linguagem surreal, ilógica), que, por sinal, ocorre também quando o autor afirma ouvir o M maiúsculo de “mormaço”.
- manifestação de humor irônico, o qual, aliás, corresponde ao tom predominante no texto.
- parte do sonho que está sendo narrado e que é revelado apenas no final do texto, principalmente no trecho “em meu entredormir”.

RESOLUÇÃO:

O tom do texto é de “humor irônico”, estando a ironia, no caso, no atributo “devidamente grandezinho”, aplicado a um homem de “uns trinta anos”.

Resposta: D

MÓDULO 10

FIGURAS SONORAS

1. Complete as lacunas:

- a) _____: consiste na imitação dos sons produzidos por animais e objetos.

Exemplo:

*Nem o tique-taque insistente do relógio perturbou seu sono.
... não me ouvia mais o plic-plic-plic-plic da agulha no pano.*
(Machado de Assis)

RESOLUÇÃO:
onomatopeia

- b) _____: é a repetição do mesmo fonema consonantal ou de fonemas consonantais similares, geralmente no início da palavra.

Exemplo:

Toda gente homenageia janúria na janela. (Chico Buarque)
Chove chuva, choverando. (Oswald de Andrade)

RESOLUÇÃO:
aliteração

- c) _____: consiste na repetição do mesmo fonema vocálico ao longo de um verso ou poema.

Exemplo:

*Sou Ana, da cama,
da cana, fulana, bacana
Sou Ana de Amsterdam*
(Chico Buarque)

RESOLUÇÃO:
assonância

- d) _____: consiste em palavras que apresentam semelhança fônica, mas significados diferentes.

Exemplo:

Falha a fala. Fala a bala. (Paulo Lins)
*Aponte aponta
e se desaponta
A tontinha tenta
limpar a tinta.*
(Cecília Meireles)

RESOLUÇÃO:
paronomásia

2. (FUVEST) – Observe este texto, criado para propaganda de embalagens.

Ao final do processo de reciclagem, aquele lixo de lata vira lata de luxo, embalando as bebidas que todo mundo gosta, das marcas que todo mundo pode confiar.

- a) Reescreva, corrigindo-os, os segmentos do texto que apresentem algum desvio em relação à norma gramatical.

RESOLUÇÃO:

... bebidas *de* que todo o mundo gosta, das marcas *em* que todo o mundo pode confiar. Os “desvios em relação à norma gramatical” ocorrem nos dois casos de regência, pois o verbo “gostar” rege a preposição *de* e o verbo “confiar”, a preposição *em*. O que ocorre com a expressão “todo (o) mundo” não é, propriamente, um “desvio da norma gramatical”, mas sim um caso de imprecisão semântica decorrente do desvio do uso culto. Com efeito, o contexto pede a expressão articulada (“todo o mundo”), que significa “o mundo inteiro”, “todas as pessoas”. Sem artigo, como vem no texto, a expressão costuma significar “qualquer pessoa”. Em todo caso, deslizes propriamente gramaticais, aqui, são os de regência.

- b) Transcreva do texto um trecho em que apareça um recurso de estilo que torne a mensagem mais expressiva. Explique em que consiste esse recurso.

RESOLUÇÃO:

O autor fez uso da *paronomásia* (jogo de palavras próximas pelo som e distintas pelo significado) entre *lixo* e *luxo*, para dar mais expressividade à antítese com que descreve a transformação da lata. Outro recurso expressivo está na repetição, de efeito enfático, do sintagma “todo mundo”.

3. (METODISTA-adaptado) – Assinale as figuras de linguagem empregadas nas orações abaixo, na ordem em que seguem.

- I. *Chove chuva, chove sem parar.* (Jorge Benjor)
- II. *Há épocas em que as elites nos legam tradições e épocas em que nos legam traições.* (Fernando Bonassi)
- III. *Quero brincar no teu corpo feito bailarina.* (Chico Buarque)
- IV. *Seu coração é um barco jamais navegado.* (Ivan Lins e Vítor Martins)

- a) metáfora, metonímia, paronomásia, assonância, antítese.
- b) metonímia, hipérbole, catacrese, antítese.
- c) aliteração, paronomásia, comparação, metáfora.
- d) metáfora, metonímia, assonância, hipérbole.
- e) assonância, comparação, antítese, metáfora.

RESOLUÇÃO:

Resposta: C

4. (FUVEST)

Um jornal era isso, o sobressalto da novidade e a garantia de que a nossa rotina continuava. Simultaneamente um espalhafato — um espalha fatos — e um repetidor das nossas confortáveis banalidades municipais.

(L. F. Veríssimo, *O Estado de S. Paulo*, 18/10/98, D7)

- a) Interprete o jogo de palavras entre *espalhafato* e *espalha fatos*, considerando-o no contexto do trecho acima.

RESOLUÇÃO:

O jogo de palavras (uma *paronomásia*) sugere a identificação entre o ato de divulgar notícias (“*espalhar fatos*”) e o de promover estardalhaço (“*espalhafato*”). “*Espalhafato*” corresponde, nos termos do texto, ao “*sobressalto da novidade*”, enquanto “*espalhar fatos*” corresponde ao seu oposto: “*a garantia de que a nossa rotina continuava*”.

- b) A qual dos termos do primeiro período se refere a expressão “*confortáveis banalidades municipais*”?

RESOLUÇÃO:

A expressão refere-se a “*a garantia de que a nossa rotina continuava*.”

5. (FUVEST) – Compare o provérbio “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” com a seguinte mensagem publicitária de um empreendimento imobiliário:

Por fora as mais belas árvores. Por dentro a melhor planta.

- a) Os recursos sonoros utilizados no provérbio mantêm-se na mensagem publicitária? Justifique sua resposta.

RESOLUÇÃO:

Não. A aliteração do /p/ e do /b/ e a assonância do /o/ e do /e/, configurando rimas internas (*fora/viola, dentro/bolorento*), presentes no provérbio, não aparecem na mensagem publicitária. Nesta também não ocorre o ritmo redondilho (o provérbio é formado por dois redondilhos maiores).

- b) Aponte o jogo de palavras que ocorre no texto publicitário, mas não no provérbio.

RESOLUÇÃO:

No texto publicitário, o efeito de sentido decorre da relação que existe entre *árvore* e *planta*. *Árvore* é empregada em sentido denotativo (produto da natureza) e *planta* significa *projeto arquitetônico*. Tal jogo de palavras não ocorre no provérbio apresentado.

Texto e imagens para a questão 6.

Conta-se que o primeiro slogan de Coca-Cola, em português, foi feito em 1928 por Fernando Pessoa, na época copywriter da agência de publicidade Hora. Não foi uma tradução literal, mas uma recriação, com um jogo sonoro e semântico poético, provocador e convidativo. O refrigerante vendeu muito, mas logo foi proibido. A Direção de Saúde entendeu que o slogan reconhecia a toxicidade da bebida. O viés poético de Pessoa traiu suas convicções publicitárias.

(Revista Língua Portuguesa, ano 5, n.º 60, outubro de 2010)



PRIMEIRO ESTRANHA-SE, DEPOIS ENTRANHA-SE.



RESOLUÇÃO:
Resposta: E

6. (ESPM-2012) – Ao jogo sonoro e semântico do slogan dá-se o nome de:

- a) silepse de gênero
- b) anáfora
- c) hipálage
- d) onomatopeia
- e) paronomásia

Texto para as questões 7 e 8.

*Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).
Chovia.
Chovia uma triste chuva de resignação
Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.
Então me levantei,
Bebi o café que eu mesmo preparei,
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...
— Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei.*
(Manuel Bandeira, Poema só para Jaime Ovalle)

7. (FUVEST-transferência) – Pode-se afirmar que há, no poema, a intenção de valorizar

- a) os acontecimentos mais simples do cotidiano.
- b) o desalento diante de uma situação adversa.
- c) a subserviência à natureza imponderável.
- d) as reações imprevistas provocadas pelo mau tempo.
- e) a busca da compreensão das vicissitudes da vida.

RESOLUÇÃO:
Resposta: A

8. (FUVEST-transferência) – O poeta se vale de um recurso estilístico no quarto verso e de outro, no quinto, que se baseiam, respectivamente, em

- a) ambiguidade e inversão.
- b) omissão e abrandamento.
- c) redundância e reiteração sonora.
- d) derivação imprópria e intensificação.
- e) derivação regressiva e pressuposição.

RESOLUÇÃO:
Resposta: C



Aplicações

1. Assinale a alternativa que **não** contém onomatopeia.
- Jamais tivera notícia de tanto silvo e chilro, e o mato cochichava, cheio de palavras polacas e de mil bichinhos tocando viola no oco do pau. (Gumarães Rosa)
 - A imprensa publica o que ouve e não o que houve. (Oswald de Andrade)
 - “Sapo na seca coaxando, chuva beirando”, mãe Quitéria! (Guimarães Rosa)
 - Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. (Graciliano Ramos)
 - Um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estralando de rir. (Guimarães Rosa)

RESOLUÇÃO:

Resposta: B (trata-se de paronomásia: ouve/houve)

Leia o poema de Haroldo de Campos e responda à questão 2:

*poesia em tempo de fome
fome em tempo de poesia
poesia em lugar do homem
pronome em lugar do nome
homem em lugar de poesia
nome em lugar de pronome
poesia de dar o nome
nomeio o nome
nomeio o homem
no meio a fome
nomeio a fome*

2. (UFTM) – Do ponto de vista do conteúdo, o poema, ao tratar de questões como _____, reveste-se de um viés _____. Do ponto de vista da forma, está presente a _____, o que se pode comprovar com as formas nomeio / nome / no meio.

Os espaços da frase devem ser preenchidos, correta e respectivamente, com

- a poesia – literário – hipérbole
- o homem – social – sinestesia
- a gramática – linguístico – antítese
- a poesia – histórico – metonímia
- a fome – social – paronomásia

Resposta: E

3. (FUVEST)

(...)
*Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações
Dormia
A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações*
(...).

(Chico Buarque e Francis Hime, *Vai passar*)

- É correto afirmar que o verbo *dormia* tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.
- Identifique, nos três últimos versos, um recurso expressivo sonoro e indique o efeito de sentido que ele produz. (Não considere a rima *distraída/subtraída*.)

RESOLUÇÃO:

- Não. Do contexto, depreende-se que a pátria encontrava-se em uma situação letárgica diante das subtrações ou tenebrosas transações de que era vítima.
- O "recurso expressivo sonoro" está na passagem – tenebrosas transações. A aliteração da consoante dá relevo à expressão e reforça a sugestão de soturnidade que a reveste.

4. (UFRN) – Os fragmentos textuais abaixo foram extraídos de crônicas de Luis Fernando Veríssimo (2001). Aquele em que o termo sublinhado constitui uma onomatopeia é

- “Originalmente, portanto, ‘tintim por tintim’ indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda.” (*Tintim*, p. 64)
- “Plúmbeo devia ser o barulho que um corpo faz ao cair na água.” (*Defenestração*, p. 60)
- “Depois de dizer ‘quatrilhão’ você tem que pular para trás, senão ele esmaga os seus pés.” (*Pudor*, p. 70-71)
- “É dizer ‘Sílfide’ e ficar vendo suas evoluções no ar, como as de uma borboleta.” (*Pudor*, p. 69)

Resposta: A

5. (UNESP)

RELÂMPAGO

*A onça pintada saltou tronco acima que nem um
relâmpago de rabo comprido e cabeça amarela:
Zás!
Mas uma flecha ainda mais rápida que o relâmpago
fez rolar ali mesmo
aquele matinal gatão elétrico e bigodudo
que ficou estendido no chão feito um fruto de
cor que tivesse caído de uma árvore!*

(In RICARDO, Cassiano. *Martim Cererê*. 6.^a ed., São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1938.)

Em *Relâmpago* há um vocábulo onomatopaico que sugere “movimento rápido, com decisão”.

- Identifique esse vocábulo.
- Explique as relações semânticas que tal vocábulo apresenta no contexto do poema.

RESOLUÇÃO:

- O vocábulo onomatopaico é *zás*, cuja sibilância sugere velocidade.
- A palavra onomatopaica *zás* refere-se tanto ao movimento rápido e decidido da onça quanto à velocidade do raio com que a onça é comparada. *Zás* associa-se também, por proximidade semântica, ao movimento da flecha, que é mencionada em seguida.



Neste 25 de novembro, comemoramos o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. Nas últimas décadas, testemunhamos grandes avanços: hoje, 125 países têm leis específicas que penalizam a violência doméstica, algo inimaginável há 20 anos.

O Conselho de Segurança da ONU reconheceu a violência sexual como tática de guerra deliberada e planejada. E o direito internacional deu passos sólidos e definitivos para condenar e investigar os crimes de violência sexual durante e depois de um conflito.

No entanto, este 25 de novembro nos encontra, novamente, distantes de nossos objetivos de que milhões de mulheres e meninas vivam livres de discrimi-

nação e violência.

Hoje, 603 milhões de mulheres e meninas vivem em países onde a violência doméstica ainda não é considerada crime.

Diariamente, o femicídio assola os nossos países, em alguns sob a mais absoluta impunidade. Mais de 600 mil mulheres e meninas são traficadas através das fronteiras a cada ano, a grande maioria para fins de exploração sexual.

A pergunta é: que mais podemos fazer para enfrentar esse flagelo?

Michelle Bachelet é diretora-executiva da ONU Mulheres. Foi presidente do Chile (2006-2010).

(Folha de S.Paulo, 25/11/2011)

“No Brasil, todos os dias morrem em média 10 mulheres, vítimas da violência doméstica.”

Estudos mostram que, para alguns homens, ser cruel é sinônimo de virilidade, força, poder e status. “Para alguns, a prática de atos cruéis é a única forma de se impor como homem”, afirma a antropóloga Alba Zaluar.

**Quem bate
na mulher
machuca a família
inteira.**



Casos de violência doméstica, como espancamento, são julgados pela lei 9.099/95, que trata de crimes menores, chamados pequenas causas. Isso faz com que a punição, em geral, seja uma cesta básica ou prestação de algum serviço à comunidade.

Juízes e advogados entrevistados para um relatório do America's Watch apontam que nove em cada dez réus condenados pelo assassinato de mulheres aguardam a decisão judicial sem passar uma única noite na cadeia e também recebem penas reduzidas.

A Justiça brasileira, portanto, acaba contribuindo para a não-criminalização dos casos de violência sexista. Como o número de mulheres que registra sua denúncia ainda é muito pequeno, fica prejudicada uma análise mais completa sobre o problema.

(<http://www.sof.org.br/mulheresemluta/como.htm>)

Adaptado)

